

A aguardada continuação de
anatomia: uma história de amor

imortalidade
uma história de amor

Da autora *bestseller* do *New York Times*

dana schwartz

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

A aguardada continuação de
anatomia: uma história de amor

imortalidade
uma história de amor

Da autora *bestseller* do *New York Times*

dana schwartz



Dana Schwartz é argumentista e a criadora de um podcast de História de sucesso, chamado *Noble Blood*. Colaborou como jornalista e crítica nas publicações *Entertainment Weekly*, *Marie Claire*, *Glamour*, *GQ*, *Cosmopolitan*, *Vanity Fair*, entre outras. Vive em Los Angeles.

Imortalidade: uma história de amor

Dana Schwartz

Publicado em Portugal por:

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Porto

Email: delporto@portoeditora.pt

Título original:

Immortality: A Love Story

© 2023 by Dana Schwartz

Tradução: Maria do Carmo Figueira

Design da capa: St. Martin's Publishing Group, Devan Norman

Ilustração da capa: Zach Meyer

Fotografia da autora: St. Martin's Publishing Group, Sela Shiloni

1.^a edição em papel: março de 2024

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-69300-6

Para qualquer pessoa que viva
à frente do seu tempo



*«Nem todos têm,» disse Eleanor
«a tua paixão por folhas mortas.»*

– JANE AUSTEN,
SENSIBILIDADE E BOM SENSO

Prólogo

Paris, 1794

A praça estava cheia de pessoas que tinham acordado de madrugada para ver sangue. Rodeavam o palco de madeira onde a guilhotina tinha sido montada, acotovelando-se uns aos outros e empurrando-se para a frente, tentando cada uma delas aproximar-se o mais possível da ação. Os poucos felizardos que tinham conseguido ir para a frente da multidão agitavam lenços – quando as cabeças começaram a rolar, tentavam molhar os lenços no sangue. Lembranças. Uma herança que podiam passar para os filhos e para os filhos dos seus filhos. *Estão a ver? Eu estava lá*, diziam, desdobrando o pedaço de pano. *Eu vi a Revolução. Vi os traidores ficarem sem cabeça*.

A luz do sol da manhã refletia-se na pedra branca do tribunal. Apesar de ter as mãos presas, Antoine Lavoisier conseguiu ajeitar os punhos da camisa. Naquela manhã, tinha levado para o tribunal a sua camisa de trabalho mais simples, uma vulgar camisa de linho; era a que usava no laboratório, sabendo que podia ficar manchada de suor ou de uma das centenas de soluções químicas que guardava em frascos de vidro. A sua mulher, Marie-Anne, tinha ameaçado deitá-la fora dezenas de vezes. Antoine usara-a hoje, na esperança de provar ao magistrado e à multidão que urrava lá fora que era um homem do povo. Para o efeito, até podia ter usado um brocado de seda.

– Por favor – dissera ao magistrado. (Essa maldita palavra quase lhe tinha ficado presa na garganta; se as circunstâncias não fossem *tão* terríveis, a sua natureza tê-lo-ia impedido de implorar). – Por favor – repetiu, – a França precisa do meu trabalho. Imaginem o que posso fazer pela nação – pela *República* – se tiver mais tempo para continuar os meus estudos científicos. Já consegui tanto no estudo do oxigénio.

Do hidrogénio, a ciência da combustão! Pelo menos deixem-me voltar a casa para organizar a minha papelada. São anos de cálculos. As possibilidades de...

O magistrado interrompeu-o com uma tosse seca e produtiva.

– Basta – disse. – A República não precisa de académicos nem de químicos que roubaram o povo. E o curso da justiça não pode ser adiado por mais tempo. – Bateu com o martelo na mesa. – Culpado.

Lavoisier suspirou.

– É pena – murmurou para si próprio, demasiado baixo para poder ser ouvido por cima dos gritos e troça da multidão eufórica. Oficialmente, Antoine Lavoisier tinha sido acusado de fraude fiscal e de vender tabaco impróprio, enganando as pessoas comuns com a adição de água para o tornar mais pesado. Mas ele sabia tão bem como qualquer outra pessoa que estava a ser julgado por outra coisa: por ser um aristocrata e um académico. Por ter passado a década anterior da sua vida com a sua mulher, reunindo em sua casa intelectuais e artistas, ocasiões em que Marie-Anne servia chá, conversas e biscoitos feitos pelas criadas.

A França estava a mudar, *tinha* mudado, mais depressa do que Lavoisier julgara possível. Havia uma sede de sangue no ar, um frenesim por algo que se chamava justiça mas parecia crueldade. Meia dúzia de amigos seus já tinham sido decapitados por acusações criminais sem sentido que apareciam a meio da noite. Os restantes tinham fugido para Londres ou Itália. Os Lavoisier também tinham tido a sua oportunidade de fugir para Inglaterra, mas não conseguiram abandonar as suas experiências. O seu laboratório. Estavam *tão* perto.

Agora era demasiado tarde.

Há apenas alguns meses, Lavoisier tinha visto a própria rainha ser levada pelas ruas de Paris na parte de trás de uma carroça, transportada como se fosse lenha numa caixa aberta para que os cidadãos leais da República pudessem ver-lhe a cara, pudessem atirar-lhe fruta e hortalíça podre. Lavoisier teve de se obrigar a olhar; a última vez que tinha visto a rainha tinha sido como convidado em

Versalhes para demonstrar uma nova forma de combustão química ao rei Luís e à sua corte. A rainha estava vestida de cetim amarelo, e o seu cabelo estava empoado e penteado com um metro de altura, salpicado de penas de avestruz e de pérolas. Ela tinha-se rido, ele lembrava-se disso. Rira-se quando ele fizera as pequenas explosões – o fumo primeiro azul, depois verde e depois roxo, para deslumbrar e divertir. O seu rosto era jovem e as suas faces estavam muito pintadas.

No dia em que levaram a rainha para a guilhotina, Lavoisier viu que o seu rosto estava magro e enrugado. Parecia dezenas de anos mais velha do que era na realidade. O cabelo tinha ficado branco e tão ralo que em alguns sítios ele conseguia ver o couro cabeludo. Os seus olhos, observou Lavoisier à medida que a carroça passava, estavam vazios e sem expressão. Era como se já estivesse morta há muito tempo.

Um guarda com uma baioneta empurrou Lavoisier em direção à plataforma. Alguns dos espectadores tentaram fazê-lo tropeçar ou bater-lhe um golpe enquanto ele passava, mas Lavoisier mal se apercebeu, tão concentrado estava em perscrutar os milhares de rostos à procura do da sua mulher, Marie-Anne.

– Ali! – gritou.

O sol iluminava-a por trás, transformando o seu cabelo numa auréola dourada. Estava de pé junto aos degraus de madeira da plataforma, com os olhos determinados a observar a multidão e a boca direita e firme. O guarda olhou confuso para Lavoisier, sem saber ao certo o que é que ele tinha gritado.

Nesse preciso momento, Marie-Anne viu o marido e começou a abrir caminho por entre a corrente de corpos para chegar até ele.

O guarda empurrou Lavoisier, tentando obrigá-lo a avançar.

Ele resistiu.

– Certamente a justiça da República pode esperar o tempo suficiente para eu dar um beijo de despedida à minha mulher?

O guarda suspirou, mas fez uma pausa e deixou que os dois se abraçassem. Marie-Anne sussurrou qualquer coisa ao ouvido do

marido, e ninguém reparou que ao mesmo tempo ela lhe punha um pequeno frasco na palma da mão.

A lâmina da guilhotina estava castanha de sangue. Já tinha havido duas decapitações naquela manhã, e a palha na plataforma estava emaranhada e vermelha. Alguém segurava um cesto, pronto a apanhar a cabeça de Lavoisier quando esta lhe caísse do pescoço. Outras pessoas erguiam os seus lenços brancos, esperando que ficassem salpicados com o sangue. Marie-Anne Lavoisier não viu o marido subir os pequenos degraus de madeira para a plataforma. Não queria saber se ele ia tremer ou se as suas pernas iriam ceder. Havia até histórias de condenados que não seguravam as fezes.

E por isso, em vez disso, avançou rapidamente por entre a multidão, afastando-se do centro da praça, em direção à sua casa, onde reuniria o máximo do material de investigação do marido antes que os abutres viessem buscar os objetos de valor de que pudessem apropriar-se. O novo regime estava a apoderar-se de tudo o que podia. Marie-Anne reconfortou-se com a ideia de que, independentemente de quem roubasse os documentos do marido, quase de certeza que não os compreenderiam.

Esgueirou-se por um pequeno beco. Os seus passos eram rápidos e seguros. A multidão atrás dela inspirou de excitação. Gritavam palavras que ela não conseguia perceber. E depois veio o som inconfundível de uma lâmina a cortar o ar. Marie-Anne Lavoisier rezou uma breve oração pelo seu marido e pelo seu país e continuou a andar.

Edimburgo, 1818

– Isto vai doer. Lamento muito. – Hazel Sinnett achava que não valia a pena mentir.

O rapaz mordeu com mais força o pedaço de couro que ela tinha trazido para esse fim e acenou com a cabeça. Na noite anterior tinha aparecido uma jovem à porta de Hazel a implorar a sua ajuda, contando-lhe que o irmão mais velho tinha partido um braço há algumas semanas, quando estava a trabalhar no estaleiro, e que o braço tinha curado mal: tinha ficado todo torcido e o irmão não conseguia mexê-lo. Quando Hazel chegou à sua casa esquelética perto de Mary King's Close logo de manhã, viu que o braço do rapaz estava inchado e quente, e a pele com manchas amarelas e verdes, e dura como a tripa de uma salsicha.

Hazel preparou os seus instrumentos: um bisturi para fazer um corte no braço e deixar sair o pior da infeção, a agulha e a linha que usaria para tornar a coser o braço e as tiras de pano e pedaços de madeira para manterem o braço no lugar, depois de ela voltar a quebrá-lo e de o colocar na posição correta. Esta parte era a que ia doer mais.

O doente chamava-se Martin Potter e devia ter mais ou menos a idade dela – uns 16 ou 17 anos – mas o seu rosto já estava tismado e endurecido como o de um adulto. Hazel pensou que ele devia andar a trabalhar no porto de Leith desde os 10 anos.

– Chamas-te Martin, não é? Eu sou Hazel. Dra. Sinnett. *Menina Sinnett* – disse. – E vou fazer tudo o que puder para te pôr melhor.

Martin acenou com a cabeça, mas tão ao de leve que podia ter sido um arrepio.

O som de crianças a rirem e a baterem com os pés no chão no andar de cima interrompeu o silêncio tenso e nervoso. Martin tirou a tira de couro da boca.

–São os meus irmãos – disse, quase a pedir desculpa. – Somos oito, mas eu sou o mais velho. Já conhece a Rose. Foi ela que a foi buscar. Ouviu dizer que havia uma senhora médica que não pedia muito como pagamento.

– Oito irmãos! Pobre mãe – disse Hazel. – Nós somos só três. Eu e dois rapazes.

Hazel apercebeu-se do que tinha dito ainda antes de as palavras acabarem de sair da sua boca. Já tinham *sido* três: George, Hazel e o pequeno Percy. George, Hazel, e o pequeno Percy. George, o menino de ouro, atlético e forte, mais inteligente do que Hazel e genuinamente *bom*; Hazel, que arranjava sempre maneira de ser criticada pela mãe; e Percy, o príncipezinho mimado que basicamente se tinha tornado o *poodle* da mãe.

Mas já *não eram* três. George tinha morrido há alguns anos, quando a febre romana varreu a cidade, um dos milhares que morreram antes mesmo de perceberem o que era a doença. Era tão *jovem*, tão forte, tão *saudável* que, mesmo quando ele adoeceu, Hazel lembrava-se de ter pensado se ele já estaria bem para jogarem aos nove pinos na relva naquele mesmo fim de semana ou se teria de esperar mais uma semana até ele recuperar a sua energia. Mas depois, tão depressa como veio, a doença levou-o. Uma manhã, Hazel acordou com o som da mãe a gritar e a soluçar. E George estava frio.

Costumava ficar com um nó na garganta sempre que pensava em George. Teve de se virar e respirar fundo algumas vezes para afastar as lágrimas que lhe assomaram aos olhos. Mas nos anos que se seguiram, a memória dele tinha-se tornado uma espécie de cicatriz, curada vezes sem conta até ficar brilhante e suave ao toque, e já quase nunca doía. Era permanente, mas a dor deixara de ser tão intensa. A morte de Jack ainda era uma ferida aberta. Não podia pensar em Jack naquele momento. Não enquanto estivesse a trabalhar.

– Estás pronto? – perguntou Hazel. O braço de Martin, inchado e torto, era uma distração mais do que suficiente. Hazel folheou mentalmente as páginas dos livros que tinha decorado sobre a recolocação correta dos ossos dos braços e dos ligamentos que os juntavam aos músculos. Hazel ergueu o bisturi. – Estás pronto? – repetiu.

O bisturi penetrou mesmo por baixo do cotovelo. Instantaneamente, a ferida começou a verter um líquido amarelo. A infeção que tinha feito o braço de Martin ficar preso e quente. Martin estremeceu. O pus continuava a sair – litros, ao que parece, sem que Hazel tivesse de fazer mais qualquer corte.

– Vou precisar de um pano. Há por aí algum trapo que eu possa utilizar?

Quase no mesmo instante em que Hazel perguntou, ouviu-se o som de passos a descenderem as escadas. Duas meninas com caracóis castanho-escuros emaranhados correram em direção a Hazel, ambas com pedaços de pano cinzentos. Pareciam ser gémeas e não tinham mais de oito anos

– Eu trouxe – disse uma das meninas, dando o pano a Hazel.

A irmã da menina deu-lhe uma cotovelada nas costelas com toda a força.

– Não, *eu* é que trouxe.

Hazel pegou delicadamente nos dois panos e usou-os imediatamente para ensopar o líquido que continuava a sair da incisão.

– Obrigada, minhas meninas. – Depois perguntou, – Ele é vosso irmão? – As gémeas acenaram com a cabeça, mas continuaram de boca aberta, incapazes de tirarem os olhos do braço partido do irmão. Martin reparou e tirou o pedaço de couro da boca com a mão que estava boa.

– Sue, May, saiam daqui. Eu disse-vos para ficarem lá em cima, lembram-se?

As meninas continuaram como se não o tivessem ouvido. Uma

delas – talvez, Sue – estendeu o indicador, preparando-se para tocar na ferida do irmão.

Hazel afastou-lhe a mão antes de ela lhe tocar.

– O teu irmão está bem. Vão ter de voltar lá para cima se querem que o Martin fique bom.

As meninas deram uma risadinha e continuaram onde estavam, sem se intimidarem com o pus amarelo que tinha diminuído ligeiramente, mas que também tinha engrossado com grumos esverdeados. Hazel decidiu tentar uma nova estratégia.

– Meninas – disse, procurando no bolso e tirando algumas moedas. – Conseguem arranjar-me uma laranja para o vosso irmão? É muito importante para o Martin comer uma laranja para ficar bom. Fazem isso por mim?

Apesar de estarem enfeitçadas pela cirurgia, as moedas na mão de Hazel deslumbraram-nas ainda mais. Pegaram no dinheiro tão depressa como se estivessem à espera de que ela fechasse a mão, e então, sem lhe darem tempo suficiente para mudar de ideias, correram porta fora para fazerem o recado.

Voltou a fazer-se um silêncio relativo. Hazel acabou de fazer pressão sobre a infeção à volta do corte e lavou a ferida com água e a pequena garrafa de álcool que tinha roubado da coleção do pai.

– Pronto – disse Hazel –, agora vamos coser a ferida.

Havia várias desvantagens em ser uma jovem mulher a trabalhar como cirurgiã, mas também havia uma vantagem: tinha gastado anos da sua vida a fazer bordados – a dominar os pontos limpos e ordenados que um dia, como a mãe lhe tinha garantido, fariam belos presentes para a sua futura sogra – e isso significava que era um prodígio a suturar feridas.

O seu irmão mais velho tinha aprendido latim, história e matemática; quando a matéria eram as ciências, Hazel era obrigada a ouvir atrás das portas, a estudar nos livros que George lhe emprestava e nas lições que ele lhe passava. Hazel só tinha aulas de violino e piano. Aprendera francês e italiano. E era obrigada a ficar sentada,

horas a fio, a costurar, enquanto o solário se enchia com o calor calmo e sufocante do final da tarde.

Quando vestira as roupas do irmão e entrara às escondidas nas aulas da Sociedade de Anatomistas sob um nome falso, fingindo ser um rapaz, era a melhor da turma em todas as disciplinas. Mas foram os seus pontos que obrigaram até o Dr. Straine, famoso pelo seu rigor e impassividade, a reconhecer o seu talento.

– Acho bem! – troçara um dos colegas da turma depois de Straine admitir que o trabalho de Hazel no coelho morto que lhe tinha calhado tinha sido impecável. – Ele tem umas mãos pequeninas, como as de uma menina! Eu preferia ser pior a fazer costuras e ter umas mãos maiores, *se é que me entendem*. – O resto da turma riu-se até Straine lançar a todos um olhar mortífero. Hazel abafou o seu próprio riso.



O braço de Martin foi cosido em segundos com pontos regulares e impecáveis. Hazel sorriu ao ver o seu trabalho. Provavelmente, nem ficaria com cicatriz. Martin cuspiu o couro.

– Então, já estamos despachados? – perguntou. – Conseguiu, não foi? Já estou melhor?

– Não propriamente.

Martin olhou para o braço.

– Mas já está tudo cosido!

– Fizeste uma fratura muito grave – disse Hazel, pressionando cuidadosamente o braço para cima a partir do cotovelo. – Parece-me que em vários sítios. Se não o pusermos no sítio agora, talvez nunca mais possas usá-lo. Ou pode até ter de ser amputado.

Martin fechou os olhos.

– Então, faça o que tem de fazer.

Hazel apoiou-se na mesa e agarrou com força o braço de Martin. Teria de se posicionar no ângulo correto para conseguir partir outra

vez o osso. Encheu o peito de ar e expirou com convicção enquanto puxava, com o máximo de energia, para orientar bem a sua força.

O estalo ecoou pela pequena sala.

Antes que Martin pudesse gritar, Hazel recolocou firmemente o braço no lugar, para que pudesse curar-se corretamente. Tinham os dois a testa coberta de suor. O cabelo de Martin pendia-lhe molhado sobre as orelhas, e começava a aparecer uma mancha em ambas as axilas.

– Pronto, já está – disse Hazel. Limpou o bisturi ao avental e tornou a guardá-lo na mala, voltando-se depois para ligar o braço de Martin. – Mas não podes mexer o braço durante uma semana, no mínimo. Muda o penso por cima dos pontos se ficar amarelo, mas não antes, e diz à tua mãe que não podes de maneira nenhuma ir para o porto durante mais um mês. Mas também não há nenhum trabalho que possas fazer.

Martin mexeu o ombro devagar para testar os ligamentos.

– Não tenho mãe – disse, ainda a olhar para o braço.

– Como assim? E as tuas irmãs, as meninas?

– A minha mãe morreu no parto das gémeas. É um milagre ter corrido tudo bem com elas. Tentei arranjar uma parteira quando a minha mãe estava a tê-las, mas ela disse que já tinha passado por aquilo meia dúzia de vezes e sabia o que estava a fazer. Além disso – acrescentou –, não tínhamos dinheiro para pagar um médico chique. – Olhou para Hazel com uma expressão onde se misturavam gratidão e desconfiança. – Por isso, sou eu que cuido de nós todos. Posso estar sem trabalhar uma semana, mas não mais do que isso.

Nesse momento, as duas irmãs mais novas de Martin tornaram a aparecer à porta. Uma delas trazia na palma da mão uma laranja perfeitamente redonda, comprada por um *penny* a um dos vendedores ambulantes que estavam na High Street.

– Está aqui – disse uma das meninas. – Comprámos a laranja. Muito importante.

– Muito importante – ecoou a irmã.

– É verdade – disse Hazel. – E agora são capazes de fazer um grande favor ao vosso irmão e a mim e descascá-la?

As raparigas aceitaram avidamente a tarefa, espetando as suas unhas minúsculas na casca para a tirar. Quando o fruto ficou exposto – ligeiramente torto e a pingar sumo pela forma confusa como foi descascado – uma das meninas segurou-o na mão e ofereceu-o a Hazel como se fosse uma joia.

– Agora vem a parte mais difícil – disse Hazel. – Vão ter de a dividir em três terços e ajudar o vosso irmão a comer o terço dele sem o deixarem usar as mãos. Sabem o que são terços? É uma parte igual para cada um de vocês.

Em resposta, as meninas começaram o seu trabalho. Martin abriu a boca com gratidão para que uma das suas irmãs mais novas lhe desse um bocado.

– Já não me lembro da última vez que comemos uma laranja – disse Martin, deixando algum sumo escorrer do canto da boca pelo queixo abaixo.

– Se comeres bem, curas-te mais depressa – disse Hazel. – É para isso que deixo aqui isto. – Apontou para a pequena pilha de moedas que deixara em cima da mesa. – Para poderes descansar durante, pelo menos, uma semana.

O rosto de Martin contorceu-se, e ele fez menção de afastar as moedas, mas bastou-lhe levantar o braço um centímetro para estremecer de dor e pousá-lo outra vez ao lado do corpo.

– Não aceito caridade – disse, com a voz subitamente mais fria e mais temível do que alguns momentos antes, quando Hazel tinha o bisturi encostado à sua pele.

– Não é caridade – contrapôs Hazel. – É para o tratamento. De que serve eu vir aqui tratar-te do braço para tu estragares tudo amanhã com um dia de trabalho no porto?

Martin cerrou os dentes. As irmãs estavam num canto, todas sujas de sumo, a partilharem pedaços da laranja e a chuparem a pele.

– Não vou agradecer-lhe por isso – disse ele, por fim, inclinando a

cabeça para o dinheiro. – Mas obrigado por me tratar do braço.

– De nada – respondeu Hazel, simplesmente. Acabou de arrumar a sua mala de médica, de cabedal preto, e fez um pequeno aceno de cabeça a Martin e depois às irmãs. – Meninas... – disse.

E Hazel Sinnett saiu da casa deles e voltou às ruas de Crichton's Close, caminhando rapidamente em direção ao seu próximo compromisso com o sol ainda a nascer a bater-lhe nas costas. Tinha mais uns ossos partidos para consertar, duas extrações de dentes, e um caso de sífilis para tratar. E o bebé da senhora Bede ia nascer a qualquer momento. Havia trabalho para fazer.

*Notas de Hazel Sinnett,
Tratado de Medicina Moderna (Não publicado)*

Apesar de a rapidez com que a febre romana se apodera dos seus doentes variar, os sintomas que a doença apresenta são – talvez reconfortantemente – rotineiros. Os doentes começam por referir alguns dias de cansaço, mas também uma incapacidade de dormir e febre. Ao fim de pouco tempo, as bolhas aparecem no corpo, normalmente nas costas, nos braços e nas pernas.

As bolhas enchem-se de sangue e ficam arroxeadas, acabando por rebentar. Contrariamente à opinião popular, o nome de febre romana *não* se deve ao facto de ter tido origem em Itália (os primeiros casos foram identificados em Londres e na Baviera) mas, porque, quando as bolhas rebentam, as camisas dos doentes ficam sujas de sangue, como se resultassem de várias facadas, semelhantes às facadas que mataram Júlio César nos degraus do Senado Romano.

Embora não tenha sido identificada nem uma cura nem a prevenção, na minha prática, a *raiz de hipericão* demonstrou melhorar os sintomas e evitar a morte. Apliquei a raiz de hipericão num bálsamo e administrei-a como chá, e informarei sobre a abordagem mais eficaz. Manter-me-ei também a par da literatura, para poder apurar se a febre romana pode ser evitada através de inoculação. (Ainda não me sinto suficientemente confiante para o testar em doentes nem em mim própria).

Chá de raiz de hipericão: secar e transformar em pó vários caules da planta do hipericão, deixar em infusão em água quente com mel e limão. Para bálsamo: pulverizar a planta seca e adicionar óleo e cera de vela quente.

Tratamento adicional para a febre romana: sementes de cardamomo e leite morno à noite, para fortalecer.

Hazel Sinnet sonhava com dedos. Dedos ossudos e esguios, com os nós em forma de nozes e a carne verde-acinzentada a sair em tiras finas. Por vezes, os dedos não estavam ligados a nenhuma mão: eram como seres vivos, pousados numa mesa plana, contorcendo-se como patas de inseto. Por vezes, nos seus sonhos, via os dedos do Dr. Beecham, tal como os tinha visto quando o famoso cirurgião tirara as luvas de cabedal na Sociedade de Anatomistas para revelar a verdade sobre o que escondia: dedos inchados, alguns roxos e pretos, cosidos à sua mão.

Dedos que tinham caído e sido cosidos de novo. Um dedo mindinho que parecia nunca lhe ter pertencido.

Não. Nunca acordava dos seus sonhos ofegante ou a chorar, com o suor a molhar-lhe o cabelo na testa. Nunca sentia o coração acelerado. Nunca falava ou gritava durante o sono. A sua criada, Iona, nunca precisou de lhe acorrer com um pano frio e uma chávena de chá calmante. Os pesadelos de Hazel já não a assustavam.

Uma noite, sonhou com um único dedo indicador, com o osso visível nos nós do dedo, ainda com o sangue a pingar, tentando avançar em direção a ela como um verme. Hazel acordou a pensar nos pontos que teria dado para tornar a prendê-lo a uma mão.

Já não tinha tempo para ter medo ou horror do sangue ou da decomposição: trabalhar como cirurgiã significava que cada segundo era mais importante do que o anterior. Um mero instante, o tempo que podia demorar a recuar ou a abafar um suspiro, podia significar a diferença entre a vida e a morte. Tinha trabalho a fazer. E nos últimos meses, tinha estado muito, muito ocupada.

– Calma!

Hazel puxou o prato com a torrada na mesa, tirando-o do sítio

onde a barriga de Iona quase o tinha deitado ao chão. A jovem mulher estava grávida de cinco meses – Hazel obrigava-a a ir regularmente a consultas e a fazer exames – mas Iona ainda não parecia ciente dos danos que podia causar com o espaço que agora ocupava.

– *Hum?* – disse Iona, voltando-se de repente e deitando um prato vazio ao chão. Felizmente, o prato rodopiou até parar, inteiro.

– Não, não, eu apanho-o! –disse Hazel, ao ver Iona começar a baixar-se para o apanhar.

– É esta malvada barriga – disse Iona, esfregando-a distraidamente. – Já está do tamanho de uma perna de carneiro. E pensar que ainda vai ficar maior. Quantos meses é que me faltam?

– Quatro – respondeu Hazel. – E não vou querer que trabalhes em Hawthornden por muito mais tempo, ouviste? Em breve, vais ficar na cama a descansar, especialmente se esse amorzinho continuar a crescer ao ritmo a que tem crescido até agora. Vou fazer o parto dessa criança, por isso, agora, fazes o que eu disser.

– O Charles diz que todos os bebés da família dele são saudáveis. Saem cheios de cabelo e já com dentes – disse Iona, sentando-se à mesa na cadeira ao lado de Hazel e soltando um *uff*.

– Deus tenha piedade – murmurou Hazel.

– E – acrescentou Iona – Vou continuar a trabalhar cá em casa enquanto eu quiser, Menina. – Ainda não tinha tido a criança e já estava a falar com Hazel como se fosse uma mãe, sem ter em conta que tinham praticamente a mesma idade. – Quem é que vai alimentá-la quando trabalha noite dentro?

Hazel fez uma careta.

– Isso é só até acabar o meu tratado. Depois começo a ter um horário normal.

– Pois, o seu *tratado*. – Iona revirou os olhos e deu uma dentada num pedaço de torrada. Hazel não falava de outra coisa nos últimos meses: o seu grande objetivo de escrever um manual novo e atualizado sobre anatomia e tratamentos domésticos básicos, ilustrado por ela própria.

A ideia era um livro de anatomia escrito com o estilo de um manual doméstico, o tipo de livro que qualquer pessoa que soubesse ler seria capaz de entender, com diagramas do corpo humano e dos seus componentes e conselhos sobre tratamentos caseiros. Claro que o *Tratado de Anatomia do Dr. Beecham*; ou, *A Prevenção e Cura das Doenças Modernas* era uma obra-prima na área da anatomia; era a realização de uma vida (ou de várias vidas, pensou Hazel), mas também era um volume suficientemente grosso para matar um homem, se lhe caísse em cima de uma prateleira alta, e quase impenetrável para qualquer pessoa sem um interesse específico em fisiologia. O livro de Hazel seria diferente – influenciado pelos manuais de etiqueta e entretenimento que pareciam aparecer como que por magia na sala de estar de uma jovem assim que fazia 15 anos.

As pessoas comuns têm um corpo, argumentava Hazel; não há razão para que não possam entender como esse corpo funciona. E muitas delas não têm dinheiro para pagar a médicos, ou os que podem pagar são charlatões ou com poucos conhecimentos. Hazel estava claramente convencida de que um guia simples de remédios caseiros eficazes poderia salvar vidas.

O problema, é claro, era que por mais nobres que fossem as suas intenções, Hazel tinha inadvertidamente lançado mãos de um empreendimento espantoso. Um livro destinado a identificar doenças comuns e seu tratamento poderia levar anos a terminar, se ela fosse minuciosa e, além disso, Hazel queria incluir nele diagramas detalhados e descrições dos principais sistemas e órgãos do corpo. Os desenhos dos órgãos no livro de Beecham eram tão perfeitos como padrões de costura: Hazel tinha ficado chocada quando o primeiro cadáver fora aberto à sua frente e ela vira o que realmente existia sob a nossa pele, a massa de carne húmida e escura e sangrenta. Era assustador saber que aquilo era tudo o que éramos, que a alma humana existia algures naquela sopa pútrida e contorcida. Mas não tinha de ser assustador. Podia ser explicado, e podia ser ela a explicá-lo, com desenhos e diagramas e uma linguagem que alinhasse com a

forma como as pessoas falavam.

Desde o julgamento e enforcamento de Jack, tinha-se tornado praticamente impossível para os estudantes de medicina conseguirem cadáveres recentes. Hazel era obrigada a trabalhar a partir de anotações antigas e diagramas que tinha desenhado quando andava a estudar para o Exame Real. Claro que acabara por não fazer o exame. Seguiu o Dr. Beecham até à sala de cirurgia, observara-o a tentar «transferir» um olho de um doente vivo para outro homem e, depois, a tentar tirar o coração do corpo de Jack Curren. Ela tinha-o impedido, mas não bastara. Não tinha feito o suficiente para salvar a vida de Jack. Jack tinha morrido.

Só de pensar em Jack naquele momento fizera Hazel sentir um choque elétrico vindo do estômago, como se tivesse engolido algo metálico e vivo. A falta dele penetrava-lhe nos ossos, uma saudade que parecia uma fome que a consumia totalmente. Sentia falta dos braços dele a envolverem-na, do cheiro dele, da forma como a barba dele roçava a sua pele quando ele a beijava na testa, quando ela só queria puxá-lo para mais perto de si, mais perto, para sempre mais perto. Jack tinha morrido – tinha morrido e de que adiantava pensar nele? Ele era um buraco no seu estômago, um vazio que ela não conseguia preencher, mas cujo calor penetrante parecia diminuir quando estava a trabalhar, quando se concentrava na tarefa que tinha em mãos.

Reunir as suas notas. Ler as suas notas. Copiar os apontamentos para que a letra fosse legível. Identificar as lacunas do seu estudo. Lentamente, de forma metódica, ilustrando o sistema de veias que conduzia o sangue através de cada membro: desenhos para os braços, as pernas, as mãos, os pés. Naquelas longas horas depois de Iona lhe levar o jantar e antes de bater à porta do laboratório com o pequeno-almoço – quando as velas ainda estavam acesas e a única coisa que preenchia a mente de Hazel era desenhar as veias que traçavam o seu caminho pelo polegar de uma mão preservada que tinha mandado vir de Paris, na qual cera endurecida rastreava os vasos que outrora

tinham transportado sangue – Jack quase poderia estar lá, do lado de fora, montado num cavalo ou a dormir em Hawthornden, suficientemente perto para ela poder chamá-lo.

De um fogo devastador que ameaçava deixar o mundo de Hazel em cinzas, a saudade tinha esmorecido para uma pequena chama, uma vela bruxuleante visível apenas no canto dos seus olhos. *Não podes falar com ele agora, mas ele está lá, se precisares dele*, dizia a vela. *Ele está ali mesmo, só que fora de vista*. Era assim que ela estava a sobreviver à perda de Jack: fingindo que não o tinha perdido e que, a qualquer momento, ela podia ir até à casa grande e vê-lo a sorrir para ela enquanto bebia o seu chá, ver a forma como os seus dentes caninos se sobrepunham aos outros dentes, ver o seu cabelo em desalinho, onde tinha sempre escondida uma bolsa com serradura. Transformar Jack de uma memória em algo com que nem sequer precisava de se preocupar – era esse o truque. Era essa a magia que, no entanto, só conseguia fazer quando estava totalmente concentrada na sua escrita.

O seu trabalho era demasiado importante para permitir distrações. Ela sabia que era verdade, e se continuasse a repeti-lo para si mesma, talvez um dia acreditasse.

Hazel virou a página de um jornal em cima da mesa do pequeno-almoço e esfregou a tinta das mãos, imaginando o custo dos materiais e do uso da prensa que um dia lhe permitiria publicar o seu próprio livro. A tinta manchava-lhe as pontas dos dedos de preto. Era uma pausa bem-vinda das manchas que normalmente tinham – de castanho-avermelhado e escuro do sangue seco.

Iona susteve a respiração, Hazel levantou-se de um salto.

– O que foi? É o bebé? Estás a sentir contrações ou alguma dor?

Iona estava a olhar para o jornal e a apontar para um esboço na primeira página.

– É a princesa? É sim! É a Charlotte! O que é que diz, Hazel?

Hazel recostou-se na cadeira e puxou a página para mais perto de si. Iona sabia ler, mas era um processo lento e trabalhoso, e Hazel já

tinha desistido há muito tempo de insistir para que ela praticasse. («Talvez as senhoras finas tenham tempo para passar o dia a ler romances, mas há quem tenha de trabalhar», tinha ela zombado uma vez). Os romances não interessavam a Iona; interessavam-lhe os mexericos sobre a Princesa de Gales, a futura Rainha de Inglaterra e filha única do Príncipe Regente.

– Diz aqui – disse Hazel, com o ritmo cardíaco ainda a recuperar do pânico de alguns momentos antes –, que a Princesa Charlotte decidiu terminar o seu noivado com William de Orange.

Iona pareceu ficar genuinamente destruçãda.

– Não! – exclamou. – Faziam um casal tão bonito! E ela já não vai para nova. Se ela não se despachar a ter um filho, sabe-se lá se algum dia vai conseguir tê-lo.

– Ela não é muito mais velha do que nós! Tem, o quê, 21 anos? Acho que ainda tem muito tempo, Iona.

Iona esfregou deliberadamente a barriga.

– Menos do que pensa, Menina. Diz aí porquê? Ele era mulherengo? Aposto que não. Aposto que é ela que tem outra pessoa debaixo de olho. Cá para mim é o Duque de Gloucester.

Hazel não pôde deixar de rir.

– Não sei. Não diz aqui. Acho que deve ter que ver com a doença dela. Talvez ela não estivesse suficientemente bem para viajar para a Holanda. E, já agora, devo acrescentar, porque é que isso te interessa? Como boa escocesa que és, já te ouvi amaldiçoar o nome do Rei e do Príncipe em mais do que uma ocasião, quando pensavas que ninguém estava a ouvir-te.

Iona corou, mas a sua expressão não vacilou.

– Sim – retorquiu com altivez. – Posso não gostar do Rei nem da Inglaterra por tudo o que nos fizeram, mas continuo a gostar da Princesa.

– Como queiras.

Toda a gente parecia gostar da Princesa; não era só Iona. Toda a frustração e ressentimento em relação à monarquia – a comiseração e

a repulsa que as pessoas sentiam pelo pobre louco Rei George e a total aversão ao fanfarrão do Príncipe Regente – desapareciam quando se tratava da Princesa Charlotte.

– Não a conhece, pois não? – perguntou Iona. Estava a dar aso a uma história que Hazel já tinha contado mais do que uma vez, mas da qual Iona parecia nunca se cansar.

– Conheço – disse Hazel. – Estive com ela muito pouco tempo, quando estava em Londres. Antes de o George morrer. Da última vez que a minha mãe me levou lá para comprar vestidos novos. Eu ainda não tinha debutado *oficialmente* e, por isso, não fui a nenhum baile, nem a nada do género. Mas a Mercer Elphinstone, uma rapariga de Edimburgo com quem eu tinha passado algum tempo, era amiga da Princesa. Ela organizou um chá, e foi lá que a conheci.

– E? – disse Iona, exatamente como de todas as outras vezes, de olhos esbugalhados.

– *E* – continuou Hazel –, lembro-me de ela ser muito bonita, e de estar muito dentro da moda, e de ser muito gentil. Estava maravilhosa, com um vestido de cintura alta. E, podes não acreditar, mas usava *ceroulas* – lembro-me de conseguir ver os rebordos de renda a espreitarem por debaixo do vestido. Um verdadeiro escândalo. Recordo-me de a minha mãe me dizer, mais tarde, que ela tinha usado o garfo errado para a salada, e achei tanta graça que tive ataques de riso durante todo o caminho de regresso a Edimburgo. Que houvesse um garfo correto para a salada, que a Princesa usasse o garfo errado e que pessoas como a minha mãe reparassem nisso.

– Mas, apesar disso – disse Iona com um ar malicioso –, a Menina sempre me disse para pôr a mesa com os garfos certos e sabe sempre qual é que deve usar.

– Bem – disse Hazel, limpando os lábios com o guardanapo –, acho que há coisas que se tornam um hábito. – Era verdade, as lições que a sua mãe lhe tinha inculcado no cérebro através de horas e horas de repetição quando ela ainda era uma criança sob o domínio dela. Depois de George ter morrido, as lições de etiqueta da mãe tinham

parado abruptamente – a mãe caíra numa profunda melancolia, mal saindo do quarto e mal trocando com Hazel mais do que uma frase de cada vez. A partir daí, Hazel criou-se sozinha, vestindo-se com qualquer roupa que encontrasse ou que mandasse fazer e educando-se com os livros da biblioteca do pai. Por isso, as suas maneiras eram estranhas e tinham ficado só meio formadas. Sabia a maior parte das lições apropriadas para uma jovem da sua classe, mas descobriu que alguma etiqueta era exagerada, como frases escritas umas sobre as outras em pergaminho, nos anos que passou mais ou menos sozinha.

Ainda assim, escolheu o fato de montar correto e o chapéu a condizer para fazer uma consulta domiciliária nessa manhã, a uma das mansões chiques, de pedra branca, na Cidade Nova de Edimburgo. Aceitava que algumas coisas não podiam ser evitadas.

A viagem era muito curta, e antes mesmo de o sol atingir o seu auge, Hazel já ia a trotar pelas ruas de pedra da Cidade Nova. Há quase um século, os ricos tinham-se cansado das ruas estreitas e do fedor de demasiadas pessoas empilhadas umas sobre as outras no centro da cidade em redor do Castelo de Edimburgo. E, assim, uma segunda cidade, a Cidade Nova, tinha nascido com praças bem cuidadas, filas de casas senhoriais de pedra branca e colunas neogregas. As duas partes de Edimburgo estavam separadas por Princes Street Gardens. Onde antes havia um lago cheio de resíduos dos esgotos e de todo o tipo de lixo, havia agora relvados elegantemente cuidados e um parque no qual apenas aqueles que pagassem uma elevada taxa anual podiam permanecer, embora se falasse em abri-lo ao público. Hazel gostava da ideia, e não apenas porque conseguia imaginar o quanto isso escandalizaria a sua mãe.

Quando Hazel começou a fazer visitas domiciliárias, ia principalmente a casa dos trabalhadores pobres de Edimburgo, aqueles que nunca seriam capazes de pagar um médico particular e que, aterrorizados com a possibilidade de acabarem num dos terríveis hospitais para os pobres, estavam dispostos a recorrer a uma jovem cirurgiã de quem tinham ouvido falar. No entanto, nos últimos meses,

Hazel fazia cada vez com mais frequência a viagem a cavalo até à Cidade Nova.

Depois de Hazel ter descoberto a verdade sobre as práticas clínicas do Dr. Beecham em Edimburgo – que ganhava a vida a roubar cadáveres dos cemitérios e a raptar mendigos e crianças para lhes tirar do corpo o que punha nos seus clientes ricos –, ele tinha desaparecido da cidade. Os boatos surgiram rápida e abundantemente entre todos aqueles que não sabiam a verdade – e ninguém sabia a verdade a não ser Hazel e Jack. O médico tinha-se apaixonado por uma mulher na Suécia. Tinha sido chamado para tratar o czar Alexandre na Rússia. Tinha morrido durante uma viagem de navio para a Índia!

Mas Hazel sabia a verdade: se Beecham era imortal, como ele afirmava, só podia viver algum tempo num mesmo lugar até que a consistência da sua aparência levantasse questões. Tinha de desaparecer uma vez a cada geração, reaparecendo depois com outro nome ou, se já tivesse passado tempo suficiente, com uma história de que era um parente afastado de um Beecham anterior, e esperando que qualquer sobrevivente se lembrasse apenas de uma vaga semelhança com o médico que outrora conhecera.

Não havia como saber onde é que ele estaria. Podia estar em qualquer parte do mundo. Seria impossível encontrá-lo. Obrigá-lo a enfrentar a justiça pelas pessoas que tinha matado, ainda seria mais difícil. Durante meses, Hazel tinha imaginado as várias coisas que poderia ter dito ao Dr. Beecham, a forma como a sua última conversa na Sociedade dos Anatomistas poderia ter decorrido. Haveria uma combinação de palavras que ela poderia ter dito para suscitar a empatia dele, da mesma forma que uma chave abre uma porta? Poderia tê-lo persuadido a enfrentar a justiça? Haveria alguma coisa que ela pudesse ter dito para o ajudar a compreender que o que estava a fazer era cruel, que um médico não tinha o direito de sacrificar uma vida humana para beneficiar outra?

Pensar nisso durante muito tempo fazia o estômago de Hazel ficar com um nó de raiva. Dizia a si mesma que a melhor coisa que podia

fazer era ajudar as pessoas da sua cidade.

E, agora, com o desaparecimento de Beecham, muitos dos seus antigos doentes ricos tinham ficado sem ninguém para os tratar. Ou, pelo menos, sem ninguém *respeitável*.

Era fácil encontrar um médico, entre os jovens que se licenciavam na escola de medicina da universidade ou que vinham de Londres de cartola, com pastas de couro imaculadas, com as suas iniciais impressas. Mas a cirurgia era outra coisa. Esses homens – ou melhor, os cirurgiões eram praticamente uns carnicheiros. E venderiam os seus segredos por uma onça de tabaco.

Mas, ainda assim, havia casos em que era necessário um cirurgião.

De alguma forma, tinha-se espalhado a notícia de que a *sobrinha* de Lorde Almont era habilidosa e capaz de tratar doenças comuns, e que os seus pontos eram pequenos e uniformes e quase não deixavam cicatriz. Uma mulher cirurgiã era, no mínimo, uma curiosidade. Mas, se era para convidar alguém para os aposentos privados de casa, bem, mais valia ser alguém que se movimentava nos círculos apropriados. Podiam não saber quão sólida era a formação de Hazel em Medicina mas podiam, pelo menos, reconfortar-se com o facto de ela saber escolher as luvas certas para usar na ópera. Além disso, a reputação dela já estava na lama, e quem melhor para confiar alguns segredos picantes do que alguém que nem se daria ao trabalho de os ouvir?

E, assim, para choque de Hazel mais do que de qualquer outra pessoa, começaram a chegar a Hawthornden pedidos discretos para que fosse Hazel Sinnett a fazer o parto dos filhos e netos, a inspecionar confidencialmente as zonas íntimas depois de encontros com amantes sem contar às esposas, e a arrancar-lhes os dentes que tinham ficado escuros e partidos.

E era por isso que Hazel se encontrava nos aposentos privados de Richard Parlake, Conde de Hammond, a inspecionar a boca cor-de-rosa e malcheirosa do seu amado filho e herdeiro, Richard Parlake III.

O Richard mais novo, um rapaz irrequieto de cerca de 12 anos, não estava nada contente por estar a ser tratado por uma mulher.

Estava amuado, recusando-se a olhar diretamente para Hazel quando ela entrou e a tirar o chapéu. Nem sequer o tirou quando Hazel fez um gesto para que ele se sentasse no cadeirão cor de ameixa e abrisse a boca. Quando se pôs atrás dele para examinar os dentes que lhe doíam, derrubou-lhe «acidentalmente» a cartola para o chão.

– *Ups!* – exclamou, pontapeando-a para debaixo do cadeirão. Era um caso bastante simples: dois dentes partidos e já a abanar.

O Richard Parlake mais velho, um homem que se orgulhava da sua juba grisalha pelos ombros, pôs-se por cima do ombro de Hazel, quase como se quisesse entrar na boca do filho, para encaminhar os dedos dela para o dente certo.

–É o açúcar – declarou, acenando com a cabeça perante a sua própria sabedoria. – Todo o açúcar que os rapazes de hoje põem no chá. Faz os dentes ficarem pretos, mas ninguém me dá ouvidos.

Hazel fez um pequeno grunhido em concordância, tentando esticar o braço atrás dele para tirar o alicate de sua mala de médica, que tinha posto em cima de uma pequena mesa ao lado deles.

– Se não se importar de se afastar, Lorde Parlake...

Ele ignorou-a.

– Estou farto de dizer ao Dickie... não estou farto de te dizer, Dickie?... O *açúcar* vai ser a nossa morte. Se os homens de Edimburgo seguissem a dieta dos das Terras Altas... Eles *sabem* como devem alimentar-se. Com carne! Nada de açúcar. Nada de *açúcar no chá*. Eu não o suporto. Nós devemos ser homens dignos e não... mulheres. – Olhou de relance para Hazel, como que a desculpar-se. Ela fingiu não ouvir e continuou a espreitar para os dentes podres do filho dele.

Sentindo que a conversa estava a perder-se, o conde aproximou-se mais.

– Então, Dickie, como vai isso?

O rapaz tinha a boca aberta. Emitiu um som gargarejado em resposta ao pai.

Lorde Parlake deu-lhe uma forte palmada nas costas, quase fazendo deslocar o pano que Hazel tinha posto na boca do rapaz e

sufocá-lo.

– És um rapaz às direitas – disse o conde alegremente, ignorando o caos que tinha causado.

– *Sir*, vou precisar que se ponha *vários passos atrás*. Preciso de luz para ter a certeza de que tiro o dente certo – pediu Hazel. O seu doente, Dickie, olhou para ela de olhos muito abertos em sinal de gratidão.

O conde murmurou qualquer coisa, mas aquiesceu. Mesmo assim, sentindo o seu orgulho ferido, disse a Hazel:

– Sabe, mandámos uma carta ao *Dr. Ferris* a pedir-lhe que tratasse o Dickie. Já ouviu falar do Dr. Ferris? Ao que dizem, é o melhor cirurgião da Europa. Trata o próprio George III! *Supostamente*, seria ele que estaria aqui a tirar os dentes ao Dickie. Ele é tão genial que imagino que ia descobrir uma maneira de lhe deixar os dentes na boca.

Hazel tinha de facto ouvido falar do Dr. Ferris. Parecia que todos os anos havia um novo e incrível médico vindo da Dinamarca ou da Alemanha ou da Rússia que chegava à sua pequena ilha com uma mala de médico e com fama de ser genial. Na opinião de Hazel, o brilhantismo de cada um deles parecia limitado à sua extraordinária capacidade de arrancar dinheiro aos idiotas. Eram o tipo de médicos que cobravam centenas de libras para dizer às pessoas para comerem mais cascas de batata, ou então, para comerem *menos* cascas de batata, e que passavam mais tempo a dançar a valsa em bailes realizados em sua honra do que em salas de cirurgia. Hazel conseguia imaginar Ferris naquele momento: provavelmente com 60 anos de idade, uma pança causada por todos os banquetes que as pessoas davam em sua honra e todo o vinho que lhe ofereciam, o tipo de médico que tinha uma peruca empoada e umas mãos delicadas.

– Que pena ele não ter podido vir – disse Hazel.

– Sim, foi uma pena – concordou o conde, num tom irritado. – Imagino que a minha carta se tenha perdido no caminho para Londres.

Se o doutor tivesse metade da fama que o conde parecia pensar que ele tinha, Hazel duvidava seriamente de que ele tivesse vindo a Edimburgo para arrancar dois dentes, um trabalho que qualquer barbeiro meio habilidoso poderia fazer.

Hazel pediu a Dickie que se inclinasse um pouco mais para trás para que a luz da janela a ajudasse a ver os dentes que tinha de arrancar. As gengivas pareciam relativamente livres de infecção. Hazel segurou o alicate delicadamente e, rápida como uma raposa a mudar de direção, agarrou o primeiro dente estragado e torceu. Dickie gritou, mas antes que o som saísse da sua boca, Hazel já tinha agarrado o segundo dente. Mais uma torção, e já estava: os dois dentes chocalhavam na palma da sua mão, e Dickie, em choque, esfregava o maxilar.

– Vês, dói um bocadinho, mas aposto que estes dentes estavam a incomodar-te há algum tempo – disse Hazel calmamente ao rapaz. – É o que acontece com este tipo de coisas: uma dor aguda num momento para poupar muitas dores ao longo do tempo. – Depois, voltou-se para o pai do rapaz. – Dois xelins, por favor, *sir*.

Como a maioria das pessoas ricas, o conde achava claramente desagradável ter de pagar por um serviço que lhe era prestado. Deixou cair as moedas na palma da mão de Hazel com uma careta. Ela fechou a mão em torno do dinheiro e dos pequenos dentes estragados. Tinham raízes pontiagudas, ainda com restos de sangue vermelho.

– Molha um pano em vinho e pressiona-o contra as gengivas hoje e amanhã – instruiu. – Mande alguém chamar-me se o sangue não parar até amanhã de manhã.

– Sim, sim – disse o conde distraidamente. Dickie gemeu. E Hazel abanou os dentes e as moedas na palma da mão, já a delinear mentalmente o registo no seu tratado da mecânica da extração de dentes.

O Castelo de Hawthornden, a casa da família de Hazel, fora construído em pedra num penhasco com vista para um pequeno riacho, a vários quilómetros de distância do barulho e da sujidade do centro da Cidade Velha de Edimburgo, visível ao longe como uma chaminé fumegante. A maior parte dos móveis estava coberta por lençóis, com o pó a acumular-se nas dobras. As teias de aranha tinham tomado conta da sala da frente, e Hazel achava que era inútil dar-se ao trabalho de as tirar. Agora que estava sozinha, Hazel mantinha metade dos quartos do castelo às escuras e sem aquecimento – não valia a pena gastar velas nem lenha.

Durante o verão, o irmão mais novo de Hazel, Percy, tinha sido aceite em Eton, em Inglaterra – uma escola ótima, dissera o pai nas suas cartas quando soubera da notícia – e Lady Sinnett, não querendo ficar a vários dias de distância de seu menino querido, tinha decidido refugiar-se permanentemente numa casa na cidade de Slough, onde as torres cinzentas da escola eram visíveis da sua janela. Era quase motivo suficiente para Hazel sentir pena de Percy.

Hazel tinha assumido que a notícia da sua prática médica clandestina acabaria por chegar aos ouvidos dos seus pais – da sua mãe em Londres e do seu pai em Santa Helena, onde ainda estava destacado como capitão no exército real – mas passaram-se semanas, e depois meses, e nunca chegou nenhuma repreensão.

Talvez trabalhar como cirurgiã não fosse mais escandaloso do que Hazel ter recusado o pedido de casamento de Bernard no ano anterior. A partir desse momento, Lady Sinnett passara a ver Hazel como uma causa perdida, uma filha obstinada e inútil. Uma vergonha, na verdade. Ninguém queria casar com uma jovem que passava os dias a lancetar furúnculos e a amputar membros, a tratar doentes no

submundo da pobre e antiquada Cidade Velha de Edimburgo, onde o cheiro de urina e o fumo do carvão empestavam o ar.

Se a sua reputação já estava arruinada, pensou Hazel, então que estivesse. Não havia grande mal em *continuar* a arruiná-la.

Lady Sinnett mal se tinha despedido da filha quando entrou na carruagem, que já estava a ceder sob o peso das suas três enormes malas, amarradas ao tejadilho. A mãe de Hazel andava de luto desde a morte do seu filho mais velho, George e, embora estivesse um dia sufocante em agosto, ela usava um vestido de crepe de veludo preto grosso e um véu sobre o rosto. Enquanto os cavalos relinchavam, Lady Sinnett olhou friamente para Hazel. Ergueu o véu, desceu da carruagem e deu alguns passos largos em direção à filha e, por um momento, Hazel imaginou que a mãe iria beijá-la.

– Os seus sapatos estão manchados – disse, simplesmente. – Sujos. – Hazel olhou para as botas. As botas sujas eram as que tinha usado para ir às escondidas ao cemitério com Jack para roubar corpos para os levar para o seu laboratório e os estudar. Não se tinha lembrado de as limpar. Sempre imaginara que ela e Jack haviam de voltar aos cemitérios.

Antes de Hazel poder dar uma resposta convincente, já Lady Sinnett tinha voltado a entrar na carruagem e fechado a porta, e Hazel ficou a vê-la desaparecer pela estrada arborizada.

Daquele dia em diante, Hazel ficou praticamente sozinha no Castelo de Hawthornden. (A cozinheira tinha ficado para preparar as refeições para Hazel, embora Lady Sinnett lhe tivesse implorado que se juntasse ao resto do pessoal da casa em Inglaterra. «Nasci na Escócia e hei de morrer na Escócia,» tinha dito a cozinheira. «Legumes cultivados em rochas inglesas ou vacas magras que se alimentam de ervas daninhas inglesas não dão nada.») A criada de Hazel ficou, claro, mas estava grávida do primeiro filho, e Hazel insistira para que Iona passasse muitos dos seus dias a descansar na casa no cimo da estrada, onde vivia.

Hazel não se importava que o Castelo de Hawthornden estivesse

meio encoberto e frio. Além disso, passava muito pouco tempo no castelo; quando não estava a fazer visitas domiciliárias na cidade, estava a trabalhar no laboratório.

Hazel construíra o laboratório peça por peça, trazendo móveis e tochas e livros até ele ficar suficientemente confortável para que ela pudesse passar dias sem sair de lá, enquanto trabalhava nos seus escritos, registando meticulosamente todos os sintomas que identificava e todos os tratamentos que administrava. O laboratório fora outrora o calabouço do Castelo de Hawthornden, escavado numa caverna sob a colina onde a casa se erguia. No interior, o ar era frio e pesado com o cheiro a humidade e sujidade. Apenas uma janela alta permitia a entrada de um pouco de luz natural e, por isso, Hazel tinha rodeado a mesa com dúzias de velas para poder ler noite dentro.

Levou do seu quarto a sua cadeira preferida, estofada com um pano vermelho desbotado, para se sentar a ler, e um quadro a óleo da família do escritório do pai, que pousara numa prateleira. Tinha sido encomendado quando George ainda era vivo e Percy era bebé. A mãe parecia quase feliz. (Hazel detestava como ficara no retrato – com uns 12 anos, o cabelo em cachos minúsculos que ela se lembrava de estarem muito apertados e de lhe fazerem comichão no couro cabeludo).

Quando bateu a meia-noite no dia em que Hazel fazia 18 anos, ela estava a ler uma revista médica sobre os possíveis inconvenientes da sangria em doentes com cólera. Olhou para o relógio e viu os rostos da sua família em tinta a óleo a fitarem-na. Foi quase como se estivessem ali com ela, a desejar-lhe um feliz aniversário.

Na semana seguinte, chegou uma carta do pai (os serviços postais das ilhas eram visivelmente difíceis, escreveu ele num pedido de desculpas preventivo), e na outra semana recebeu um desenho de um gato de Percy. (Ela e Percy nunca tinham tido um gato, nem nunca tinham falado sobre qualquer afeição particular por gatos e, por isso, a escolha do animal parecia um pouco ambígua, mas Hazel tinha o desenho pendurado por cima da sua mesa para olhar para ele

enquanto estava a trabalhar).

A carta de que ela estava realmente à espera não era da família de forma alguma. Hazel estava à espera –há meses – de notícias de Jack, o único rapaz que ela amara. Jack Curren, que morava no teatro e trabalhava à noite como ladrão de corpos, desenterrando cadáveres e vendendo-os a médicos que precisavam de corpos para estudar. Jack Curren, que a levava em escavações noturnas a cemitérios, que a beijara numa sepultura, que fizera o seu coração sentir que estava a ser apertado por um punho cerrado e o ar dos seus pulmões transformar-se em chumbo. Jack Curren, que fora incriminado pelos assassinatos que o Dr. Beecham cometera, condenado à morte e enforcado na Praça Haymarket. E que talvez, *talvez*, esperava Hazel numa pequena parte oculta de si mesma, tivesse encontrado uma maneira de sobreviver.

Hazel sabia que era ridículo pensar que o pequeno frasco de líquido preto arroxado que o Dr. Beecham lhe dera poderia tornar um homem imortal. Era contra todos os princípios científicos que ela tinha aprendido, contra todas as lições de todos os livros. O corpo humano não fora concebido para durar para sempre – fora concebido para se decompor, para consumir e gastar energia e, depois, para libertar a sua alma piedosa para um lugar de descanso eterno no céu. Não havia elixir, não havia *tónico* – como lhe chamava Beecham – que pudesse desfazer a mortalidade.

E no entanto.

E, no entanto, Beecham ainda estava vivo.

Beecham, que Hazel conhecera na meia-idade, devia ter, pelo menos, 100 anos. Mas só se o que ele dizia era verdade, lembrou-se Hazel, quando deixou que a sua mente se perdesse em voos de fantasia. Talvez Beecham fosse apenas um louco. Talvez ele tivesse descoberto uma maneira de transpor partes jovens e saudáveis de um corpo para os corpos dos doentes que estivessem dispostos a pagar por novos olhos, novos fígados, novas mãos. Mas isso não significava que Beecham fosse *de facto* o Dr. Beecham *original* – nascido há 100 anos –

e não o seu neto, como as pessoas acreditavam. E definitivamente não significava que Beecham iria viver para sempre, ou que sabia como fazer com que um homem sobrevivesse a um enforcamento.

(Agora, menos de um ano depois, a memória da sua conversa com Beecham começava a desvanecer-se. O tónico era roxo ou dourado? A rolha era de cortiça? Ele tinha prometido imortalidade contra todos os males ou apenas imunidade a doenças? A memória mais forte que lhe restava era apenas uma sensação: inquietação e terror a inundar-lhe o cérebro e a turvar-lhe a visão, aquela sensação de estar na proa de um navio enquanto o oceano se agitava sob os seus pés.)

Há alguns meses, tinha chegado uma carta, sem remetente e sem assinatura, com uma letra que ela se convencera que lhe era familiar.

O meu coração palpitante continua a ser teu, e estarei à tua espera.

Estarei à tua espera.

Na parte de baixo, o remetente tinha rabiscado as palavras: *in America*. Hazel guardou a carta dentro do seu espartilho, pressionada contra o seu peito durante semanas, até que o papel começou a desintegrar-se nas bordas e a tinta a estalar. Tinha de ser de Jack. *Tinha de ser*. O que mais podia ser? Uma partida cruel? Uma solicitação aleatória?

Havia dias em que Hazel tinha a certeza de que o tónico de Beecham tinha funcionado e que Jack estaria vivo algures, a ganhar a vida no Novo Mundo, um lugar onde homens de origens pobres podiam encontrar novas oportunidades. Outros dias, cerrava os dentes e dizia para a outra parte de si mesma que estava a agir como uma menina pateta e não como a cirurgiã a quem as pessoas confiavam as suas vidas. Mesmo nos dias em que Hazel tinha a certeza de que Jack estava vivo, a viver algures na América, surgiam-lhe muitas perguntas: Como iria encontrá-lo? A América era uma vasta região num continente ainda mais vasto. Se ele estivesse na América, por que não escreveria outra carta a dizer-lhe onde podia encontrá-lo? A dizer-lhe que ainda *queria* que ela fosse procurá-lo.

Não. Esses pensamentos eram disparatados. Jack tinha morrido.

Hazel sabia a verdade, lá no fundo, mesmo que de vez em quando deixasse a sua imaginação divagar. Não tinha chegado mais nenhuma carta dele. Para começar, ela nem sequer sabia se aquela primeira carta era dele. Jack tinha sido considerado culpado e enforcado. Ela tinha estado apaixonada, tinha tido um amor verdadeiro que lhe dava arrepios e a fazia sorrir sem razão aparente. Tinha sabido o que era o amor, e isso era mais do que muita gente conseguia neste mundo.

Era melhor estar grata por isso, aceitar que tinha acabado, e continuar a servir as pessoas de Edimburgo que precisavam de ajuda e não tinham meios para pagar. Estava a aprender e a melhorar todos os dias, a manejar o bisturi cada vez com mais confiança, a fazer os seus diagnósticos mais depressa e com mais certeza. Era feita para isso, e era por isso que, em criança, passava horas no chão da biblioteca do pai, a estudar livros que mais ninguém se dava ao trabalho de ler, até compreender o corpo humano da mesma forma que uma pessoa compreendia uma nova língua. Com Exame Real ou não, era finalmente uma cirurgiã. A trabalhar, a tratar os doentes, a aprender mais a cada dia que passava sobre o milagre da anatomia e as infinitas variações das estranhas pragas e lesões que a afetavam. Não adiantava chorar pela memória de um rapaz que um dia amara.

Ainda assim: quem lhe dera lembrar-se do cheiro dele.

O facto de ter destruído a sua reputação de forma escandalosa causava-lhe um problema: Hazel estava só.

Às vezes, se não tinha nenhum doente e Iona estava de folga, Hazel passava um dia inteiro sem falar com ninguém, sem abrir a boca. À tarde, sentia que, se falasse, a sua voz sairia como um coaxar. Nem sempre tinha sido assim: quando era criança, tinha George, e depois Bernard, que pelo menos estava disposto a ceder aos seus monólogos e a sorrir educadamente quando ela se entusiasmava com alguma coisa. E depois havia as aulas, com os colegas a esforçarem-se ao seu lado e a rirem-se quando Straine estava de costas. Talvez eles nunca tivessem conhecido a verdadeira Hazel, mas ela conhecia-os e, de certa forma, eles tinham sido seus amigos. Perguntavam uns aos outros como eram

as válvulas do coração e quais os componentes do sangue e partilhavam teorias sobre qual o material a utilizar em diferentes amputações.

Agora não tinha ninguém com quem trocar ideias a não ser o seu caderno.

Hazel tinha memórias da infância, de quando o seu pai ainda estava em Edimburgo, de pessoas a virem jantar em Hawthornden. Ela escondia-se entre as pernas dos adultos a ouvi-los falar sobre livros e poesia e sinfonias. Soavam sempre tão sofisticados, usando uma linguagem impenetrável que parecia impossivelmente adulta. Onde estavam agora os salões? Haveria salas de jantar nas casas chiques da Cidade Nova onde as pessoas continuavam a encontrar-se e a falar de Walter Scott e Goethe e Byron?

A meio da noite, aquele desejo terrível arranhava as entranhas de Hazel: o pensamento de que, sim, certamente os descendentes da sociedade ainda se reuniam – pessoas inteligentes e interessantes, com risadas tão efervescentes como o champanhe – em algum lugar, e Hazel, na sua desgraça, simplesmente não era convidada. Seria convidada a entrar para arrancar os dentes do filho dos Parlake, mas se estivessem a receber mais visitas naquele dia, ela teria de entrar pela porta dos criados.

Quando Hazel andava a escavar sepulturas com Jack, o próprio conceito de «cair em desgraça» tinha-lhe parecido algo tão abstrato, tão distante como a lua. Agora uma parte de si compreendia tudo aquilo a que tinha renunciado com a sua impulsividade. Jack estava morto e ela estava sozinha.

Se tivesse casado com Bernard, não seria cirurgiã, mas seria convidada para aqueles salões. Teria amigos, conversaria. Teria pessoas com as quais poderia partilhar as suas ideias.

Por agora, as suas ideias eram só dela. Os seus pensamentos sobre anatomia humana tinham-se transformado em tinteiro após tinteiro gastos nos seus escritos, que viriam a ser o seu tratado. Na maior parte do tempo, Hazel estava ocupada e focada, com o cérebro a

fervilhar de eletricidade e determinação. Mas nos momentos de quietude, começava a imaginar as festas que, de certeza, estariam a acontecer na cidade sem ela, e a lembrar-se de Jack e a pensar se estaria condenada a ficar para sempre só.

The Edinburgh Guardian

10 de março de 1818

Sua Alteza Real, a Princesa Charlotte de Gales terminou o seu noivado com William, Príncipe Herdeiro de Orange. A Princesa Charlotte é a única filha do Príncipe Regente e a única neta legítima do Rei George III.

Fontes próximas da Princesa especulam que o casamento foi anulado, pelo menos em parte, devido à saúde precária da Princesa. Em 1814, a Princesa Charlotte foi acometida por um caso debilitante de febre romana. A doença tem sido difícil de debelar, e a Princesa ainda não retomou as suas atividades públicas normais, embora as multidões estridentes que a adoram afirmam tê-la visto no exterior da sua residência em Warwick House e em viagens de carruagem em St. James's Park.

Como presumível herdeira ao trono, a Princesa Charlotte certamente compreende a importância de escolher um marido condigno e de dar ao país o herdeiro tão ansiosamente aguardado.

No dia em que arrancou os dentes a Dickie Parlake, à noite, Hazel estava na cama a ler, quando uma pancada na porta ecoou por todo o Castelo de Hawthornden.

Suspirou. Como seria de esperar, o conde já teria decidido mandar alguém chamá-la. Devia ter visto uma nódoa de sangue no guardanapo do filho ao jantar e teria gritado ao criado que fosse chamá-la imediatamente.

«Eu disse-lhe que de manhã ele já estaria bom,» murmurou ao acaso, enquanto vestia o seu roupão e tirava a vela da mesa de cabeceira. Iona tinha ido passar o serão fora; não havia mais ninguém no castelo e, por isso, teria de ser ela a abrir a porta. Continuavam a bater, cada vez mais depressa e com mais força. Pobre criado, pensou. Sabia que nos degraus estaria um pobre lacaio obrigado a andar a cavalo durante uma hora, por entre o frio e a escuridão total, provavelmente já quase a morrer enregelado. Teria de o convencer a entrar e a tomar uma chávena de chá para se aquecer antes de voltarem os dois a Hammond House na sua carruagem.

De certeza, pensou Hazel, que Lorde Parlake teria dito ao criado que era uma questão muito urgente e que o criado *tinha de ir buscar imediatamente a doutora!* Mas Hazel sabia que não havia nada de errado com a boca de Dickie. Os dentes tinham saído com toda a facilidade; não havia nada que não pudesse esperar até que uma chaleira de chá fervesse. Não se importava de suturar as gengivas do rapaz, se isso tranquilizasse o pai, mas só serviria para causar mais dores quando, em condições normais, a boca iria acabar por ficar curada.

O ressentimento de Hazel em relação ao conde e ao filho aumentavam a cada degrau que ela descia. Chamá-la àquela hora da

noite quando ela tinha dito especificamente que não haveria nenhum problema que obrigasse à sua presença até ao dia seguinte de manhã... obrigá-la a sair da cama àquelas horas... os direitos que aquelas pessoas achavam que tinham. Talvez ela oferecesse ao mensageiro uma chávena de chá ou um gole de uísque e o mandasse de volta, com o recado para o conde de que ela iria a casa dele *no dia seguinte de manhã*, como era razoável.

As velas do átrio já tinham ardido quase até ao fim. Era quase meia-noite. Quando a sua mãe e Percy tinham partido para Inglaterra, Hazel tinha-se deliciado com o silêncio, com a *liberdade* de poder ler ou costurar ou estudar em qualquer um dos salões da casa à sua vontade. Mas, muitas vezes depois do jantar, quando o chá esfriava e ela tinha de ir buscar mais cobertores para impedir o frio de lhe chegar aos ossos como uma garra, Hazel tinha de admitir que se sentia muito só em casa. Mas a solidão, tal como o orvalho, derretia-se quase sempre com o sol da manhã.

As pancadas continuaram e, à medida que o som ia ecoando no teto alto do átrio, Hazel sentiu um nó no estômago. Todo o aborrecimento, toda a indignação que tinha planeado se dissolveram instantaneamente, como açúcar em água. Houve qualquer coisa que fez os cabelos da nuca arrepiarem-se e, de repente, Hazel ficou completamente desperta.

– *Por favor.*

Dizia uma voz do outro lado da grossa porta de carvalho, quase inaudível, o murmúrio de alguém desesperado e exausto.

Hazel abriu a porta e viu uma mulher, não mais velha do que ela própria, mas tão pequenina que, a princípio, Hazel achou que era uma criança. Tinha, no máximo, um metro e meio de altura, e uns olhos pequenos e aflitos. À primeira impressão, parecia um rato. Sob o capuz viam-se alguns caracóis castanhos, e Hazel demorou alguns segundos a perceber que a mulher tinha as mãos cobertas de sangue.

– Por favor – disse a mulher, com uma voz não mais alta do que um murmúrio. E, depois, caiu para a frente, para os braços de Hazel.

Apesar de a mulher ser tão pequenina, era impossível Hazel levá-la para o quarto do segundo andar, quanto mais para os quartos de hóspedes no terceiro. Hazel foi à sala de estar da mãe e empurrou o sofá azul-escuro até à entrada, ajudando depois a mulher a deitar-se nele.

Quando tirou a capa à mulher, susteve a respiração. A barriga da mulher estava distendida, inchada e redonda como um melão. Grávida, pensou Hazel. E de entre as pernas dela saía uma torrente de sangue, que já tinha ensopado as ceroulas e a camisa de noite.

Os olhos da mulher estremeceram e fecharam-se. As suas pálpebras estavam tão pálidas que eram quase brancas.

E o sangue também lhe tinha desaparecido do rosto. Fazia lembrar a Hazel uma máscara de morte.

Não havia nenhum cavalo no exterior, nem nenhuma carruagem. A mulher devia ter vindo a pé só Deus sabia de onde, cheia de frio e às escuras, tropeçando nas raízes e nos desvios do caminho que levava à porta da frente do castelo. Era um caminho traiçoeiro à luz do dia; Hazel não podia imaginar o terror de percorrê-lo sozinha, numa noite sem lua, a cambalear e a perder tanto sangue e a ficar com a visão turva.

– Temos de te tirar esse vestido. Toma – Hazel despiu o seu roupão –, vamos vestir-te isto. – Ajudou a mulher a despir o vestido e depois a *chemise*. Estavam ambos ensopados em sangue e suor e cobertos de lama até aos joelhos.

Hazel susteve a respiração quando viu a quantidade de sangue que cobria a parte de dentro das coxas da mulher, fresco e vermelho brilhante.

– Vai correr tudo bem – disse Hazel, tanto para si mesma como para a sua nova doente. – Como é que te chamas? – Usou um pano limpo para lhe limpar o suor da testa; Hazel ficou surpreendida ao ver que ela não tinha febre. Tanto o suor como a pele por baixo dele estavam frios como se ela estivesse morta.

– Não posso ter este bebé – disse a mulher em voz baixa. Abanou a

cabeça para trás e para a frente, enquanto as lágrimas lhe corriam pelas faces. Hazel conseguiu ver que ela tinha sardas por baixo da sujidade. – Não posso. Não posso. Não posso.

– Vai correr tudo bem – repetiu Hazel. – Mas, por favor, diz-me como é que te chamas.

A mulher tornou a abanar a cabeça. Tinha os olhos cheios de lágrimas.

– Não posso dizer-lhe o meu nome. – Começou a tremer, apesar de Hazel ter acendido a lareira e de estar um calor sufocante no quarto. – Tenho tanto medo de morrer.

Tinha os olhos esbugalhados, e Hazel reparou que as pupilas dela eram pretas e redondas como pires. Tinha pensado que era um sinal do medo da mulher, mas quanto mais Hazel olhava para os olhos dela, mais se convenciu de que havia qualquer coisa de estranho na forma como eles pareciam não captar a luz, na forma como suas pupilas pareciam vibrar e tremer.

– Tomaste alguma coisa? – perguntou Hazel, tentando suprimir o tremor na sua voz. – Tomaste alguma coisa, tinturas, ervas?

A mulher respondeu por entre soluços.

– Não posso ter este bebé. Não posso ter este bebé.

Hazel engoliu a custo e continuou a dar palmadinhas na testa da mulher com um pano húmido.

– Por favor. Só preciso de saber o que é que tomaste. Vou tentar ajudar-te.

A mulher fechou os dentes e murmurou:

– Calomel. E também... mercúrio. E... folhas de poejo.

Hazel reconheceu os nomes instantaneamente. Eram todos tratamentos que as mulheres passavam entre si como sombras, frascos escondidos dentro das mangas e sob as capas. O tipo de medicamentos que chegava a lojas sem nome e apenas com endereços de becos; de homens sem dentes, que cobravam demasiado dinheiro por dedais de tinturas vertidas de garrafas cobertas de pó e pela promessa de não contarem às autoridades. Tratamentos em que as mulheres pobres

gastavam as suas parcas poupanças; que os homens ricos arranjavam para as suas filhas e amantes.

Calomel. Mercúrio. Poejo.

Tomar uma única dose de apenas um deles teria sido suficiente para manter aquela mulher na cama durante uma semana, deitada de costas, enquanto todo o seu corpo era percorrido por câibras. Tomar os três... Bem, ela devia estar mesmo desesperada, pensou Hazel. Mais do que desesperada. Aterrorizada ao ponto de cometer tal loucura.

Não era de admirar que a mulher se recusasse a dizer o nome a Hazel: uma acusação de induzir intencionalmente um aborto faria com que uma mulher ficasse presa o resto da vida. Hazel olhou para a barriga da mulher, tentou avaliar de quanto tempo ela estaria grávida. Não conseguiu perceber, mas sabia muito bem que se a mulher fosse apanhada, a pena podia até ser a força.

– Eu não podia ter este bebé – disse outra vez a mulher pequenina.
– Ele forçou-me... Eu nunca teria... Não podia...

– Psiu – disse Hazel, afastando-lhe da cara o cabelo molhado. – Agora silêncio. Aqui estás em segurança. Vou cuidar de ti.

Os olhos da mulher fecharam-se, com as pálpebras a estremecerem, com as veias visíveis e rosadas, e Hazel temeu o pior até que ouviu a palpação fraca da mulher por debaixo do esterno. Eram batimentos fracos mas persistentes, como uma corda que a prendia ao mundo, apesar de todo o sofrimento que ele lhe tinha causado.

Hazel vigiou a mulher no sofá da sala da frente durante toda a noite, com medo de que, se a movesse mais do que alguns centímetros, a sorte ou a misericórdia que a tinham mantido viva até àquele momento a abandonassem. De vez em quando, Hazel aproximava um copo de água fria dos lábios da mulher pálida e tentava fazê-la beber. Mesmo com a lareira acesa, a mulher continuava a tremer, e a sua pele mantinha-se fria ao toque. Hazel tinha embrulhado a desconhecida na colcha da sua própria cama.

Charles e Iona chegaram a Hawthornden no dia seguinte, mas a

sua alegria dissolveu-se como fumo quando entraram no átrio principal e viram a cena sombria que estava à sua frente. Hazel mandou o criado começar a preparar o chá, e disse à sua criada para ir buscar roupa de cama lavada, e ambos obedeceram em silêncio. Foi só depois de Iona e Charles voltarem das suas tarefas, ajudando a cuidar da mulher sem nome, que Hazel se sentiu finalmente à vontade para dormir um pouco.

Iona e Charles ficaram na casa, comunicando em silêncio como os casais sabem fazer, e cuidando de Hazel enquanto ela cuidava da doente.

– Precisa de comer, Menina – disse Iona, oferecendo a Hazel uma fatia de pão escuro. – Pronto, então só a côdea. Com manteiga.

– Chá quente – murmurou Charles, antes de ir cuidar da lareira da entrada para a manter quente. O chá que ele lhe levou estava espesso de tanto mel e terrivelmente doce; mas, ainda assim, Hazel bebeu-o avidamente.

– Sabes, sempre achei que mel no chá era uma espécie de fraqueza moral – comentou Hazel, esvaziando a chávena. – E agora não consigo lembrar-me porquê. É *bom*, não é? As pessoas sabem como é bom? O mel dá um sabor tão bom ao chá.

– Sim, acho que as pessoas sabem, Menina – disse Charles, tornando a encher a chávena e juntando uma boa colherada de mel.

– Bem, eu não sabia – murmurou Hazel e voltou para as anotações que tinha estado a fazer, documentando o estado da doente a cada hora. A mulher nunca lhe disse como se chamava, e então Hazel começou a referir-se a ela como Mary.

Durante dois dias seguidos, Mary permaneceu à beira da morte – inconsciente e mal conseguindo comer ou beber as colheradas que Hazel aproximava dos seus lábios brancos e pálidos. No terceiro dia, numa manhã em que o sol se ergueu no céu amarelo como uma gema de ovo, a mulher finalmente melhorou o suficiente para se sentar. A desconhecida continuou a não dizer o seu nome a Hazel e, por isso, continuou a ser Mary, e também se recusou a responder a qualquer

uma das outras perguntas que Hazel lhe tinha feito: Onde é que vives? Onde é que trabalhas? Hazel sabia que não podia fazer a única pergunta, cuja resposta queria realmente saber: *Quem te engravidou, e ele magoou-te?*

Pelo medo nos olhos da mulher, pelo modo como os seus olhos percorriam a sala como os de um animal enjaulado, Hazel adivinhou que era alguém poderoso. O dono de uma casa onde ela trabalhava, um capataz – até mesmo um padre, pensou Hazel, ao ouvir os murmúrios da mulher a rezar na cama uma manhã. Não era raro os homens do clero terem filhos fora do casamento. Alguns até tinham o descaramento de dar os perfilhar.

Fosse quem fosse, Hazel sabia que ele tinha maltratado aquela mulher, e quando Hazel a imaginava a voltar para onde quer que fosse, ela mesma rezava para que o homem não estivesse lá, e que não tivesse nenhum poder sobre ela.

– Não posso pagar-lhe – declarou Mary numa manhã, uma semana depois de ter chegado. Nessa altura, Hazel e Charles já tinham conseguido ajudar Mary a subir as escadas para um dos quartos de hóspedes de Hawthornden. Hazel tinha entrado no quarto, com uma chávena de chá na mão. Agora que o rosto de Mary já tinha recuperado alguma cor, Hazel descobriu que ela parecia realmente um rato – com umas feições pequenas e redondas e umas pestanas pálidas.

– Garanto-te – disse Hazel delicadamente, enquanto pousava o pires na cómoda –, que não cobro nada pelo chá em minha casa.

Os olhos da mulher ficaram ensombrados, e ela olhou para a janela.

– Não é por nada disso, quero eu dizer. Eu só vim porque estava desesperada. Ouvi dizer que havia uma mulher na mansão da colina, que é a senhora, suponho eu, que tratava as pessoas. Mas eu não tenho quase nada.

– E, se tivesses, eu não aceitava. – Hazel respirou fundo e sentou-se a um canto da cama. – As coisas que tomaste para te livrares da criança... há pessoas que podem pôr-te em apuros por causa disso,

percebes? Sei que não podes dizer-me onde trabalhas nem onde moras, mas alguém sabia que estavas grávida? – A boca de Mary tornou-se uma linha dura e apertada. Ela acenou com a cabeça. – É melhor não dizeres nada – disse Hazel. – E se alguém perguntar, podes dizer que perdeste a criança. É uma coisa que acontece todos os dias.

Mary foi subitamente tomada pelo terror.

– A minha senhoria... foi ela que me disse onde é que eu podia arranjar os medicamentos. Onde devia ir comprá-los.

– Ela é de confiança?

– Bem, ela pediu-me um bom dinheiro para me dar a informação – respondeu Mary.

Hazel tentou forçar os seus lábios a esboçarem um sorriso reconfortante.

– Vais ficar bem – disse a Mary. – O mais importante é isso. Certifica-te de que continuas apenas a comer coisas suaves, como papas. Nada de queijo ou carne durante algumas semanas. Quando te sentires pronta para voltar para casa, ficas a saber que se a hemorragia voltar, sabes onde me encontrar.

Do corredor, Iona observou toda a conversa através da porta entreaberta. Estava a torcer um pano nas mãos. Quando Hazel saiu, fechando a porta com cuidado atrás de si, Iona aproximou-se.

– Isso é perigoso, Menina – disse-lhe.

Hazel franziu as sobrancelhas, a fingir que não estava a perceber.

– Não sei do que estás a falar. Ela não tem nenhuma doença contagiosa.

Iona respirou fundo pelo nariz. Uma das suas mãos ergueu-se, quase involuntariamente, para a sua barriga de grávida e depois caiu.

– Se for depois de a mulher começar a sentir os pontapés do bebé, é condenada à força, tal como o médico. Lembro-me de um enforcamento em Grassmarket de uma... – Engoliu com força, obrigando-se a dizer a palavra – ... *abortadeira*. – Estremeceu. – E foi há poucos anos. São *criminosas*.

Hazel deu uma gargalhada.

– Com franqueza, Iona. Eu não sou uma criminosa. Sabes perfeitamente que não tenho estômago para isso. – Iona não se riu. Hazel continuou. – Limitei-me a tratar uma mulher que veio a minha casa pedir ajuda. Agora, isso é crime?

Iona continuou a torcer o pano da loiça que tinha nas mãos.

– É perigoso, só isso. As pessoas começam a desconfiar e a fazer perguntas. As pessoas já andam a fazer perguntas, sendo a Menina uma *Lady* e tudo. Eu ouço os sussurros.

Foi a vez de Hazel ficar surpreendida.

– Que sussurros? – Hazel sabia que havia bisbilhotices sobre ela, claro que havia. De que outra forma podiam pessoas como o conde de Hammond mandar chamá-la? Mas ela tinha imaginado que essas bisbilhotices estavam confinadas a salas de estar e a camarotes no teatro, o tipo de lugares onde pessoas como o seu primo Bernard e sua nova esposa se exibiam umas para as outras. Eram as pessoas com quem ela tinha passado uma vida inteira, em várias festas e almoços e chás. Para eles, ela era uma curiosidade, e provavelmente sê-lo-ia para sempre.

Mas havia algo de inquietante nos mexericos que chegavam a pessoas como Iona – a ideia de que havia pessoas a falar dela nos mercados ou nos *pubs* de Edimburgo. Estranhos que a conheciam e não a conheciam. Que podiam distorcer a imagem dela nas suas mentes e transformá-la em algo que não era.

Iona não conseguiu olhá-la nos olhos.

– As pessoas dizem que não está certo. Uma *lady* ser doutora, é isso.

Hazel compôs a sua expressão e impôs-se.

– As pessoas andam a falar há muito tempo, acho eu. E tenho a certeza de que vão continuar a falar. E isso não vai fazer a mínima diferença no que eu faço. E agora, se me dás licença, tenho de tomar notas sobre a doente que estou a tratar.

Hazel passou por Iona e desceu as escadas, de volta ao átrio da casa e saiu pela porta da frente, em direção à entrada do laboratório.

Iona ficou no andar de cima, a ver Hazel sair.

The Edinburgh Guardian

21 de março de 1818

SAÚDE FRÁGIL DA PRINCESA ASSUSTA A NAÇÃO

Toda a Grã-Bretanha permanece num estado de medo e ansiedade ao ouvir relatos de que Charlotte, a Princesa de Gales, está novamente doente. Há vários anos, a nação ficou em suspenso quando a Princesa ficou confinada aos seus aposentos, com a doença conhecida como febre romana. Atualmente, informações vindas do Palácio sugerem que a Princesa se retirou mais uma vez para Warwick House e não pode fazer aparições públicas, embora multidões de simpatizantes tenham aparecido à sua janela.

A popularidade da Princesa entre as pessoas comuns da cidade deve-se em parte à sua política: A Princesa Charlotte tem sido uma aliada próxima da minoria, os Whigs, o partido progressista que defende a reforma laboral e os direitos dos trabalhadores. As suas inclinações políticas levaram-na ocasionalmente a estar em desacordo com o seu pai, o Príncipe Regente, que se identifica como um conservador Tory.

É a única neta legítima do Rei George III, e a linha de sucessão depende dela, embora a Princesa tenha terminado o seu noivado com William, Príncipe Herdeiro de Orange, por razões que algumas fontes acreditam ser devidas à sua doença.

Rezamos pela sua rápida recuperação e pelo restabelecimento da sua saúde.

O novo tratado estava a ocupar a maior parte do tempo de Hazel; conseguia absorver todas as horas que ela não gastava a comer ou a dormir ou a tratar doentes.

Em retrospectiva, Hazel podia amaldiçoar-se pelas anotações que tinha feito no ano anterior, quando Jack lhe trazia os cadáveres para dissecar. Era tamanha a vertigem que a emoção de tudo aquilo lhe causava, a novidade e a estranheza, que as suas anotações tinham sido desordenadas ou inexistentes.

Porque não tinha desenhado diagramas mais claros, então? Porque eram tão grossas e desleixadas as suas linhas de tinta? Agora tinha o hábito de manter um diário claro e organizado de todos os seus doentes, dos seus sintomas e do tratamento que recomendara:

Martin Potter. Braço partido, inchaço e infeção, obrigando a drenagem e a recolocação do osso.

Robert Parlake. Dentes escurecidos, a terem de ser arrancados.

«Mary.» Envenenamento, autoinfligido: calomelo, mercúrio, poejo. Necessita de caldo de carvão, dieta líquida, repouso. Chá de anis e papoila. Amora para dormir.

Foram precisos 10 dias, mas finalmente Mary ficou com forças suficientes para se levantar da cama e se juntar a Hazel numa caminhada pelo riacho: apoiou-se pesadamente no braço de Hazel, com as pernas instáveis como as de um potro recém-nascido. Passaram-se mais dois dias depois disso até que Hazel achasse que ela estava em condições de deixar Hawthornden. Hazel tinha preparado uma pequena sacola para Mary com pão e queijo, e insistiu que ela fosse na sua carruagem para casa.

– É demasiado – tinha dito Mary, abanando a cabeça.

– Que disparate – retorquira Hazel. – Qual é o sentido de passar duas semanas a cuidar da tua saúde para depois gastares as tuas forças na caminhada de volta ao centro da cidade?

Mary tinha apenas piscado as suas pálidas pestanas e tirado a sacola da comida dos braços de Hazel como se estivesse com medo de que Hazel pensasse melhor sobre a oferta.

– Boa viagem. Já vai tarde – murmurara Iona, enquanto viam a carruagem chegar ao cimo da estrada.

À medida que a sua lista de doentes crescia, também crescia o inventário de doenças e remédios de Hazel para o seu tratado: ventosas para paroxismos; pão de milho e tâmaras para tratar um excesso de bílis negra; arruda e endro para a bílis amarela; para o lúpus, malva e urtigas; vinho quente para tratar amígdalas inflamadas; peixe salgado, funcho e cominhos para a febre. Se alguém precisava de descansar e estava sempre a acordar, ela dava-lhe amora e alface. Se alguém precisava de mais energia, ela usava tomilho e hortelã.

E assim por diante.

Quando Hazel tivesse compilado casos suficientes, iria organizá-los e indexá-los por categoria. Por fim, esperava que fosse o suficiente para interessar uma editora, apesar de compreender que provavelmente nunca seria publicado com o seu próprio nome. Provavelmente nem sequer lhe seria concedido o privilégio da autora que escrevera *Sensibilidade e Bom Senso*, que pelo menos fora identificada como «Uma Senhora.» A ideia de uma mulher escrever um romance poderia ser embaraçosa para a sua família, mas não era um escândalo. Mas um romance e um texto médico eram coisas diferentes, e a disponibilidade dos homens para permitirem a entrada de mulheres em espaços profissionais estender-se-ia apenas até certo ponto. *Que o publiquem anonimamente*, pensou Hazel numa atitude de grande generosidade. *Não importa se os créditos não forem meus, desde que esta obra valiosa esteja no mundo.* Repetia estes pensamentos para si mesma como um sermão austero, a fim de dissipar a verdade

incômoda que ela sabia lá no fundo: ficaria louca ao ver o seu trabalho publicado e elogiado, mas sem receber qualquer reconhecimento.

Duas pancadas suaves e familiares na porta trouxeram Hazel de volta dos seus pensamentos. Sem esperar pela resposta de Hazel, Iona abriu a porta e entrou, com uma bandeja com o pequeno-almoço. Já era de manhã. Hazel tinha passado a noite toda a trabalhar. Mais uma vez.

– Chá e uma torrada, Menina – disse Iona, pousando a bandeja na mesa enquanto Hazel afastava rapidamente os seus papéis. – E a Cozinheira fez doce de amora.

– Que bom – exclamou Hazel, surpreendida pela facilidade com que os pequenos prazeres da vida, a promessa de um doce de amora acabado de fazer, melhoravam imediatamente o seu estado de espírito. A torrada estava queimada nas pontas, tal como ela gostava. – Obrigada, Iona.

A criada baixou a cabeça.

– E uma carta para si.

Hazel olhou para baixo e reparou no lindo papiro que estava sobre a bandeja, grosso e selado com lacre vermelho. Iona ficou à espera, com expectativa.

– Não vai abri-la? Foi entregue hoje de manhã por um criado de libré, num envelope dourado. Numa carruagem muito chique. O Charles ainda não deixou de falar disso. As rodas eram grandes como o traseiro de um cavalo.

Num movimento rápido, Hazel quebrou o selo e abriu-o.

– É da Mercer... da Condessa de Flauat. Ela e o conde vão oferecer uma... – Hazel parou de ler, dobrou a carta e guardou-a num dos bolsos da saia. Para ela, uma das vantagens do vestuário feminino na sua profissão era a utilização de bolsos exteriores; às vezes, Hazel prendia dois ou três nas suas saias para guardar as canetas, o tinteiro, o caderno, agulhas e bisturis. Tinha ervas secas espalhadas por todos eles.

– É um convite para quê, Menina? – perguntou Iona. – Tem de ir! Há que tempos que não...

– Que não sou convidada para nenhum evento social, queres tu dizer.

Iona ficou corada como um tomate.

– O que eu quero dizer é que é um bom sinal uma mulher como a condessa estar a convidá-la para casa dela.

– Ou então é um sinal de que querem que eu vá para se divertirem. Talvez haja falta de mexericos nesta temporada.

– Tenho a certeza de que isso não é verdade, Menina. É amiga da Menina Elphinstone... da condessa, quero eu dizer.

Iona tinha razão: Hazel e Margaret Elphinstone – que todos tratavam por Mercer – eram amigas ou, pelo menos, eram o tipo de conhecidas que ficavam ao pé uma da outra nas festas e tocavam ao de leve no braço uma da outra para chamar a atenção quando algo de ridículo acontecia. Mas a sua correspondência tinha diminuído desde... desde a morte de George. Quando Hazel e Hawthornden tinham ficado de luto, a maior parte das suas amizades e da sua correspondência tinha caído no esquecimento. E depois Hazel tinha-se fixado na Sociedade dos Anatomistas e em passar no Exame Médico – tudo o resto tinha passado para segundo plano. Tinha escrito uma carta a Mercer a dar-lhe os parabéns aquando do seu casamento com o conde francês mas, considerando o tempo que Mercer passava em Londres, já não deviam ver-se pessoalmente há anos. Hazel lembrava-se dela como deliciosamente barulhenta e cheia de vida, a primeira a exigir que os rapazes que pairavam timidamente encostados às paredes da sala se juntassem às senhoras para dançarem e rapidamente roubarem uma garrafa de champanhe.

– Então, para que está ela a convidá-la, Menina? – insistiu Iona. Hazel tirou a carta do bolso com um suspiro. – É uma apresentação privada de uma ópera, em casa dela. Enquanto lia o convite, tentou sem sucesso impedir que a sua voz transmitisse o entusiasmo que ele estava a despertar-lhe. – Foi uma ópera que ela viu quando se estreou

em Londres em março passado, uma ópera de Rossini, *O Barbeiro de Sevilha*.

Iona deu uma gargalhada.

– Uma ópera? Sobre um barbeiro?

– E convidou o Luigi Zamboni e a Geltrude Righetti-Giorgi... – Hazel pousou o convite. – Oh, Iona. Bem, agora acho que tenho de ir.

– São seus amigos?

– São cantores *famosos*, Iona. Ou seja, brilhantes. Vozes que te fariam chorar, se as ouvisses.

– Então, está decidido! Vou preparar-lhe um vestido.

– Não digas isso. Não é assim tão simples. Vão sussurrar. – Hazel começou a andar de um lado para o outro. – Claro – acrescentou, – também vão sussurrar se eu *não* for. É aí que está o busílis da questão. – Rodopiou sobre os calcanhares. – Tenho de ir, não é?

Iona acenou com a cabeça.

– Pensando bem, quando é que a Menina se importou com o que as pessoas sussurram sobre si?

Hazel fez um sorriso rasgado.

– Acho que vai saber-lhe bem sair de casa e ver os seus amigos, Menina – disse Iona. – Mas não se esqueça, hum... de limpar o sangue dos pulsos antes de ir.

Hazel limpou o sangue dos pulsos e o sangue que se tinha acumulado debaixo das unhas. Ficou tanto tempo na banheira que a água ficou castanha. Depois de se enxugar, escovou os seus longos cabelos – estava *mesmo* comprido, quase até à cintura, tinha de o cortar – e vestiu-se. Conhecendo Mercer, sabia que seria um acontecimento elegante, cheio de franceses que tinham abandonado o seu país natal depois da queda de Napoleão, mas não tinham perdido o sentido de superioridade e o estilo sobranceiro.

No seu trabalho diário, Hazel preferia meias de algodão e corpetes por baixo dos vestidos, mas naquela noite ia usar meias de seda e um corpete que a apertasse como uma armadura de batalha.

Iona ajudou-a a vestir a sua *chemisette* preferida – de um tecido

branco leve com uma gola alta aos folhos – e depois, finalmente, o vestido. Durante anos, o luto tinha transformado a mãe de Hazel num fantasma, quase silenciosa e completamente egocêntrica, ignorando Hazel tanto quanto era possível. O que significava que, ao longo desses anos, Hazel tinha usado vestidos que tinham sido da mãe ou eram de estações passadas, tendo estado demasiado absorta para encomendar vestidos novos para Hazel, e sendo Hazel demasiado nova para saber como fazê-lo.

Mas havia um vestido que a mãe tinha escolhido para ela com todo o cuidado e atenção. Há vários meses, quando Lady Sinnett previra que Hazel ficaria noiva de Bernard e andaria a circular pelos salões da sociedade pelo braço dele, Lady Sinnett mandara as medidas de Hazel para a senhora Thire, na Fleet Street, em Londres.

– Vai precisar, pelo menos, de algo adequado para uma baronesa – lembrava-se Hazel de a mãe dizer, a fungar. O noivado nunca chegou a acontecer, mas talvez a sua mãe se tivesse esquecido do pedido, porque há poucas semanas, a caixa tinha chegado, embrulhada em fita roxa. Hazel limitou-se a pô-la debaixo do seu guarda-roupa, sem a abrir. Não tinha tido motivo, nem coragem, para a abrir. Mas resolveu puxá-la para cima da cama, soprou a poeira da tampa, e tirou cuidadosamente o papel que cobria o fino tecido por baixo.

Era um vestido de baile em calêndula, amarelo-alaranjado, brilhante como um sol poente. O tecido brilhava com a luz das chamas das velas. As mangas eram tufadas e transparentes, tão delicadas que Hazel lhes tocou apenas com as pontas dos dedos. Por um pequeno instante, a mente de Hazel voltou para o vestido verde que estava no fundo de seu armário, aquele que já tinha usado numa dúzia de aparições sociais. Era um vestido simples – inquestionável, até – e confortável como uma camisa de noite.

Mas então o vestido de calêndula brilhou sob a luz da vela e Hazel não conseguiu resistir. Enfiou o vestido, frio como água contra a sua pele, e fez um beicinho à frente do espelho. Não havia nenhuma regra que dissesse que uma cirurgiã não podia usar coisas bonitas, pois não?

O facto de se dedicar a uma profissão não significava que não pudesse provar que era tão capaz de usar um vestido como qualquer uma das francesas que se dignavam a passear por Edimburgo.

Tinha de admitir para si própria que, quando se virou e rodou a saia em frente do espelho, o efeito foi deslumbrante. Depois de semanas a usar apenas vestidos pretos de algodão e calças de homem, tinha-se esquecido de que quase podia parecer bonita – que a cor do vestido podia realçar o rosa das suas faces e o âmbar dos seus olhos. O marido de Iona, Charles, quase tropeçou nos próprios pés quando viu Hazel descer as escadas.

– Importas-te de mandar vir a carruagem, Charles? – disse Hazel, pondo a capa por cima dos ombros. A capa não estava tão na moda como um casaco moderno, mas Hazel não conseguia separar-se dela. – Não acho que seja prudente fazer a viagem a pé até Edimburgo com este vestido.

Charles abanou a cabeça e saiu a correr para chamar o cocheiro.



Bem lá no fundo da sua mente, Hazel tinha considerado a possibilidade abstrata de o seu primo Bernard Almont e sua nova esposa, Cecília, poderem estar na festa naquela noite, mas quando os viu a saírem cuidadosamente da carruagem, um depois do outro quando chegaram à propriedade da condessa, Hazel não tinha previsto o nó que sentiria no estômago nem como a sua língua ficaria subitamente seca. Não conseguia engolir. Se não estivesse outra carruagem atrás da sua, a bloqueá-la na entrada, ela podia ter dito ao cocheiro para dar meia-volta e levá-la para casa. Mas era demasiado tarde para isso. Ela estava ali, com um vestido Thire, por amor de Deus, e ia ouvir ópera. Bernard não devia ter o poder de o impedir.

Os olhares dos convidados da festa pareciam furar a pele de Hazel. Obrigou-se a manter a cabeça erguida e os ombros direitos. Talvez eles estivessem apenas impressionados com o seu vestido.

Hazel avistou uma velha amiga da sua mãe a aproximar-se da entrada.

– Olá, Lady Bridgers, que bom vê-la novamente – disse Hazel.

O rosto de Lady Bridgers contraiu-se por um breve momento ao reconhecê-la e afastou-se logo.

O mesmo padrão repetiu-se com mais dois convidados, homens e mulheres que Hazel já conhecia e com quem já tinha socializado. Parecia haver um entendimento universal de que a rebelião dela era perigosa, possivelmente contagiosa. As conversas paravam assim que Hazel se aproximava, o que mostrava que os mexericos eram sobre ela.

E, assim, quando Hazel entrou, encaminhou-se logo para o champanhe e concentrou a sua atenção na mansão elegantemente decorada de Mercer. Era uma beleza histórica – um edifício de pedra construído no século XVI que se tinha expandido para fora, com torres, um jardim murado e um pátio iluminado por tochas. No interior, o som dos cavalos e das carruagens desapareceu e foi substituído pelo tilintar dos vidros e pelas gargalhadas. Bernard e Cecília tinham desaparecido algures no meio da multidão. Hazel bebeu uma taça cheia de vinho antes mesmo de o provar.

E então, do outro lado do salão de baile, Hazel viu um laivo flutuante de cabelo preto. O seu coração começou a bater com força. Ele estava ali. Jack tinha vindo ao seu encontro. Ele estava de costas e, embora estivesse vestido com uma jaqueta bordada que Hazel nunca tinha visto, os seus membros eram longos e ágeis como ela se lembrava, a postura dele e a curva de seu pescoço eram exatamente como ela tinha visto nos seus sonhos. Subitamente, sentiu a boca ficar seca e o sangue palpitava nos seus ouvidos. Jack estava ali, na festa de Mercer Elphinstone, e a qualquer momento, voltar-se-ia, e ela veria o sorriso que tinha alegrado o seu pensamento milhares de vezes, e ele estenderia as mãos e puxá-la-ia para junto de si, e a dor de o ter perdido ou a solidão dos últimos meses nada importariam porque ela estaria novamente com Jack.

Jack voltou-se e Hazel susteve a respiração em antecipação.

Não era ele.

Era um desconhecido com um nariz longo e fino e uns olhos profundos, pelo menos 30 anos mais velho do que Hazel. Um desconhecido perfeitamente bonito com membros longos e cabelo preto, mas ainda assim um desconhecido.

Tinha sido tola. Era ilógico e disparatado deixar-se levar pelas suas fantasias. Quer Jack tivesse ou não sobrevivido ao seu enforcamento, ele tinha desaparecido. E esperar que ele voltasse a aparecer era apenas prolongar a sua dor. Sempre que a ferida da perda dele começava a cicatrizar, Hazel arrancava a crosta e deixava-a a sangrar de novo.

Ela tinha de crescer.

Pestanejando para afastar as lágrimas, Hazel entreviu a sua anfitriã por entre a massa de vestidos de tons pastel.

– Mercer!

Margaret Mercer Elphinstone virou-se para Hazel. O vestido dela era branco e esvoaçante, e poderia ter parecido informal, se não fosse pela elaborada gola de renda Medici que se estendia atrás do pescoço, e pelo facto de ela usar o vestido com um pente de pedras preciosas douradas nos seus caracóis apertados e vários colares pesados de pérolas. O rosto dela estava a sorrir, mas era um sorriso que disfarçava uma ligeira confusão.

– Hazel! – exclamou Mercer alegremente, mas os seus olhos continuaram a dardejar pelo salão. – Eu... não esperava que viesses.

– Não podia perder a oportunidade de ouvir a ópera.

O rosto da condessa ficou mais descontraído.

– Claro. – Inclinou-se e deu dois beijos nas faces de Hazel.

– Estou encantada por estares aqui. Tenho falado *imenso* de ti. É verdade, pergunta ao Charles, a nossa lua-de-mel tornou-se um *tédio* por eu falar tantas vezes da minha querida amiga Hazel Sinnett, e ouviste alguma coisa da Hazel Sinnett, e *de certeza* que eu te falei da Hazel Sinnett. – Mercer deu um passo atrás e pôs a mão no peito. – E

esse vestido! Ninguém te disse que é falta de educação estar mais bonita do que a anfitriã?

Com a atenção de Mercer, Hazel sentiu todo o salão ser atraído para ela. Sorriu para a anfitriã.

– Como se alguém conseguisse ofuscar-te, Mercer.

Mercer deu uma pequena volta e deixou que o seu próprio vestido rodopiasse e se espalhasse ao redor dela.

– Eu achava o meu vestido lindo até ver o teu, e agora vou ter de encomendar um dessa cor. Que cor é? Laranja? Amarelo?

– Na verdade, acho que é calêndula – respondeu uma voz vinda de trás de Hazel, e Hazel voltou-se e viu Bernard parado, numa atitude austera, e sozinho. – Menina Sinnett – acrescentou.

Por puro hábito, Hazel sentiu a sua mão levantar-se. Bernard segurou-a e beijou-a e, o mais rapidamente que pôde, voltou a pôr a mão ao lado do corpo. Hazel não o via há meses, não desde que ele tinha condenado Jack Curren à morte, por ciúme e cobardia. Escrevera cartas a Hazel que ela nem sequer abrisse e atirara instantaneamente para a lareira, e nas poucas ocasiões em que ele fora a Hawthornden para a visitar, Hazel dera instruções estritas ao criado de libré para lhe dizer que ela não recebia visitas. Bernard acabara por desistir e há algumas semanas Hazel tinha visto no jornal os anúncios de que ele tinha casado com Cecília Hartwick-Ellis, uma jovem encantadora que andava de olho nele e no seu título há anos.

Era estranho vê-lo agora, com um casaco formal, o cabelo penteado e a cheirar a pomada. Apesar de tudo, era *estranho* que ela não estivesse ali com ele, que não tivesse chegado de braço dado com ele e que não passasse a noite com ele a repor as suas bebidas. Era um hábito, os dois juntos. Sempre juntos desde a infância, tinham-se ficado confortáveis e à vontade como um par de chinelos preferido. Só uma verdadeira traição tinha sido suficientemente forte para quebrar esse laço e destruir os anos de companheirismo de uma forma amarga e inelutável.

Em tempos, Hazel tinha olhado para ele e visto o seu futuro – sim,

um futuro que acabaria por se tornar um jugo, mas um futuro inevitável como um nascer do sol. Agora, olhou para ele e sentiu a bÍlis subir-lhe à garganta. Tudo no rosto dele estava errado e horrível: o nariz bulboso, os olhos demasiado próximos, o colarinho ridiculamente apertado à volta do pescoço. Hazel odiava-o. Foi só quando Bernard pigarreou que ela percebeu que estava há um minuto diante dele, em silêncio e a ferver.

– Tive, hum, pena de que não pudesses ir ao meu casamento. O meu pai insistiu em contratar cinquenta violinistas para a copo-d'água. O bolo estava coberto de açúcar caramelizado. Sei que sempre gostaste de açúcar caramelizado.

Hazel manteve-se petrificada, incapaz de exibir o seu desdém seu rosto.

– Pensámos que talvez a tua mãe, Lady Sinnett, fosse ao casamento, mas... – continuou Bernard.

– Ainda está de luto, creio eu. Não está, Hazel? – interrompeu Mercer num ato de misericórdia.

Hazel acenou rigidamente com a cabeça. O luto formal pelo seu irmão George acabara há anos, mas Mercer sempre compreendera o estranho isolamento e o desgosto prolongado que se abatera sobre Hawthornden. Hazel murmurou um «obrigada» a Mercer, que a agarrou pelo cotovelo.

– Agora, Mr. Almont, se não se importa, tenho de apresentar a Hazel ao meu marido.

Assim que saíram da vista de Bernard, Mercer soltou o cotovelo de Hazel.

– Que rapaz horroroso. Sempre achei. Ainda bem que não ficaste atrelada a ele. Além disso – acrescentou, com os olhos a brilhar –, muito menos interessante do que uma vida na medicina.

Hazel sorriu.

Mercer aproximou-se mais dela.

– Tenho andado desejosa de te perguntar. Todos nós ouvimos histórias. É verdade que usavas as roupas do teu irmão? Quantas

peessoas já operaste? Desmaias quando vês sangue? Ainda te vestes de homem?

– É verdade, já operei dezenas, não desmaio e quase nunca me visto de homem.

Mercer pestanejou.

– Espantoso.

Nesse momento, um jovem alto com cabelo encaracolado que Hazel não reconheceu aproximou-se por trás da anfitriã.

– *Comtesse! Querrida!* – disse com um sotaque francês.

– Claude – cumprimentou-o Mercer educadamente. – Permita-me que lhe apresente a minha amiga, a Menina Hazel Sinnett.

O francês, Claude, acenou distraidamente com a cabeça, mas depois fez rapidamente uma dupla vénia, olhando para ela com os olhos muito abertos.

– É *elle* que...

– Ela mesmo – disse Hazel.

– Aha! – Claude deu uma gargalhada e pegou na mão de Hazel para a beijar. – Mercer, *ma chérie*, tens amigos *verdadeiramente* fascinantes. Uma *cirurgiã*, uma *Princesa*...

Mercer revirou os olhos.

– Ah, nunca te esqueces da Princesa, pois não?

– Ela está mesmo doente? E *porque* é que *elle* *quebrou* o noivado com Le Orange?

– Já te disse dezenas de vezes, Claude, que nem sequer escrevemos uma à outra desde que voltei da lua-de-mel. Sei tanto como tu. Mas digo-te que ela nunca gostou muito do Príncipe de Orange. A mãe dela detestava-o, e sabes que a Charlotte não gosta nada de contrariar a mãe, principalmente numa questão que agradaria tanto ao pai.

Hazel surpreendeu-se a si própria ao perguntar:

– Então, achas que a Princesa vai casar por amor?

Mercer expirou.

– Não – respondeu. – Quando a Princesa casar, será por *pragmatismo*.

Claude tirou duas flutes de champanhe da uma bandeja que ia a passar.

– É bom que se *aprrresse*. Ouvi dizer que os ingleses estão desejosos de terem um *herrdeirro*.

Mercer pegou numa das flutes.

– Nós *temos* um herdeiro. O Rei é avô de Charlotte, e o *pai* dela é o próximo na sucessão ao trono, e só *depois* disso é que Charlotte será rainha. Tem muito tempo para ter um filho.

Arqueando artisticamente as sobrançelas, Claude estabeleceu contacto visual com Hazel e, em silêncio, comunicaram o mesmo sentimento: o pai de Charlotte, o Príncipe Regente, era o homem que verdadeiramente governava o país enquanto George III estava louco – e era publicamente odiado.

O país queria a jovem e liberal Charlotte. E queriam a sua linhagem, o mais depressa possível.

Uma mulher com um vestido que parecia uma bolha amarela meteu-se na conversa.

– Acham que ela está muito doente? Ouvi dizer que a Princesa está outra vez às portas da morte e que se recusa a ser vista pelo médico.

– E pode levar-lhe isso a mal? – troçou Claude. – Esses médicos, *semprrre* a picar, a *corrtrar* e a *drrenar*. Tão maus como a *prróprpria* doença.

– A Charlotte sempre foi voluntariosa – disse Mercer. – Mas receio não saber mais sobre o estado dela do que os jornais semanais dizem. E como esta é a *minha* festa, digo-vos que não quero mais conversas sobre a Princesa. Ou sobre política. – Virando-se para o resto da sala, Mercer ergueu a voz e o copo: – Olá a todos! O concerto vai começar em breve, mas, primeiro, todos lá para fora, para o relvado da frente, para uma pequena surpresa!

A multidão obedeceu diligentemente e, presa na corrente de vestidos de noite de seda e cetim, Hazel saiu para o relvado. Tentou identificar rostos – pessoas que dantes conhecia, jovens com quem costumava frequentar as aulas de etiqueta, e talvez até mesmo rapazes

ao lado dos quais se sentara quando andava a fingir ser um rapaz nas aulas de medicina do Dr. Straine – mas todos os rostos se dissolveram e misturaram na escuridão.

Por um momento, os convidados da festa ficaram todos juntos, esfomeados e impacientes, a gracejar e a perguntar-se porque é que tinham sido levados para o ar frio da noite. Mas só por um momento. Ouviu-se um chiar estranho, e depois um estalido que fez rebentar os tímpanos, e o relvado e a propriedade e todos os rostos foram iluminados pelo brilho deslumbrante do fogo de artifício.

A multidão irrompeu em aplausos; Hazel juntou-se a eles. Não pôde evitá-lo. Era extraordinário – o fogo branco brilhante, ofuscante, transformado em algo que brilhava como os diamantes do pente da sua anfitriã. Hazel desviou a sua atenção do céu para observar as expressões nos rostos das pessoas que estavam perto dela, como olhavam para cima com a alegria e inocência de crianças. Hazel sorriu.

O fogo de artifício durou cinco minutos, e quando se deu a explosão final, as pessoas desataram aos vivas e a aplaudir. Através da névoa de pólvora, Hazel vislumbrou Mercer. Estava radiante, de braço dado com o marido, o *comte*, um francês alto com um bigode enrolado nas pontas.

– E agora – gritou Mercer – vamos voltar para dentro para o *verdadeiro* espetáculo! – Deslizou pelas portas e Hazel tentou segui-la, mas alguém pousou a mão no seu cotovelo.

Tentou libertar o cotovelo até que percebeu que a mão pertencia a um polícia. No seu casaco azul-marinho brilhavam uns botões dourados e calçava umas botas altas. Era um homem alto, com, pelo menos, um metro e oitenta, com o rosto e a careca vermelhos como beterraba. Hazel percebeu que não era um simples polícia; tinha chapéu de polícia alto, com um distintivo de bronze bem polido.

– Menina Hazel Sinnett? – perguntou o comissário corado. Tinha uma coisa amarela incrustada no canto da boca e um hálito fétido.

Hazel acenou com a cabeça.

– Fui a sua casa. A Hawthornden. É cá um castelo... – disse em tom de escárnio. – Disseram-me que a encontraria aqui.

O coração de Hazel começou a bater com força. O sangue parecia gritar nos seus ouvidos. Com quem é que ele teria falado – com Iona? Com Charles? O polícia agarrou-lhe o braço com mais força.

– E por que razão – disse Hazel, acalmando a voz – é que teve de vir procurar-me aqui? – O ar à volta deles tinha ficado parado, e o cheiro da boca dele era asfíxiante. Havia qualquer coisa de errado. Qualquer coisa de muito errado.

Algumas pessoas na multidão pareciam ter-se apercebido da interação; Bernard afastou-se de Cecília e dirigiu-se a Hazel e ao polícia.

– Perdoe-me, Sr. Guarda. – Bernard pigarreou. As suas sobrancelhas franziram-se, encontrando-se no meio da testa. – Esta menina é minha prima. Sobrinha de Lorde Almont. Certamente sabe o suficiente para tirar as *mãos* de cima de uma dama.

Hazel sentia-se simultaneamente humilhada e grata. Manteve os olhos colados aos dedos roxos do polícia ainda enrolados à volta do seu braço, recusando-se a dar a Bernard a satisfação de olhar para ele.

– Sei – disse o polícia, deslocando o seu corpo em direção a Bernard. – Até podia ser a Princesa de Gales. Esta mulher está presa por assassinato.

Da garganta de Hazel saiu uma gargalhada que mais parecia um latido. Não pôde evitá-lo.

– *Assassinato?* – disse com rispidez. – *Assassinato de quem?*

Bernard pestanejou algumas vezes.

– Certamente, há aqui algum tipo de mal-entendido. Pensar que uma *senhora* é capaz de...

O polícia ignorou Bernard e puxou Hazel para longe, subindo o caminho em direção a uma carruagem alta e preta, que os esperava. Hazel olhou de volta para a festa. Cecília tinha vindo para junto de Bernard, cujas sobrancelhas permaneciam juntas, de tão confuso que estava.

– Vamos embora – grunhiu o polícia, puxando Hazel com mais força, para mais longe do grupo de estranhos e conhecidos atónitos que assistiam à cena.

Foi então que Hazel tropeçou na bainha de seu lindo vestido calêndula, de cetim elegante costurado à mão, encomendado à Sra. Thire em Londres. Ouviu a bainha rasgar-se. Destruído. Mas o que é que isso importava? Um desconhecido tinha a mão à volta do seu braço e estava a empurrá-la para uma carruagem, alegando que estava a ser presa por homicídio e a levá-la para um sítio qualquer a meio da noite. Ainda assim, ouvir o vestido a rasgar-se foi o suficiente para arrancar Hazel do pavor abstrato de todo o cenário e fazer os seus olhos encherem-se de lágrimas.

O cheiro a pólvora do fogo de artifício era forte e metálico. Com um grito, o polícia fez os seus cavalos trotarem pela estrada de terra, em direção à Cidade Velha. Atrás deles, continuava a pairar o fumo do fogo de artifício, espesso, branco e opaco, perto do chão à volta da propriedade, iluminada pelas tochas e pelas velas. A festa ia-se encolhendo atrás deles com a distância, e Hazel, sem palavras e paralisada pelo medo, voltou a sua atenção para a escuridão da estrada à sua frente, com a mente a fervilhar, mas sem encontrar qualquer pensamento.

Hazel ia sentada na carruagem do oficial, com as mãos presas com grilhões, observando a paisagem escura a passar. Só quando já estavam de volta à estrada principal é que ela conseguiu abrandar o seu ritmo cardíaco o suficiente para pensar com clareza, e alguns minutos depois disso para ter a presença de espírito necessária para inclinar a cabeça para fora da janela e chamar a atenção do polícia alto que ia a conduzir a carruagem. O vento agitava-lhe o cabelo à volta da cara e a voz pareceu-lhe presa na garganta:

– Não pode ao menos tirar-me estes ferros? Não sou nenhuma assassina.

Ele ignorou-a, e a carruagem continuou a chocalhar pela rua coberta de pedras. Pelo que Hazel percebia, estavam a ir para norte mas, com a escuridão, não conseguia ter a certeza. Hazel pensou em fugir: a porta estava trancada do lado de fora, mas talvez pudesse sair pela janela? Quase de certeza que não e, mesmo que pudesse, até onde conseguiria ir com aqueles ferros? O guarda tinha o dobro do seu tamanho.

Depois de mais alguns momentos de silêncio agonizante, inclinou-se novamente para fora da janela.

– Desculpe. Pode ao menos dizer-me quem é que eu terei assassinado?

O luar brilhava na careca do guarda. Mais uma vez, ele recusou-se a olhar para ela mas, depois de um segundo de hesitação, pigarreou.

– Presumo que conheças uma mulher chamada Florence Fitzpatrick – respondeu, com bÍlis a pingar de cada sílaba.

Em meio segundo, o cérebro apavorado de Hazel, eletrificado com o medo, percorreu os nomes de todas as pessoas que ela já tinha conhecido e concluiu que nunca tinha conhecido ninguém chamado

Florence Fitzpatrick. Portanto, aquilo era um erro. Um pequeno fio de terror afrouxou e relaxou dentro dela. Não passava de um mal-entendido. Um erro. Seria resolvido.

– Eu não... – disse Hazel, com a voz estranhamente aguda e a ecoar nos seus ouvidos. – Eu não conheço essa pessoa. Vocês estão enganados.

O polícia alto fungou.

– Mmmhmm – disse.

Tinha de ser engano. Vasculhou metodicamente a sua memória. O nome era-lhe completamente estranho mas, ainda mais reconfortante, era o facto de nenhuma mulher ter morrido sob os seus cuidados nos últimos meses. Em janeiro, tinha removido um tumor a um homem chamado Billy Barber – tinha-lhe aberto a barriga, onde tinha aparecido um caroço de carne endurecido do tamanho de uma laranja e, para seu horror, os seus órgãos estavam salpicados de bubões, pretos e duros. Ela retirara o primeiro tumor e cosera a ferida, mas ele morrerá uma semana depois. Não podia ser disso que eles estavam a falar. Hazel tinha reconfortado a viúva chorosa e enviado flores para o funeral.

Talvez estivessem apenas a levá-la para algum lugar para interrogatório. Talvez nos próximos minutos eles chegassem à propriedade do Alto-Comissário em pessoa, e ele lhe desse uma chávena de chá e lhe tirasse os ferros dos pulsos, e todos se rissem do mal-entendido.

E foi então que Hazel a viu, no cume da colina, alta como uma fortaleza medieval, e soube que não estava a ir para uma casa senhorial para tomar chá, mas para Calton Gaol. Era uma prisão feita de pedra com torres que se erguiam sobre a Cidade Nova de Edimburgo. Tinha sido inaugurada há poucos anos, e Hazel lembrava-se de a ter apontado a Percy numa das suas raras viagens à cidade juntos. De longe, a estrutura imponente, a mais alta da zona, empoleirada no alto de uma colina coberta de ervas, parecia um castelo, e Percy, com as mãos pegajosas, tinha apontado para ela e

perguntado a Hazel se era lá que o Rei ficava a morar quando visitava a Escócia. Naquele dia, havia carroças a chocalharem à volta deles, vendedores a limparem as suas bancadas, e comerciantes a apregoarem o preço do peixe.

Hazel teve de baixar o rosto para junto do de Percy para falar com ele. Ele devia ter 4 ou 5 anos na altura.

– Não, Perce – respondera Hazel. – Aquele é um lugar para onde vão as pessoas muito más que maltratam outras pessoas. Não temos de nos preocupar com isso. – Também não precisavam de se preocupar com o facto de o Rei visitar a Escócia – o monarca não se dava ao trabalho de visitar a Escócia há quase dois séculos – mas Hazel não incomodou Percy com esse detalhe.

O que mais tinham feito naquele dia? Era tão difícil lembrar-se. Devia ter sido antes da morte de George, porque Hazel não conseguia lembrar-se de uma época em que ela e Percy tivessem passado o dia juntos na cidade depois de a sua família ter sido ensombrada pelo luto.

As rodas da carruagem deram um solavanco maior do que os outros, e Hazel deu um salto do assento e bateu com a cabeça no teto.

– Ai! – gritou.

– Silêncio aí atrás – foi a resposta do polícia, que sublinhou a sua ordem com uma pancada forte no teto da carruagem.

Hazel recostou-se. Aquilo era tudo um mal-entendido. Motivado, sem dúvida, por todos os rumores perigosos que circulavam sobre ela. Era uma mulher que tinha recusado um casamento e agora vivia sozinha, sem supervisão e a trabalhar como cirurgiã. Claro que as pessoas a viam com desconfiança. Uma figura de má fama. Uma ameaça, até. Mas Hazel não conhecia nenhuma Florence Fitzpatrick, e definitivamente não tinha assassinado nenhuma. Fechou os olhos e tentou repetir para si mesma que tudo se resolveria. O seu tio, a sua mãe, o seu pai. Eram pessoas proeminentes – pessoas com *títulos*. Pessoas que poderiam ajudá-la e provavelmente causar um bom embaraço à nova Força Policial de Edimburgo.

A carruagem subiu a estrada, e na escuridão, Calton Gaol foi-se tornando uma sombra que se agigantava. Tudo se resolveria, disse Hazel para si mesma. Tudo ficaria bem.

Depois de passaram pelos portões, apareceu um polícia que tirou Hazel da carruagem.

– Que vestido tão bonito – disse, esfregando os dedos grossos no tecido sobre o ombro de Hazel.

Ela afastou-se.

– Ai, vê lá! – tossiu, com um som cheio de catarro. – Que mau humor! – Lá dentro, Hazel foi metida numa sala de pedra vazia e mandaram-na mudar de roupa e vestir uma simples bata de algodão branco. Graças a Deus, o polícia tinha-lhe tirado os ferros e fechado a porta para lhe dar um momento de privacidade.

A sala estava húmida e cheirava a podridão e a dejetos humanos. Hazel quase vomitou quando enfiou a bata que lhe tinham dado: era áspera e grosseira, com manchas castanhas que fizeram Hazel ter a certeza de que não era a primeira a usá-lo. Quando acabou, o polícia voltou e tornou a prender-lhe os pulsos com ferros.

– Preciso de escrever uma carta – disse Hazel, encontrando a sua voz enquanto o polícia a escoltava por um longo corredor. – Aliás, várias cartas.

O polícia tornou a tossir.

– Não tenho nada a ver com isso. Só vou pôr-te na tua cela.

– Na minha *cela*? De certeza que não pode pôr-me numa *cela* sem ao menos explicar porque é que estou aqui! – Hazel continuava a repetir para si mesma que era um mal-entendido, de certeza que era um mal-entendido, mas os olhos estavam a encher-se-lhe de lágrimas.

O polícia tornou a tossir e tirou um lenço do bolso do peito e cuspiu para ele. Examinou o cuspo, depois dobrou o lenço e tornou a pô-lo no bolso.

– Sou apenas o polícia do turno da noite. Não trato de nada disso.

– Bem, *alguém deve ter o trabalho* de tratar disso.

– Sim – disse o polícia. – Mas eles só vêm de manhã. – E, ao dizer

isto, tirou uma chave de latão de uma argola no cinto e abriu a porta de uma pequena cela. Apenas com a luz da tocha do corredor, Hazel só conseguiu distinguir um pequeno catre e um penico. – Entra.

Entorpecida, Hazel obedeceu. O cheiro ia ficando mais forte à medida que avançavam mais para as entranhas da prisão. O que seria a sua cela cheirava tanto a mofo e a ferro que quase fez os seus olhos lacrimejarem.

– Pode ao menos tirar-me os ferros, não pode? – perguntou Hazel.

Iluminado por trás pelas tochas, o homem era agora apenas uma sombra e o seu rosto invisível na escuridão.

– Receio não ter permissão para fazer nada disso – respondeu o polícia. Voltou a tossir, soando quase como um pedido de desculpas.

– Afinal, o que é que *tem* permissão para fazer? – perguntou Hazel, odiando a constrição e o medo na sua voz.

Em resposta, o polícia fechou a porta e rodou a chave.

Hazel sentou-se no catre – na verdade, era apenas um pedaço de lona preso numa armação de madeira – e sentiu a exaustão e a confusão inundarem-na. Na escuridão, ouvindo o *ruído* surdo de água a pingar algures ao longe e o som débil de gritos, Hazel Sinnett permitiu-se chorar.

Não havia janela para o mundo exterior na cela. A única maneira que Hazel tinha de saber se era manhã ou noite era a mudança na luz que entrava pela pequena barra quadrada na pesada porta de madeira da cela. Duas vezes por dia – pelo menos, parecia ser duas vezes por dia – um polícia com a cara cheia de borbulhas chegava com uma bandeja com pão e um copo de água.

Há quanto tempo é que ela estava na cela? Já não conseguia dizer, mas ainda mais preocupante era o facto de Hazel não ter a menor ideia de quanto tempo mais ela *ficaria* na cela. Ninguém lhe tinha dito *quem* era Florence Fitzpatrick, nem como supostamente Hazel a teria matado. Hazel sentia que estava a começar a enlouquecer.

Tinha havido um gesto piedoso – o polícia tinha ido um dia à sua cela e presenteado Hazel com um pedaço de pergaminho e uma caneta com uma ponta romba.

– Tenho de ficar a ver-te escrevê-la – disse-lhe. Hazel não argumentou. Rasgou o pergaminho em três partes e escreveu rapidamente três cartas em cada uma das partes.

Os destinatários das cartas eram diferentes, mas o conteúdo era igual.

Por favor, ajudem-me. Fui presa por um Alto-Comissário e trazida para Calton Gaol sob falsas acusações. Tenho poucas oportunidades para escrever e ninguém me diz quando serei libertada. – Hazel Sinnett

Dobrou as cartas, tendo o cuidado de não borrar a tinta, e escreveu os nomes dos destinatários pretendidos do lado de fora: a sua mãe em Londres; o seu pai em Santa Helena; e seu tio, Lorde Almont, logo

abaixo da colina na Cidade Nova.

Assim que terminou o último traço no endereço do tio, o polícia tirou-lhe as cartas.

– Vai enviá-las, não vai? – disse Hazel. – Eu tenho esse direito, no mínimo, ou não?

O polícia limitou-se a soprar o ar pelo nariz e saiu, fechando a porta da cela com um estrondo pesado e deixando o tilintar da chave ecoar no ar.

Hazel tinha poucas esperanças de que as suas cartas para os pais fossem uma grande ajuda – a carta levaria dias a chegar a Londres, e muito mais para chegar a um navio e ser entregue em segurança ao comando da ilha onde o seu pai se encontrava. Mas a carta do tio podia ser diferente.

A qualquer momento, pensou Hazel para si própria nessa noite. *A qualquer momento*.

Na manhã seguinte, nada tinha mudado: ninguém tinha entrado de rompante na prisão, dizendo-lhes que tinham cometido um erro. Talvez a carta ainda não tivesse chegado ao tio dela; se tivesse, de certeza que Lorde Almont teria enviado ajuda.

A esperança de Hazel diminuía a cada hora que passava, a cada nova refeição que o polícia com a cara cheia de borbulhas lhe trazia. Já tinha tomado quatro refeições depois de ter escrito ao tio, e depois cinco e depois seis. Na sétima refeição de pão e água, Hazel já se tinha convencido de que eles não tinham enviado as cartas. Na décima, achou que o tio *tinha* lido a sua súplica, e decidido ignorá-la. De certeza que Iona sabia que ela tinha sido levada. Além disso, todos naquela festa a tinham visto ser presa. Talvez Bernard a odiasse mais do que Hazel imaginava. Talvez ele tivesse convencido o pai de que Hazel merecia apodrecer na prisão.

Não muito tempo depois de ter escrito as cartas, Hazel reparou que a sua visão estava a começar a escurecer nas extremidades. Teve pena de não ter trazido os seus cadernos de anotações para registar os seus sintomas à medida que iam aparecendo. Tentou lembrar-se deles e

repeti-los para si mesma: visão turva, cólicas estomacais, um suor tão intenso que de manhã, quando acordava, estava a bater os dentes de frio. Durante algumas manhãs seguidas, Hazel percebeu que estava demasiado fraca para se levantar do catre: o polícia entregava-lhe a comida e levava a refeição anterior intacta.

Estava com febre; tinha a certeza. Precisava de comida nutritiva, de muito descanso, e de água limpa, e não tinha nada disso; tudo o que tinha eram aquelas paredes frias e aquela cama dura e plana, e o tempo preso na sua própria cabeça para dizer a si própria que tinha de sobreviver, tinha de melhorar.

– Será que, pelo menos, tenho direito a um médico? – gemeu na escuridão. Precisou de todas as suas forças para dizer aquelas palavras, e ainda assim Hazel percebeu que elas saíram da sua boca pouco mais alto do que um sussurro. Ninguém na prisão a ouviu; ou ninguém se dignou a responder-lhe.

Hazel não morreria ali. Repetiu essa simples frase para si mesma vezes sem conta quando já estava demasiado fraca para que qualquer outro pensamento preenchesse a sua mente: Não vou morrer aqui. Não vou morrer aqui. Quatro palavras. Seis sílabas. Uma frase a que podia agarrar-se quando o mundo à sua volta estava gelado e a rodopiar. Não morreria ali. Tinha vindo de demasiado longe para morrer de febre.

E uma manhã, acordou, ainda molhada de suor, mas os seus membros já não estavam doridos e pesados. As suas pálpebras já não ardiam quando as fechava. Quando ouviu o polícia pôr o tabuleiro do pequeno-almoço na sua cela, apercebeu-se de que tinha apetite, pela primeira vez em vários dias. Rastejou até ao pão e deu pequenas dentadas para se alimentar. Não era muito, mas era qualquer coisa.

Hazel não se apercebera, mas o polícia com a cara cheia de borbulhas tinha ficado à espera do lado de fora da porta.

– Toma – sussurrou, empurrando para ela outro pedaço de pão. Hazel devorou-o como se fosse apenas ar.

Na manhã seguinte, quando o polícia lhe levou o pão e a água,

Hazel levantou-se da cama. Olhou para ele claramente pela primeira vez: tinha, pelo menos, mais uns trinta centímetros do que ela, e essa altura dava-lhe um ar de ganso bêbedo. Tinha um pescoço comprido, mas fino como um carrinho de linhas. Se não estivesse trancada na cela de uma prisão, Hazel podia até ter tido pena dele.

– Sabe – disse Hazel. – Pode pôr hamamelis. Na cara. E mel para acalmar a... – Deu uma palmadinha na sua própria cara. Se o jovem polícia corou, era impossível dizer, dada a vermelhidão do seu rosto já inflamado. – Vai ajudar a diminuir o inchaço. E ajuda a passar a vermelhidão. – O polícia pestanejou para ela, mas não respondeu. Ainda assim, a partir desse dia, de vez em quando, as suas refeições incluíam um pedaço de queijo.

Hazel estava a ficar sem maneiras de passar o tempo. Para não enlouquecer, estudava as linhas na parede, as fissuras que subiam pelo chão e os nós na madeira da porta da cela. Quando estava deitada, fechava os olhos e tentava imaginar um corpo humano e que estava a dissecá-lo mentalmente. Ali estava o esterno. Ali estavam os pulmões. Por baixo, o estômago, o fígado, a vesícula biliar. Contava cada osso da mão humana cem vezes. Passava em revista todas as doenças de que se lembrava e depois tentava nomeá-las por ordem alfabética. Se se distraísse o suficiente, não pensaria muito na fome. Os ossos das suas ancas já estavam a ficar espetados; conseguia senti-los através do tecido da bata quando se deitava na cama. O seu cabelo tinha ficado tão emaranhado que já não conseguia passar os dedos por ele.

Foi quando Hazel estava a tentar imaginar todas as veias que passavam pela parte superior da coxa que a porta da cela se abriu.

Era o comissário.

– É agora? – murmurou Hazel. – Vou ser libertada? Falou com o meu tio?

Em resposta, o comissário tossiu. Fez um sinal com a cabeça para que ela o seguisse.

Tinha as pernas fracas e instáveis depois de passar tantos dias quase sem se mexer, mas esforçou-se ao máximo para o acompanhar,

através do corredor sinuoso da prisão, passando por inúmeras portas com pequenas aberturas com grades. Do outro lado de algumas delas, Hazel ouviu gemidos ou choros. Mas outras portas estavam silenciosas. Hazel perguntou-se se as celas estariam vazias ou se o silêncio significaria algo pior. O polícia conduziu Hazel por uma escada até um salão grande e vazio, onde um raio de sol entrava por uma janela. A luz desencadeou em Hazel um ataque de espirros.

– Por aqui – disse o comissário, quando Hazel acabou finalmente de espirrar e pestanejar.

– Vou ser libertada? – perguntou Hazel outra vez. Olhou à sua volta. O polícia das borbulhas estava parado ali perto. Olhou para Hazel e abanou ligeiramente a cabeça. O coração de Hazel caiu-lhe aos pés.

O polícia conduziu Hazel pelo corredor até uma pequena antecâmara.

Hazel piscou os olhos. A sala era completamente diferente de tudo o que ela tinha visto na prisão – podia ter sido a sala de estar bem decorada de uma casa da cidade, com papel de parede amarelo estampado, uma grande lareira e várias cadeiras de madeira. E então Hazel percebeu que o homem com uma peruca empoada e uma toga sentado no topo da sala era um magistrado.

– Isto é um julgamento? – exclamou Hazel. – Então, de certeza que tenho direito a um advogado.

– É apenas uma audiência, *Menina* – troçou o magistrado, pronunciando as palavras com um tom sibilante. – E uma pessoa na sua situação tem sorte em ter ao menos isto. *E* devo lembrá-la de que não deve dirigir-se aos seus superiores antes de eles a interpelarem.

Hazel conseguiu engolir a sua raiva e, rangendo os dentes, fez uma vénia tão perfeita que deixaria a sua mãe orgulhosa.

– Com certeza, Meritíssimo. As minhas mais sinceras desculpas. – Era uma ocasião rara onde tudo o que aprendera sobre decoro podia ser utilizado em seu proveito. E, de facto, viu a expressão do magistrado tornar-se menos dura, mas apenas por um momento.

– Que entre a testemunha! – ordenou, sem olhar para Hazel. Hazel voltou-se.

A princípio, não reconheceu a mulher. O seu cabelo claro estava escondido por uma touca e, desde a última vez que Hazel a vira, o seu corpo tinha recuperado um pouco da sua forma. Foram as suas pestanas claras que levaram Hazel a reconhecê-la, tão claras que eram quase brancas.

– Mary – disse Hazel em voz baixa.

A mulher estremeceu e olhou para os pés. Mary. A mulher a quem Hazel tinha devolvido a saúde, quando estava às portas da morte.

O magistrado pigarreou.

– Queira fazer o favor de dizer o seu nome.

– Florence Fitzpatrick – disse a mulher, com uma voz que pouco mais era do que um sussurro.

O magistrado endireitou-se no assento.

– E, Sra. Fitzpatrick, é *verdade* que esta é a mulher a quem recorreu para fazer um aborto ilegal?

A mulher – Florence – não disse nada.

– Não é verdade – disse Hazel. – Diz-lhes que *não é verdade*. Ela foi ter comigo doente, a morrer, com o bebé que tinha na barriga já morto. Salvei-lhe a *vida*.

– *Silêncio!* – gritou o magistrado. – Nós falámos com a sua senhoria, Sra. Fitzpatrick. Sabemos que estava grávida e que lhe perguntou como podia livrar-se do bebé. O seu marido trouxe o caso à justiça. Ora, volto a perguntar-lhe: foi esta a mulher a quem recorreu para fazer um aborto ilegal?

Florence começou a tremer, com os olhos colados ao chão.

– Talvez precise que a lembremos – continuou o magistrado. O seu marido garantiu-nos que, se colaborar com a Justiça neste assunto, ele terá compaixão pelas suas ações. Uma compaixão que, na minha opinião, a senhora não merece.

Florence, ainda a tremer, fez um pequeno aceno com a cabeça.

– Isso é um sim, Sra. Fitzpatrick?

A palavra saiu tão baixinho que Hazel, a menos de meio metro de distância, quase não a ouviu.

– Sim – sussurrou Florence Fitzpatrick.

O magistrado deu uma palmada na mesa com a mão.

– Ora aí está. Pode sair, Sra. Fitzpatrick.

Hazel olhou fixamente para Florence, como se quisesse perfurá-la com o olhar, tentando fazer com que, pelo menos, ela se voltasse para olhar para ela. Hazel tinha salvado a vida daquela mulher, e em troca, ela tinha-a condenado. Nunca levantou os olhos. Ainda a olhar para os pés, demasiado envergonhada para olhar diretamente para Hazel, Florence deixou o polícia escoltá-la de volta para o corredor.

– Não é verdade! – gritou Hazel. Cega de raiva e terror, esqueceu-se de todas as regras de decoro. – É mentira! Fui presa com base numa mentira!

O magistrado olhou para ela como se ela fosse um inseto que ele esmagara com a bota. Como louca, Hazel correu para o polícia com as borbulhas na cara, que estava de pé junto à porta.

– Alguma das minhas cartas foi enviada? Ao menos, diga-me isso! Por favor, vá buscar o meu tio, Lorde Almont, à Cidade Nova.

O polícia olhou para Hazel.

– Lamento – murmurou.

O magistrado continuou a gritar, mas o mundo ficou enevoado à volta de Hazel. O polícia agarrou os ferros que prendiam as mãos de Hazel e puxou-a da antecâmara, de volta para o corredor, e depois desceu novamente as escadas até às entranhas da prisão. Foi quase com alívio que Hazel entrou na cela e se deitou no catre para que o mundo parasse de girar. Mas depois o som da chave na porta trouxe-a de novo para a realidade, e Hazel Sinnett compreendeu, em toda a dimensão, o problema em que estava metida.

43 George 3 c.58:
Lei de Lorde Ellenborough de 1803

Considerando que certos outros crimes hediondos, cometidos com a intenção de destruir a vida dos súbditos de Sua Majestade por meio de veneno ou com a intenção de provocar o aborto em mulheres...

... Seja, pois, decretado pela excelentíssima majestade do Rei...

... Que, se qualquer pessoa ou pessoas, intencionalmente, maliciosamente e ilegalmente, causarem e provocarem o aborto de qualquer mulher, então grávida,...

... A pessoa ou pessoas que cometerem tal infração, os seus conselheiros, ajudantes e cúmplices, sabendo de qualquer participação nessa infração, serão e são por este meio declarados criminosos e serão punidos com a morte.

Aplicável em Inglaterra, no País de Gales, na Irlanda e na Escócia ao abrigo da disposição 6 Geo. 4 c. 126

Passando os dias às escuras, Hazel perdeu completamente a noção do tempo e a esperança de que as cartas que tinha escrito para a sua família tivessem sido enviadas. Horace – ela tinha ouvido que era esse o nome do polícia com borbulhas na cara – continuou a levar-lhe pão e queijo duas vezes por dia. Um dia, levou-lhe uma pera.

– Não digas a ninguém – sussurrou, fazendo-a deslizar pelo chão. Era farinhenta e sabia a relva mas, mesmo assim, Hazel comeu-a até ao caroço.

Às vezes, Hazel dava murros na porta, exigindo falar com alguém, *implorando* que alguém a ouvisse. Outras vezes, ficava sentada no catre, com o olhar perdido no nada, a pensar em como seria ser levada para o cadafalso em Grassmarket. Havia sempre muita gente a assistir às execuções: de certeza que, quando chegasse a sua vez, também estariam lá, a gritar e a troçar dela, chamando-lhe nomes terríveis pelo crime que achavam que ela tinha cometido. Hazel teria alguma oportunidade de dizer uma última palavra? As suas pernas tremeriam e revelariam o seu medo?

Os corpos dos criminosos enforcados eram os únicos cadáveres legais permitidos para dissecação – Hazel sabia que depois de cair da forca, haveria outra cena terrível lá em baixo: rapazes a acotovela-rem-se, a tentarem apoderar-se do corpo que sabiam que renderia um bom dinheiro a um médico estudioso. Teria Jack alguma vez estado entre eles? Teria lutado com outros miúdos pobres pelos corpos de criminosos enforcados antes de conhecer Munroe e decidir que, em vez disso, era mais simples ir aos cemitérios à noite abrir sepulturas?

A humidade na cela de Hazel era insuportável. Havia dias em que a humidade ficava a pairar no ar, espessa como um cobertor de lã, e nesses dias, o calor era tanto que a única coisa que Hazel conseguia

fazer era estar deitada no catre a rezar para que o tempo passasse mais depressa. Talvez tivesse acontecido o mesmo a Jack, quando estivera preso antes de ser enforcado. Nos últimos tempos, Hazel pensava cada vez mais nele, tentando evocar a memória da sensação da pele dele sob a ponta dos seus dedos, e do cabelo escuro caído sobre os olhos. Ele tinha sido tão bom para ela, e para toda a gente. Não conseguia lembrar-se de coisas específicas que ele lhe tivesse dito, mas lembrava-se do que sentia quando estava com ele: que ele se preocupava realmente com ela, que queria que ela estivesse em segurança e que cuidassem dela.

Jack tinha passado os seus últimos dias numa cela de prisão. Teria o tempo deixado de fazer sentido também para ele? Teria ele passado igualmente do terror à resignação em meros momentos? Hazel ouvia passos a aproximarem-se e a desaparecerem no corredor para além da porta da sua cela, certa de que cada uma dessas vezes seria o momento em que os polícias entrariam e a levariam para a morte. Pensava se tomaria o tónico que o Dr. Beecham lhe tinha oferecido naquele momento em que a morte parecia não apenas provável, mas também iminente – beberia de um frasco que prometia um futuro desconhecido, mas indefinido? Ainda não tinha a certeza.

Naquela manhã estava outra vez um calor sufocante. O pedaço de queijo que Horace lhe levava na bandeja do pequeno-almoço estava molhado com os vapores da condensação. A bata que Hazel tinha vestida, que lhe fazia comichão e tinha um cheiro que Hazel achava parecido com o dos estábulos, colava-se-lhe às pernas e às axilas. O ar parecia pesado quando entrava nos seus pulmões. Pensou que gostaria de ter ali um livro.

E, então, depois de uma eternidade e mais algum tempo, vieram buscá-la.

Bateram à porta da cela, e Hazel sentiu um choque elétrico percorrer o seu corpo. Ainda antes de ter tempo para se sentar, a porta abriu-se com um rangido pesado. Era o polícia que a tinha levado para a cela pela primeira vez há tanto tempo. Teriam sido

semanas? Meses? A memória de Hazel tinha ficado fraca e informe como gás. O polícia estava parado como uma estátua, preenchendo quase toda a ombreira da porta. A sua boca era uma linha fina e reta, e sem que ele dissesse uma única palavra, Hazel percebeu que devia ir com ele.

Então, é esta a sensação de caminhar para a morte, pensou Hazel, seguindo o polícia em silêncio ao longo do corredor. Nem o dinheiro nem a influência da família tinham conseguido salvá-la, e descobrira a cada minuto angustiante na sua cela que tinha menos amigos do que pensava. Talvez se fosse poetisa e não cirurgiã tivesse conseguido reconfortar-se com algum pensamento lírico sobre a natureza fugaz da vida ou o propósito cruel do homem no planeta. Mas a exaustão e a fome tinham-lhe esvaziado o cérebro de poesia. Estava cansada e assustada, e quando o pensamento de evocar algumas «últimas palavras» lhe passou pela mente, não lhe ocorreu nada.

Tinha lido que, quando o Rei Charles I fora decapitado, insistira em vestir duas camisas porque estava um dia frio e não queria que ninguém o visse a tremer e confundisse isso com medo. Katherine Howard, uma das esposas condenadas de Henrique VIII, pedira que lhe levassem um bloco de pedra para a sua cela na Torre de Londres, para poder praticar deitar a cabeça sobre ele. A ideia era que, quando finalmente chegasse o momento, e a adolescente Katherine estivesse perante as centenas de pessoas que tinham ido ver a sua cabeça ser separada do corpo, ela pudesse confiar no instinto e fazer com que tudo parecesse natural. Elegante ou talvez quase coreografado.

Hazel não seria decapitada. Seria enforcada como um criminoso comum numa praça.

As pedras que Hazel tinha escondido na sua roupa interior roçavam-lhe desagradavelmente na pele. Mesmo com o calor do dia, e pressionadas contra o corpo de Hazel, as pedras de alguma forma conseguiam manter-se frias ao toque. Hazel tinha passado os últimos dias a encher a camisa e as meias com pedras de todas as maneiras que conseguia imaginar sem ser apanhada. O seu tempo na prisão

tinha-a deixado emaciada – mesmo sem um espelho, Hazel sabia isso pela forma como os seus joelhos agora batiam um no outro e como os seus cabelos lhe caíam em tufo. Hazel sabia que o enforcamento era uma morte rápida, mas só se a força da queda quebrasse o pescoço da vítima. Se a vítima fosse muito pequena ou muito leve para a gravidade fazer o seu trabalho, seria estrangulada pela corda, lenta e dolorosamente. O objetivo das pedras era torná-la o mais pesada possível para garantir que a sua morte seria rápida.

Quando teve a certeza de que o polícia estava a olhar para a frente, Hazel apanhou do chão uma pedra lisa do tamanho da palma da sua mão e meteu-a no espaço entre a bata e o corpete, onde tilintou contra as que já tinha lá colocado. Talvez quando chegassem a Grassmarket, ela conseguisse encontrar pedras suficientemente planas para pôr nos sapatos.

O polícia acelerou o passo. Hazel fez o mesmo e, enquanto ia a andar, tentou manter a sua respiração calma e decidida; isso seria importante. Não queria parecer nervosa quando finalmente chegasse ao cadafalso. Podiam dizer o que quisessem sobre Hazel Sinnett, mas teriam de dizer que ela avançara para a morte corajosamente, de cabeça erguida, postura reta e nariz apontado para o céu em desafio.

Da fraca luz interior do átrio, o polícia levou Hazel em direção à porta principal da prisão. O mundo exterior. Talvez a última vez que visse o sol, pensou Hazel distraidamente. Queria poder ter-se despedido da mãe e do pai. Não o via há anos – quando imaginava o rosto dele agora, era a versão que existia no retrato da sua casa. Tinha-o visto tantas vezes que ele tinha substituído a sua própria memória. Queria poder ter beijado Percy na bochecha, dizer-lhe para ser um bom menino e para ser gentil com a mãe deles. Queria ter podido dizer a Jack que o amava. Mas talvez o visse em breve.

– Pronto – disse o polícia, quando pararam diante da porta. Tirou uma argola de chaves de metal da jaqueta e rodou-a até encontrar a chave certa. Com um estalido que fez lembrar a Hazel um osso a partir-se, abriu os ferros que estavam à volta dos pulsos de Hazel. Ela

supôs que os ferros pertenciam à prisão. Supôs também que iria para a força amarrada com cordas. Continuava com a bata que lhe tinham dado na cela. Por um momento, pensou se lhe devolveriam o vestido com que estava naquela noite, quando a levaram da festa, o vestido de tecido dourado que brilhava à luz das velas. Imaginou um corpo a cair da força com um lindo vestido de noite e quase sorriu perante o ridículo da ideia. Onde estaria agora esse vestido? Provavelmente no baú da mulher ou da filha de um dos polícias. Ótimo, Hazel pensou. *Que alguém usufrísse dele.* Ela não precisaria dele para onde estava a ir.

Quando a porta da prisão se abriu, Hazel quase caiu de joelhos. O choque de tudo aquilo – a luz, o frio, a sensação do vento a bater-lhe na cara. Durante o tempo que passara na prisão, o seu rosto tinha ficado coberto de borbulhas vermelhas que, ao sol, lhe faziam comichão.

O polícia parecia desconfortável; deslocava desajeitadamente o peso do corpo de um pé para o outro. A sua expressão era estranhamente impávida e sombria.

– Já ninguém me consulta para nada – disse ele, aparentemente para si próprio.

– Como? – perguntou Hazel.

Ele olhou para Hazel como se estivesse surpreendido por ela estar ali.

– Bem – disse. Enxotou-a como se fosse um gato vadio. – Vai lá, então. Vá.

Hazel tropeçou nos seus próprios pés no caminho de pedras que ia dar à rua. A carroça que ela imaginou que a levaria para Grassmarket não estava à vista; além de uma carruagem preta alta que parecia pertencer a um juiz ou magistrado, a rua estava vazia.

– Vou... a pé? – perguntou Hazel.

– Achas-te muito engraçadinha, não é? – respondeu o polícia. – «Vais a pé», uma ova. – Tossiu algumas vezes.

Hazel olhou à sua volta. Não havia nenhum lugar para onde ir. De

certeza que nunca ninguém tinha ido para a forca numa carruagem preta envernizada com detalhes dourados. Será que devia ir atrás da carruagem? Hazel deu alguns passos em frente, sentindo as pedras a chocarem desconfortavelmente umas nas outras onde as tinha escondido. Os seus passos eram desajeitados e lentos; tentava não deixar que as pedras caíssem da bata para o chão.

A porta da carruagem preta abriu-se, revelando um jovem com uma peruca empoadada.

– Venha, Menina Sinnett. Receio que não tenhamos o dia todo! – Falava com um nítido sotaque inglês. Consultou um relógio de bolso e troçou, frustrado. – De certeza que o seu andar natural é mais rápido do que isso! Vamos, vamos!

Hazel pestanejou, mas obedeceu e andou mais depressa em direção à carruagem preta, deixando as pedras escondidas caírem pela bainha da bata para o chão. O homem de peruca ajudou Hazel a subir para o assento ao lado dele na carruagem.

– Vamos ter de lhe dar um banho até ao final do dia, isso é certo – disse o desconhecido. Beliscou a bata branca que tinham dado a Hazel na prisão e estremeceu de repugnância.

O mundo, que estava a rodopiar desde que Hazel tinha ouvido bater à porta de sua cela, começou a desacelerar.

– Então, presumo que não vou ser enforcada – disse Hazel.

O homem abanou a cabeça e esboçou um pequeno sorriso triste.

– Não. – Deu uma palmada no tejadilho da carruagem, e esta começou a descer a rua, a descer a colina e a afastar-se da prisão. – Foram tomadas outras providências.

Chamava-se Gaspar Philip Pembroke e era mordomo na casa real. Ao fim de uma hora de passeio numa carruagem com ele, Hazel já sabia as suas opiniões sobre a cozinha escocesa (péssima), o estado das estradas de Londres a Edimburgo (um embaraço), e sobre a habilidade de dançar a valsa dos convidados que tinham participado no Congresso de Viena (melhor do que ele previra). A sua roupa era estranhamente formal e antiquada – pouquíssimos homens ainda usavam perucas empoadas, e aqueles que usavam, eram homens velhos que não queriam abandonar a moda de sua juventude. Gaspar aparentava estar na casa dos trinta. Tudo na sua aparência, desde os sapatos perfeitamente polidos ao cabelo branco empoadado, era meticuloso. Parecia o tipo de homem que acordava várias horas mais cedo para escovar o cotão das calças e tirar os vincos das meias.

– Peço desculpa – interrompeu Hazel finalmente, enquanto a carruagem passava por campos com cavalos e Gaspar continuava a falar, agora sobre a questão de o canto dos cruza-bicos escoceses ser ou não mais doce do que os seus congéneres ingleses –, mas pode dizer-me exatamente para onde é que estamos a ir?

– Ah! – Gaspar ajeitou-se ligeiramente no lugar. Hazel reparou que ele se esforçava imenso por evitar que a manga impecavelmente feita por medida de sua jaqueta tocasse na bata suja de Hazel. – Vamos para Londres.

– Londres.

– Sim, Londres.

– Mas... – Hazel interrompeu o que ia dizer. Mil perguntas tinham inundado a sua cabeça de uma só vez. Naquela manhã, estava numa cela à espera de ser enforcada. E agora ia numa carruagem. Para Londres. – Será que ainda estou...? – Hazel levantou os pulsos

imitando os ferros que os prendiam apenas há algumas horas. Sacudiu a cabeça para o lado e pôs a língua de fora como um cadáver enforcado.

Gaspar estremeceu.

– A resposta curta a isso é não.

– E qual é a resposta longa? – perguntou Hazel.

Gaspar suspirou e o lenço franzido que tinha ao pescoço esvoaçou.

– A resposta longa é não, graças a Sua Alteza Real o Príncipe Regente.

– Como é que isso é possível? O Príncipe Regente? – *Teriam* as suas cartas chegado ao tio? Mesmo que tivessem, parecia impossível que o Príncipe Regente se tivesse envolvido nos problemas de um visconde escocês. – Espere um momento. Se fui libertada, porque é que vamos para Londres? Quero ir para o Castelo de Hawthornden. Já passámos por ele. – Hazel virou-se na carruagem para tentar ver se o fumo de Edimburgo ainda era visível à distância. – Volte para trás! Eu tenho uma casa para administrar. Um consultório médico. O meu tratado! Tenho estado a trabalhar num tratado – uma espécie de *manual* de medicina e anatomia, e os meus papéis estão espalhados pelo meu laboratório. – Hazel soprou pelos dentes, imaginando o pergaminho frágil a desfazer-se ou a ficar húmido e bolorento. – Tenho de ir para casa – disse, por fim, odiando o lamento que conseguiu infiltrar-se na sua voz.

Gaspar arqueou uma sobrancelha.

– A única razão por que não está a aguardar a horrível queda da forca, Menina Sinnett, é porque o próprio Príncipe a convocou para Londres. Garanto-lhe que agora os pequenos papéis em que está a trabalhar são a menor das suas preocupações.

– Então, diga-me. Porque é que estou a ser convocada?

Gaspar suspirou de novo e bateu no tejadilho da carruagem, fazendo sinal ao cocheiro para parar.

– As minhas calças estão amarrotadas, o meu cabelo está liso, e os meus pés estão a inchar. E suponho que depois de tudo o que a

fizeram passar naquela prisão miserável, vai querer comer qualquer coisa. Não há razão para não lhe explicar tudo durante o jantar.



A estalagem onde pararam junto à estrada principal era pequena, mas confortável, com uma fogueira a crepitar na lareira ao canto da sala, e apenas algumas outras almas solitárias a ocuparem os lugares perto do bar. Gaspar escolheu uma mesa ao canto, e estendeu um guardanapo no banco antes de se sentar.

– Acho que isto serve – murmurou.

O cheiro a carne assada estava a fazer crescer a água na boca de Hazel. Quando a mulher do estalajadeiro trouxe duas canecas de cerveja para a mesa, Hazel bebeu a sua sem parar. A torta de peixe chegou pouco tempo depois. Hazel nunca tinha provado nada tão delicioso em toda a sua vida; anos e anos de festas formais e banquetes preparados por cozinheiros caros – nada se aproximava nem de perto da primeira dentada que deu na torta de peixe naquela pequena estalagem à beira da estrada principal para Londres. Aqueceu-a por dentro e por fora. A cada dentada, ela sentia a mesma sensação voltar às pontas dos dedos e o calor a aumentar nas faces. Imaginou que era como a primeira respiração profunda depois de estar a afogar-se e Hazel lambeu a batata do garfo quando comeu tudo o que estava no prato, com todas as lições de etiqueta que a governanta lhe dera ao longo da sua infância a dissolverem-se como névoa. Gaspar empurrou o seu prato meio comido na direção a Hazel sem dizer uma palavra.

Ela acabou o jantar dele com gratidão.

Quando Hazel terminou, reclinou-se, sentindo-se tão saciada como se tivesse passado semanas a comer, e Gaspar limpou os lábios com o lenço e virou-se para ela.

– Tenho a certeza de que sabe que a Princesa Charlotte de Gales tem estado doente.

Hazel começou a juntar as peças mentalmente.

– Ela teve a febre romana, não teve? E... rompeu um noivado.

– Sim – disse Gaspar. – Embora a Princesa soubesse muito *bem* que o Príncipe de Orange seria um par perfeito, tanto política como diplomaticamente. Estou a divagar. A Princesa tinha recuperado da febre romana. E a corte festejou. Mas nos últimos meses, a sua saúde tornou-se, mais uma vez... frágil.

Os cabelos da nuca de Hazel ficaram em pé.

– É outra vez a febre romana? Nunca houve nenhum caso confirmado de um doente contrair novamente a doença depois de ter recuperado. Não pode ser isso. Ela não pode estar *outra vez* com a febre romana.

– Não tem – afirmou Gaspar. – Ou melhor, *provavelmente* não tem. Eu não sei dizer.

– De certeza que ela tem um médico. De certeza que o Rei e o Príncipe têm *centenas* de médicos. O que é que eles dizem?

– É aí que está o cerne da questão – disse Gaspar. – A Princesa recusa-se a ser vista por um médico. Qualquer médico. Está fechada nos seus aposentos e não abre a porta a ninguém, a não ser à sua criada. Recusa-se a falar com Sua Alteza Real o Príncipe Regente ou Sua Alteza Real, a Princesa de Gales. Até já recusou falar com Sua Majestade, a Rainha. Diz que a sua doença é contagiosa. Recusa a comida e passa as noites a chorar. A ideia que me transmitiram é que ela está muito doente e, no entanto, ninguém conseguiu examiná-la. Como pode imaginar, a situação tornou-se bastante desesperada.

– Estou a ver – disse Hazel lentamente. – Mas o que é que eu estou a fazer aqui?

– O Príncipe Regente tinha esperança de que pudessem tentar uma abordagem diferente. – Gaspar alisou as dobras do colarinho. – Como deve imaginar, os médicos que foram anteriormente chamados pela família real têm o *pedigree* e a experiência que se espera. Como tal, são, talvez, menos adequados aos exames privados de uma jovem princesa. Em Londres tinha havido rumores de que a sobrinha do

visconde trabalhava como cirurgiã – aqui, Gaspar olhou Hazel de cima a baixo –, e o Príncipe Regente pensou que era possível que a Princesa estivesse mais disposta a ver uma médica do seu próprio sexo. Da sua idade. Talvez até possa vê-la como uma amiga. Fui encarregue de ir buscá-la.

– Mas eu não sou médica – disse Hazel, sentindo o coração afundar-se ao dizê-lo. – Não oficialmente. Nunca fiz o Exame Real. – Sentiu a torta de peixe transformar-se em chumbo no estômago. Talvez aquilo fosse tudo um mal-entendido, e ela acabaria por ser levada de volta para a prisão.

Para alívio de Hazel, Gaspar limitou-se a encolher.

– Como eu disse, a situação tornou-se bastante desesperada.

– Então, eles sabiam das acusações contra mim? Estou... livre?

Gaspar clareou a garganta e levantou-se, tirando algumas moedas do bolso e depositando-as na mesa sem deixar que tilintassem.

– Considere-se ao serviço da Casa Real – disse. Depois, inclinou-se para perto de Hazel e sussurrou tão baixinho que mais tarde ela teria dúvidas se ele tinha dito alguma coisa. – A Corte Real pode ser uma prisão mais simpática, mas continua a ser uma prisão. – Afastou-se de Hazel de repente, e a máscara de gentileza voltou ao seu rosto. Sorriu alegremente para o estalajadeiro e a mulher, e saiu da estalagem, com as caudas do casaco, meio século desatualizadas, a esvoaçarem atrás dele.

A viagem de carruagem até Londres durou quatro dias. A maior parte desse tempo foi ocupada por Gaspar a expor em voz alta as suas opiniões sobre o que quer que lhe viesse à cabeça no momento. Na primeira noite, Hazel conseguiu comprar um vestido novo. (Além disso, Gaspar proibira-a de comprar umas calças: «Vamos à Corte Real! Eu jamais usaria calças enquanto fazia reverências a Sua Majestade, a Rainha!»)

A paragem em York foi ainda mais emocionante para Hazel: a loja da aldeia tinha um exemplar de uma revista médica alemã, que ela estudou com todo o prazer durante as várias horas seguintes da viagem.

– A menina lê isso? – perguntou Gaspar, olhando por cima do ombro dela.

– Um ensaio sobre a capacidade de regeneração do fígado? Sim, claro que leio. Estou a ler.

– Não – disse Gaspar. – A minha pergunta é se lê alemão?

– Ah, sim. Alemão, italiano, francês e latim.

Gaspar ergueu uma sobrancelha.

– E todas as mulheres na Escócia são tão prendadas como a menina? – perguntou.

– Muitas – respondeu Hazel. – Os ingleses parecem ter na cabeça a ideia de que nós andamos – não sei – a correr nuas pelos campos e a atirar lama umas às outras para nos divertirmos, subsistindo à custa de água das valetas e mistelas. Admita-o! Vocês leem Hume e Sir Walter Scott e, mesmo assim, acreditam que nós somos todos uns bárbaros.

Gaspar corou.

– Não... *Todos* não – Ansioso por mudar de assunto, apontou para

a revista alemã de Hazel. – Os seus tutores também lhe ensinaram medicina? Há assim tantas mulheres médicas nas ruas de Edimburgo?

– Não – disse Hazel. – E eu nem teria tido a educação que tive se meu pai não tivesse uma mente aberta em relação à instrução. Ele fez-me aprender ao lado do meu irmão mais velho, George. O mesmo tutor, as mesmas aulas. Tentávamos superar-nos um ao outro, obtendo melhores notas. Acho que o espírito competitivo nunca nos abandona, pois não?

– Mas não respondeu à minha pergunta! – disse Gaspar. – Como é que uma mulher faz para se tornar cirurgiã?

– Não consegue – respondeu Hazel. – Tem de vestir as roupas do irmão, dar um nome falso na Escola de Anatomia e pagar as propinas. E, quando é descoberta e expulsa da aula, contrata um ladrão de cadáveres para lhe vender corpos para ela estudar.

– Perdão... que tipo de «corpos» é que são vendidos?

– Corpos de mortos, Mr. Pembroke. Cadáveres. Desenterrados de cemitérios.

Gaspar tinha ficado verde e parecia quase a vomitar.

– Estudou em *cadáveres*? Mortos? Já? Tirados da terra?

– De que outra forma poderia eu conhecer o corpo humano o suficiente para o operar?

– Não sei! – Gaspar cuspiu. – Em livros, acho eu!

– Mr. Pembroke, garanto-lhe que não quereria um cirurgião com um bisturi em cima de si que só tivesse estudado em livros. Os livros são estéreis e frios. Os desenhos ajudam um pouco, sim, mas para se aprender suficientemente depressa, é impossível compreender a anatomia humana a não ser que se esteja a olhar para ela.

– Suponho que tenha razão – murmurou Gaspar. – Mas *é verdade* que os comprou em cemitérios?

– Às vezes – disse Hazel –, até ajudava a desenterrá-los.

Gaspar fez o sinal da cruz e arrotou.

Quando a carruagem de Gaspar e Hazel chegou finalmente às ruas iluminadas de Mayfair em Londres, as articulações de Hazel estavam rígidas e doridas. Gaspar levou Hazel ao quarto onde ficaria alojada num quarteirão da moda, depois da esquina dos aposentos da Princesa em Warwick House em Pall Mall. O quarto era agradável e iluminado, com uma grande janela de frente para o parque, um jarro de água na cómoda, e uma colcha grossa na cama.

– Tem malas, minha senhora? – perguntou a criada.

Gaspar ficou com um ar um pouco envergonhado.

– Acho que... talvez... devêssemos ter parado na sua casa em Edimburgo para ir buscar algumas coisas de que poderia precisar.

Hazel descartou a opinião dele com um movimento da mão.

– Não tem problema nenhum. Pedirei que me mandem as minhas coisas. Há alguns livros de que também preciso. E o meu tratado! A Iona pode mandar vir o meu tratado. Posso continuar a escrever! – Fez uma pausa e voltou-se para Gaspar. – Faz ideia de quanto tempo vou ficar aqui?

– Imagino que seja o tempo necessário para devolver a saúde à nossa Princesa.

Ficaram ali um momento sem mais nada para dizer, a pausa antes da inevitável despedida. Qual era a despedida adequada para um estranho com quem se tinha acabado de passar a maior parte de uma semana em viagem, ombro a ombro, numa carruagem?

Gaspar pigarreou.

– Bem, Menina Sinnett, tenho a certeza de que voltarei a vê-la. Em Warwick, ou Buckingham, ou Kew. Ou outro sítio qualquer.

– Sim – confirmou Hazel. – E obrigada por me ter trazido até aqui.

– Sou um mordomo ao serviço da Casa Real. Limitei-me a cumprir o meu dever. – Dizendo isto, fez uma vénia e dirigiu-se para a porta.

– Espere!

Gaspar virou-se para trás, e Hazel continuou.

– Desculpe, eu só... A sua peruca. E o seu casaco. São de há décadas. Admito que já há algum tempo que não venho a Londres,

mas a moda agora é essa?

Gaspar dirigiu um sorriso triste a Hazel e abanou a cabeça.

– Não.

– Tenho de saber. Isso estava a deixar-me louca de curiosidade. Então, é só uma afetação?

Gaspar levou os dedos à sua cabeleira empoada e passou-os por ela.

– Como mordomo real, sirvo o Rei, Sua Majestade George III. Como sem dúvida sabeis, o nosso Rei sofre tremendamente. – Hazel sabia, é claro. Naquela altura, as histórias da loucura do Rei eram do conhecimento geral, sabia-se que passava os dias a delirar e a gritar disparates, a fazer birras, incapaz de segurar um único pensamento na sua mente a qualquer momento. Era a razão pela qual o seu filho, o Príncipe, estava a atuar como Regente. – Às vezes – continuou Gaspar – o Rei perde-se no tempo. Acho que o Rei fica reconfortado quando vê as modas da sua juventude. Ajuda-o a sentir-se como se soubesse onde está. – Baixou a cabeça em mais uma vénia e deixou Hazel sozinha no seu quarto para se instalar.

Hazel tomou banho, escovou o cabelo e escreveu para a família a informá-los da sua mudança de local, e para Iona a pedir-lhe que lhe enviasse as suas coisas o mais depressa possível. Quando entregou a pilha de cartas à empregada que estava à porta do seu quarto, Hazel não teve dúvidas de que, desta vez, as suas cartas chegariam realmente aos destinos pretendidos.

O som da porta a fechar-se ecoou até desaparecer, e nessa altura Hazel deixou o silêncio expandir-se à sua volta. A luz amarela da tarde entrava pela janela. E silêncio. Era uma sensação estranha, estar sozinha num quarto confortável tão de repente, como pisar terra pela primeira vez depois de semanas num navio a balançar. Há uma semana, sentia-se terrivelmente mal e a suar num catre numa cela de prisão suja, com o sistema nervoso desgastado e instável enquanto esperava que a sua execução chegasse a qualquer momento. Agora, estava sentada numa cama com almofadas de penas de ganso, à

espera de uma audiência com a Princesa Charlotte de Gales.

As suas circunstâncias eram melhores, certamente, mas Hazel ainda estava inquieta. Sempre foi uma criança independente. Devido à ausência do pai e ao estado da mãe, que se recolhera dentro de si mesma, Hazel sentira desde muito nova, talvez ingenuamente, que era responsável por si e pelas suas circunstâncias. Quando quis assistir às palestras do Dr. Beecham, teve de encontrar um caminho por si própria; se queria estudar corpos, teve de os arranjar ela própria.

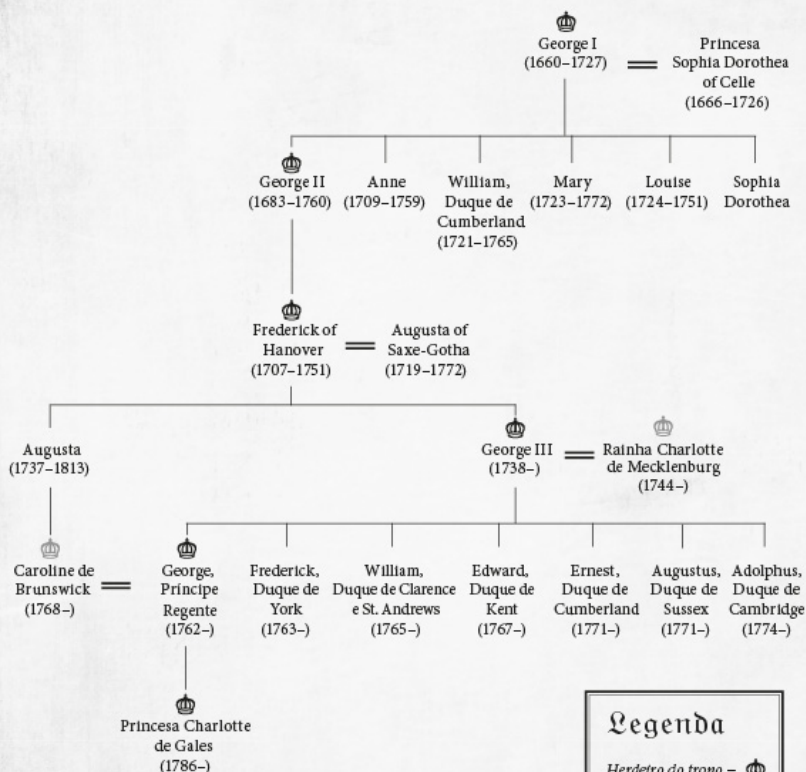
E, assim, passar por uma mudança tão extrema de circunstâncias fora de seu controle fez Hazel sentir-se à deriva e inquieta. O seu quarto era confortável – estava a assistir ao pôr do sol sobre o parque pela janela e a ouvir os sons agradáveis das conversas do fim da tarde e do canto dos pássaros a flutuarem através da brisa – mas não conseguia afastar a sensação de que havia algo de errado. Era como se estivesse numa carruagem e as portas tivessem sido trancadas do lado de fora e, embora o seu cavalo fosse a trote, Hazel soubesse que a qualquer momento ele poderia soltar-se e transportá-la para longe.

O seu sono naquela noite foi imediato e profundo mas, quando acordou, foi com a lembrança de um sonho que consistia apenas de risadas. Risos como sinos a tocar, mas um riso arrepiante e trocista. Felizmente, na altura em que tomou banho e se vestiu, o sonho do riso cruel tinha desaparecido completamente da sua mente.

*Um Mapa Completo das Famílias Reais Britânicas,
desde 1066 até aos Nossos Dias
por Sir Alberic Twistle-Wick-Alleyne (1814)*

... A Casa Real dos Stuart terminou em 1714, quando Anne, a Rainha da Grã-Bretanha, morreu sem deixar um filho vivo. (O Act of Settlement de 1701 estipulava que os católicos não podiam suceder à Coroa inglesa e irlandesa, pelo que o próximo rei de Inglaterra seria o primo em segundo grau de Anne, George I da Casa de Hanover, cuja mãe era descendente direta do rei James I.

A árvore genealógica da família Hanover



Legenda

Herdeiro do trono =

Mulher do rei =

Casado(a) =

– Não podes entrar.

– O que é que quer dizer com isso?

– Ela não está suficientemente bem para receber visitas. – A dama de companhia da Princesa Charlotte era uma mulher pequena, pelo menos dois centímetros mais baixa do que Hazel, com cabelos escuros e um nariz empertigado e arrebitado. Tinha um olhar incisivo e, embora um lado da sua boca estivesse curvado para cima num permanente meio sorriso, ela estava de braços cruzados em frente da porta dos aposentos privados da Princesa Charlotte em Warwick House, com um ar muito, muito sério.

Nessa tarde, Hazel tinha chegado mais cedo à residência da Princesa – uma casa de pedra de três andares no fim de Pall Mall – esperando conseguir, pelo menos, fazer uma apresentação inicial à Princesa. Esperou uma hora no andar de baixo até a dama de companhia aparecer finalmente para dizer a Hazel que esperasse mais um pouco enquanto ela ia verificar se a Princesa estava disposta a recebê-la. A resposta foi não.

– Peço desculpa pelo incómodo – disse a dama de companhia com o nariz empinado. A sua voz tinha uma qualidade gutural agradável. – Mas Sua Alteza Real precisa de descansar. Ela não está bem.

– Se ela não está bem, então, mais uma razão para eu ir cuidar dela. – Hazel ergueu os ombros e endireitou-se, muito consciente de que as roupas temporárias que estavam à sua espera em Londres não lhe assentavam bem e que ainda não tinha a sua mala de médica. – Eu sou a médica.

Os olhos da dama de companhia estreitaram-se ligeiramente.

– A médica. Sim. Ouvi falar de si. – Olhou para Hazel. – Imaginei que fosse... mais velha. Que tivesse, pelo menos, uns 25 anos.

– É uma bênção para a minha mãe que assim não seja. Imagine se ela tivesse uma filha com 25 anos e ainda solteira? Atirava-se ao Canal da Mancha.

Houve um momento de silêncio, e depois a dama de companhia sorriu, fazendo estalar a sua fachada de aço.

– Menina Eliza Murray – disse, estendendo a mão. – São 19 anos e ainda solteira.

– Hazel Sinnett. Muito prazer.

Hazel decidiu instantaneamente que gostava de Eliza Murray. Havia qualquer coisa no rosto de Eliza – talvez fosse aquele lado da boca ligeiramente torto – que fazia com que ela parecesse guardar um segredo, e que, se uma pessoa tivesse sorte, podia ser a ela que Eliza iria revelá-lo.

Eliza deu um passo para mais perto de Hazel.

– Ainda não posso deixá-la entrar nos aposentos da Princesa, mas há uma possibilidade de ela ser mais agradável para os visitantes nas próximas horas. Ela costuma estar de melhor humor depois do jantar. Pode esperar. Vou mandar vir chá.

– Isso seria maravilhoso, obrigada.

Hazel esperou na sala da frente de Warwick House durante o resto da tarde. Uma criada trouxe o chá, e depois – possivelmente por pena de ver Hazel ainda à espera quando o sol já começava a pôr-se em Pall Mall – o jantar. Há alguns meses, Hazel estaria inquieta e impaciente, a bater os pés ou a tamborilar os dedos ao longo da perna, mas as horas passadas na cela faziam com que o tempo passasse de maneira diferente agora. Estava satisfeita, ali sentada com seus próprios pensamentos, a escrever mentalmente o capítulo seguinte do tratado em que trabalharia quando os seus baús chegassem de Edimburgo.

– Então, porque é que não é casada? – perguntou Eliza Murray a Hazel uma hora depois de ela ter acabado de jantar. Eliza ia a entrar na sala principal com uma caixa para entregar ao criado de libré. – Não há muitos homens interessados numa mulher que pode cortá-los aos pedaços com uma faca?

Hazel deu uma gargalhada.

– Pois não, não há muitos.

– Provavelmente é melhor assim. Que tipo de homem quereria a sua mulher a andar por aí, a serrar pernas e coisas do género?

– Um tipo muito, muito raro de homem – respondeu Hazel, e o seu pensamento voltou novamente a Jack. Na sua memória, viu-o no cemitério, iluminado apenas pelo luar. De cabelo espesso e escuro e despenteado, sorria-lhe e estendia-lhe a mão. Fazia-a sentir-se em casa. Hazel sentiu uma pontada no coração e pestanejou para afastar a fantasia antes que ela a fizesse sofrer ainda mais. – E quanto a si? Porque é que uma dama de companhia da Princesa Charlotte ainda é solteira?

A boca de Eliza contraiu-se ligeiramente, mas ela não corou.

– Pode ter havido um certo pretendente. E uma proposta de casamento. Se a Princesa tivesse aceitado a oferta do Príncipe de Orange e tivesse ido viver para a Holanda metade do ano, eu teria ficado sem emprego e teria aceitado casar-me. Mas... – a voz de Eliza soçobrou.

– Mas ela recusou-o.

Eliza olhou para a porta que ia dar aos aposentos da Princesa.

– Pois foi. A saúde dela...

– Claro que sim.

Eliza sentou-se numa cadeira de brocado ao lado de Hazel.

– Isso não quer dizer que eu tenha limitado totalmente as minhas perspetivas. Tenho *muitos* pretendentes.

– Não tenho a mínima dúvida. É uma pessoa adorável.

Eliza sorriu como uma criança com um segredo.

– O rapaz que me pediu a mão? – continuou Eliza, olhando para Hazel por entre as pestanas. – Na verdade, era um *homem*. Acrescentou, sem que lhe fosse pedido. – Um tenente, ao serviço do Príncipe Frederick Augustus da Prússia.

– Um estrangeiro, então – disse Hazel, à laia de provocação. – Alto, moreno e bonito?

Eliza pensou por um momento.

– Alto, sim. Louro, não moreno. E acho que as pessoas tendem a achá-lo bonito, sim. Como um soldado continental maroto.

– E já lhe deu a sua resposta?

– *Elizaaaaa* – chamou uma voz que parecia um sino a tilintar dos aposentos da Princesa. Uma convocatória.

Eliza levantou-se.

– Tenho de ir. E para ser franca, a Menina também devia. Talvez possa tentar outra vez amanhã? – Eliza acenou educadamente para Hazel, e caminhou rapidamente em direção à origem do grito, desaparecendo atrás da porta da Princesa.

No dia seguinte, Hazel chegou ao amanhecer. Sentou-se no átrio da Princesa com vários livros que tinha trazido e passou o dia inteiro a ler, enquanto as criadas iam deixando educadamente bandejas com chá em intervalos regulares.

Eliza cumprimentou-a.

– Ela não vai recebê-la hoje, por isso não vale a pena esperar – disse-lhe.

– Tenho chá e livros – respondeu Hazel. – Estou perfeitamente feliz aqui, como estaria em qualquer outro lugar.

À noite, quando Hazel já estava a piscar os olhos por estar a ler à luz das velas as letras pequenas da página à sua frente, decidiu que mais uma vez estava na hora de voltar para casa.

No seu terceiro dia em Warwick House, Hazel levou três livros e uma folha inteira de pergaminho. Achou que, enquanto lá estivesse, podia continuar a trabalhar num novo capítulo do seu tratado, mesmo isolado de todos os outros. Hazel estava a trabalhar há menos de uma hora quando ouviu uma porta a ranger. Voltou-se à espera de ver Eliza, talvez para lhe dizer que ela estava mais uma vez a desperdiçar o seu tempo – mas, não; na porta, vestindo um roupão de seda, com os seus longos cabelos castanhos encaracolados a caírem soltos pelos ombros, estava a neta do Rei George III, a provável futura herdeira do trono da Grã-Bretanha, a Princesa Charlotte de Gales.

Era um rosto que Hazel tinha visto milhares de vezes em desenhos em jornais e retratos, mas apenas brevemente em carne e osso. A sua pele era impossivelmente imaculada e de um branco leitoso, como um pão acabado de ser enfarinhado. O seu nariz era curvo como o bico de um tentilhão e os olhos eram pequenos e redondos. Percorreram a sala de estar até pousarem em Hazel.

– Está aqui de novo – disse ela. – Disseram-me que estava à espera.

– Sim, estou – respondeu Hazel. Ponderou se deveria fazer uma vénia. Só estavam as duas num salão que mergulhara na sombra, e uma delas estava com roupa de dormir. Uma vénia era certamente a coisa correta a fazer, mas ainda assim parecia errado. A Princesa ficou à espera e, por uma fração de segundo, Hazel perguntou-se se teria tomado a decisão errada, mas nessa altura a Princesa suspirou e virou-se, deixando a porta entreaberta atrás de si.

– Pode entrar – chamou. – Mas não vou deixá-la *examinar-me*.

– Tudo bem – respondeu Hazel, dirigindo-se ao quarto de dormir. – De qualquer forma, não tenho nenhum dos meus instrumentos.

Embora fosse de manhã, as pesadas cortinas do quarto estavam fechadas, mantendo o quarto numa penumbra lúgubre e iluminado por velas. Ainda assim, mesmo na escuridão, Hazel viu que o quarto tinha uma decoração sumptuosa, com superfícies cobertas em tantas cores diferentes e tantas variedades de tecidos grossos e estampados que Hazel não conseguiu identificá-los suficientemente depressa para os contar. O papel de parede era verde e ricamente texturizado, com padrões de videiras e folhas. Havia uma tapeçaria pendurada atrás da enorme cama de dossel e, enterrada nela, sob uma montanha de travesseiros, estava a Princesa, que tinha voltado ao estado de repouso, acariciando um pequeno cão do tamanho e forma de um pastel de nata que descansava placidamente nos seus braços.

– Muito bem, Edwina – disse a Princesa Charlotte ao cão.

Eliza Murray estava sentada numa cadeira no canto do quarto com o seu bordado. Não levantou os olhos quando Hazel entrou.

Hazel pigarreou.

– Talvez.... Vossa Alteza Real... pudesse começar por me dizer os seus sintomas.

Charlotte deixou-se cair de lado.

– Quais *não são* os meus sintomas? – gemeu a Princesa. – Estou farta de estar doente, a sério que estou. Sou jovem, devia poder *viver a minha vida*.

– Fadiga? – perguntou Hazel.

– Fadiga, náuseas. Dores de cabeça, terríveis, terríveis. Tão horríveis que mal consigo sair da cama. A Eliza sabe. Diz-lhe, Eliza.

– Alguma erupção cutânea? – perguntou Hazel.

– Sim. Não. Não, erupção cutânea, não mesmo. Mas estou *inchada*, parece que todo o meu corpo se distendeu de alguma forma. A minha pele está demasiado apertada à volta de tudo o que está lá dentro.

– Tem dores?

A Princesa pôs a cadela no chão com cuidado – Edwina saiu a correr pela porta – e depois puxou o edredão para cima da cabeça. Respondeu debaixo do edredão:

– Tenho! Terríveis! Tenho dores agudas no estômago quase todos os dias, para além das dores de cabeça. É um milagre eu ainda conseguir sair de casa.

Hazel tinha quase a certeza de que sabia o que estava errado com a Princesa, mas era impossível ter a certeza absoluta sem poder examiná-la. Levantou a mão e deu um passo à frente, como se estivesse a aproximar-se de um cavalo nervoso.

– Posso ver se a sua testa está quente, Alteza? – perguntou Hazel.

– Não! – Charlotte empurrou a mão de Hazel. – Já lhe disse. Não pode tocar-me. Já *me tocaram* demasiados médicos. *Apalparam-me*. Já é mau ter de fazer o que o meu pai diz, mas recuso-me a ser uma almofada de alfinetes para aquele desfile de homens baixos e mal-educados que cheiram a tabaco e a gin. Foram anos assim, e só melhorei de vez em quando e nunca durante muito tempo.

– Eu compreendo – disse Hazel.

A Princesa Charlotte arqueou uma sobrancelha.

– Compreende?

– Sim, compreendo – repetiu Hazel. – Raramente ensinam aos médicos como falar com as pessoas que têm de tratar. Aprendem com cadáveres, que não podem reclamar.

– Eu ponho em causa o que é que eles «aprendem». O meu pai já trouxe uma dúzia de médicos e nenhum conseguiu perceber o que se passa comigo. O que, claro, o deixa furioso, porque não pode obrigarme a casar se não consigo sair da cama.

– Eu vou descobrir o que se passa consigo, Alteza.

Desta vez a Princesa Charlotte arqueou as duas sobrancelhas.

– Desejo-lhe a melhor das sortes, Doutora – disse ela, com naturalidade, antes de virar as costas a Hazel e puxar os cobertores com força à sua volta.

Seguindo a deixa, Eliza depositou o seu bordado na cadeira ao lado dela e levantou-se.

– Acompanho-a à sua carruagem, Menina Sinnett.

O sol tinha-se posto, e a lua era um ténue crescente ao longe, mas Pall Mall estava iluminada por candeeiros a gás que se erguiam como soldados numa fila uniforme ao longo da rua. A casa da Princesa ficava no extremo de uma rua ladeada, de ambos os lados, por casas geminadas de pedra branca, e o efeito da luz dos candeeiros no nevoeiro da noite, refletida pela fachada dos edifícios, era um pouco fantasmagórico. Há uma década, foram aqueles os primeiros candeeiros a gás em Londres, uma pequena bolha de luz amarela doentia a pressionar uma escuridão iluminada apenas pela luz de velas ao longe. Noutra década, talvez todas as ruas tivessem candeeiros a gás. Talvez uma década depois disso, as ruas fossem iluminadas por eletricidade. Que cor daria essa luz aos paralelos? pensou Hazel. Que novas formas teriam as sombras que essas luzes lançassem nas ruas da cidade?

Hazel estava a aproximar-se da sua carruagem quando ouviu uma risada estridente ecoando da rua onde terminava a fronteira da luz. Era uma risada que soava como a do seu sonho. Ao virar da esquina,

avistou um grupo de desconhecidos, agora semi-iluminado pelo amarelo dos candeeiros a gás. Eram seis ou sete, todos a rirem-se e a puxarem uns pelos outros e a pavonearem-se pela rua. As suas vozes eram altas – eram homens e mulheres, embriagados de vinho ou de felicidade ou de algo ainda mais forte. E embora os detalhes das suas roupas fossem difíceis de distinguir com a luz fraca, mesmo a um quarteirão de distância Hazel conseguiu ver que estavam vestidos para uma festa. E nos seus rostos, todos eles tinham uma máscara dourada em forma de coelho.

Hazel estava atônita. Viu uma das mulheres com máscara agarrar um homem pela mão e puxá-lo através de uma pequena porta, quase invisível, no tijolo das casas geminadas do outro lado da rua – uma porta que parecia dar para o intervalo entre as casas. Hazel nem tinha reparado na porta até a mulher a abrir e entrar. O resto do grupo com os seus trajes finos e máscaras de coelho entrou rapidamente a seguir a ela, e o eco das suas risadas desapareceu. Hazel tinha semicerrado os olhos do outro lado da rua, mas só tinha conseguido ver escuridão através da porta.

– Quem são eles? – perguntou Hazel a Eliza, impressionada pelo grupo que tinha aparecido e desaparecido como um produto de sua imaginação.

– Os Companheiros da Morte. É uma sociedade secreta, mas a parte secreta parece ter-se perdido com eles. Dizem que são uma sociedade literária, mas sobretudo uma sociedade para beberem até à morte e impressionarem-se uns aos outros com festas cada vez mais caras.

– Imagino que seja um grupo exclusivo – disse Hazel.

– É melhor pôr as coisas assim: ajudaria se o seu trisavô fosse um Plantageneta, mas teria mais hipóteses se for famosa.

– Famosa?

Nesse momento, outra figura com uma máscara apareceu no final da rua. Por detrás das orelhas de coelho da máscara dourada, Hazel viu que era um homem com cabelos espessos e castanho-escuros.

Passeava devagar, mas com determinação por Pall Mall, alheio à presença de Hazel e Eliza escondidas atrás da carruagem na extremidade oposta da rua. Quando o homem se aproximou, Hazel reparou que ele tinha dificuldade em andar por ser coxo. Aproximou-se da porta escondida e bateu com um ritmo estranho:

Truz.

Truz-Truz.

Truz.

Truz-Truz.

Eliza apontou com a cabeça para a figura e sussurrou a Hazel:

– Leu *Childe Harold*?

– Isso não é... – A porta abriu-se, e o retardatário entrou. – *Lorde Byron*?

Eliza revirou os olhos.

– O próprio. Eles colecionam celebridades. Toda a gente importante no mundo da arte e da cultura e na sociedade tenta tornar-se membro. O Príncipe Regente pensa que é ele que governa este país. Mas está enganado. As decisões estão a ser tomadas pelas pessoas que estão por detrás daquela porta.

– Então, a Princesa Charlotte é membro do clube? Dos Companheiros da Morte, ou lá como se chamam?

– Está a brincar? Qualquer clube que envolva poetas românticos que desaparecem em becos escondidos não é um lugar para uma futura Rainha da Inglaterra que deseja fazer um casamento respeitável.

– Ainda assim – disse Hazel –, não se sente minimamente curiosa para saber o que é que eles fazem lá dentro?

– Bebem e felicitam-se uns aos outros pelo seu brilhantismo coletivo. Mistério resolvido. Boa noite, Hazel Sinnett.

Eliza fechou a porta da carruagem, e Hazel viu-a entrar na casa da Princesa enquanto a carruagem começava a descer a rua. O som da risada da mulher ainda estava a vibrar na sua cabeça. Naquela noite, Hazel sonhou com coelhos. No seu primeiro dia na Escola de

Anatomia em Edimburgo, tinham-lhes dado um coelho para dissecar, para estudar os seus órgãos e a maneira como o sangue fluía através do seu pequeno corpo. No seu sonho, ela voltou à sala de aula, e o coelho sob o seu bisturi tinha um rosto dourado. Quando tentou abri-lo, ele saltou da mesa e fugiu para a rua.

15 de maio de 1818

No. 4 Clarence Road Windsor

Querido Hazel,

Estou chocada. Chocada e desesperada. Não compreendo por que razão acharia divertido escrever-me agora a informar-me que aparentemente foi presa (?) e quase lançou uma vergonha sobre a nossa família da qual nunca recuperaríamos. (Não acha que já se tinha esforçado o suficiente para isso?)

Pelo menos, sinto-me aliviada por a confusão ter sido resolvida e por saber que está a salvo em Londres. Como sabe, eu estou em Berkshire, e o Percy tem-se destacado para além de todas as expectativas em Eton. Se alguma vez estiver por perto, por favor passe por cá para tomarmos um chá (desde que esteja disposta a pedir desculpa primeiro pelos danos indescritíveis que quase causou à nossa família).

*A sua mãe,
Lady Sinnett*

Felizmente, o baú de Hazel só demorou cinco dias a chegar de Edimburgo. Gaspar bateu à porta quando um criado de libré o deixou no átrio. Naquele dia, tanto o paletó como as calças estavam bordados com linha vermelha. A cabeleira empoada estava impecavelmente penteada como sempre.

– Ah – exclamou, desviando-se do grande baú – Vejo que as suas coisas fizeram a viagem em segurança.

Hazel abriu a tampa do baú. Em menos de nada, já tinha o braço metido lá dentro até ao cotovelo. *Sim, bom. Ótimo.* Estavam lá os seus cadernos, e as primeiras páginas do seu tratado – graças a Deus – e as suas camisas e corpetes bons, e o seu cachecol favorito. Mas...

– Onde é que está a minha mala de médica?

Hazel começou a atirar coisas do baú.

– É uma mala grande de cabedal. Usada. Bastante estragada. Era do meu pai.

– Então, tem valor sentimental? – disse Gaspar, usando um dedo para levantar e examinar a bainha de um dos vestidos de Hazel, que ela tinha atirado para o chão. A demonstração de emoção de Hazel estava claramente a deixá-lo desconfortável.

– Não. Quero dizer, *sim*, mas esse não é o problema. Todos os meus instrumentos médicos estão lá dentro. O meu bisturi, a minha serra, a minha tesoura, o meu...

– Pois, pois. – Gaspar contorceu-se como se as palavras de Hazel fossem minhocas que ela estava a pendurar à frente dele.

– O Gaspar tem... medo de médicos?

– Eu não tenho medo, obrigado. Só acho que a conversa... – procurou a palavra apropriada, e depois encontrou-a – é desnecessária! Não é preciso falar de tesouras e coisas do género. –

Gaspar tremeu. Hazel sorriu. Por uma razão que ela não conseguia explicar, achou o medo mal disfarçado dele cativante. – Seja como for – continuou Gaspar –, vou tratar disso. Tenho a certeza de que podemos comprar essas coisas em Londres. É uma cidade grande, como sabe.

– Sim, tenho a certeza. Mas o equipamento é muito pessoal, e se eu estiver...

– Garanto-lhe! – disse Gaspar em voz alta. – Vou resolver isso. – Endireitou os botões de punho. – E talvez não mencione este pequeno... *pequeno, e facilmente remediável*, problema ao Príncipe Regente.

– Ao Príncipe Regente?

– Sim – disse Gaspar, suspirando. – Mais uma vez, mandaram-me vir buscá-la. Tenho de a levar a Kew. Ele pediu uma audiência consigo.

Hazel passou rapidamente os olhos pelos seus vestidos, todos em desuso e enrugados, depois de terem viajado por toda a Inglaterra, e depois de terem sido atirados ao chão.

Gaspar reparou.

– Este vai ter de servir – disse ele, pegando num vestido azul-marinho horrível que a mãe de Hazel lhe tinha comprado para usar na cerimónia em que o pai fora promovido a capitão. Desde então, nunca mais o usara, e lembrava-se de que era terrivelmente quente e fazia comichão debaixo dos braços. – É o único mais ou menos adequado no meio desses todos.

– Não posso usá-lo para ir ter com o Príncipe. Nem sequer sei porque é que a Iona o pôs na mala – já não o uso há séculos. Provavelmente, a bainha é demasiado curta. Faz comichão. Vou parecer uma mulher adulta vestida de criança para um espetáculo de farsa.

Gaspar sacudiu com uma palmadinha a poeira da saia do vestido.

– Na verdade, acho-o bastante atraente.

Hazel pegou num dos seus vestidos mais recentes, um simples

vestido cor de linho que usava frequentemente quando trabalhava no seu laboratório.

– Não posso levar este?

Gaspar parecia ter acabado de levar uma bofetada.



Meia hora depois, Hazel estava com o horrível vestido azul-marinho numa carruagem com Gaspar a caminho de Kew, uma das muitas propriedades da família real perto de Londres.

– Não se esqueça de o elogiar pelos jardins – disse Gaspar. – E pelas mobílias, foi ele próprio que escolheu muitas das mobílias. E faça uma *vénia* quando entrar. *Grande*. – Um súbito olhar de terror apoderou-se dele. – Sabe fazer uma *vénia*, não sabe? Por favor, diga-me que sabe fazer uma *vénia*; não temos tempo para lhe ensinar.

– Sei – disse Hazel. – Sei fazer uma *vénia*. Seria mais fácil se eu estivesse com um vestido que me permitisse usar os meus membros à vontade, mas vou conseguir. – Tentou rodar o ombro e ouviu uma costura a rasgar-se algures. Baixou o braço rapidamente.

– Não percebo do que é que está a queixar-se. O vestido está maravilhoso. Quase que passaria por uma *lady*.

– Sou uma *Lady*, Gaspar.

– Nenhuma das *ladies* que eu conheço andou de calças pelos cemitérios.

– Talvez – disse Hazel, olhando em frente e tentando não sorrir –, isso signifique apenas que precisa de conhecer mais *ladies*.

Gaspar corou tanto que o seu rosto ficou a combinar com a gravata.

Os jardins em Kew eram enormes e tão bem cuidados que Hazel imaginou que devia haver uma equipa de centenas de pessoas para os manter tão ordenados e cuidados, com todas as tulipas a florescerem em uníssono e voltadas na mesma direção, as sebes aparadas, e a relva exuberante. A carruagem deles atravessou uma pequena ponte sobre

um lago borbulhante. Hazel olhou para baixo e viu grandes carpas na água.

– Primeiro vamos cumprimentar o Rei – disse Gaspar, mantendo as passadas a bom ritmo. Hazel tentou acompanhá-lo, seguindo a parte de trás da peruca de Gaspar pelo enorme átrio de entrada do palácio, por um corredor aparentemente interminável que acabou, finalmente, numa pequena porta de madeira. Gaspar bateu à porta. Ninguém respondeu.

– *Sire?* – disse Gaspar. Continuou a não haver resposta. Ele girou a maçaneta tão devagar que ela mal rangeu e virou-se para Hazel, sussurrando: – Faça apenas uma vénia rápida. Não faça nenhuma pergunta. Não diga nada ao Rei. Faça a vénia, e não se vire de costas para ele. Apresentamos os nossos cumprimentos e depois saímos. – Hazel assentiu com a cabeça, e Gaspar empurrou gentilmente a pequena porta.

O quarto estava terrivelmente quente, e era pequeno, parecendo ainda mais pequeno porque todas as paredes estavam cobertas com o mesmo papel de parede brocado verde-esmeralda; tinha um efeito claustrofóbico e desorientador, exacerbado pelo calor e pela escassez de mobiliário – para além da grande cama de dossel, o quarto quase não tinha móveis. O cheiro a mofo e a morte era penetrante. Hazel teve de resistir à vontade de tapar a boca e o nariz com a manga. Gaspar fez uma grande vénia, e só então é que Hazel percebeu que era o Rei George III que ocupava o quarto. Era um homem pequeno e decadente, a mastigar o ar, mostrando as gengivas cor-de-rosa brilhantes. Gaspar olhou para Hazel, que despertou dos pensamentos e fez uma vénia.

– Majestade – disse, lembrando-se apenas depois de as palavras terem saído da sua boca que não devia dizer nada. Mas o Rei não reagiu. Os seus olhos giraram nas órbitas e sua boca abriu-se e fechou-se sem fazer qualquer som. Gaspar puxou o braço de Hazel, e os dois recuaram até ao corredor, onde sorveram o ar frio.

– Um dia mau – comentou Gaspar, mais para si mesmo do que

para Hazel. Endireitou-se. – E agora vamos ver o Príncipe Regente.

Depois de percorrerem mais dois corredores, de subirem um lance de escadas e de atravessarem um terceiro corredor, Gaspar levou finalmente Hazel para uma sala de estar luminosa com grandes janelas com vista para o jardim, onde o Príncipe Regente estava de pé em cima de um pedestal, a posar para um retrato.

Pelos retratos que tinha visto dele, Hazel estava à espera de que o Príncipe Regente fosse relativamente bonito. Mas não era. A sua figura era como um pedaço de barro que tivesse sido espremido nas mãos de uma criança, com o cabelo penteado para a frente, em direção ao rosto. Mas o penteado tinha sido demasiado agressivo – havia marcas feitas pelo pente onde se via o couro cabeludo cor-de-rosa entre as linhas com demasiado creme de cabelo oleoso. Uns olhos azuis pequenos e lacrimejantes espiavam de um rosto vermelho e inchado como uma salsicha grelhada.

– Excelente, *sir* – disse o pintor de trás do cavalete. – *Muito digno.*

Hazel abafou uma gargalhada. Gaspar deu-lhe uma cotovelada, e ela fez uma vénia profunda. Uma de suas melhores; a sua mãe teria ficado tão orgulhosa.

– Vossa Alteza Real – disse Gaspar, levantando-se da sua própria vénia, que tinha sido tão baixa que a sua peruca quase lhe escorregou da cabeça. – Apresento-vos a Menina Hazel Sinnett, sobrinha de Lorde Almont.

O Príncipe Regente agitou-se como uma criança, e Hazel não reparou que ele estava a usar uma cinta que apertava a sua barriga, quase como se estivesse a pô-lo à prova.

– Sim, bem, como está? – cumprimentou ele com rispidez.

– A médica – explicou Gaspar delicadamente –, para tratar a Princesa. A vossa brilhante ideia, se bem vos lembrais, de que a Princesa seria mais recetiva a uma médica da sua idade e sexo. Uma ideia que já provou ser um sucesso, Majestade: a Menina Sinnett já foi autorizada a entrar nos aposentos da Princesa.

– Pois, pois. Claro. A médica. A minha brilhante ideia. – O Príncipe

Regente inchou o peito e desceu do pedestal. – Acho que por hoje já chega de pintura – disse ao artista.

O pintor tentou protestar.

– Majestade, eu...

Mas o Príncipe Regente ignorou-o. Desapertou o colarinho e, num movimento rápido, tirou a cinta com um suspiro.

– Um Príncipe deve estar em forma e ser esbelto! – declarou, sem se dirigir a ninguém. Voltando-se para Gaspar, os seus olhos estreitaram-se. – Sempre tiveste as pernas assim tão gordas, Gaspar?

– Sim, acho que sim, Majestade.

Hazel sabia que discordava da política do Príncipe Regente: ele era um conservador convicto, um homem que favorecia a guerra e os poderes da aristocracia. Mas, estando na mesma sala que ele, descobriu que havia algo instantaneamente antipático nele, uma energia na sua postura e um esgar de troça do seu lábio superior que pôs Hazel à beira de um ataque de nervos. Como o resto da Grã-Bretanha, ela ficaria grata quando o trono fosse ocupado pela Princesa Charlotte.

O Príncipe Regente examinou Hazel como se estivesse a examinar um inseto antes de o esmagar.

– Com que então, a médica. És feiinha, não és?

– Penso que não me trouxe aqui para tratar a sua filha por causa da minha aparência, Majestade – murmurou Hazel, aguentando o contacto visual.

O Príncipe Regente aproximou-se dela até ficar muito perto. Inclinou-se ainda mais, e cada fibra do ser de Hazel queria dar um passo para trás, recuar, baixar a cabeça e os olhos, mas ela resistiu. O hálito dele era fétido, como gordura de animal estragada.

– Deixe-me ser incrivelmente claro sobre uma coisa, Menina Sinnett – disse ele, e o estômago de Hazel deu um nó.

Ela não tinha a certeza se ele estava a prestar atenção ao seu nome; ele tinha parecido, bem..., *idiota*. Mas agora estava a olhar diretamente para os olhos de Hazel, e ela apercebeu-se do poder que

ele tinha e do facto de as suas palavras serem agora mortalmente sérias.

– A saúde da Princesa é mais importante para esta nação do que alguma vez poderias conceber. Tivemos especialistas brilhantes a examiná-la e a tratá-la. Tu és uma experiência. És uma nota de rodapé. Espero que falhes e, quando falhares, far-te-ei regressar a qualquer casebre a que chamas castelo na Escócia para viveres o resto da tua vida a arrancar dentes e a consertar pernas de burro partidas. E se fizeres *alguma coisa* para magoar a Princesa ou piorar o seu estado *de alguma forma*, estarás a *pedir* a desgraça. O Príncipe Regente virou-se sobre os seus enormes calcanhares. – Bom dia, Menina Sinnett. Bom dia, Gaspar.

Hazel teria rido – a brusquidão, o choque de tudo aquilo – se não tivesse notado que tinha as mãos a tremer.

– Vou precisar de alguns instrumentos – disse a Gaspar. – Instrumentos cirúrgicos. E ervas.

Gaspar também parecia abalado com as observações do Regente.

– Sim, sim. Há uma enfermaria aqui em Kew. Leve o que precisar e mande recado se precisar de mais alguma coisa.

– Obrigada.

Hazel saiu da sala, dirigiu-se à enfermaria, tentando acalmar-se e parar de tremer. Ela ia tratar a Princesa. Não falharia. Provara a si própria e ao Dr. Beecham e ao Dr. Straine que podia continuar na Escola de Anatomia. E agora iria provar mais uma vez o seu valor, porque nem queria pensar no que lhe aconteceria, ou à sua família, se desta vez não conseguisse.



Talvez Hazel devesse ter esperado tal coisa de um palácio real, mas a enfermaria em Kew estava para além dos seus sonhos mais loucos. Ficou sem conseguir respirar quando entrou e viu a vasta gama de instrumentos cirúrgicos, todos polidos e alinhados, acenando a Hazel

para que estendesse a mão e pegasse. Nas prateleiras por cima da bancada estavam organizados frascos de ervas secas e medicamentos, arrumados por ordem alfabética ao lado de tiras de algodão e álcool. Alguns dos nomes nos frascos eram completamente desconhecidos, remédios de que Hazel nunca tinha ouvido falar, muito menos visto pessoalmente ou acedido. Mas também havia ali livros – uma biblioteca em miniatura que Hazel tinha a certeza, sem precisar de verificar, que a informaria sobre qual dos pós deveria ser misturado numa cataplasma para parar o sangramento e qual deveria ser preparado num chá para combater a letargia. O coração começou a bater-lhe mais depressa quando pensou em toda a informação escondida entre as capas de couro rachadas dos livros, e estendeu a mão para abrir o primeiro livro da pilha, uma discussão sobre o tratamento da melancolia, escrito em francês.

Hazel obrigou-se a sair depois de ler apenas o primeiro capítulo, prometendo a si mesma que voltaria para acabar de o ler e para ler todos os outros livros que também lá estavam, entusiasmada com a promessa de coisas novas para aprender, de formas de se tornar uma melhor cirurgiã e médica. Mas naquele dia estava ali com uma missão, e por isso começou a refazer a sua mala médica perdida, recolhendo uma tesoura nova, um bisturi novo, uma agulha afiada, e um carro de linha preta forte. Estava a examinar uma pequena serra quando ouviu alguém pigarrear atrás de si.

Voltou-se e viu um homem de braços cruzados à frente do peito. Era incrivelmente alto, provavelmente tinha mais de um metro e oitenta, mas aquilo em que ela reparou primeiro foi como ele era bem constituído, com uns ombros fortes e um peito largo. Com a sua estatura e o cabelo loiro, Hazel teria imaginado que ele era um fazendeiro, alguém que passava longas horas ao sol a fazer um trabalho braçal. Mas a pouco e pouco foi vendo os detalhes do resto da sua aparência: estava vestido como um cavalheiro, com um paletó feito à medida; tinha um bigode bem aparado; e usava óculos. Uns óculos redondos de metal que lhe emolduravam os olhos e que eram

da cor do mel numa torrada.

– O que é que pensa que está a fazer aqui? – perguntou o desconhecido louro. Tinha um leve sotaque que Hazel não conseguiu identificar. As sílabas dele eram precisas, mas estranhamente arredondadas. – Se é uma ladra, deixe tudo o que tirou. Prefiro não chamar os guardas, mas alguns desses instrumentos são muito valiosos, e eu preferia não ter o trabalho de os substituir.

– Não sou nenhuma ladra – retrucou Hazel, enraivecida. O desconhecido soergueu uma sobranceira, e Hazel apercebeu-se de que os seus braços estavam cheios de coisas que ela tinha efetivamente retirado das prateleiras. Deixou cair tudo na bancada de trabalho com estrondo. – O Gaspar disse que eu podia vir aqui.

– Ah! – exclamou o homem, aproximando-se mais dela. – E o Gaspar também lhe disse que podia levar – deixe ver – o meu bisturi, a tesoura, a serra e linha?

Hazel deu um passo para tentar impedir que ele visse a bancada de trabalho.

– Hipoteticamente. Se eu estava a levar essas coisas era porque não sabia que eram suas. E eu preciso delas.

– Essa linha não serve para coser um vestido. – Baixou a voz para um sussurro falso. – É para pele, não para saias.

– Fui chamada aqui como *médica* para tratar a Princesa Charlotte. Tenho a certeza de que ela pode pagar a costureiras muito mais qualificadas para os seus vestidos.

O desconhecido deu outro passo em frente, e Hazel tentou bloquear-lhe o caminho, mas ele fingiu que ia para a esquerda e depois foi para a direita e conseguiu tirar a tesoura de trás dela. Abriu-a e fechou-a duas vezes no ar.

– Uma colega médica devia saber quão importantes são os nossos próprios instrumentos.

– Sei-o bem. Trouxeram-me de Edimburgo e mandei vir as minhas coisas, mas a minha mala médica não chegou. E os riscos do meu tratamento da Princesa foram-me bem explicados, pelo que preferi

começar mais cedo do que mais tarde.

– Engraçado – disse o desconhecido, inclinando a cabeça.

– O que é que é engraçado?

– Acho que não ouvi nenhum pedido de desculpas.

Hazel tinha o sangue a ferver. Ele parecia pouco mais velho do que ela, talvez uns cinco anos, mas, apesar disso, estava a falar com ela como se fosse uma criança. Ela sabia que ele tinha razão; *devia* pedir desculpa. Mas, em vez disso, disse:

– E vai pedir desculpa por ter insinuado que eu ia usar instrumentos cirúrgicos para coser um vestido?

Ele expirou pelo nariz: não foi bem uma risada, mas os seus olhos castanhos brilharam um pouco, quer por diversão quer por desprezo. Hazel sentiu as suas faces corarem.

– Está bem – disse o homem, passado um momento. – Peço desculpa. – O bigode dele era impossivelmente direito. Tinha claramente de o examinar todos os dias para aparar os pelos errantes. E era indigno um homem *adulto* ser louro, não era? O cabelo loiro era para crianças com bochechas rosadas, não para homens altos, de peito largo com sotaques não identificáveis que faziam a boca de Hazel ficar seca quando se aproximavam dela.

Era a vez de ela pedir desculpa, devolver-lhe os instrumentos e perguntar-lhe educadamente se tinha algum equipamento extra, mas deu por si enraizada no chão e incapaz de falar.

Como se estivesse a ler a mente dela, o homem dirigiu-se a um armário no fundo da sala e abriu-o.

– Há aqui instrumentos extra. Se quiser, pode usá-los.

Hazel ficou em silêncio, ainda frustrada por razões que não conseguia exprimir, e ainda mais frustrada porque, ao ser *gentil*, aquele desconhecido tinha minado o seu direito a estar zangada. Havia algo naquele homem que a deixava *irritada*. Porque seria ele tão *educado*?

– Portanto, parece que as senhoras deste país não pedem desculpa nem agradecem – disse o homem, num tom ligeiro.

Nesse preciso momento, a porta ao fundo da sala abriu-se. Um criado de libré, com um ar preocupado, recuperou o fôlego e dobrou-se, agarrando-se à ombreira da porta.

– Dr. Ferris – disse, ainda ofegante –, precisam de si no quarto de dormir.

Antes que o Dr. Ferris pudesse responder – o Dr. Ferris? – ou reagir, um velho com roupa de dormir passou pelo criado de libré e entrou na enfermaria...

– Detesto estas festividades, mas simplesmente tenho de fazer boa cara e comparecer! – disse ele, fazendo uma pirueta em direção a Hazel. – Lady Marlborough, como está maravilhosa. – O cabelo do homem estava todo desgrenhado, e tinha os olhos muito abertos, vendo-se o branco em toda a volta. Hazel reparou que a pele dele estava vermelha e inflamada, como a de alguém depois de uma noite de muita bebida. Reparou também que aquele homem estranho, com um ataque de ilusão, era o mesmo a quem ela tinha feito uma vénia mais cedo naquela tarde: o Rei da Inglaterra.

O Dr. Ferris deslizou entre Hazel e o Rei George III.

– Majestade – disse o médico, fazendo uma enorme vénia. – Se eu puder acompanhá-lo até à *sala de jantar*. – Agarrou delicadamente o braço do Rei e começou a caminhar com ele para fora da sala. O Rei deixou-se guiar pelo médico, mas lançou um olhar de desculpas a Hazel. Hazel sorriu e o Rei George sorriu também.

– Pode levar o excedente do armário – disse o Dr. Ferris antes de passar a ombreira da porta. – Mas, por favor, não leve os meus instrumentos pessoais.

– Não levo – disse Hazel calmamente. E ficou a ouvir os passos dos dois homens a desaparecerem pelo corredor e o som dos murmúrios reconfortantes do Dr. Ferris a ficarem cada vez mais silencioso.

Hazel deu consigo numa rotina nova e confortável. Acordava, vestia-se e ia para Warwick House, onde os criados a recebiam com uma chávena de chá e um lugar confortável para se sentar enquanto esperava que a Princesa decidisse se deixaria Hazel vê-la naquele dia. Sem a sua mala de médica, Hazel tinha embrulhado todos os instrumentos que trouxera da enfermaria de Kew num pedaço de lona e andava sempre com essa trouxa, embora ainda não a tivesse usado.

Na maioria das tardes, enquanto a Princesa dormia a sesta, Hazel jogava *whist* com Eliza, que era uma adversária feroz.

– Sou a mais nova de quatro irmãs – disse Eliza. – Aprendi a atirar-me de cabeça em jogos de cartas.

– Eu tenho irmãos – disse Hazel.

– Ah – exclamou Eliza. – Se tivesse irmãs, saberia como as mulheres podem ser astutas. Como agora, quando eu a estava a distraí-la com conversa para poder jogar *isto*. – Com um movimento floreado, pôs a sua carta vencedora sobre a mesa. – Ganhei, outra vez.

– Acho que está em vantagem. Tem muito mais prática neste jogo do que eu.

– Então, estou a fazer-lhe um favor, jogando apenas, sem apostar nada enquanto a Menina aprende.

Hazel descobriu que Eliza não era apenas uma jogadora de cartas implacável, mas também dama de companhia da Princesa há quase dois anos. O pai dela era o terceiro filho de um barão, e as suas perspetivas de herdar o que quer que fosse eram mínimas.

– O objetivo é encontrar o marido certo para mim, antes de ficar condenada a ser a tia solteirona para o resto da vida. Duas das minhas irmãs já são casadas e têm filhos. Tenho três sobrinhos!

– E como é que vai o mercado em termos de casamento? –

perguntou Hazel. – Já deu a resposta ao seu tenente?

Eliza fez um pequeno sorriso malicioso.

– Tem havido *conversas*. *Cartas* e possíveis declarações de amor.

Hazel ergueu as sobrancelhas.

– Do teu lado ou do dele?

– Oh, do lado dele, é claro. Está perdidamente apaixonado. Poderá ver por si mesma; ele vai estar no baile do Regente em Buckingham House daqui a duas semanas.

– Um baile?

– Sim. Vai, não vai? O Príncipe Regente continua a organizá-los na esperança de que um dia destes a saúde da Princesa melhore o suficiente para que ela possa dançar e conhecer alguém e apaixonar-se e finalmente escolher um marido! Claro que, lá no fundo, ele espera que ela mude de ideias em relação ao Orange.

– E não vai mudar?

Eliza riu-se.

– Já viu o Príncipe Herdeiro de Orange? Uma miséria. Enfezado, com uma cara de limão chupado. Um péssimo dançarino. Além disso, parece que tem 12 anos.

– Não é como o seu primeiro-tenente.

– Não – disse Eliza, incapaz de conter o sorriso. – Não tem nada a ver com ele

Hazel fez um sorriso de orelha a orelha.

– E pela primeira vez em todo o dia, ganhei num jogo de *whist*! – Mostrou as cartas que tinha na mão.

– Não é justo! Eu estava distraída a mantê-la a par das coscuvilhices sociais mais importantes!

– Se isso a faz sentir melhor – disse Hazel –, ganhou-me umas 45 vezes seguidas antes desta. Era provável que eu acabasse por ganhar uma mão.

Eliza sorriu e juntou as cartas ordenadamente. Inclinou a cabeça na direção da porta fechada da Princesa.

– Vou ver como ela está.

Poucos minutos depois, Eliza pôs a cabeça de fora da porta.

Hazel levantou-se.

– Sinto muito – disse Eliza. – Ela não quer ser vista hoje, mas pediu-me que lhe dissesse que hoje os sintomas dela eram dores no estômago, dor de cabeça e arrepios. Também disse que a urina está mais escura do que o normal. Isso ajuda-a?

– Ainda não sei, mas talvez ajude. De qualquer forma, obrigada – disse Hazel.

– Faço tudo por uma campeã de *whist*.



Relativamente ao trabalho no seu tratado, Hazel constatou que era praticamente impossível concentrar-se a escrever no seu quarto. Tinha demasiada *luz* e era demasiado alegre. O ar era quente e estagnado. Havia qualquer coisa na forma como o sol brilhava através das cortinas brancas transparentes que fazia com que as palavras ficassem presas na caneta. Era completamente diferente do seu laboratório em Edimburgo, que era escuro e cheirava a pedras molhadas e a terra.

Num dia em que a Princesa e Eliza a dispensaram assim que ela apareceu à porta, Hazel não conseguiu escrever mais do que meia frase na pequena escrivania ao lado de sua cama e, então, decidiu que levaria o seu pergaminho e a tinta para a enfermaria em Kew, onde se lembrava que havia um banco e uma mesa de madeira não envernizados e janelas por onde não entrava rigorosamente luz nenhuma.

Não estava lá ninguém, e sentia-se tão confortavelmente organizada e limpa como da primeira vez que lá fora. Hazel sentou-se num banco de madeira e espalhou as páginas à sua frente. Mas, afinal, era difícil recomeçar no ponto onde tinha parado em Edimburgo. Hazel teve a sensação de que só tinha estado alguns momentos a escrever quando olhou para a estreita janela ao fundo da sala e viu que a luz já tinha mudado para o laranja-dourado da tarde. Estava a

trabalhar profundamente concentrada nas legendas do diagrama de um coração que já tinha desenhado.

– No ventrículo esquerdo, o sangue vai *para* o corpo, não volta do corpo – disse uma voz suave por cima do seu ombro. Hazel pôs-se de pé de um salto e quase entornou um tinteiro.

– Desculpe, desculpe – disse o Dr. Ferris, levantando as mãos, como se estivesse a proteger a cara. – Tive curiosidade em ver em que é que estava a trabalhar.

Hazel tentou acalmar o seu coração acelerado com a surpresa da intromissão.

– O que é que está a *fazer* aqui?

– Esta enfermaria... é minha – respondeu o Dr. Ferris.

– É a enfermaria do palácio. O doutor trabalha para a Coroa, tal como eu.

– A sério? – retorquiu o médico, inclinando a cabeça. – Então, sabe o que faço. – Disse-o como uma declaração, não uma pergunta, e de repente Hazel apercebeu-se de que estava sozinha, sem acompanhante, com um homem, numa sala onde qualquer pessoa poderia entrar. Algo com que se teria preocupado numa outra vida. Antes de se vestir como um homem para estudar na Sociedade de Anatomistas. Antes de Jack. Agora não conseguia pensar em Jack. Hazel endireitou os papéis e moveu o corpo para esconder o seu trabalho do Dr. Ferris.

– Sim, sei – disse Hazel. – Trata o Rei George III, Deus o ajude e o salve.

O canto da boca do Dr. Ferris ergueu-se num sorriso trocista.

– Admita – disse ele. – Está um pouco impressionada.

– *Consigo?* Porque havia de estar?

O Dr. Ferris inclinou a cabeça.

– Fui o melhor do meu curso na Universidade de Uppsala aos 16 anos. O mais jovem chefe de cirurgia de sempre no Hospital Saint Göran em Estocolmo. Com artigos publicados no *Jornal da Real Sociedade de Medicina* e no *Jornal de Medicina de New England*. Dois

artigos neste último. Membro do Colégio Real de Cirurgias de Inglaterra. Fluente em sueco, francês, inglês, latim, alemão. Ah, e dinamarquês. Médico pessoal do Rei da Grã-Bretanha e da Irlanda aos 24 anos. É preciso continuar?

Hazel revirou os olhos.

– Posso ver em que está a trabalhar? Talvez eu possa ajudá-la? Quer que lhe lembre o que faz o ventrículo esquerdo?

– Eu *sei* o que o ventrículo esquerdo faz.

– Não tenho a mínima dúvida – disse o Dr. Ferris. – Mas aí no seu diagrama está errado. O ventrículo esquerdo está desenhado segundo a perspetiva do doente e não a do médico. É o lado esquerdo do doente.

Hazel olhou para o seu desenho. Ficou furiosa ao ver que ele tinha razão.

– Eu sei bem qual é o ventrículo esquerdo – disse, e arrependeu-se imediatamente porque falou como se fosse uma criança petulante.

O Dr. Ferris franziu o rosto.

– Mas saberá mesmo?

Hazel pegou na caneta e riscou rapidamente o que tinha escrito.

– Foi um erro nas legendas. Não no meu pensamento. Há uma diferença. Às vezes *sabemos* uma coisa, mas escrevemo-la incorretamente. Foi só isso.

O médico ignorou-a e foi até aos frascos medicinais buscar algumas ervas. Tirou uma grande bacia de porcelana de uma prateleira alta e lentamente retirou a tampa. Hazel esticou o pescoço para ver o que havia dentro.

– Sanguessugas! – exclamou.

– Sim, é claro. – O Dr. Ferris encolheu os ombros. – É uma boa maneira de alinhar os humores.

– Sim, sim, eu sei, eu só... – Hazel estremeceu involuntariamente, e o Dr. Ferris percebeu.

– Curioso. Uma médica que não sabe distinguir a esquerda da direita e que é melindrosa. Muito curioso.

– Eu não sou melindrosa. Já cortei duas pernas e parti o dobro dos braços. Tirei uma bala de um fémur e uma espada de uma orelha e de ambas as vezes o doente sobreviveu.

O bigode do médico eriçou-se. Ferris pegou numa única sanguessuga grossa e castanha com um dedo e aproximou-a devagar de Hazel. Que estremeceu involuntariamente. O médico tornou a pô-la na bacia ao pé das outras.

– Se a menina diz – disse ele, num tom leviano. Pegou na bacia de sanguessugas, subiu as escadas e saiu da sala. Havia um zumbido na cabeça de Hazel e tinha as orelhas a arder. Corrigiu o diagrama do coração, mas depois concluiu que não conseguiria escrever mais nada naquele dia.



Passada uma semana, Hazel estava a desenhar um diagrama DA TRAQUEIA QUANDO O DR. FERRIS TORNOU A APARECER ATRÁS DELA.

– Dr. Ferris. Tem por hábito incomodar as jovens quando estão a tentar escrever?

– Só quando estão na minha enfermaria. Trouxe-lhe chá. – Pousou uma caneca na mesa, tendo o cuidado de não a pousar sobre nenhum dos papéis de Hazel.

– Obrigada, Dr. Ferris – disse Hazel o mais friamente que conseguiu.

– Pode tratar-me por Simon.

– Prefiro não o fazer.

– Eu preferia muito mais que o fizesse. Caso contrário, vai parecer demasiado familiar eu tratá-la por Hazel.

– Primeiro, não vai tratar-me por Hazel. Embora lhe pareça apropriado vir perturbar-me enquanto estou a trabalhar aqui sozinha, não se iluda com a ideia de que atingimos qualquer nível de familiaridade.

Ferris dobrou-se numa vénia falsa.

– Como queira, Menina Sinnett.

– E, segundo, nem sequer me lembro de termos sido devidamente apresentados. Como é que sabe o meu nome? Andou a fazer perguntas sobre mim? – A última pergunta escapou-lhe da boca antes que ela tivesse hipótese de a conter.

– Bem, Menina Sinnett, talvez ache interessante saber que não há muitas mulheres médicas na Grã-Bretanha e ainda menos que tenham sido convidadas para tratar a Princesa. A sua reputação, como se costuma dizer, precede-a.

– E qual é a minha reputação?

Ele fez questão de a olhar de cima a baixo.

– Inteligente. Teimosa. Bem relacionada, mas um escândalo para a sua família. Acho que me lembro de ter ouvido qualquer coisa sobre uma prisão em Edimburgo. Boa com a agulha e linha quando é preciso dar pontos. Caligrafia péssima. Pernas finas.

– Não ouviu isso!

– Oh, não ouvi?

– Bem, eu também ouvi falar de si, Dr. Ferris. Dizem que é demasiado permissivo, arrogante e mais um numa longa linha de celebridades médicas precoces demasiado entusiasmadas com a sua própria fama para se preocuparem em ser boas naquilo que fazem.

– Uma «celebridade»! Agradeço-lhe, Menina Sinnett.

– Não um elogio, Dr. Ferris.

– Simon.

– Não.

Simon von Ferris suspirou e meteu as mãos nos bolsos do seu grande sobretudo

– O problema é este. Trouxe-lhe uma chávena de chá, na esperança de causar uma boa impressão. Mas, por alguma razão, o plano falhou.

– Acho que me insultou algumas vezes – disse Hazel.

– Acho que o que vocês ingleses confundem com insultos é apenas honestidade. Somos muito mais honestos na Suécia. Vocês disfarçam

os vossos insultos com boa educação. É muito mais cruel.

– Finalmente está enganado numa coisa – disse Hazel. Bebeu um gole do chá que Simon tinha trazido; era forte e tinha um sabor a baunilha. Sorriu. – Tem razão em relação aos ingleses em geral. Mas eu não sou inglesa. Sou escocesa.

– Então, somos os dois estrangeiros – disse ele. – Posso juntar-me a si? – Apontou para uma cadeira de madeira ao lado do banco de Hazel. – Pelo menos para o chá. E depois prometo que a deixo trabalhar em paz.

Hazel acenou com a cabeça e Simon sentou-se, satisfeito. De um dos muitos bolsos do seu sobretudo, tirou uma maçã e deu uma grande dentada com prazer.

Hazel riu-se.

– Andou sempre com isso no casaco?

– Claro que sim! – disse Simon, depois de engolir. – Nunca sabemos quando podemos precisar de comer qualquer coisa. – Deu uma palmadinha nos bolsos. – Cheios de segredos e mantimentos.

– Então é assim que alguém se torna médico pessoal do rei da Grã-Bretanha: estando preparado.

– Isso e saber falar com a realeza. Eles são uma espécie à parte. – Deu outra dentada na maçã.

Hazel virou-se para que seu corpo ficasse completamente de frente para o dele.

– Espere. Talvez possa ajudar-me.

– Com mais alguma coisa para além do chá?

– Com a Princesa. Ela recusa-se a deixar-me examiná-la.

– Ah! – exclamou Simon. – Sim, estou bem ciente dos padrões da Princesa. Ela recusou-se a abrir as portas de Warwick House para me deixar entrar, quando me chamaram para tentar descobrir o que havia de errado com ela.

– Só por curiosidade – disse Hazel. – O que é que acha que se passa com ela?

Ele deu outra dentada na maçã.

– Deus me valha se eu sei. Pode ser qualquer coisa. Já estou a ajudar?

– Não, mas acho que pode. Então, como é que falo com a realeza? Não acho que ela me despreze, mas ainda não tive oportunidade de a ver bem. E não posso ter a mínima esperança de descobrir o que se passa com ela enquanto não lhe fizer um exame a sério.

Simon parou por um momento e pôs um dedo nos lábios enquanto pensava.

– Já caçou patos em Veneza?

– Veneza? – Hazel não queria dizer-lhe que ela nunca tinha saído da Grã-Bretanha, e por isso disse apenas: – Não. Ainda não, quero eu dizer.

E então, para grande prazer e surpresa de Hazel, Ferris continuou a falar, sem nada do horror condescendente de algo como *Oh, é maravilhoso, você tem simplesmente de experimentar*. Talvez ele tivesse razão em relação à educação inglesa.

– Tem de se levantar antes do amanhecer – disse ele. – *Antes* de amanhecer, quando os patos ainda estão a dormir. E há centenas de patos nas lagoas. Milhares, talvez. Mas não podemos começar a disparar antes de nos instalarmos no local. E ficamos ali à espera. Em silêncio, sem nos mexermos, durante uma hora, talvez, até os patos começarem a acordar. E, nessa altura, descobrimos que, por já lá estarmos, eles já se habituaram a nós. E então podemos começar a disparar.

– Está a dizer que tratar a Princesa é o mesmo que... matar patos?

– Só por acaso, mas é possível que a metáfora não seja perfeita.

– Eu já apareço todos os dias – disse Hazel. – Tenho passado horas a ler no átrio. Não me parece que o problema seja o facto de não se sentir à vontade comigo.

– Bem, então talvez precise de transformar isso num jogo? Ou talvez – continuou – precise simplesmente de lhe perguntar. Ninguém lhe disse que ser da realeza é ser infeliz? Passam o dia inteiro fechados nas suas gaiolas douradas, à espera de que alguém os trate

como seres humanos reais e não como um pedaço de porcelana. É uma vida terrível.

– É difícil para mim conseguir ter compaixão por pessoas com mais dinheiro e terras do que as que são capazes de gerir – disse Hazel.

– Com que então, é uma revolucionária? – perguntou Simon.

– Não necessariamente – disse Hazel. – Mas passei demasiado tempo a ler as notícias da Escócia para me considerar uma monarquista devota.

– Muito sábia – disse Simon. – Vejo que já terminou o chá. Vou levar a sua chávena, e deixá-la em silêncio para continuar os seus escritos.

– Queria perguntar-lhe – disse Hazel quando ele se baixou para levantar a chávena e o pires. – As sanguessugas estão a resultar? No Rei?

Simon abanou a cabeça.

– Nem mais nem menos do que qualquer outra coisa. Depois de passar algum tempo com o Rei George, percebi que mesmo alguém que não simpatize muito com o monarca acabará por sentir alguma empatia com o homem. Boa tarde, Menina Sinnett.

O médico dirigiu-se para a porta com passos largos. Hazel queria ficar sozinha para trabalhar, mas agora que ele estava a ir embora, descobriu que queria que ele ficasse.

– Espere! – disse Hazel. – Esqueci-me de lhe perguntar uma coisa. Está em Londres há mais tempo do que eu. Já ouviu falar da Sociedade dos Companheiros da Morte?

Simon inclinou a cabeça para o lado e passou um dedo pelo bigode.

– Já. Marie-Anne Lavoisier e a sua trupe. Eles gostam dos jovens, dos belos e dos brilhantes. Suponho que virão ter consigo a qualquer momento.

Hazel conhecia o nome de Marie-Anne Lavoisier de qualquer lado. Pensou qual daquelas pessoas com máscaras de coelho seria ela naquela noite, a correr em Pall Mall.

– Portanto, presumo que já tenha sido convidado? – perguntou Hazel a Simon, antes de conseguir conter-se.

Simon sorriu.

– Prefiro passar as noites em casa e dormir bem. Beber chá, ler um livro e deitar-me às nove da noite. – E saiu da enfermaria. Apesar de ter levado a chávena com as borras de chá de Hazel, ela podia jurar que ainda sentia o cheiro escuro e taninoso do chá preto e de baunilha muito depois de ele se ter ido embora.



Na manhã seguinte, Hazel foi para Warwick House com três livros, uma caneta nova e várias folhas de papel limpas. Se ia passar o tempo à espera de que a Princesa estivesse disposta a vê-la, pelo menos iria usar esse tempo de forma produtiva.

Hazel levou também os instrumentos médicos que trouxera emprestados de Kew, embrulhados numa lona.

Quando os baús de Hazel chegaram sem a sua mala de médica, ela escreveu imediatamente para Hawthornden a pedir a Iona que a enviasse. Alguns dias depois, a sua amada mala chegou, mas Hazel quase chorou quando a abriu: o couro estava encharcado, e o interior da mala estava cheio de bolor verde-acinzentado. Algures na viagem entre Edimburgo e Londres, a sua mala tinha caído numa poça e ficado encharcada. O cheiro era suficiente para lhe dar vontade de vomitar.

O fecho estava enferrujado e partido. Os cadernos que ela tinha guardado lá dentro estavam transformados numa polpa inútil.

O cheiro a mofo permaneceu no seu quarto durante vários dias, mesmo depois de ela ter deitado a mala fora.

Hazel queria comprar uma mala médica nova, mas ainda não tinha encontrado a mala certa. Antes de se ter estragado, a sua antiga mala médica em Edimburgo era *perfeita*: tinha sido usada o suficiente para o couro estar macio, mas não a desfazer-se; era suficientemente

grande para levar tudo o que ela precisava, mas não era pesada. Passou uma tarde a procurar nas lojas, mas os resultados foram desanimadores. Encontrou uma dúzia de malas médicas, cada uma ligeiramente errada à sua maneira, e todas três vezes mais caras e nem de perto tão boas como a que tinha.

Como tal, a trouxa de lona teria de servir. Por enquanto.

Hazel levava os livros nos braços, e estava a decidir por qual deles devia começar, quando algo chamou a sua atenção: um pequeno tufo de pelo cinzento deitado ao sol, na estrada.

– Olá – disse Hazel, aproximando-se.

O cachorro não tinha coleira nem trela e rebolou, ficando deitado de costas a contorcer-se na poeira, inconsciente ou nada incomodado com o facto de uma carruagem poder passar a qualquer momento. Hazel aproximou-se mais e viu que o pequeno cachorro cinzento, mais pelo do que animal, era o que tinha visto deitado na cama da Princesa Charlotte: Edith ou Edwarda... Edwina!

– Acho que não devias estar aqui fora sozinha, pequenina – murmurou Hazel.

Nesse preciso momento, a Princesa apareceu à porta de Warwick House, com o cabelo desgrehado e vestida apenas com um roupão.

– Edwina! – chamou, perturbada. – Vem à mamã!

A cadela pôs as orelhas no ar ao ouvir o seu nome e saltou sobre as quatro patas, ziguezagueando como se quisesse correr para mais longe e continuar a brincadeira. Antes que Edwina tivesse oportunidade de fugir, Hazel apanhou-a e chegou aos degraus de Warwick House pouco depois.

– Oh, graças a Deus! – exclamou Charlotte, arrancando Edwina dos braços de Hazel. A cadela lambeu alegremente o rosto da mãe. – Quando vi que ela não estava na cama hoje de manhã, procurei por todo lado. Procurei e procurei e depois lembrei-me de que ela podia ter saído com o criado de libré, e, se ela se tivesse escapado, nem sabia o que faria.

A Princesa continuou a palrar para a cadela que tinha nos braços,

alternando entre repreensões e palavras de carinho, enquanto regressava ao quarto. Não agradeceu a Hazel, mas também não fechou a porta atrás de si.

E, assim, Hazel seguiu atrás dela e, ao invés de ocupar o seu lugar habitual no corredor, sentou-se à mesa do pequeno-almoço no quarto da Princesa. Eliza entrou na sala momentos depois, com o cabelo desgrenhado e a testa coberta de suor.

– Ah, *encontrou-a*. Andava à procura nas cozinhas.

– Estava lá fora – ronronou a Princesa Charlotte, sem nunca desviar a atenção da cadela nos seus braços. – E a Menina Sinnett encontrou-a.

– Ora, quem diria – exclamou Eliza. Sentou-se na cadeira em frente de Hazel. A Princesa estava outra vez debaixo dos cobertores, imersa no seu próprio mundo com a cachorra aninhada no seu peito e a lamber-lhe a cara. Eliza suspirou e voltou-se para Hazel. – Cartas?

A manhã deu lugar à tarde. Hazel tinha acabado de perder o terceiro jogo seguido de *whist*, quando a Princesa Charlotte acordou de uma sesta e tocou a campainha para a empregada lhe trazer o chá.

Era uma tarde indolente. A Princesa estava à vontade, grata a Hazel por devolver a sua cachorra (mesmo que não o tivesse dito), e suficientemente à vontade com ela para, pelo menos, permitir que ela se sentasse no seu quarto particular. Foi um cálculo nebuloso, feito apenas com base na intuição, mas Hazel decidiu que tinha chegado a hora de tentar fazer com que a Princesa se abrisse com ela. Ia tentar uma nova tática.

Levantou-se da mesa e pigarreou. A Princesa Charlotte soergueu uma sobrancelha, e Hazel fez uma pequena vénia.

– Vossa Alteza Real, posso ser honesta por um momento?

Eliza estava a observar, num canto da sala, com o rosto inalterado, mas com o olhar a exprimir preocupação. Charlotte apenas encolheu os ombros.

– O seu pai deixou bem claro que eu tenho de ser capaz de diagnosticar o que quer que esteja a afligi-la. Se não o fizer, receio

que ele torne as coisas difíceis para a minha mãe e para o meu irmão. Mais difíceis ainda. Eles já tiveram de lidar com o escândalo de eu ter recusado um noivado e de me ter vestido de homem para estudar anatomia, e se o Príncipe Regente achar que eu traí a Coroa, provavelmente teremos de, sei lá, fugir do reino. Viver em Santa Helena.

– Rompeu um noivado? – perguntou Charlotte.

– No ano passado. Com o meu primo. Eu gostava de outra pessoa.

– E assim, o pensamento de Jack voltou numa onda que Hazel não conseguiu travar.

Estava outra vez no cemitério com ele, na cova que tinham acabado de abrir, com os corpos perto um do outro, com o cheiro da terra à sua volta, a ouvir a respiração um do outro e a sentir as batidas do coração um do outro. De volta ao quarto da Princesa, os pelos do braço de Hazel eriçaram-se num arrepio. – Cinco minutos, Alteza. É tudo o que peço. Apenas cinco minutos e posso escrever um relatório para o Gaspar levar ao Príncipe Regente.

Hazel susteve a respiração.

– Está bem – disse Charlotte. – Cinco minutos.

Eliza parecia genuinamente surpreendida.

– Vou pedir mais chá.

– Não, fica – disse a Princesa. – A Menina Sinnett pode ir pedir o chá e examina-me quando voltar.



Hazel não estava à espera de descobrir uma pista óbvia nos sintomas da Princesa mas, pelo menos, teria um ponto de partida para trabalhar. A testa de Charlotte estava quente. A Princesa tinha febre, isso era óbvio, para além de se queixar de fadiga e visão turva. Mas o resto do exame da Princesa não revelou rigorosamente nada. O seu batimento cardíaco era normal. Não tinha qualquer inchaço nem erupções cutâneas. Tinha cicatrizes nas costas, vestígios da febre

romana a que sobrevivera, mas felizmente nenhuma das marcas era recente. A Princesa queixava-se de dores no estômago, mas Hazel não sentiu qualquer rigidez ou inchaço na zona.

Resumindo, não havia nada no exame que explicasse por que razão uma mulher de 22 anos estava de cama com febre há várias semanas. Ainda assim, Hazel anotou tudo devidamente, adicionando o exame ao seu caderno de observações. Estava a fazer progressos. Estranhamente, quando entrou na carruagem para voltar aos seus aposentos naquela noite, veio-lhe à cabeça a ideia de que, embora ainda não tivesse a resposta, gostava de contar a Simon von Ferris o exame que fizera naquele dia.

Por insistência de Eliza, Hazel concordou em comprar um vestido novo para o baile do Regente.

– Sinto muito, mas não pode continuar a usar o que *tem* usado – disse Eliza, pegando na saia de Hazel. – Esta bainha tem menos três centímetros do que devia ter, e o peito já passou de moda há, pelo menos, seis meses.

– Eu nem sei se vou ao baile, Eliza – disse Hazel. – Tenho muito trabalho que devia estar a fazer. Estou aqui para tratar a Princesa, não para... não sei... dançar quadrilhas.

Eliza lançou-lhe um olhar rápido e revirou os olhos.

– Está cá para tratar da Princesa e ela vai estar no baile. Pronto. É praticamente a descrição do seu trabalho. Não sei porque torna tão difícil para mim tentar ajudá-la a ter uma oportunidade de se divertir.

– Espere. A Princesa vai ao baile? – Hazel não tinha visto Charlotte fora dos seus aposentos, exceto nas poucas vezes em que tinham ido dar um passeio pelo parque. – Pensava que a saúde dela não o permitiria.

A boca de Eliza fechou-se numa linha fina e firme.

– Até a Princesa Charlotte sabe quando tem de se comprometer com o pai. Ele quer que ela se despache a arranjar um marido e a saúde não interessa. Inclinou-se para Hazel, e Hazel para ela. – Cá para mim, ele preferia que ela se casasse com o Príncipe de Orange e saísse do país para sempre.

– Porque é que o Príncipe Regente há de querer que a *Princesa* saia do país? Ela é de longe o membro mais popular da família real.

– Exatamente por isso – disse Eliza. – Não reparou nas filas que as pessoas fazem para a verem? Como dão vivas ao seu nome? – Hazel tinha reparado. Quase todos os dias quando chegava a Warwick

House, havia um grupo de simpatizantes por perto, a desejar a Charlotte uma rápida recuperação. – E já conhece o Príncipe Regente. Não quero falar mal de Sua Alteza Real – um sorriso malicioso –, mas é uma pessoa que só gosta de elogios para ele próprio. Quanto mais depressa Charlotte estiver fora do país com um marido, mais depressa as atenções ficarão centradas nele, e quanto mais depressa ela tiver um filho, mais depressa as pessoas poderão esquecê-la completamente.

– Portanto, ela vai casar é com a sua própria obsolescência.

– Todas as mulheres se tornam obsoletas quando se casam – retorquiu Eliza. – As coisas por que somos elogiadas quando somos novas? Ser simpáticas, coquetes e inteligentes? Numa mulher casada e numa mãe, tudo isso se torna desesperante e embaraçoso, como usar demasiado *rouge*. A nossa educação deixa de ter qualquer utilidade depois de casarmos. Eu e a Charlotte aprendemos línguas e música para nos tornarmos suficientemente dotadas para atrairmos maridos. Casamos, tornamo-nos matronas e depois criamos os nossos filhos para tomarem decisões em nosso nome.

Hazel lembrava-se do que sentira quando Bernard a pedira em casamento, de saber que, se aceitasse, o resto da sua vida seguiria por um caminho muito estreito e restrito. Dia após dia a escolher o vestido certo, a fazer as visitas sociais certas e a ter filhos, observando, a cada dia, como a memória do que outrora adorara sobre cirurgia e anatomia humana se ia tornando cada vez mais ténue.

– Acho que é por isso que não tenho a menor intenção de alguma vez me casar – disse Hazel. A ideia tinha acabado de se materializar, completamente formada, no momento em que a disse. Não se casaria. Tinha encontrado o amor uma vez, mas Jack tinha morrido, e agora Hazel viveria como quisesse.

– Acho bem. Isso é bom para uma cirurgiã – disse Eliza. – Acho que, nesse especto, a Menina Sinnett é uma raridade. Mas a Princesa Charlotte não pode dar-se a esse luxo. O casamento dela é um acontecimento diplomático e político da maior importância. Ter um

herdeiro é o seu principal dever para com a Coroa.

– E, por isso, doente ou não, ela vai ao baile do pai.

Eliza acenou com a cabeça.

– Embora, geralmente, eu consigo arranjar uma maneira de a tirar mais cedo desse tipo de coisas.

– Está bem – disse Hazel. – Eu vou. – Se não fosse por mais nada, pensou Hazel, seria mais uma oportunidade de observar a Princesa, de a ver em público e de continuar a anotar os seus sintomas. Afinal de contas, talvez tratá-la fosse mesmo como caçar patos. Hazel teria de esperar e ir observando à medida que os indícios que pudessem levar a um diagnóstico se fossem revelando.

Eliza ainda estava a avaliar o vestido que Hazel estava a usar. Franziu a testa quando palpou com os dedos o tecido das mangas.

– Tem de ir encomendar um vestido novo à Sra. Thire. E ponto final. Vou encarregar-me pessoalmente de garantir que ela o acaba a tempo.

– Por acaso, a Sra. Thire já me fez um vestido – disse Hazel, surpreendida e encantada por poder dizer algo que ia agradar a Eliza. – No ano passado, a minha mãe mandou-lhe as minhas medidas.

– A sério? Então, assim é mais fácil. Vista esse. Imagino que seja incomparavelmente melhor do que os que tem usado por aqui. Sem ofensa.

O que seria feito desse vestido? Tinha-o usado naquela noite em casa de Mercer, na noite em que tinha sido presa. Tinha-o vestido quando a levaram para aquela prisão na colina e também o tinha quando a obrigaram a mudar para aquela bata de algodão teso que as mulheres detidas usavam. Provavelmente, o seu lindo vestido calêndula ainda lá estava ao abandono, amarrotado numa bola, a encher-se de bolor com a humidade.

– Na verdade... já não o tenho – disse Hazel. – Eu, hum, perdi-o.

Eliza pestanejou devagar.

– Está bem. Nesse caso, temos de voltar ao plano inicial. Provavelmente, até é melhor assim. Um vestido com vários meses já é

embaraçoso. Pior ainda se já o usou uma vez.

– «Uma vez»?

– Está em Londres, minha cara Menina Sinnett. Talvez em Edimburgo o xadrez e as camisas simples sejam considerados encantadores, mas vai ver. Estou a protegê-la. Estas pessoas comem-na viva, se puderem.

– E um vestido da Sra. Thire vai impedir isso?

Eliza enrolou uma madeixa de cabelo à volta do dedo.

– Um vestido da Sra. Thire vai distraí-los do primeiro embate.

Ser amiga de uma amiga da Princesa tinha as suas vantagens: no dia seguinte, o ateliê da Sra. Thire conseguiu encaixar Hazel para uma prova de última hora com a própria Sra. Thire numa loja pequena, mas bem decorada, com colunas brancas numa esquina chique perto do Soho.

– Vamos ter de ser rápidas – disse a Sra. Thire, à laia de cumprimento, levando Hazel para o fundo do ateliê. – Todas as jovens da cidade querem um vestido novo para chamar a atenção de um qualquer soldado arrojado, agora que todos regressaram da guerra contra Napoleão. – Estava a falar com alfinetes na boca. – Menina Hazel Sinnett. Hawthornden Castle, Edimburgo. Tenho as suas medidas algures. Nunca me esqueço de uma cliente. – Tirou as medidas a Hazel com os olhos, fazendo um sinal de desaprovação. – Um centímetro a menos no peito e vamos precisar de mais volume na saia para ajudar a disfarçar essas pernas horivelmente magras. Venha comigo. – E, sem que Hazel dissesse uma só palavra, foi levada para um pedestal para que a Sra. Thire pudesse começar a tirar medidas mais exatas com um pedaço de linha que tirou de um dos muitos bolsos escondidos de sua saia.

A Sra. Thire era uma mulher alta, com cerca de 40 anos, embora fosse difícil dizer exatamente qual seria a sua idade. A pele morena era imaculada, mas tinha uma ruga entre as sobrancelhas que lhe conferia uma sensação de intensidade e concentração. Os caracóis saíam-lhe da touca, e Hazel viu uma madeixa de cabelo grisalho a

emoldurar o rosto da Sra. Thire, que estava a observar a modelo com um olhar concentrado.

– O cor-de-rosa não é a sua cor – disse-lhe. Tinha um leve sotaque de algures nas Caraíbas.

– Ah – exclamou Hazel.

– Azuis. Verdes. Tons de joias. Cores que realcem o seu lindo rubor. Tem de comer mais. Beba uma taça de champanhe no baile, quando lá chegar, para ficar com as faces rosadas. – A Sra. Thire falava como se estivesse a ditar uma carta. Hazel pensou se devia estar a tomar notas. – Fique aqui. – Saiu, deixando Hazel sozinha no pedestal ao fundo da sala, ainda com o vestido com que tinha vindo, mas sentindo-se de alguma forma muito, muito nua.

Passado um momento, a Sra. Thire voltou com um monte de tecido azul meia-noite.

– Receio que não tenhamos tempo para fazer nada por medida – disse a Sra. Thire. – Mas acho que este lhe vai ficar lindamente. Experimente-o.

– Aqui?

– Não, nas colónias. *Sim*, aqui. Vá, vamos vesti-lo.

E, assim, sentindo-se mais do que um pouco constrangida, Hazel tirou o vestido que levava, ficando apenas com o espartilho, e deixou que a Sra. Thire lhe enfiasse o vestido azul-escuro pela cabeça.

– Sim – disse a Sra. Thire. – Sim, este é muito melhor. – E, sem esperar que Hazel respondesse, começou a pôr alfinetes e a coser, levantando o corpete para que assentasse exatamente na cintura de Hazel e apertando o peito. As suas mãos moviam-se tão depressa, dando pequenos pontos, pondo alguns alfinetes aqui e ali, que só passados 10 minutos a ver a Sra. Thire em ação é que Hazel percebeu que ela só tinha quatro dedos na mão esquerda. No lugar do dedo mindinho, a modista tinha um pequeno tecido rosa cicatrizado, brilhante como uma queimadura. Hazel viu que era uma ferida antiga, a julgar pela forma como o tecido da cicatriz tinha ficado esbranquiçado nas bordas, provavelmente fruto de uma lesão com

vários anos.

– Pronto – concluiu a Sra. Thire, tirando o vestido pela cabeça de Hazel, antes mesmo que ela pudesse ver-se ao espelho. – Vou fazer os arranjos e mando-o entregar na sua morada na semana que vem.

– Obrigada – disse Hazel. Pegou na bolsa para pagar o vestido à Sra. Thire, mas ela fez-lhe um aceno com a mão.

– Não é nada – disse. – Considere-o uma oferta.

– Não – contrapôs Hazel. – Não, por favor. Insisto.

A Sra. Thire manteve a mão levantada.

– É um prazer poder vestir mulheres interessantes, Menina Sinnett. E ainda mais, mulheres interessantes que estão a desempenhar a função de médicas pessoais da Princesa da Inglaterra. Sorriu e Hazel viu nos seus olhos um lampejo qualquer que não parecia ser inteiramente de bondade. Ficou a olhar para Hazel demasiado tempo, como se ainda estivesse a tirar-lhe as medidas, embora Hazel já tivesse descido do pedestal. – Foi um prazer conhecê-la pessoalmente, Menina Sinnett

Uns sininhos por cima da porta do ateliê tocaram alegremente quando Hazel ia a sair para a rua, voltando para a sua carruagem. Embora o dia estivesse quente, sentiu um frio repentino pela espinha abaixo, de que não conseguiria libertar-se tão cedo.



O vestido chegou na manhã do baile do Príncipe Regente, entregue em mãos por um criado de libré, que saltou da parte de trás de uma carruagem, com uma caixa grande cor de marfim. O papel fino que vinha lá dentro lembrava teias de aranha e, embora Hazel não tivesse achado o vestido nada de especial quando o experimentou no ateliê da Sra. Thire, quando o enfiou pela cabeça naquela tarde e se viu ao espelho, teve de admitir que ele tinha qualquer coisa de mágico. Era azul, mas escuro como um céu noturno, com fios prateados entretecidos que brilhavam quando ela se mexia, como se fossem

estrelas. Embora o corte parecesse padrão – as mangas eram soltas nos ombros e a cintura subida – quando Hazel o vestiu, sentiu-se transformada. Outros vestidos tinham-na deixado com a sensação de que estava a brincar aos vestidos, mas aquele parecia feito para ela.

Sra. Thire era mesmo um génio, pensou Hazel, fazendo rodopiar a saia e vendo como os fios prateados atraíam a luz que entrava pela janela. O tecido era fino e sedoso, escorrendo sobre a pele de Hazel como água. Quando saiu do apartamento e teve um último vislumbre de si própria ao espelho, desejou que Jack a pudesse ver com aquele vestido. Que ele a pudesse ver com um qualquer vestido bonito. Ele apaixonara-se por ela meio coberta de lama, exausta e salpicada de sangue. Num outro universo, teriam podido ir de mãos dadas a um jantar, sem se preocuparem com nada e sem pesadelos a persegui-los. Só os dois, com o prazer de estarem limpos e a usarem roupas finas e de sorrirem um para o outro através de um salão de baile lotado, como se partilhassem um segredo.

Quando Hazel chegou a Buckingham House, a festa já estava cheia, com carruagens alinhadas de ambos os lados da rua e convidados com os seus trajes feitos à mão a espalharem-se pela relva. No salão de baile, os músicos tocavam uma música suave e animada, e o som dos violinos rodopiava pela mansão, envolvendo a multidão de convidados que Hazel desconhecia, o que a fez perguntar-se para onde poderia ir, para não se sentir tão deslocada. Devia haver umas 50 pessoas só no átrio, organizadas em pequenos grupos, de cabeças inclinadas umas para as outras para partilharem as últimas coscuvilhices. O som dos sussurros e o estalido dos leques a abrirem-se pontuavam a música como se fossem instrumentos de percussão. Nem Eliza nem a Princesa estavam à vista. O único rosto que Hazel reconheceu foi o da Sra. Thire, que estava perto de uma mulher vestida à moda francesa. Hazel acenou, mas a Sra. Thire limitou-se a retribuir com um sorriso contraído antes de voltar à conversa que estava a ter.

E então Hazel viu outro rosto que reconheceu: o de Simon von

Ferris, de pé, ao lado da mesa com a comida, e dando a sensação de que preferia estar noutro lado qualquer. Estava todo de preto, revelando apenas um pouco do colarinho branco.

Hazel foi ter com ele.

– Dr. Ferris.

– Menina Sinnett.

– Tenho de admitir – disse Hazel – que estou um pouco surpreendida por vê-lo aqui. Não estava à espera de que este fosse o seu tipo de serão.

Simon aproximou-se tanto dela que quase lhe sussurrou ao ouvido:

– E qual esperava ser o meu tipo de serão?

Hazel afastou-se, quebrando a carga elétrica que se instalara entre os dois. Olhou à sua volta para ver se alguém tinha reparado na proximidade de ambos, mas constatou que ninguém estava a prestar-lhes atenção.

– Como disse no outro dia? Chá, um bom livro e deitar cedo.

– Num mundo perfeito – disse Simon. – Mas a função de médico real é mais política do que outra coisa qualquer. Tenho de aparecer de vez em quando. E descobri que tenho bastante jeito para isso. Tenho um dom natural de seduzir a classe alta.

Hazel engasgou-se com uma pequena tarte de queijo de cabra.

– Só pode estar a gozar comigo. Estava aqui sozinho, como uma criança petrificada, quando eu entrei.

– Se calhar, estava só à espera. A aguardar a minha vez.

– De?

Simon ficou em silêncio por um momento. Baixou os olhos para ver melhor o vestido azul-escuro de Hazel, bordado com fios de prata.

– Tem um vestido novo – disse.

– Isso é um elogio? – disse Hazel.

– Apenas uma observação.

– Bem, para um homem de ciência, esperava que os seus métodos fossem mais precisos. Só me viu, vejamos, em três ocasiões. Não tem maneira de saber que o meu vestido é novo. As conclusões devem ser

tiradas a partir de fatores observáveis.

– Ah – exclamou Simon. – Está enganada. Há uma série de fatores observáveis. – Estudou atentamente o tecido, e Hazel sentiu as suas faces corarem. – Os pontos estão impecáveis, não estão rasgados nem presos. A bainha não tem uma única mancha. E tem uns vincos aqui – passou um dedo um centímetro acima do estômago de Hazel – e aqui – a parte superior da coxa – que indicam que foi recentemente tirado de uma caixa. *Ergo*: vestido novo.

A mão dele tinha pairado sobre o seu corpo, quase sem tocar no vestido, mas ela sentira a eletricidade da pele dele através do tecido. E essa sensação permaneceu depois de ele afastar a mão.

– Mais uma vez – disse Hazel –, a arrogância de um médico a levar a melhor sobre ele. Não há maneira de saber se o vestido é *realmente* novo, ou se eu apenas cuidei muito bem dele. Talvez o guarde numa caixa quando não o uso.

– E depois há a forma como está a usá-lo – disse Simon.

– O que é que quer dizer com isso?

– As mulheres ficam sempre diferentes com um vestido novo. Mais altas. Ombros para trás. Está radiante. Está linda e sabe disso.

– Isso não é uma observação científica – contrapôs Hazel.

– Não é? – retorquiu Simon. – E, de qualquer forma, há uma maneira de saber com certeza se é um vestido novo ou não.

– E qual é?

– Ver como lhe fica quando está a dançar. – Ele mantinha o rosto muito sério, sem o mínimo indício de um sorriso por detrás dos olhos. – Dá-me a honra? Pelo bem da ciência, claro. – Simon estendeu o braço para Hazel o agarrar. Ela assim fez, e as suas luvas de seda prateada eram tão finas que foi quase como darem as mãos.

Hazel sentiu todos os olhares voltados para eles quando entraram no salão de baile. Simon não pareceu aperceber-se do facto. Manteve os olhos em frente e uma postura perfeitamente ereta.

– Então, tenho razão? – perguntou Simon, enquanto ocupavam a sua posição.

– Sobre?

– Um vestido novo?

– Sim – disse Hazel –, é um vestido novo. Mas a sua metodologia para determinar o facto permanece um palpite. Certo, mas um palpite.

Hazel e Simon encararam-se, prontos para o princípio da dança, e ele fez um sorriso tão largo que apareceram umas covinhas nas suas bochechas.

A dança foi interrompida quando um grupo de homens surgiu na entrada do salão de baile e todos se voltaram para olhar. Era um grupo pequeno, talvez uma meia dúzia, com uniformes prussianos a condizer: casacos vermelhos brilhantes, botas altas e calças brancas justas. O líder era facilmente identificável. Embora não fosse o mais alto nem o mais bonito, tinha uma postura de comando. Estava à frente do grupo, como um pássaro na ponta de uma formação em V, com uma anca desenvolta inclinada para o lado. Tinha tantas medalhas no casaco que Hazel se perguntava como teria arranjado tempo para as merecer todas.

– O príncipe prussiano, imagino? – comentou com Simon.

– Frederick Augustus. Um dos filhos mais novos do herdeiro da Prússia. Uma presença constante na corte desde que foi louvado após a Batalha de Leipzig.

Era impossível negar que tinha uma figura arrojada, com o cabelo para a frente e um sorriso de desdém no lábio. O Príncipe de Orange – o antigo noivo da Princesa Charlotte – era um rapazito de pé no canto da sala, parecendo, como Eliza tinha descrito, um pré-adolescente. Nem sequer conseguia ter bigode; desenhavam-se apenas uns fios patéticos no lábio superior, mais uma sombra do que outra coisa. Por contraste, o Príncipe Frederick Augustus parecia um homem. Não era de admirar que a Princesa Charlotte tivesse sido tão rápida a terminar o seu noivado com o Príncipe de Orange ao primeiro sinal de febre; Hazel não podia censurá-la.

A jovem observou o Príncipe Frederick Augustus aproximar-se de

Eliza Murray, fazer uma vénia e beijar-lhe a mão. Ela fez também uma vénia e depois repetiu a saudação para um jovem bronzeado com cabelo encaracolado que estava timidamente de pé logo atrás do Príncipe. Hazel imaginou que devia ser o primeiro-tenente de Eliza, e a sua suposição demonstrou estar correta, quando Eliza se aproximou, acompanhada pelo rapaz de cabelos encaracolados.

– Menina Sinnett, posso apresentar-lhe o Tenente Otto Anhalt? Tenente, esta é a Menina Hazel Sinnett, uma médica que está a tratar a nossa Princesa Charlotte.

Otto fez uma vénia.

– O prazer é todo meu.

Hazel sorriu para Eliza, esperando transmitir a sua aprovação. Ele parecia bastante simpático e relativamente bonito, com a cabeça cheia de cabelo e com os dentes todos.

Quando Otto se levantou, voltou-se para Simon.

– Talvez possamos ir buscar um refresco para as senhoras.

– Tem toda a razão – disse Simon, sem tirar os olhos de Hazel. Afastaram-se.

– O que achou? – perguntou Eliza a Hazel. – É bonito. – Disse-o como uma declaração, tanto para si própria como para Hazel.

– Pois é – disse Hazel, no tom mais tranquilizador que conseguiu.

– Acho que vou casar com ele – disse Eliza. – Ele deixa de estar ao serviço do príncipe prussiano no mês que vem e vai voltar para casa. Pediu-me que fosse com ele. A família dele tem uma propriedade, e ele ganha bem como soldado, mas a família tem dinheiro. Ele recebe qualquer coisa como cinco mil libras por ano. – Hazel não respondeu logo, e Eliza perscrutou os olhos dela antes de continuar a falar. – Eu não posso ficar para sempre com a Princesa Charlotte. Assim que ela estiver bem, vai casar e mudar-se para uma casa nova com novos funcionários, e eu serei ainda mais velha e com menos perspectivas. Sem perspectivas. Gosto do Otto. Gosto bastante dele, e acho que, com o tempo, talvez até venha a amá-lo. Ele é muito simpático. *Muito* simpático. E engraçado! E tem sido muito paciente comigo.

– Pelo que diz, deve ser encantador – disse Hazel.

Eliza estava a sorrir quando os homens voltaram com taças de champanhe.

– A Princesa virá esta noite? – perguntou Otto. – Ouvi dizer que ela estaria presente.

Eliza abanou a cabeça.

– Tem estado demasiado doente. Esta noite está cheia de dores de cabeça. – Não fez qualquer contacto visual com Hazel. – Se me derem licença – disse, e deslizou por entre a multidão.

– Já conseguiu fazer um diagnóstico? – murmurou Simon para Hazel.

– Não – respondeu Hazel. – Mas finalmente consegui examiná-la. Não está inchada. Graças a Deus, não é varíola. Não é outra vez a febre romana. Estava com febre e queixou-se de dores de estômago e de cabeça. Tinha vermelhidão e inchaço à volta dos olhos.

– Dores de cabeça e vermelhidão à volta dos olhos podem ser febre amarela. Tem excesso de bÍlis amarela?

– Pensei nisso, mas o tom de pele dela é rosado. Não tem icterícia. Quando muito, estava vermelha.

– Então, pode ser escarlatina?

– A língua estava completamente normal. E não tinha dores de garganta nem glândulas inchadas.

Simon pensou por um momento.

– Vómitos? – perguntou. – Pode ser tifo.

– Sem vómitos – disse Hazel. – Pelo menos que eu saiba. A febre é demasiado baixa para ser tifo. E isso não explicaria as dores de estômago.

– Gravidez? – perguntou Simon, arqueando uma sobrancelha. – Isso explicaria as dores e a exaustão.

Hazel abanou a cabeça.

– Ela é constantemente vigiada. A Menina Murray está com ela durante todo o dia, e tenho a certeza de que o pai dela também é informado pelos criados de libré. Nenhum homem conseguiria

aproximar-se dela nem num metro quadrado. Talvez seja uma doença que eu nunca tenha visto. Uma doença rara, talvez. A ideia que mais me assusta é que há algo a corroê-la debaixo da pele que eu não consigo ver.

Não o tinha dito em voz alta antes, mas o medo impedia-a de dormir à noite desde o dia em que examinara Charlotte e encontrara tão poucos sintomas físicos. Em Edimburgo, Hazel tinha aberto doentes e visto tumores do tamanho de laranjas, pretos e pulsantes nos seus órgãos. E se algo estivesse a envenenar Charlotte por dentro, e ela não estivesse a perceber? Não havia maneira de saber com certeza sem a operar, e ela nunca arriscaria operar a Princesa sem ter algumas certezas.

Ficou chocada por constatar como era agradável poder falar sobre o assunto, pensar em voz alta na companhia de outro médico. Não tinha tido a oportunidade de falar sobre medicina ou cirurgia com ninguém desde o seu breve período na Sociedade dos Anatomistas e, nessa época, não havia casos reais para conversar; eram estudantes de olhos esbugalhados a comparem notas nos seus diagramas. E Hazel nem sequer era Hazel; era George Hazelton (ou seria George Hazleton?), vestida com as roupas do irmão. Era bom ser ela própria, pedir conselhos, ter uma conversa sobre medicina com um homem que a tratava como igual e não como uma peculiaridade ou um número de circo.

– Hum. – Simon levou um dedo ao bigode. Cofiou-o distraidamente, algo que Hazel notou que ele fazia quando estava nervoso ou a pensar. – Há uma coisa que um professor meu me disse em Uppsala, quando eu andava na faculdade de Medicina. Disse que se eu ouvisse quatro cascos a galopar ao longe, devia pensar em «cavalo» antes de pensar em «camelo».

Do outro lado do salão de baile, Hazel observou o Príncipe Frederick Augustus e os seus homens a rirem-se e a beberem com os braços sobre os ombros uns dos outros. Eliza estava por perto, bebendo delicadamente um copo de vinho ao lado de Otto.

– Então, quer dizer – disse Hazel – que, quando se está a lidar com uma questão médica que parece confusa, é mais provável que seja uma doença comum com sintomas incomuns.

– Exatamente.

Os músicos começaram a tocar uma valsa animada e, sem avisar, ele agarrou Hazel pela cintura, tão de repente que ela susteve a respiração.

– É assim que a dança começa, não é? – perguntou Simon.

– Acho que sim – respondeu Hazel, e sem mais uma palavra, começaram os dois a rodopiar por entre a multidão de dançarinos.

Como dançarino, Simon von Ferris era rígido e formal; o seu corpo era simplesmente demasiado alto para permitir aquilo a que Hazel chamaria graciosidade. Nunca deixou a sua postura descair, nunca permitiu que o cotovelo descesse abaixo do sítio exato onde devia estar. Simon estava tão concentrado em acertar nos passos que Hazel achou que ele não estava ciente da atenção que estava a receber das senhoras que observavam nas margens do salão de baile. Hazel viu os olhos delas iluminarem-se ao olharem para Simon, ao mesmo tempo que abriam os leques para esconderem os seus sussurros. Desejavam-no, percebeu Hazel. Quando tornou a olhar para o rosto de Simon, percebeu que ele estava a olhar apenas para ela.

A dança terminou e as palmas foram interrompidas por uma fanfarra desafinada anunciando a chegada do Príncipe Regente. Ele entrou com uma expressão azeda e um casaco vermelho-vivo, com Gaspar a seu lado, com a sua habitual peruca empoadada. O Príncipe inchou o peito e passou os olhos pela multidão, aparentemente descontente com o que via, apesar de os cortesãos estarem a fazer vénias e a ostentar os seus sorrisos mais obsequiosos. Voltou-se para Gaspar para perguntar qualquer coisa que Hazel não conseguiu ouvir. Gaspar respondeu abanando a cabeça, e o Príncipe foi-se embora, sem dançar uma única vez.

A entrada e saída abruptas fizeram com que o ambiente da festa parecesse um balão a esvaziar-se. A energia na sala evaporou-se, e

menos de uma hora depois já os últimos convidados estavam a sair. (Frederick Augustus e os seus amigos pareciam não se aperceber de qualquer tensão; estavam a empilhar copos de champanhe e a rir-se quando os copos caíam e se estilhaçavam no chão.)

Na beira da pista de dança, Hazel puxou Eliza para o lado.

– Charlotte alguma vez pensou em casar com o Príncipe Frederick Augustus?

Eliza abanou a cabeça e olhou em volta para ter certeza de que ninguém as tinha ouvido.

– Não, meu Deus, não! Porquê? Ouviu alguma coisa?

– Não, não ouvi nada! – respondeu Hazel. – Estava só a pensar. Sendo ele um príncipe e tudo. Com a idade adequada. E com um ar bastante... sociável.

Eliza tornou a abanar a cabeça.

– Não. Nem todos os príncipes são *príncipes* do calibre para casar com a futura Rainha de Inglaterra. A Europa está *cheia* de príncipes. Frederick Augustus tem uma posição relativamente baixa. Não é o filho mais velho. É de uma linhagem inferior da família. Mas isso nem sequer seria um problema, se não fosse a sua reputação. Ele é um *canalha*. Fala-se de dois filhos bastardos e de uma dúzia de desgostos de amor. Não – disse Eliza –, ele é um soldado e vai andar pela Europa a fazer com que as mulheres se apaixonem por ele até o pai o obrigar a assentar por uma herança insignificante. Há um número extremamente limitado de potenciais pretendentes disponíveis para a Princesa Charlotte, e ela está bem ciente disso. Além disso, acho que ele já está noivo. De uma duquesa austríaca ou outra qualquer. Coitada. É por isso que ele se vai embora no mês que vem e Otto vai para casa. Frederick Augustus esgotou finalmente a paciência do pai e vai ser enviado para junto da noiva. Ela vai ter de passar o resto da vida a vê-lo brincar com a fortuna deles.

Eliza e Charlotte viraram-se e viram o príncipe a beijar o braço de uma loira às risadinhas.

– Encantador – disse Eliza. – Agora, se me der licença, tenho de ter

a certeza de que a Princesa bebe a sua infusão antes de se deitar.

A festa estava a dissolver-se à volta delas, e Hazel virou-se para se despedir de Simon, para lhe agradecer pela dança, pelo conselho com o diagnóstico de Charlotte e por tornar a noite muito mais agradável do que teria sido sem a sua companhia, mas ele tinha ido embora. Tinha desaparecido no meio da multidão ou saído enquanto Hazel estava a falar com Eliza.

Hazel ficou com a sensação de que a noite tinha sido uma melodia inacabada, uma canção tocada até à estrofe final e depois suspensão, numa tensão palpável.

Atrás dela, Buckingham House estava iluminada por lanternas nas janelas, uma bolha fantasmagórica de luz contra o relvado preto e escuro de St. James's Park que se estendia, aveludado, à sua frente. A noite estava agradável, e Hazel decidiu que iria a pé para casa, primeiro pelo parque e depois seguindo a faixa escura do Tamisa até chegar aos seus aposentos. Estava cheia de energia quando chegou, com um zumbido na cabeça do ar frio da noite e do vinho tinto que tinha bebido. Reviveu mentalmente alguns momentos da noite enquanto se despia, dobrando cuidadosamente o vestido que Simon sabia ser novo.

Surgiu-lhe no rosto um sorriso rasgado. Naquele momento, Hazel teve a certeza de algo que até então era apenas uma pergunta incómoda, uma suspeita. Finalmente sabia o que havia de errado com a Princesa. O seu diagnóstico estava certo, e ela viu-o com uma clareza completa e absoluta.

Hazel estava tão envolvida nos seus pensamentos sobre a Princesa Charlotte que quase não notou que havia um envelope sobre a sua almofada.

Não estava ninguém no quarto e não havia ninguém lá fora na rua. Perguntou-se quando teria sido entregue, e *como* teria sido entregue tão intimamente.

O envelope era de papel grosso e vermelho-vivo, e estava fechado com lacre vermelho na forma de um cérebro humano. Estava

endereçado com tinta vermelha quase invisível no envelope, não fosse a forma como brilhava à luz das velas.

O seu nome surgia na parte da frente do envelope, escrito com uma letra perfeita: *Menina Hazel Sinnett*.

Não havia nenhuma carta dentro do envelope, apenas um papel sem qualquer assinatura, escrito com a mesma letra perfeita e regular do nome de Hazel. Era um poema e um enigma e um convite, tudo num só, e Hazel leu as linhas, primeiro para si mesma e, depois, em voz alta para poder senti-las na sua boca.

*Onde antes eram seis, mas sete se dizem
E um grande leão é branco
Se puderes furar o véu, encontra a mente
Onze da noite, quinta-feira*

Teve quase a certeza de que era um convite dos Companheiros da Morte; ou, pelo menos, um convite que estava dependente da sua capacidade de descobrir o enigma. (Por um momento fugaz, Hazel ficou excitada e escandalizada em igual medida com a ideia de que Lorde Byron em pessoa podia ter entrado no seu quarto para entregar o convite.)

Quanto a deslindar o enigma que a rima continha, Hazel pensou que seria mais fácil se estivesse mais familiarizada com a geografia de Londres. Provavelmente havia algures uma escultura de um leão branco em mármore ou talvez seis de tamanhos diferentes. Ou talvez «seis» pertencesse a uma morada, e ela tivesse de procurar um número seis numa Sétima Avenida, ou algo do género.

Era intrigante mas, antes que Hazel pudesse gastar demasiado tempo com ele (*de certeza de que haveria ali algures um mapa de Londres*), chegou outra carta, desta vez entregue pessoalmente.

Gaspar fez uma vénia quando entregou a carta e, apesar de ela o saudar calorosamente, quando ele se levantou, a sua expressão era

tensa.

– O Príncipe Regente não é um homem paciente – disse-lhe.

Hazel quebrou o selo real do envelope e passou rapidamente os olhos pelas poucas linhas da carta.

Menina Sinnett.

Fiquei muito desapontado por não ver a Princesa na festa desta noite. Se Charlotte estiver demasiado doente para estar presente na festa que será dada em honra de Sir Robert Mends pela sua promoção a Comandante daqui a três semanas, considere-se dispensada dos seus serviços.

*Sua Alteza Real,
George, Príncipe Regente*

Gaspar estudou os olhos de Hazel enquanto lia.

– Está metida em sarilhos? – perguntou com alguma hesitação. – O Príncipe Regente... não parecia nada satisfeito.

– Se tivesse de adivinhar – disse Hazel –, diria que o Príncipe Regente é um homem que nunca está satisfeito. Não estou metida em sarilho nenhum. Apenas me é dado um prazo.

– E isso não vai ser um problema?

– Não – disse Hazel. – Não, quando sabemos o que estamos a fazer.



Charlotte estava com um péssimo humor na manhã seguinte, quando Hazel chegou. Decidiu ignorar os protestos de Eliza e entrar nos aposentos da Princesa.

– Ela está a descansar! Não quer a companhia de ninguém! Nem sequer me quer a mim no quarto!

Os cortinados estavam fechados no quarto da Princesa, onde o calor era opressivo, com a lareira acesa, apesar de lá fora estar um dia

de Primavera agradavelmente soalheiro. O quarto estava transformado numa gruta húmida e irrespirável, e Hazel fez apenas uma pequena vénia antes de se pôr à frente da Princesa e dizer:

– Já sei qual é a sua doença.

A Princesa estava deitada sobre uma pilha de almofadas, com o braço dobrado sobre os olhos para os proteger de qualquer réstia de luz que pudesse haver no quarto às escuras. Sentou-se repentinamente e olhou para Hazel.

– O que quer dizer? Ou melhor, que doença é?

– Sei qual é o seu problema – disse Hazel mais uma vez. As duas mulheres fitaram-se mutuamente por um instante, antes de Charlotte tornar a reclinar-se. – Bem, isso seria uma surpresa para mim. O meu pai já chamou uma mão-cheia dos melhores médicos do mundo, que me trataram todas as doenças. Dores de cabeça e humores alterados. Fui tratada com sanguessugas e drenos e cortada. Seja qual for a cura que está a planear para mim, não prometo submeter-me a ela, enquanto não souber qual é. Então, o que é que vai ser? Um tónico? Ventosas? Não me fale em sangrar-me; já experimentaram isso, e eu detesto. Fico cheia de fome.

Hazel abanou a cabeça.

– Não é necessário nada disso – retorquiu Hazel.

– Oh?

– Não – disse Hazel.

A Princesa endireitou a almofada.

– Bem, adorava ouvir como é que está a planear tratar-me.

– Não vou tratá-la – disse Hazel. – Porque não há nada de errado consigo. Tem estado a fingir.

A boca da Princesa Charlotte abriu-se e tornou a fechar-se. Cerrou os dentes e olhou à sua volta. Eliza não estava no quarto; estavam apenas as duas e o silêncio só era quebrado pelos estalidos da lenha a arder. Hazel recusou-se a quebrar o contacto visual.

Por fim, a Princesa falou.

– Porque havia eu de fingir que estou doente? – perguntou, em voz

baixa e sem qualquer expressão no rosto.

– Porque – respondeu Hazel, tendo o cuidado de manter sempre o mesmo tom de voz –, uma princesa que está doente pode adiar um casamento com o Príncipe de Orange, e depois romper definitivamente o noivado. E depois, se uma princesa estiver demasiado doente para arranjar outro marido, pode até afastar a ideia de alguma vez se casar. – O coração de Hazel estava quase a sair-lhe pela boca; estava a observar cuidadosamente o rosto da Princesa, mas Charlotte mantinha-se impassível. – Porque talvez a princesa esteja apaixonada por alguém por quem não pode estar. E se ela fingir que está doente, não tem de ir a jantares, nem a festas, nem a bailes e ver essa pessoa prestes a casar-se com outra que não ela. Se estiver doente, pode ficar na cama, com os cortinados fechados para o mundo, e ficar no sítio onde existia a esperança de estar com a pessoa que ama.

A parte que Hazel não disse à Princesa foi que sabia exatamente o que isso era. Depois da morte de Jack, Hazel retirou-se para o seu mundo, para o laboratório no calabouço por baixo de Hawthornden, onde os dias e as noites se misturavam. Sentia que a passagem do tempo era uma traição a Jack e à sua memória; que devia viver mais dias sem ele, que devia seguir em frente depois de ele ter morrido. Hazel não fingiu estar doente; começou a escrever um tratado. Tinha-se refugiado no seu trabalho porque, sempre que saía para o mundo, pensava como seria se tivesse Jack a seu lado.

A Princesa Charlotte alisou cuidadosamente a manta que estava sobre a cama, olhando para as suas mãos.

– O que é que vai fazer? – perguntou finalmente, em voz baixa.

Hazel suspirou. Sentou-se na cadeira ao lado da cama de Charlotte, onde Eliza costumava sentar-se a ler para ela. Sobre a mesa estava um exemplar de *Sensibilidade e Bom Senso*.

– Eu li este livro! – exclamou Hazel.

Charlotte sorriu.

– Um dos meus preferidos – disse. – Já o li umas dez vezes. Leu os

outros livros da autora?

Hazel abanou a cabeça.

– Admito que nunca gostei muito de ficção. Leio sobretudo textos médicos e livros de História que ia buscar à biblioteca do meu pai. Mas a minha mãe andava muitas vezes com esse, embora ache que nunca o leu. Ou melhor, tenho a certeza de que nunca o leu. Fui eu que abri as páginas.

– Sempre me vi como Marianne.

Hazel teve de fazer um esforço para se lembrar das duas irmãs do livro.

– Romântica e impetuosa – disse Hazel.

Charlotte limitou-se a sorrir.

– Mas no fim aprende a ser sensata – disse Charlotte.

– Quanto tempo está a planear ficar doente? – perguntou Hazel.

– Não sei. Quanto tempo demora um desgosto de amor a passar? Porque não estou a fingir, Menina Sinnett. Não estou mesmo. Sinto-o como se fosse verdadeiramente uma doença. As dores que sinto no coração e no estômago. A sensação de que o meu corpo está pronto a trair-me a qualquer momento, que posso desatar a chorar ao ver uma coisa qualquer: flores, ou uma mãe e um filho, ou desconhecidos a abraçarem-se. É tão real como qualquer uma das doenças que os médicos do meu pai me diagnosticaram, só que não há nenhum tónico que eu possa tomar para a curar. Não há nada que um médico possa fazer para que eu me sinta melhor.

– Pois não – disse Hazel. – Não há nada que eu possa dar-lhe para aliviar a dor. – Se houvesse, pensou Hazel, ela própria o teria tomado há muito tempo.

Charlotte sentou-se na cama e voltou-se para ficar de frente para Hazel, olhos nos olhos. Ergueu uma sobrancelha perfeitamente arranjada.

– Vai dizer ao meu pai?

– E que tal fazermos um acordo? – disse Hazel. Meteu a mão no bolso para tirar a carta do Príncipe Regente que tinha recebido nessa

manhã. – Não lhe falo da sua «doença» se arranjar energia suficiente para estar presente – consultou a carta – na festa da promoção de Sir Robert Mends.

– E depois disso? – perguntou a Princesa Charlotte.

– Não sei – respondeu Hazel, com toda a honestidade. – Mas dá-nos algum tempo, não dá? Talvez até lá eu descubra a cura para um desgosto de amor.

Charlotte sorriu e limpou uma lágrima que ia cair.

– Sabe, admito que a sua descoberta me dá um certo alívio. A Eliza estava quase a desmaiar de cansaço por ter de ir buscar um novo saco de água quente sempre que a Hazel queria sentir a minha testa. – Baixou os olhos para o chão e viu um envelope vermelho no tapete bordado. – O que é isso?

A carta dos Companheiros da Morte tinha caído do bolso de Hazel quando ela tirara a carta do Príncipe Regente. Hazel apressou-se a apanhá-la, mas Charlotte apanhou-a primeiro.

– Ooooh – exclamou a Princesa. – É um enigma? «Onde ontem eram seis mas sete se dizem / E um grande leão é branco» O que... o que é que vão fazer nos Sete Relógios de Sol?

– O quê? – Era a vez de Hazel ficar surpreendida. – Mas que raio são os Sete Relógios de Sol?

– Bem, quer dizer, é uma esquina. Dantes era uma grande torre, com seis relógios de sol, no sítio onde as ruas se cruzam. Perto de Covent Garden.

– Se há seis relógios de sol – disse Hazel, vacilando –, porque é que se chama Sete Relógios de Sol?

– Não sei – disse a Princesa Charlotte, encolhendo os ombros. – Acho que a torre em si própria era considerada o sétimo. «Onde ontem eram seis mas sete se dizem.» Acho que deitaram a torre abaixo há uns anos, mas é por isso que a zona se chama Sete Relógios de Sol. Mas claro que já sabe isso. Recebeu o convite.

– Não – disse Hazel. – Não sei!

– Pensava que era preciso ser inteligente para se ser médico.

– Acho que conheço melhor o mapa do corpo humano do que o das ruas de Londres – disse Hazel.

Charlotte encolheu os ombros.

– Se assim o diz...

– E quanto ao resto? Também há lá alguma estátua de um leão?

Charlotte tornou a ler o poema.

– «E um grande leão é branco.» A Rua do Grande Leão Branco é uma das ruas da zona. O arquiteto foi Pierce. Foi ele que desenhou a torre. Um escultor famoso. Admira-me que não saiba estas coisas. É muito óbvio para mim.

– Então, diga-me – pediu Hazel. – E a última parte «encontra a mente»?

– Não sei. Pode ser um letreiro ou um desenho. Mas o resto não pode ser mais óbvio

– Estou a ver...

Charlotte sorriu e tocou uma campainha pendurada na parede perto da sua cama. Momentos depois, uma criada abriu a porta e entrou, fazendo uma pequena vénia.

– Chá para mim e para a Dra. Sinnett, por favor, Susan – ordenou a Princesa Charlotte. A criada fez outra vénia e saiu em silêncio.

– Na verdade, é só «menina» – disse Hazel. – Sou cirurgiã. E, para ser completamente honesta consigo, nunca passei no Exame Real.

– Mas frequentou as aulas de anatomia, não é verdade? – perguntou Charlotte. Hazel acenou com a cabeça. – É como eu lhe disse antes – continuou Charlotte. – Uma dúzia de homens com óculos e com tantas certificações reais que nem sabiam o que fazer com elas apalparam-me e picaram-me meses a fio, e nenhum deles descobriu o que havia de errado comigo. Que se dane o exame real. É uma médica, Hazel Sinnett, ou lá o que quiser intitular-se.

Vista de cima, a Rua dos Sete Relógios de Sol era composta por ruas convergentes que se juntavam, dividindo o mapa em triângulos. Embora estivesse a poucos passos de distância da pedra branca reluzente de Covent Garden, no momento em que Hazel virou para a rua estreita em direção ao seu destino, sentiu o ar mudar. Aquela zona era um lugar de mendigos e ladrões, onde as mulheres com lenços à volta da cabeça tossiam para as mangas, e o som de crianças a chorarem ecoava das casas de paredes finas. Uns quantos homens de olhares lascivos encostavam-se ao plinto vazio onde Hazel imaginou que outrora estariam a torre e os seus relógios de sol, e Hazel puxou a gola da capa para cima o mais que pôde, para esconder a cara, caminhando depressa.

Partira do princípio de que o enigma era dos Companheiros da Morte, mas também era possível que fosse algum tipo de armadilha. O bilhete podia ter sido enviado por pessoas perigosas, que queriam usá-la para chegar à Princesa ou astiga-la por ter saído da prisão de Calton. (Também era possível, pensou Hazel, que apesar do seu estatuto social, os Companheiros da Morte fossem perigosos.) Hazel era uma mulher a caminhar sozinha por um bairro escuro em direção a um destino desconhecido. Se ela própria se estivesse apenas a observar, diria que era tola.

Mas os charlatões e os polícias raramente se interessavam por poesia, pensou para si mesma enquanto caminhava. E, caso fosse necessário, tinha um bisturi, igualmente útil numa situação de autodefesa e numa cirurgia. E havia outra coisa que impulsionava os seus passos com mais força do que a razão: a curiosidade. Hazel jamais conseguiria voltar a dormir se tivesse ignorado a carta. Algo de estranho e interessante estava a acontecer na cidade, e ela estava

desesperada por fazer parte disso.

Tinha saído dos seus aposentos às dez e meia, quando a noite já estava bem escura. Pelo menos, a zona à volta da sua residência estava iluminada com candeeiros a gás. Ali, a única luz era o reflexo tremeluzente das velas nas janelas e os pubs com lanternas por cima das portas.

Em suma, não parecia o tipo de bairro que um clube social distinto frequentaria, mas, sim, ali estava a rua do Grande Leão Branco, e a poucos metros da esquina havia uma porta preta, tão polida que parecia um espelho e bem conservada, com uma maçaneta dourada que parecia deslocada naquele ambiente pobre. Por cima da porta preta havia uma pequena placa de madeira a balançar, tão pequena que Hazel não teria reparado nela se não estivesse à procura. Era uma placa sem palavras, apenas com um símbolo, o mesmo símbolo desenhado no lacre com que o convite estava selado: um cérebro.

Era ali. Tinha de ser.

Hesitante, bateu à porta e depois experimentou a maçaneta. Estava fechada à chave.

Tinha de ser ali. Desanimada, Hazel voltou a tentar. Continuava fechada. Tirou o convite do bolso e comparou o selo com o símbolo no letreiro: era exatamente o mesmo desenho de um cérebro, com os dois lobos claramente demarcados, entrelaçados com alguns redemoinhos ousados. Era ali. E, no entanto, a porta estava trancada. Hazel olhou à sua volta. Teria de decifrar mais algum enigma? Suspirou e encostou-se à parede. Um mendigo que ia a passar dirigiu-lhe um sorriso desdentado, e Hazel perguntou-se se não devia ir para casa. Os sinos das igrejas das redondezas começaram a tocar, com um tinido metálico: onze vezes seguidas. Quando o som da última badalada já estava a evaporar-se no ar da noite, Hazel virou-se para a porta e experimentou a maçaneta uma última vez. Desta vez, a maçaneta rodou com facilidade. A porta abriu-se às onze em ponto.

Hazel empurrou a porta, já com a saudação e o agradecimento preparados para quem lhe tivesse aberto a porta mas, para sua

surpresa, não estava lá ninguém. Quando a porta se abriu, não se via nada a não ser uma escada que descia para a escuridão, sem que a quebrassem quaisquer tochas ou velas. Depois de descer três degraus, a luz da rua já tinha desaparecido completamente; as escadas iam dar ao mais total negrume.

Por um momento, Hazel hesitou. Mas só por um momento. Tinha-se disfarçado de homem e dissecado cadáveres, escavado sepulturas e roubado corpos, enfrentado um médico imortal que tinha ameaçado arrancar o coração ao rapaz que ela amava. Tinha estado apaixonada e tinha-o perdido e aprendido a estar novamente sozinha. Não era um lance de escadas escuras que iria deter Hazel.

Mesmo assim, desceu as escadas cautelosamente, consciente de que não sabia de que altura iria cair se, por acaso, se desequilibrasse.

Uma rajada de vento fechou a porta atrás dela, assim que passou a ombreira e, sem qualquer aviso, a escuridão tornou-se completa.

Se fosse uma armadilha, pensou Hazel, era tarde de mais para voltar para trás. Tinha caído na armadilha. A única saída era seguir em frente.

Hazel pousou os dedos sobre o bisturi que tinha no bolso.

A cada degrau que descia, o frio aumentava, e Hazel já não conseguia ouvir os gritos e risos que vinham da rua; os únicos sons eram os seus passos e os pingos de água que caíam algures. Instintivamente, Hazel estendeu ambas as mãos à sua frente para que as pontas dos seus dedos soubessem antes da sua cara se as escadas acabavam numa curva apertada ou numa parede de tijolo.

Os seus ouvidos iam ficando mais aguçados a cada som que ouvia. Estaria alguém a segui-la? Hazel esteve quase para se voltar, mas depois obrigou-se a continuar. Percebeu que, se se voltasse, podia ficar desorientada no meio da escuridão.

– Não vai conseguir apanhar-me desprevenida – disse Hazel em voz alta, e a sua voz foi estranhamente distorcida pelo poço das escadas.

Não houve resposta.

E então, depois de Hazel ter descido o que pareciam ser 100 degraus, no preciso momento em que estava a decidir se devia voltar para trás, apareceu à sua frente uma nesga de luz. E uma sala, profusamente iluminada com velas, e uma figura sombria parada numa porta.

– Bem-vinda – disse uma voz feminina. – Estamos muito felizes por ter conseguido.

Hazel teve a sensação de que estava sonâmbula. Seguiu a voz e a nesga de luz para o que parecia, à primeira vista, ser um pub. Mas, não, não era um pub. Embora houvesse mesas e cerca de uma dúzia de pessoas sentadas à volta delas, não estavam sentadas ao balcão ou em bancos: estavam reclinadas em cadeiras de cabedal volumosas e sofás estofados a veludo fino. A maioria delas estava a conversar, mal se apercebendo da chegada de Hazel.

Os olhos de Hazel ajustaram-se à nova luz, e ela viu que quase todos os centímetros disponíveis de espaço na parede estavam cobertos por quadros. Mais quadros, não pendurados, estavam no chão, apoiados contra as paredes e, em alguns sítios, empilhados até três. No teto, um candelabro brilhava com a luz de uma centena de velas. Uma lareira ardia alegremente atrás de uma grelha ornamentada, com uma pistola de prata antiga pendurada por cima.

Hazel voltou a sua atenção para a sua anfitriã, uma mulher de cerca de 35 anos, com um rosto angular e inteligente. A mulher ergueu uma sobrancelha.

– Marie-Anne Lavoisier – disse numa voz que parecia água a correr sobre pedras.

Quando Eliza mencionara o nome, Hazel voltara aos seus livros para tentar lembrar-se da razão por que o nome lhe parecia tão familiar.

– Lavoisier – disse Hazel. – *A química?*

A pequena bolha de medo que tinha estado a crescer dentro do peito de Hazel começou a libertar-se.

Marie-Anne fez um pequeno e humilde aceno com a cabeça.

– Essa mesma. E tenho a certeza de que agora já descobriu quem somos?

– Os Companheiros da Morte – disse Hazel. – Um nome inteligente. O nome que Cleópatra e Marco António usavam para o grupo dos que com eles bebiam.

O grupo que estava sentado atrás de Marie-Anne tinha estado distraído, mas alguns rostos voltaram-se para Hazel, satisfeitos, e Hazel inchou um pouco com o orgulho de responder corretamente a uma pergunta.

– Ela é cirurgiã e já leu Plínio, o Jovem – disse Marie-Anne. – Que encantadora.

– Presumo que seja humor negro da sua parte – continuou Hazel. – Cleópatra e Marco António só renomearam o grupo quando a invasão de Octávio era inevitável. Quando a morte estava a bater-lhes à porta.

Marie-Anne sorriu sem mostrar os dentes.

– Exatamente. – Rodou o braço para a enorme sala atrás deles, e Hazel notou que, além dos retratos que enchiam as paredes, havia pilhas de livros a cobrir quase todas as superfícies planas: mesas, partes do chão, até mesmo equilibrados numa bandeja de chá, usados como um prato com alguns biscoitos.

– Então, estou a ser convidada para me tornar membro? – perguntou Hazel a Marie-Anne.

– Talvez – foi a resposta.

Um homem negro com um grande chapéu de pele aproximou-se de Marie-Anne e pôs o braço à volta dos seus ombros.

– Vais apresentar-me a esta bela mulher, ou tenho de ser eu a fazer tudo? – disse ele, num tom de repreensão, antes de estender uma mão grande e calejada diretamente a Hazel. – Benjamin Banneker. Matemático. Astrónomo. Naturalista. Em privado, sou também um modesto poeta. – Tinha um forte e simpático sotaque americano. Hazel gostou imediatamente dele.

Hazel sorriu e apertou-lhe a mão, enquanto uma voz gritava do fundo da sala:

– Para de dizer que és poeta, Banneker. Um dia destes, alguém acredita em ti. – O segundo homem levantou-se, e Hazel soube quem ele dispensava apresentações. Os caracóis escuros que lhe cobriam a testa e o lábio enrolado eram famosos.

– Ora, deixa-te disso, Byron – respondeu Banneker. – Nem toda a gente escreve poesia para se tornar famosa.

– Pois não – retorquiu Byron. – Há quem se meta nisso para fazer os verdadeiros poetas parecerem melhores. Já agora, obrigado por isso.

– Desculpe, minha *amiga* – disse Banneker a Hazel. – Ele está convencido de que a fama justifica a sua falta de maneiras.

– Pelo contrário, Banneker – atirou Byron, aproximando-se. Olhou para Hazel, mas depois desinteressou-se e voltou a sua atenção para Banneker. – Acho que a fama transforma a falta de maneiras numa idiossincrasia encantadora. Aliás, é uma dádiva que eu faço à alta sociedade. Chego, faço ou digo qualquer coisa escandalosa, e o resto das pessoas passam o resto das suas vidas a comentar o comportamento *simplesmente audacioso* de Lorde Byron. É a verdadeira razão pela qual sou convidado para essas festas.

– És convidado para essas festas – contrapôs Banneker –, porque dormes com as anfitriãs.

Byron pegou num pedaço de um biscoito que estava pousado na capa de um livro, pôs a língua de fora e depositou-o sobre ela.

– Isso também ajuda – respondeu, com um sorriso rasgado. Fez um aceno de cabeça a Hazel e voltou para a sua mesa, onde bebeu de uma só vez uma taça de vinho que o esperava.

– O teu ego é uma *distrrração* – disse um homem baixo sentado na mesa de Byron. Tinha um sotaque francês acentuado. – Imagina o que *terrias* para *dizerr* se o teu talento não fosse *desperrdiçado* a convencer as mulheres a renunciarem aos seus votos *matrrimoniais* para irem para a cama contigo.

– E quem diz que isso não é um objetivo meritório, *François*? – Byron troçou do nome do homem. – A poesia nasce da lascívia! Da

emoção! Do sentimento! Vês, é esse o teu problema. Estás outra vez a ser moralista. És sempre *moralista*.

Em toda a sua vida, Hazel nunca tinha estado numa sala como aquela. De certa forma, lembrava-a dos salões que o seu tio costumava organizar em Almont House em Edimburgo, para os quais convidava autores e políticos para dar palestras aos convidados, e Hazel – demasiado jovem para poder assistir – escondia-se debaixo de cadeiras ou atrás de sofás para ouvir o que pudesse. Para se sentir parte de um mundo cheio de ideias e filosofia e arte. Mas a sala de visitas do seu tio tinha sido estoica e digna, os convidados sentavam-se calmamente nas suas cadeiras de espaldar duro e batiam palmas quando era necessário. Aquilo era algo completamente diferente, um sítio onde as pessoas falavam alto e apaixonadamente. Estava a gostar muitíssimo.

– Ignore-o – disse Banneker, conduzindo Hazel para uma mesa e servindo-lhe um copo de vinho. – É o que eu costumo fazer. – Já estavam duas pessoas sentadas naquela mesa, a meio de um jogo de cartas: um homem com uma gola que lhe chegava ao queixo, e...

– Sra. Thire!

A modista sorriu para Hazel.

– Olá, Menina Sinnett. Ouvi dizer que o vestido azul-escuro lhe assentou divinamente.

– Não fazia ideia de que estava envolvida... nisto.

Sra. Thire encolheu os ombros e deslizou os seus dedos compridos sobre as cartas dispostas em leque que tinha na mão. Hazel tornou a reparar que lhe faltava o dedo mindinho da mão esquerda.

– O objetivo de uma sociedade secreta, em teoria, é ser secreta.

Banneker puxou uma cadeira e juntou-se a elas.

– E ninguém sabe mais bisbilhotices do que a mulher que faz os vestidos de toda a gente.

A Sra. Thire pousou as suas cartas na mesa com um floreado.

– É culpa minha que as pessoas queiram contar os seus segredos a alguém que julgam que não está a ouvir? – Sorriu para o seu companheiro de cartas, o homem com a gola franzida. – Ganhei. Mais

uma vez.

O homem revirou os olhos.

– O Antoine está zangado porque não ganha um jogo há um ano – disse a Sra. Thire. – E gosta de pensar que é muito mais esperto do que eu. – Antoine franziu o sobrolho em silêncio. – É verdade! – insistiu a Sra. Thire perante o beicinho dele, e Hazel percebeu que Antoine era mudo.

De algures na sala, as notas de um *pianoforte* insinuavam-se ao som da conversa. As velas pareciam piscar ao mesmo ritmo. A sala tinha um cheiro, um cheiro específico que lhe parecia familiar, mas que ela não conseguia identificar. Era o cheiro da terra antes de uma tempestade, antes de começar a chover, mas quando o ar estava cheio de eletricidade.

Banneker inclinou-se para Hazel.

– Portanto, já conhecia a Sra. Thire. E o Antoine ali...Olá, sim. E conheceu-me a mim, à Marie-Anne. E ao Byron, infelizmente... Quem mais? Vejamos! Ah! O Lewis!

Durante a hora seguinte, Hazel conheceu mais meia dúzia de membros dos Companheiros da Morte, um grupo que incluía dois membros do Parlamento, um ministro das finanças e uma mulher chamada Élisabeth, que Hazel descobriu ser uma antiga pintora da corte em Versailles.

– A pintora pessoal do retrato de Maria Antonieta – sussurrou Banneker. – Mas *não* lhe fale disso. Ela fica aborrecida.

E Hazel ficou a saber que os Companheiros colaboravam em projetos que eram prestigiosos e excitantes. Lorde Byron ajudara a escrever a letra de uma ópera para um dos membros, uma célebre soprano francesa. Outro dos membros tinha sido o arquiteto-chefe da remodelação do palácio em Kew e tinha recrutado Marie-Anne como química para ajudar a tingir o papel de parede dos aposentos do Rei com uma cor que mais ninguém teria.

– Como é que a senhora e o seu marido descobriram a natureza da combustão? – perguntou Hazel a Marie-Anne, quando conseguiu

desvencilhar-se de outra apresentação e falar a sós com a famosa química. – Que tipo de preparação, quero dizer. Para evitar que o fogo incendiasse o equipamento?

Marie-Anne deu uma gargalhada.

– Bem, a prevenção de incêndios foi algo em que só nos tornámos mestres *depois* de o Antoine me ter queimado as duas sobancelhas. As duas! Nunca mais voltaram a ter a mesma forma, mas pelo menos voltaram a crescer.

Hazel riu-se e Banneker abriu caminho à cotovelada até à cadeira ao lado dela.

– Fale-me mais do tratado em que estás a trabalhar, Menina Sinnett – disse Banneker. – Não quero gabar-me, mas consegui completar vários almanaques muito bem-conceituados, e se tiver dúvidas sobre a publicação, tenho a certeza de que posso...

Byron virou-se.

– Sim, Benjamin. Tenho a certeza de que, *de todos nós aqui*, ela vai querer o conselho editorial de um agricultor americano.

– A crueldade não te fica bem, Byron – disse o francês que estava na mesa de Byron. – Torna a tua pele amarelada. Se não pudermos apelar à tua bondade, talvez possamos pelo menos apelar à tua vaidade. Byron prestava atenção à sua mesa, deixando Banneker de boca ainda aberta numa tentativa tardia de responder ao insulto de Byron.

– Há quanto tempo faz parte dos Companheiros? – perguntou Hazel a Banneker, tentando aliviar a tensão.

Banneker ficou visivelmente menos tenso.

– Ora, vejamos. Há décadas, pelo menos. Olhou ao longe, como se estivesse perdido nas suas memórias. – Vim pela primeira vez a França antes da Revolução. Para conhecer Antoine, é claro. Isso deve ter sido, quando, em 1771? Eu estava a calcular um eclipse solar, e os Lavoisier eram os únicos na Europa que tinham o equipamento certo. Foi um verdadeiro milagre, tendo eu vindo da província de Maryland, onde tive de construir tudo à mão com madeira e cordel e todas as

peças sobresselentes que consegui arranjar, e depois ver o laboratório deles. Que delírio! Só a quantidade de vidro! Pensei que tinha morrido na viagem. Voltei a Maryland para resolver os meus assuntos, mas, a partir daquele momento, soube que não ficaria na América. Ou nas colónias, como era conhecida na altura. Fiquei na minha quinta durante as revoluções na França e depois a revolução na América, e... Oh céus, deve ter sido em 1804 que deixei a América para sempre e encontrei a Marie-Anne em Londres. – Aproximou-se mais de Hazel. – Foi mais fácil para mim do que para a maioria. Nunca me casei, nunca tive filhos. Isso complica as coisas. Eu era um homem da ciência simplesmente a tentar fazer o meu trabalho, mas num país que escravizava e matava pessoas iguais a mim. Sabia, sem sombra de dúvida, que o futuro seria mais simpático para mim do que o presente.

– O futuro – viver na Europa, quero eu dizer – disse Hazel.

– Detestável – concordou a Sra. Thire. – Que a América finja ser filha do Iluminismo e ainda tenha pessoas a trabalhar como escravos. Como propriedade. Exigiram a libertação do Império Britânico – para quê? Para quê? Pela liberdade? Se ainda fossem colónias de Inglaterra, a escravatura já teria sido proibida há uma década, tal como no resto do Império.

Um dos políticos Whig, de cujo nome Hazel não conseguia lembrar-se, bateu com a bengala no chão.

– Ouçam, ouçam! Graças a Deus por Mends e pela Esquadra da África Ocidental, é tudo o que tenho a dizer. Vamos mandá-lo de volta com os nossos melhores navios e os melhores homens.

Banneker notou a sobrancelha franzida de Hazel.

– É uma esquadra de navios britânicos estacionados ao largo da costa de África, para intercetar os traficantes de escravos – murmurou. – Não vai servir de nada para acabar com a escravidão que *continua* haverá ser praticada por lá, mas pelo menos faz alguma coisa.

– O objetivo é a abolição – disse Marie-Anne. – Primeiro, temos de garantir uma maioria Whig. O nosso governo conservador vai achar

sempre que a nossa relação comercial com os escravagistas da América é demasiado valiosa para ser posta em causa. Precisaremos de mais armas no nosso arsenal diplomático, por assim dizer. Quando a Princesa Charlotte estiver no trono, tudo isto será muito mais fácil.

Houve murmúrios de concordância.

– Menina Sinnett – disse Banneker –, ficaria fascinado por ouvir a sua opinião sobre uma questão simples. Porque é que acha que as mulheres em Filadélfia já estão a estudar em escolas de medicina, quando isso continua a não ser permitido na Grã-Bretanha? – Olhou diretamente para ela, para os seus olhos, com expectativa.

Hazel ficou a pensar por um momento.

– Um país jovem tem menos tradições. Menos regras. As regras sociais que estabelecemos aqui, na Inglaterra e Escócia, estão em vigor há séculos. Habitúamo-nos aos nossos costumes. As regras vão sendo reescritas à medida que avançamos. Embora, pelo que li, arrisco-me a dizer que não estão tão distantes das tradições inglesas como parecem pensar.

– Sim! Bem-dito! – disse um dos Whigs.

– Todos os americanos se consideram grandes aventureiros – observou outro dos políticos. – Sem uma monarquia, ficam com a ideia de que cada um deles pode ser um rei por si próprio. Ou uma rainha, neste caso.

A conversa continuou, e Hazel começou a sentir um calor a irradiar-lhe da barriga. Era um presente raro, pensou, estar cercada por pessoas inteligentes que realmente se importavam com o que cada um tinha a dizer.

Desde criança que Hazel tinha aceitado que a sua vida estava destinada a ser vivida na periferia. O estatuto da sua família era respeitável, mas não espetacular; podiam ter acesso a pessoas importantes, pessoas famosas, pessoas que tomavam decisões, mas os Sinnett não pertenciam a esse grupo de pessoas. E, além disso, Hazel era uma mulher. As governantas tinham ensinado a Hazel que, se as mulheres pudessem influenciar o mundo de alguma forma, era através

da capacidade de ajudar e apoiar os seus maridos. As mulheres podiam estar presentes em jantares mas, a menos que o assunto fosse o preço do tecido do vestido ou a escolha das cores das cortinas, esperava-se que elas ficassem em silêncio.

Se uma mulher tivesse alguma esperança de viver no mundo rarefeito da arte ou da poesia, tinha de ser suficientemente bela para que um homem a escolhesse como sua musa. Uma musa era celebrada, claro, elogiada e festejada, mas a vida estava inteiramente à mercê do seu artista, que a colocava no alto de um pedestal tão pequeno que não permitia que ela desse mais do que um passo em qualquer direção para não cair.

Hazel estava ciente de que o seu apelido e a sua mãe negligente tinham deixado uma brecha no sistema que ela tinha explorado para se tornar cirurgiã, mas era uma brecha fina e estreita, demasiado precária para Hazel acreditar que a sua própria posição era segura e muito menos imaginar outra mulher capaz de seguir o seu caminho. A existência de Hazel como cirurgiã era algo de estranho que a sociedade parecia disposta a tolerar por enquanto, e nada mais.

Mas aquela sala, os Companheiros... eles prometiam um futuro inteiramente novo. Uma sociedade diferente. Ali, as mulheres bebiam abertamente e diziam palavrões e ganhavam aos homens nas cartas. Marie-Anne era a *líder*, respeitada não por ser bonita ou charmosa, mas por ser brilhante. As mulheres não eram objetos numa prateleira à espera de serem escolhidas para se casarem; pertenciam à sociedade tanto como os homens ao seu lado.

Um prato de biscoitos passou por eles, e Hazel aceitou um com gratidão. Era incrivelmente amanteigado, e num instante dissolveu-se em nada na sua língua. Tirou outro.

E quando Hazel estava a acomodar-se numa poltrona de couro, do outro lado da sala veio o barulho de madeira contra madeira e depois o baque de uma cadeira a bater no chão. Byron tinha-se levantado e empurrado a sua cadeira para o chão, envolvido numa discussão com o francês.

– É típico em ti desprezares os sentimentos só porque não podes medi-los! – gritou.

– O mundo é mensurável, por muita relutância que tenhas em admiti-lo – respondeu o seu companheiro com sotaque francês. – Até um poema é mensurável. A métrica, a rima, o ritmo. Diminuís a tua própria arte fingindo que surge ao acaso? O que é um mero *sentimento* desprovido de habilidade?

– Mas a *beleza* não é mensurável – disse Byron, irritado. – O sublime não é mensurável. Lamento, *Voltaire*, que não consigas inventar uma frase concisa que explique o que acontece à alma quando contempla uma montanha. Ou, sim, uma mulher bela.

O francês abanou a cabeça.

– És um idiota, Byron. E vais continuar a vaguear por este mundo, cego para tudo, menos para o teu próprio ego, até reconheceres isso.

Sem aviso, Byron puxou da pistola de prata que estava por cima da lareira, engatilhou-a e, antes que Hazel pudesse gritar, disparou-a diretamente para o peito do homem que continuava sentado à sua frente na mesa.

O som do tiro silenciou a sala. Byron soprou o fumo da pistola e tornou a pô-la onde estava. O francês tinha caído da cadeira e estava agarrado ao ombro que sangrava. Hazel entrou em ação.

– Preciso de um pano limpo e de uma bacia com água! Tesoura, linha e uma agulha. E de pinças cirúrgicas. Depressa! Alguém tem pinças? – Desejava ter trazido mais do que o bisturi, mas como poderia saber que o seu equipamento médico ia ser necessário? Correu para junto do francês e tentou estancar a hemorragia com a mão. A bala tinha-o atravessado a direito, por baixo do ombro direito, e felizmente as feridas de entrada e saída tinham falhado os órgãos vitais. Mas ele estava a perder sangue. Estava pálido, com os lábios a baterem sem som e a peruca a escorregar-lhe da cabeça. Se ela não conseguisse coser a ferida com rapidez suficiente, talvez tivesse de amputar o braço. Ninguém na sala parecia minimamente preocupado com o facto de um homem ter sido baleado à sua frente. Byron estava outra vez sentado, com as botas em cima de uma mesa. – Por favor! – gritou Hazel. – Alguém, uma agulha e linha pelo menos! – Para o moribundo, sussurrou – Vai ficar bem.

– Vocês ouviram-na – disse Marie-Anne, não vendo qualquer sentido de urgência em lado nenhum. – Uma agulha e linha para a nossa médica.

A Sra. Thire fez o seu dever, e caminhou até Hazel, dando-lhe o que ela precisava, e Hazel começou a trabalhar o mais depressa que conseguia. Usou o seu próprio vestido para estancar a hemorragia e começou a reparar o máximo de tecido rasgado que podia. Byron ia observando o trabalho dela pelo canto do olho, mas Hazel não lhe prestava atenção. O seu foco estava em fechar as veias abertas, e parar a hemorragia interna e depois coser as feridas na parte da frente e de

trás do ombro dele.

– Vais ficar bem – foi sussurrando periodicamente ao homem, para o reconfortar. Ele estremeceu quando a agulha lhe entrou na carne, mas, fora isso, não mostrou sinais de estar a sofrer. Os seus olhos permaneciam claros e abertos. Pestanejou, enquanto observava Hazel a trabalhar. Quando ela finalmente acabou de coser as feridas, segurou na mão esquerda dele e apertou-a num gesto reconfortante. – Vai ficar bem – disse uma última vez. Apercebeu-se então de que, tal como a Sra. Thire, a mão esquerda dele tinha apenas quatro dedos.

O francês levantou-se e mexeu o ombro.

– Muito bem – disse, balançando o braço em grandes círculos. – Parece que está tudo mais ou menos no sítio certo.

– Não devia estar a mexer o braço assim – disse Hazel. – Acabou... de levar um tiro. Perdeu muito sangue. Precisa de descansar.

A Sra. Thire aproximou-se e examinou os pontos.

– Ela fez um excelente trabalho. Costuras uniformes. Pequenas. Provavelmente não deixará cicatrizes.

– Sinto-me maravilhosamente – disse o francês, ainda a balançar o braço.

– Tem mesmo de parar com isso – disse Hazel.

– Olha – disse Byron por cima da cabeça de Hazel. – Desculpa por te ter dado um tiro, está bem? Mas *sabes* que eu fico excitado com este tipo de coisas.

O francês não parecia estar nem um pouco zangado com Byron. Na verdade, até sorriu.

– Estás a ver? Quando não consegues vencer uma discussão através da *razão*, recorres à violência. É em grande parte o problema a que estamos a assistir na Rússia neste momento.

– Oh, não me compares a esses camponeses ortodoxos do passado! – retorquiu Byron. – Banneker, tu já lá estiveste. Como é? Terrível? Frio? Fome?

– Na verdade – disse Banneker, limpando um pouco de sangue da sola da bota. – Achei o país bastante cosmopolita. Pelo menos, São

Petersburgo.

– Lembro-vos a *todos* – disse o francês –, que fui membro honorário da Academia Russa de Ciências por *ordem pessoal* da imperatriz. Acho que tenho aqui algumas das cartas dela. – Pôs em cima da mesa uma pilha alta de livros que tinham estado em risco de serem manchados pela poça de sangue que ia alastrando no chão e começou a remexer neles.

– Sinto muito – disse Hazel. – Têm todos de parar de falar sobre a Rússia por um momento. Este homem *acabou* de ser baleado.

A sala olhou fixamente para ela, e de repente, Hazel conseguiu situar o cheiro peculiar da sala. Era o mesmo cheiro de estar sentada em frente do Dr. Beecham no gabinete da Sociedade de Anatomistas em Edimburgo. Um cheiro de eletricidade no ar que permanecia na parte de trás da garganta. Hazel olhou em volta para Marie-Anne, Benjamin Banneker, e Byron; a todos eles faltava o mindinho da mão esquerda.

Hazel tentou lembrar-se da história de Banneker. Em que ano é que ele tinha dito que tinha vindo para a Europa? Que idade tinha ele na época? Byron, Banneker, Lavoisier...

– Vocês são imortais – sussurrou. – Todos vocês fizeram o que ele fez... o que o Dr. Beecham fez.

Banneker deu uma palmadinha no ombro de Hazel.

– Muito bem – disse. Olhou em volta para o grupo reunido. – Acho que isso é um recorde, não é? Juntar dois e dois antes mesmo de terminarmos uma garrafa de vinho?

– É batota – disse Byron, com migalhas de pão a saírem-lhe da boca. – Ela conhecia o Beecham. Tinha um contexto. Torna tudo mais fácil.

Banneker troçou.

– Tive de arrancar o meu coração e pô-lo outra vez no sítio para tu acreditares, Byron.

– Como se o Byron alguma vez tivesse sido seduzido pela oferta do coração de alguém – comentou o francês.

– Conhecem o Beecham? – perguntou Hazel. – Ele também pertence aos Companheiros da Morte? Foi ele que inventou a... fórmula? O tónico?

Os membros da sociedade olharam uns para os outros. Por fim, Marie-Anne pigarreou e disse:

– É uma *Tintura*. E, *não*. Ele disse-te isso? Não! Parecia um cachorrinho no canto do laboratório do meu Antoine. Não sabia a diferença entre hidrogénio e panquecas quando chegou a França. Foi o meu Antoine que descobriu a fórmula da tintura. O Beecham foi um dos nossos primeiros alunos. Partiu pouco depois para perseguir os seus próprios objetivos.

– O Beecham ainda anda a passear pela Escócia? – perguntou a Sra. Thire. – Há muito tempo que não tenho notícias dele. Costumava mandar um postal no Natal.

Marie-Anne suspirou.

– É sempre a mesma história. Parte à procura de uma nova cidade onde possa reinventar-se como o seu próprio neto. Objetivos simples e sem inovação. – Voltou-se para Hazel. – Eu e o Antoine sabíamos que o que nós criámos era algo com um potencial incrível. Uma vida mais longa leva à sabedoria. A uma capacidade de ver os padrões da história. De compreender a natureza humana e as suas consequências. E foi por isso, Menina Sinnett, que criámos os Companheiros da Morte.

– Para os *artistas* – disse Byron, num tom meio trocista e excessivamente confiante.

– Para o futuro – corrigiu Marie-Anne. – Para preservar as grandes mentes de uma geração. De todas as gerações. Para criar um grupo com o talento e a capacidade de orientar o futuro da cultura e da política para o melhor.

– E o Beecham? – perguntou Hazel.

Marie-Anne suspirou.

– O Beecham era... indisciplinado em certos aspetos. Egoísta. Demasiado ansioso por ganhar dinheiro e cultivar a sua própria glória.

– Tamborilou com os dedos da mão esquerda sobre a mesa lenta e deliberadamente. O olhar de Hazel foi atraído para o dedo mindinho inexistente de Marie-Anne. – O privilégio da imortalidade – acrescentou – requer sacrifício.

Byron acenou a Hazel com a sua mão de quatro dedos.

– Um ritual de iniciação.

Hazel olhou em redor para o grupo à sua frente, examinando-os um por um.

Aproximou-se do homem silencioso com a gola alta e um rosto que ela tinha visto em gravuras nos livros de História.

– Monsieur Lavoisier – disse-lhe. – É uma honra.

Antoine Lavoisier acenou educadamente com a cabeça.

– O meu pai tinha um livro na biblioteca dele que resumia o seu trabalho sobre o oxigénio – continuou Hazel. – Não posso dizer que tenha percebido tudo, mas mesmo assim achei incrivelmente convincente.

Ele sorriu.

– Então, é isso o tónico... hum, a Tintura? – perguntou Hazel. – Um composto alquímico de oxigénio e hélio? Ou precisa de eletricidade? Então, é galvanismo? Porque combinado com certas propriedades químicas, eu...

– Chega dessa conversa – disse Marie-Anne, interrompendo-os. – Eu e o Antoine aprendemos cedo que a natureza da Tintura não seria revelada. Nem sequer aos Companheiros.

Byron bebeu um gole de uma taça.

– Não importa quantas vezes eu pergunte.

– É um fardo que só nós carregamos. E assim, sim, Byron, não importa quantas vezes pergunes, não te amaldiçoaremos com o conhecimento de algo que, na verdade, deveria pertencer apenas a Deus.

– Mas o Byron acha que já é um deus – comentou Banneker.

– Não é que eu o *vendesse*, ou o que quer que pensem que eu faria. Que o apostasse num jogo de cartas ou o usasse para pagar dívidas de

jogo. Eu só quero saber – disse Byron, fazendo beicinho.

Marie-Anne girou um dedo à volta da borda do seu copo.

– Saber como criar a Tintura só iria causar tentação. Não de a vender, não, não no início, mas de partilhar o conhecimento com um ente querido. Um membro da família à beira da morte, um amante doente e a morrer antes do tempo. Um desconhecido, até, perto do fim. Os nossos números devem ser sempre poucos e *discretos*. Só eu e o Antoine conhecemos a fórmula, e só eu e o Antoine *conheceremos* a fórmula.

– Para além do Beecham – disse Hazel. Marie-Anne ergueu as sobrancelhas. – O Beecham conhece a fórmula. Ele sabe como fazer a tintura, ou seja lá o que for.

– É verdade – disse Marie-Anne, com os lábios cerrados. – Eu, o Antoine e o Beecham. – Não parecia nada satisfeita.

– Serei eu a *única* pessoa aqui que não é celebrada? – disse o francês de repente, passando os dedos pelas costuras no ombro. – Ela cose-me mas não me pergunta o nome. Portanto, a natureza bruta dos modos escoceses *não* foi exagerada.

Hazel virou-se.

– As minhas sinceras desculpas, Sr...

– François-Marie Arouet, ao seu serviço. Também conhecido como...

Os olhos de Hazel arregalaram-se.

– Voltaire. Voltaire! O Voltaire. Não pode ser. Não acredito que acabei de fazer uma cirurgia a... Voltaire. Agora estou a divagar. Perdoa-me. É que eu pensei que era...

– Pois, bem, é isso que se passa com a nossa pequena Tintura, não é? – disse Voltaire. – A imortalidade obrigou-me a uma reforma antecipada.

Byron bateu alegremente com um punho na mesa, abanando as pilhas de livros.

– É a imortalidade a dobrar! Imaginem quantas pessoas me vão ler quando eu morrer tragicamente jovem, para sempre belo e com todo o

potencial desperdiçado. É esse o problema dos poetas: nunca somos apreciados no nosso tempo. Só quando estamos numa sepultura prematura e se torna visível toda a extensão do que *poderíamos* ter sido capazes de fazer é que as pessoas começam a interessar-se. E, claro, nessa altura já é demasiado tarde para colher os benefícios financeiros. Acho que vou morrer em breve. No auge dos meus poderes. E é bom que os obituários sejam faustosos. Quero que as pessoas *chorem* nas ruas!

Voltaire ainda estava a estudar a costura de Hazel no seu ombro.

– Maravilhoso. Que pontos tão pequenos, Menina Sinnett! Acho que isto nem vai ficar com uma cicatriz. E disparaste contra mim, Byron! É um trabalho impressionante. Muito impressionante.

Marie-Anne Lavoisier sorriu.

– Eu tinha a sensação de que seria. – Encheu o copo de vinho de Hazel. – Como já percebeu, Menina Sinnett, somos muito poucos. A entrada no nosso pequeno clube social é incrivelmente exclusiva. Apenas aqueles que realmente sentimos que *contribuirão* para criar uma mudança positiva no mundo são autorizados a passar a ombreira da nossa porta e a entrar no nosso círculo de elite. A imortalidade é uma dádiva. O bem mais precioso, desesperadamente procurado em vão por reis e imperadores. Mas uma pequena consequência é a ligeira tendência para sofrer ferimentos durante uma vida longa.

Levantou a mão direita e Hazel reparou que vários dos seus dedos tinham costuras ao redor da base. Caídos e cosidos de novo, tal como os do Dr. Beecham.

Byron tirou uma bota e uma meia e mexeu um pé já cinzento, mal ligado ao tornozelo. Estava inchado e morto.

– Continuo a coxear! – queixou-se. – As pessoas dizem que tenho pé boto.

– A culpa não é minha! – disse a Sra. Thire a choramingar. – Eu sou costureira, não sou cirurgiã.

– Num passado distante – disse Marie-Anne a Hazel –, nós tínhamos um cirurgião entre nós.

– O Beecham – disse Hazel.

Marie-Anne acenou com a cabeça.

– É uma competência muito particular, desafiadora: a capacidade de recolocar a carne, cauterizar veias, minimizar cicatrizes, manter o fluxo sanguíneo. Possui dons raros, Menina Sinnett. Achamos que pode ajudar-nos, e nós achamos que podemos ajudá-la. Mais do que já ajudamos, quero eu dizer.

– O que quer dizer? – perguntou Hazel.

– Os Companheiros da Morte estão no centro da corte e da sociedade de Londres. Fomos nós que ouvimos os rumores sobre si, e sugerimos ao Príncipe Regente que talvez a sua filha preferisse ser tratada por uma jovem cirurgiã da sua idade. É isso que nós fazemos – disse Marie-Anne. – Influenciamos as coisas. Tornamo-las melhores. Fazemos as coisas avançarem.

– Porquê eu? – sussurrou Hazel.

– É famosa – disse Byron, como se fosse óbvio. – A única mulher cirurgiã da Grã-Bretanha.

Marie-Anne lançou-lhe um olhar severo.

– É uma mulher fora do seu tempo. Imagine o que o mundo será para uma mulher daqui a 50 anos. Daqui a 100. As mulheres serão celebradas como cirurgiãs, não será um escândalo trabalharem, nem terão de o fazer sozinhas. Uma mulher não precisará de casar para ter um sítio para viver, para poder participar na sociedade.

– O Dr. Beecham disse-me a mesma coisa no ano passado – comentou Hazel. Ela sabia que não devia dizer que Beecham lhe tinha oferecido a Tintura, nem que lhe tinha dado um frasco.

– Disse mesmo? – perguntou Marie-Anne. O seu rosto estava impassível. Marie-Anne era uma mulher que tinha as suas emoções muito à flor da pele, mas havia um pequeno estremecimento no canto da sua boca, e Hazel percebeu o suficiente para deduzir que tinha havido um desentendimento entre os Lavoisier e Beecham. – Estamos a oferecer-lhe, Menina Sinnett, um raro convite para se juntar a nós. Ajude-nos com as pequenas reparações de que precisamos. Para

vivermos para sempre exatamente da forma como fomos *destinados* a viver.

– Vamos tratar do dedo agora? – perguntou Byron. – Ou mais tarde? Não quero perder o apetite, e preocupa-me que os salpicos de sangue me manchem estes sapatos. Vou-me embora.

– Vai lá para cima se quiseses, George – disse Marie-Anne. – Senta-te no laboratório. Não há necessidade de fazeres tanto alarido. – Tirou uma faca comprida com um cabo preto de um bolso da saia. Reluziu à luz das velas. – Quer de uma taça de vinho antes de começarmos, Hazel?

O zumbido nos ouvidos de Hazel tinha voltado.

– Não.

– Ótimo. Então, vamos ser rápidos. Antoine, sê um querido e vai buscar a tintura lá acima, amor?

– Não! – disse Hazel mais alto do que pretendia. – Eu não quero juntar-me ao vosso... quero dizer, eu não quero ser imortal.

Silêncio. E então Byron desatou a rir às gargalhadas.

– Mas porquê – perguntou Marie-Anne? – O seu rosto continuava a ser uma máscara, mas o tremor no canto de sua boca estava a ameaçar tornar-se um olhar carrancudo.

Hazel não sabia se era covardia ou prudência; talvez não importasse. Mas a ideia de tomar a Tintura – de viver para sempre – deu-lhe a sensação de estar na beira de um penhasco muito, muito alto e a pedirem-lhe que saltasse.

A boca de Hazel ficou seca, e ela sentiu os olhos da sala sobre ela.

– Não quero viver para sempre. – Ninguém disse nada, e então Hazel continuou. – É demasiado... *permanente*.

– A única coisa que é permanente é a morte – disse Voltaire. – A vida muda constantemente.

– Ficaria entediada. Eu sei que ficaria. Acabaria por acontecer – disse Hazel.

Benjamin Banneker fez um sorriso tranquilizador.

– Entediada? De viajar e ler? Da ciência e da descoberta? Um

idiota pode ficar entediado com um tempo infinito, mas duvido seriamente que o *tédio* seja possível em alguém como tu, se me perdoas a presunção.

– Não quero ver as pessoas que amo morrerem.

– Terás *sempre* de ver morrer as pessoas que amas – disse Marie-Anne. – Achas que a mortalidade te protege disso? – A faca estava afiada; Hazel viu a luz cintilar na borda.

– Posso pensar sobre o assunto? – perguntou Hazel calmamente.

Byron deu uma gargalhada.

– Não! Estamos a dar-te uma oportunidade única na vida, pela qual qualquer pessoa em Londres cortaria a sua mão esquerda...

– Ou, pelo menos, o mindinho da mão esquerda – murmurou Voltaire – e estás a hesitar?

– Sim – disse Marie-Anne. – Podes pensar nisso.

Byron quase derrubou a sua taça da mesa.

– Ela *sabe!* – disse ele. – Ela pode contar a qualquer pessoa! Por mim, obrigamo-la a tomar a Tintura ou... não sei, matamo-la. Pelo menos amarrem-na e deixem-na aqui em baixo ou assim.

– Sinceramente! – disse Voltaire. – Estás a assustar a pobrezinha.

– Ela não vai dizer nada – garantiu Marie-Anne.

Hazel achou perturbador ouvi-los falar dela como se não estivesse presente. Nesse momento, Antoine apareceu de uma escada no canto de trás da sala em que Hazel não tinha reparado. Trazia um pequeno frasco com um líquido roxo, grosso como tinta.

– Tarde de mais – disse Byron a Antoine. – Ela não vai tomar isso.

Hazel recuperou a voz.

– Não quero tornar-me imortal agora – disse. Olhou em volta da sala, para os brilhantes artistas e cientistas reunidos naquele lugar. Ela não queria ser imortal, mas não queria perder aquilo: a coleção de grandes mentes a falar sobre arte e ciência. Estar ali em baixo, na confortável sala escondida debaixo de Londres... era a primeira vez que esquecia a sua solidão desde a morte de Jack. – Mas Lorde Byron tem razão. Eu sei. E estou disposta a ajudar. Farei a cirurgia e farei as

reparações de que precisam.

Banneker quebrou o silêncio.

– O nosso primeiro membro honorário –disse. – Ainda lhe cortamos o dedo?

– Não – disse Hazel, respondendo por si própria. – Não cortamos. Ela precisa da destreza de todos os dedos disponíveis.

Marie-Anne não sorriu, mas também não parecia zangada.

– Então, está decidido. Hazel Sinnett: bem-vinda aos Companheiros da Morte.

Quando Hazel subiu o longo conjunto de escadas que a levaria de volta às ruas de Londres, a primeira luz do amanhecer estava a começar a alastrar pelo céu. Sentia-se elétrica, viva, com o cérebro a fazer mil perguntas e a chegar a mil conclusões ao mesmo tempo. Então, era real. Era tudo real, e ela estava no centro de tudo. Sabia que não tinha sido um sonho – tudo o que tinha acontecido com Beecham no ano anterior – claro que não tinha sido, mas fora tudo tão louco e repentino e absurdo que Hazel nunca se permitira aceitá-lo completamente.

Mas ali estava ela. Numa sociedade secreta de imortais, dos mais famosos académicos e artistas e filósofos da Europa. E tinham convidado Hazel para se juntar a eles. Mais ou menos.

Enquanto caminhava sobre as pedras da rua abrilhantadas pela chuva – *Choveu enquanto eu estive lá em baixo?* – sentiu uma dor familiar, as saudades de Jack. Se ele estivesse ali, ela poderia contar-lhe tudo. Podiam ter ficado acordados toda a noite, passear juntos por todos os cantos daquela estranha cidade, percorrendo as ruelas de Londres enquanto falavam de tudo o que tinha acontecido. A quem mais poderia contar? O problema de aprender o segredo da imortalidade, a Tintura, era que faria parecer louca qualquer pessoa que tentasse descrevê-la. Jack tinha sido a única pessoa com quem Hazel tinha sido verdadeiramente ela mesma. Era a única pessoa com quem ela podia partilhar cada parte de si mesma e que a escutava e a aceitava com total compreensão. Ele tinha-a visto tal como ela era e tinha-a amado.

Mas então onde é que ele está? Aquela voz irritante no fundo da mente de Hazel não parava de sibilar cruelmente. *Se ele está vivo, então porque é que não escreveu nos meses desde que desaparecera,*

dando-lhe uma cidade, uma morada? Porque é que ele não veio à minha procura? Mesmo que Jack estivesse vivo, a verdade é que ele continuava desaparecido, e assim a dor permanecia.

Não podia regressar aos seus aposentos: havia *demasiadas coisas* a acontecer na sua cabeça para serem contidas naquele quarto pequeno e simples. As ruas ainda estavam em silêncio, mas se Hazel prestasse atenção, podia sentir Londres a começar a ganhar vida ao seu redor. O cheiro de pão fresco subia como vapor das janelas das padarias e os pássaros gorjeavam à volta da relva molhada e escura do parque. Hazel descartou o passeio e foi pela relva, ignorando a lama e a humidade que começavam a subir pela bainha das suas saias.

Nem sequer sabia para onde estava a caminhar, mas, quando o sol estava apenas a começar a cruzar o horizonte, Hazel deu consigo, sem saber como, em Kew, a atravessar os jardins silenciosos em direção à enfermaria.

O Palácio ainda estava a dormir profundamente. Hazel acenou com a cabeça para um guarda que estava a bocejar e entrou pelo portão. Eram apenas alguns passos até à enfermaria, e a temperatura desceu vários graus quando ela entrou. A sala estava escura e fria como uma caverna, e os frascos com ervas reluziam nas prateleiras. Era perfeito.

A não ser pelo facto de a bancada onde ela trabalhava estar ocupada.

Simon von Ferris estava a dormir, com os seus cadernos espalhados à volta da cabeça como uma auréola. As maçãs do rosto estavam rosadas como as de uma criança, e seu cabelo loiro, normalmente tão impecavelmente penteado, estava desgrenhado. Hazel sorriu e aproximou-se dele; não ia acordá-lo, mas havia qualquer coisa estranhamente excitante em vê-lo a dormir. Era uma coisa íntima, a uniformidade da sua respiração, o pequeno ponto de baba na página do livro colada à sua cara.

Como se sentisse a presença dela, ele acordou sobressaltado, espalhando ainda mais papéis.

– Bom dia – disse Hazel.

Ele pestanejou e endireitou-se.

– Já é de dia?

– Quase. Se é bom, não tenho bem a certeza. Esteve a trabalhar toda a noite?

Simon começou a recompor-se, endireitando o colarinho e alisando o cabelo com a palma da mão.

– Temos um Rei louco e que está a piorar. Eu trabalho quase todas as noites. – Hazel ia pedir desculpa pela intrusão e deixá-lo com os seus livros quando Simon pousou os seus olhos perfeitos castanhos-mel nela e disse inesperadamente, – Estava a sonhar consigo. E agora está aqui.

Levantou-se.

Talvez se Hazel não tivesse ficado acordada toda a noite, conseguisse pensar com clareza. Talvez se a sua exaustão não tivesse sido substituída por excitação e novidade e novas pessoas e novas experiências, ela tivesse espaço mental para se lembrar do decoro. Mas Hazel não estava a pensar com clareza. E, por isso, quando Simon von Ferris lhe disse que estava a sonhar com ela, deu um passo em direção a ele e reduziu para metade a distância entre ambos.

– Era um sonho bom? – perguntou.

– Era – respondeu Simon. – E também foi uma pausa bem-vinda do trabalho. – Simon tentou alisar o cabelo e endireitar o colarinho. – Estive a ler tanto tempo que as palavras se tornaram apenas manchas na página.

Hazel inclinou-se para ler o título do livro mais próximo do ombro de Simon.

– *Venenos da Europa, e Seus Antídotos?! –* Acha que o Rei foi envenenado?

Simon escondeu o livro no fundo da pilha.

– Não. É apenas uma ideia que eu tive. Uma leitura extra como forma de pesquisar possíveis tratamentos. Claro que seria impossível que o Rei tivesse sido realmente envenenado, mas como alguns dos sintomas são semelhantes, pensei... – Deixou a frase inacabada.

– Porque é que seria impossível o Rei ser envenenado? – perguntou Hazel.

– Todas as refeições dele são provadas por duas pessoas, que comem e bebem um pouco de tudo o que passa pelos lábios do Rei. Na cozinha, há três chefes que se observam mutuamente. Eu supervisiono a ementa dele pessoalmente. Até o açúcar que ele põe no chá é testado.

– Então, provavelmente não é veneno – concordou Hazel.

– Talvez nem toda loucura tenha uma causa física – disse Simon, mais para si mesmo do que para Hazel. – Ou talvez ainda não sejamos capazes de compreender a causa. Mas, mesmo assim, continuamos. Novos tratamentos. Novos remédios.

– Então é grave? – disse Hazel. – O estado do Rei, quero eu dizer.

Simon acenou com a cabeça.

– Está a piorar. Costumava haver momentos de clareza, em que ele sabia quem era, mas esses momentos passaram de raros para, bem, inexistentes. Tem havido ataques de violência, mas a maior parte do tempo, ele está apenas a falar. A murmurar para si próprio ou a gritar. Durante horas, por vezes até dias seguidos. Diz que as paredes estão a mover-se em direção a ele. Disparates desse género. Como uma criança. Faz-me lembrar as coisas que o meu irmão costumava dizer quando era novo. A balbuciar.

– Tem um irmão? – perguntou Hazel.

– Dois – disse Simon. – E uma irmã. Todos muito mais novos do que eu. Ajudei a criá-los.

Hazel pensou no seu irmão George.

– Deve ter saudades deles – disse Hazel.

– Sim, tenho – respondeu Simon. – Muitas. Tenho muitas saudades da Suécia.

Pela primeira vez, Hazel reparou como Simon parecia cansado. Tinha os olhos raiados de sangue, e olheiras inchadas e roxas debaixo dos olhos. Simon estava tão pálido e as covas abaixo das maçãs do rosto eram tão acentuadas que ele parecia um cadáver. Mesmo assim,

continuava a ser impossivelmente bonito, tão bonito que Hazel tinha de lembrar a si mesma que ele *era* um médico e não um ator a fingir que era médico.

Hazel sentia falta da sensação de tocar alguém, de ser tocada. Depois da morte de Jack, tinha protegido a sua solidão como se fosse a chama de uma pequena vela. Agora sentia a chama a queimá-la de dentro para fora.

Quase involuntariamente, sentiu a sua mão erguer-se em direção ao rosto de Simon.

Mas antes que a mão dela o alcançasse, Simon envolveu a cintura de Hazel com os braços e puxou-a para ele. Ficaram tão próximos que ela conseguia sentir o calor do corpo dele. Os olhos de Simon desceram dos olhos de Hazel para os seus lábios, e depois para o pescoço, e outra vez para os lábios.

E então os dois uniram-se num beijo.

O mundo desapareceu. Apenas existia o ar partilhado entre eles, o sabor a chá de baunilha tânico e bolachas de manteiga e Simon, a língua de Simon a penetrar na sua boca e os braços dele a puxarem-na mais para ele. Hazel sentia o peito dele, largo e firme, contra o dela, através das camadas de vestido e casaco e casaco e camisa.

E, depois, Simon afastou-se.

– Desculpe, Menina Sinnett. Talvez me tenha deixado levar. – Começou a juntar os seus papéis e livros.

Hazel tinha o coração quase a sair-lhe pela boca. Sentia o sangue espesso e o cérebro cheio de ruído.

– Eu devia ir para a cama – murmurou Simon.

Se Simon pensou se Hazel teria ficado fora toda a noite, ou por que razão estava na enfermaria tão cedo, não lhe perguntou. Em vez disso, limitou-se a juntar os livros e a metê-los ordenadamente na sua bela mala médica de couro. (Hazel não conseguia deixar de a admirar.) Parou quando passou por Hazel, quando ia a sair, hesitando e aparentemente sem saber se devia beijá-la novamente, mas a razão levou a melhor sobre ele, e saiu da enfermaria sem dizer mais nada,

com o cheiro de chá de baunilha a seguir o seu rasto.

Hazel teve de levar a mão aos lábios, para deixar o dedo tocar onde os lábios de Simon tinham estado momentos antes, para se convencer de que aquilo era real. Simon von Ferris tinha-a beijado na enfermaria, antes do nascer do sol.

Mas, depois, como uma nuvem a passar sobre o sol, a memória de Jack voltou a Hazel.

Ela viu-o mentalmente, tão nítido como se estivesse com eles na enfermaria: o rapaz de membros longos e cabelo desgrenhado e um sorriso a mostrar os dentes. Sentiu-se *culpada*, como se tivesse traído Jack ao beijar Simon, e o tivesse traído novamente por *gostar* tanto do beijo de Simon.

Sabia que não devia sentir-se culpada. Jack não estava ali. Tinha sido enforcado e, se tivesse sobrevivido, tinha-a deixado sem ela saber onde estaria. Não tinha direito a ela.

Um médico brilhante, bonito e famoso tinha-a beijado e ela tinha-o beijado também. Não devia nada a Jack Curren, mesmo que a memória dele persistisse como a humidade no ar depois de uma tempestade.

A exaustão de ter estado acordada toda a noite estava finalmente a começar a pousar sobre ela como um cobertor. Devia ter seguido o exemplo de Simon e ido para a cama, mas Hazel já estava em Kew e, em vez de pensar em Simon ou em Jack, obrigou-se a ler vários capítulos de um livro que encontrou nas prateleiras da enfermaria, que fazia referência ao trabalho de Antoine Lavoisier antes de voltar para os seus aposentos. Adormeceu ainda vestida e só acordou quando a criada tocou para o jantar.

Enciclopédia de Londres de Pessoas Científicas,
Edição de 1814, editada por R. M. Karmel,
C. R. S. Stewart, e Z. Fraser

Antoine Lavoisier
(n. 26 de agosto de 1743; f. 8 de maio de 1794)

Antoine Lavoisier foi um químico francês famoso pela sua identificação do oxigénio e do hidrogénio, e pela sua teoria da reatividade química. Lavoisier contribuiu para a introdução do sistema métrico, a fim de estabelecer uma consistência científica.

Antes do trabalho de Lavoisier, a comunidade científica acreditava na teoria do flogisto para explicar a combustão. A falsa teoria era a crença de que um elemento conhecido como «flogisto» era libertado durante a combustão. Lavoisier refutou a teoria ao estabelecer que a combustão ocorria quando os elementos se combinavam com o oxigénio. A teoria da combustão do oxigénio de Lavoisier também se tornou a base da sua descoberta da conservação da matéria, segundo a qual a matéria não pode ser criada nem destruída dentro de um sistema fixo. Em 1768, o Rei de França atribuiu-lhe uma medalha de ouro pelo seu trabalho sobre a iluminação pública em Paris.

A mulher de Lavoisier, Marie-Anne Paulze Lavoisier, desenhou muitos dos seus diagramas experimentais. Como Lavoisier não falava inglês, a sua mulher traduzia para ele artigos científicos e livros. Juntos, escreveram a primeira lista completa dos elementos.

Pelo seu papel como financiador e administrador público da *ferme générale* para o governo real antes da Revolução em França, Antoine Lavoisier foi executado pela guilhotina.

Os convites começaram a chegar ao apartamento de Hazel quase todos os dias: envelopes vermelhos com o nome dela numa caligrafia perfeita, entregues com os tabuleiros do pequeno-almoço. Lá dentro vinham convites, muitas vezes para o clube dos Companheiros nos Sete Relógios de Sol, mas também para jantares e óperas, e sessões privadas no teatro.

– Parece que arranjou uma vida social muito animada em Londres – comentou Eliza quando Hazel teve de sair de Warwick House antes do jantar para chegar cedo ao teatro. Hazel Limitou-se a sorrir. – Vai dizer-me alguma coisa sobre os Companheiros, pelo menos? Qualquer coisa que possa servir para eu depois contar umas bisbilhotices pelas suas costas?

Hazel encolheu os ombros dentro do casaco.

– Bebem muito – disse. – Mesmo muito.

Era verdade: bebiam muito. Não apenas vinho (trazido de Itália), mas também absinto (da Alemanha), cerveja (da Bélgica) e champanhe (de França). Parecia que a proteção da imortalidade lhes permitia cometer todo o tipo de *exageros*. Um jantar com os membros da sociedade podia incluir doze pratos: perdizes estufadas com nozes e cerejas, pães fumegantes de brioche e manteiga salgada, sopa de espargos gelada, tartes de maçã e pera, gelado servido em pratos de prata frios e comidos com colheres minúsculas, e, por fim, intrincadas esculturas de açúcar em forma de copas de árvores ou pássaros em pleno voo, trazidas no final da refeição por entre muitas exclamações de admiração. Era estranho, pensou Hazel para si própria, a rapidez com que o extraordinário se tornava comum. Como era deprimente que o que antes era emocionante agora não provocasse nada mais forte do que uma mera satisfação. Por isso, os Companheiros eram

obrigados a procurar sempre algo ainda mais extraordinário do que antes para sentirem momentos de prazer e surpresa cada vez maiores. Esse pensamento fez Hazel sentir-se ao mesmo tempo grata e aliviada por ter recusado a possibilidade de se juntar a eles na sua vida eterna.

O que não queria dizer que o tempo passado com os Companheiros não fosse agradável. Longe disso; era, talvez, a primeira vez na vida de Hazel em que ela se sentia rodeada por um grupo inteiro de pessoas tão apaixonadas pela vida e pelo saber como ela.

A maior parte dos serões nos Sete Relógios de Sol terminava com recitais de poesia, com Byron a fazer sempre um espetáculo de falsa relutância, mas a acabar por abrir o seu caderno, cheio de felicidade, e recitar um excerto daquilo em que estivesse a trabalhar na altura. Hazel não gostava particularmente de Byron, da sua vaidade e da forma como era sempre ele próprio o seu tema preferido de conversa, mas até ela tinha de admitir que a poesia dele era maravilhosa.

Uma tarde, o grupo reuniu-se para tomar chá na casa da pintora francesa Élisabeth Le Brun. A casa estava lindamente decorada; Hazel nunca tinha estado em Versailles mas imaginava que, antes da Revolução, deveria ter sido algo semelhante: papel de parede estampado e espelhos com molduras douradas refletindo a luz de velas brilhantes, e bibelôs de porcelana de bom gosto espalhados por todas as superfícies.

– Menina Sinnett – disse-lhe um dos políticos Whig, o Sr. Lewis, enquanto esperava que o seu chá abrisse. – Será que posso pedir-lhe que me faça uma pequena cirurgia? – Levantou a mão esquerda, que estava cheia de ligaduras e foi desenrolando lentamente o tecido. A mão já não tinha o dedo mindinho, mas Hazel viu que os dois primeiros dedos da mão estavam roxos e inchados como salsichas, e dobrados em ângulos não naturais.

– Com franqueza – gritou Élisabeth do outro lado da sala. – Tape isso. Estamos a tomar chá.

– As minhas desculpas, Madame Le Brun – disse o Sr. Lewis, tornando a ligar a mão. Dirigindo-se a Hazel, sussurrou: – Receio

ainda ter algum estilhaço na ferida. Um acidente de caça. No outono passado.

– Posso tratar disso – disse Hazel. – Talvez possa ir aos meus aposentos amanhã de manhã? – Teria preferido de longe fazer a cirurgia em Kew e não no seu quarto pequeno e confortável, mas simples, mas ela própria estava como convidada em Kew. Não tinha autoridade para convidar outra pessoa para um palácio real.

Marie-Anne endireitou-se no assento.

– Nos seus *aposentos*? Não seja tola, minha querida. Venha para o laboratório.

– O laboratório?

E foi assim que Hazel acabou, na manhã seguinte, com Marie-Anne e o Sr. Lewis na sede do clube nos Sete Relógios de Sol. Mas, em vez de se instalar num dos sofás macios ou nas cadeiras de couro estofadas com as quais Hazel já se tinha familiarizado, Marie-Anne aproximou-se de uma das estantes ao fundo da sala, perto da lareira.

– Já estava na altura de lhe mostrarmos isto – disse, ao mesmo tempo que desviava a estante para o lado, sem esforço, como se estivesse sobre rodas. Tinha um mecanismo deslizante e, ao deslizar, revelou outra sala.

Um laboratório.

Mas não era *apenas* um laboratório.

Era o laboratório mais incrível que Hazel alguma vez tinha visto.

Vidro e cobre e mil plantas vivas que Hazel conseguia identificar e mais outras mil que não conseguia. Sabia que estavam no subsolo, abaixo do nível da rua, mas havia algures uma claraboia de vidro muito, muito acima deles, banhando a sala com uma luz branca quente. E onde a luz do sol não alcançava, havia lâmpadas a gás, com as chamas a dançarem em globos perfeitos de vidro.

De um dos lados da sala, Antoine Lavoisier olhava atentamente para um líquido transparente num frasco bulboso, que aquecia suavemente sobre uma pequena chama azul. Usava, como sempre, um colarinho alto com folhos que lhe chegava ao queixo.

– Olá, querido – disse Marie-Anne. Antoine acenou-lhe, mas não levantou os olhos da experiência que estava a fazer. – Isto serve? – perguntou a Hazel.

– Sim, serve perfeitamente – disse Hazel, olhando para a bancada cirúrgica sob uma prateleira de ervas e ligaduras brancas limpas. Hazel aproximou-se dos frascos dos remédios. Um dos frascos de vidro continha algo roxo e viscoso. Leu o rótulo.

– *Ethereum* – disse Hazel.

– Sim – respondeu Marie-Anne. – «O truque de Edimburgo», como lhe chamam. Põe o doente a dormir para que ele não sinta a dor. Claro que há sempre o risco de não voltar a acordar, mas para casos graves...

– Eu sei – disse Hazel. – Uma vez vi uma demonstração disso na Sociedade de Anatomistas em Edimburgo. – Tinha conhecido Jack nesse dia. Ele tinha-a levado por uma passagem escura, e tinham visto o Dr. Beecham pressionar um pano embebido em *ethereum* contra o rosto de um homem antes de lhe cortar uma perna. Tinha sido há uma eternidade. Quando Jack era apenas um estranho, e não o rapaz cuja pele pálida ela tocara de alto a baixo, no celeiro em Hawthornden, quando estava escuro e a chover e o mundo fora só deles durante algumas horas.

– Não vou precisar de nada disso – disse o Sr. Lewis, trazendo Hazel de volta à realidade. Ele começou outra vez a tirar a ligadura. Era uma visão terrível. O indicador e o médio estavam ambos feridos e inchados – o estilhaço estava de facto cravado neles – mas o indicador estava torcido num ângulo impossível. Hazel examinou-o: o osso estava partido, mas também tinha sido separado da mão uma vez e nunca mais recolocado. A costura no nó do dedo estava a desfazer-se, deixando os tendões e as veias esfarrapados e à vista no sítio do corte.

– Consigo tirar o estilhaço – disse Hazel –, mas não sei o que posso fazer em relação ao indicador. Vou ter de o retirar e ver se consigo prendê-lo outra vez.

Lewis estava sentado, imóvel, no banco enquanto Hazel desenrolava a sua tela e pegava no bisturi.

– Pode trazer-me uma bacia com água limpa, por favor? – pediu a Marie-Anne.

Marie-Anne voltou com a água e um pequeno frasco com um líquido amarelo-dourado.

– Para as recolocações – disse, ao mesmo tempo que o entregava a Hazel. – Ajuda o corpo a aceitar o transplante.

– O Beecham também usou isso! – deixou escapar Hazel. – Mas não quando estava a recolocar membros... quando estava a colocar... novas partes.

– Pois – disse Marie-Anne. – Nós sabemos perfeitamente dos fins para que o Dr. Beecham usava isto. – Segurou o frasco contra a luz que, ao passar pelo líquido dourado, o fez reluzir. – Um trabalho cruel e ilegal. Mas a diluição funciona tão bem nos próprios membros como nas partes do corpo roubadas aos pobres.

– Terrível – disse o Sr. Lewis com os dentes cerrados.

– O Sr. Lewis e os Whigs trabalham em nome do povo, e não apenas dos ricos – disse Marie-Anne a Hazel.

– Embora o Príncipe Regente pareça determinado em sabotar-nos a todo o momento – disse Lewis. – Há duas décadas, ele próprio era um Whig convicto – progressista, idealista. Disposto a trazer esta nação para o século XIX! Mas depois torna-se Príncipe Regente e, de repente, é um monárquico acérrimo, com tudo o que isso implica. Defendendo instituições antigas e em ruínas enquanto o seu povo sofre.

– Pois, pois, Sr. Lewis – disse Marie-Anne. – Não se empolgue ou será mais difícil para a Menina Sinnett remover os estilhaços.

Hazel sorriu agradecida e terminou o seu trabalho, limpando as feridas de Lewis.

– Ouviram dizer que ele morreu? – perguntou Lewis, tentando manter a mão o mais imóvel possível. – O Beecham. Ou «morreu» entre aspas, suponho. Li o obituário no jornal da noite.

– Pergunto-me se desta vez terá sido ele a escrevê-lo, como noutras

ocasiões – disse Marie-Anne.

– Não fingiu ter um filho, pois não? – comentou Lewis. – Em quem é que ele vai fingir que reaparece a seguir?

– Oh, um sobrinho distante, talvez. Quem sabe? – respondeu Marie-Anne.

– Desta vez, vai ter de ir para o continente – disse Lewis, estremecendo um pouco enquanto Hazel arrancava pedaços de gravilha e metal de seus dedos. – Toda a gente já o conhece em Londres e Edimburgo.

– Ou para a América – disse Hazel. Ultimamente, estava sempre a pensar na América.

– A América! Eu diria que o nosso governo podia tirar algumas notas dos seus documentos fundadores – disse Lewis, olhando para todos os lados, exceto para a sua mão esquerda, onde Hazel estava a fazer a cirurgia. Começou a declamar os méritos de uma democracia constitucional enquanto Hazel trabalhava, e ela deixou-o continuar, satisfeito por ele estar distraído.

Hazel susteve a respiração quando usou o bisturi para cortar o tecido fino e as linhas que seguravam o indicador de Lewis ao resto da mão.

O dedo, pousado na palma da sua mão estava quebrado e deformado, mas ela examinou-lhe a raiz: os principais vasos sanguíneos ainda estavam lá.

– Acho que posso recolocá-lo – disse Hazel.

– Só um momento, Menina Sinnett – disse Marie-Anne, e aproximou-se de um armário fechado à chave junto dos medicamentos. Tirou do peito uma chave e destrancou a porta com um clique satisfatório. O armário estava cheio de pequenos frascos de vidro contendo um líquido cor de tinta, que parecia girar mesmo quando estava completamente imóvel. *Tintura*, pensou Hazel.

Na última prateleira havia uma fileira de frascos de uma cor mais clara, amarela e quase cintilantes quando captavam a luz. Marie-Anne passou os dedos pela fileira e escolheu um. Examinou o rótulo com

aprovação e depois voltou para junto de Hazel e do Sr. Lewis.

– Permita-me – disse Marie-Anne, e depositou algumas gotas do líquido amarelo-dourado do frasco na mão mutilada de Lewis. – Um pouco de diluição. Vai ser preciso para essa recolocação funcionar.

– Então, é isso? – perguntou Hazel, olhando para o líquido. – Uma diluição? Uma diluição da...Tintura?

– Sim. *Muito* diluída, mas ainda a funcionar pelo mesmo princípio geral – disse Marie-Anne. – Compostos oxigenados e depois eletrificados. Eu e o Beecham desenvolvemo-lo em conjunto, antes mesmo de nos apercebermos de que a Tintura seria possível. Estávamos a tentar criar algo com a capacidade de preservar a vida de uma parte isolada do corpo antes de ela ser unida a esse corpo.

– E funciona? – perguntou Hazel.

– Na perfeição – respondeu Marie-Anne. – Eu e o Beecham tivemos de nos certificar disso. Especialmente depois de termos tomado a Tintura e de a nossa mortalidade se ter tornado mais forte do que as nossas formas físicas.

Foi até junto do marido, Antoine, que finalmente levantou os olhos da sua experiência. Delicadamente, Marie-Anne baixou o colarinho do marido, e Hazel susteve a respiração.

A cabeça de Antoine estava cosida ao pescoço.

Os pontos eram uniformes, mas grossos e escuros. O efeito era um autêntico pesadelo, uma cabeça presa a um corpo como se fosse um remendo cosido numa camisa.

– Não consegui arranjar as cordas vocais – disse Marie-Anne. – Mas o resto parece estar a funcionar como devia. – Beijou suavemente a face do marido e soltou-lhe o colarinho, escondendo de novo a cicatriz e os pontos. Antoine voltou ao seu trabalho.

– Durante a Revolução – explicou. – Uma mente brilhante a rolar pelas ruas imundas. O poder pode estar nas mãos do povo, Menina Sinnett, mas isso não significa que as multidões sejam sempre sábias. O povo precisa de líderes. Homens bons como aqui o Sr. Lewis.

Lewis ergueu a mão esquerda, que tinha apenas dois dedos e um

polegar.

– Mesmo que não tenha dedos – disse ele.

– Bem, fique quieto – disse Hazel. – Deixe-me tentar repor-lhe, pelo menos, mais um.

Foi precisa uma hora de costuras intrincadas, mas finalmente Hazel recolocou o dedo indicador esquerdo de Lewis, e, sem dúvida, graças às poucas gotas de Tintura diluída, ele conseguiu mexê-lo como se nunca tivesse saído da sua mão.

– Notável – exclamou Lewis, dobrando e endireitando o dedo. –E que costura tão bem feita!

–Talvez nem precise de luvas para ir ao baile do Comandante na semana que vem – disse Marie-Anne com aprovação.

Lewis já estava a calçar as luvas. Hazel notou que o dedo mindinho da mão esquerda estava preenchido, de tal forma que um estranho nem perceberia que lhe faltava.

– Quanto a isso, não sei, Madame Lavoisier. – Piscou o olho a Hazel. – Mas sei que vão lá estar senhoras.

The London Herald,

Edição da Tarde

3 de julho de 1818

WILLIAM BEECHAM, CIRURGIÃO E NETO DE PIONEIRO ANATÓMICO, MORRE EM EDIMBURGO

William Beecham III, presidente da Sociedade Real de Anatomistas e cirurgião-chefe da Universidade de Edimburgo, morreu após uma doença não revelada. Beecham é mais conhecido como o neto do Barão *Sir* William Beecham I, fundador da Sociedade Real de Anatomistas e autor do *Tratado de Anatomia do Dr. Beecham*; ou, *A Prevenção e Cura das Doenças Modernas*, o texto fundamental que redefiniu o estudo da Anatomia no século XIX.

Mas Beecham foi também um médico célebre em muitos aspetos, venerado por membros da comunidade médica de todo o mundo. Era conhecido pelas suas cirurgias especialmente rápidas e com baixas taxas de mortalidade, e introduziu o uso do *etherium* (também conhecido como «o truque de Edimburgo») para anestesiá-los antes das cirurgias, embora alguns outros médicos da área questionem a sua segurança e esta prática não se tenha generalizado.

O seu corpo será enterrado na cripta da família em Glasgow, e todos os procedimentos funerários serão em privado. Beecham não deixa familiares próximos.

Desde a derrota de Napoleão, a Grã-Bretanha estava em paz, mas isso não significava que os habitantes de Londres tivessem perdido o gosto pelas paradas militares. Sir Robert Mends era o capitão de um navio estacionado ao largo da costa ocidental de África com o objetivo de interceptar traficantes de escravos, mas quando regressava ao porto em Inglaterra, o seu navio tinha sido atacado por corsários franceses. Mends e os seus homens não só combateram com sucesso os corsários, como também recuperaram o controlo do *seu* navio.

Agora estavam a regressar a Londres como heróis, sendo Mends recompensado com uma promoção a comandante e toda a sua tripulação com todas as cervejas grátis que conseguissem beber em qualquer bar da cidade, por terem desempenhado um papel, ainda que pequeno, numa operação que terminou com a humilhação de França.

Hazel estava a dar uma caminhada matinal, e as multidões tinham começado a alinhar-se nas ruas sob o calor do verão, agitando pequenas bandeiras numa antecipação ansiosa do espetáculo que estava por vir. Seria um fim de semana inteiro de festividades – Hazel tinha ouvido Charlotte a queixar-se a Eliza dos muitos eventos entediantes em que teriam de estar presentes, enquanto as duas se vestiam no dia anterior.

– É a única coisa que querem que eu faça! É a única coisa que posso fazer: uma vénia e um sorriso. Uma vénia e um sorriso. Não sei o que cederá primeiro, se as minhas faces ou os meus joelhos.

Eliza tinha estado a apertar o espartilho da Princesa.

– A maioria das pessoas deste país teria inveja de uma posição que não envolve mais nada a não ser vestir-se bem e ir a eventos com a melhor comida e bebida, minha senhora.

Charlotte olhou para Eliza.

– Tens razão, Eliza. Eu sei. Sinto-me *grata* e isso tudo, sabes que sinto. Este país precisa de uma boneca princesa para vestir e brincar, e é a mim que me cabe a infelicidade de preencher o cargo. E «boneca de brincar» é um cargo muito bem pago.

– Talvez a dama de companhia da boneca de brincar pudesse ser paga um pouco melhor – acrescentou Eliza maliciosamente.

– Como se não estivesses a poucas semanas de te casares com um oficial com um rendimento anual muito *saudável*, Eliza – *sim, de vez em quando faço perguntas*. Primeiro-tenente, património familiar. Tudo muito respeitável.

Os dedos de Eliza desorientaram-se nos atilhos do vestido de Charlotte e, pela primeira vez, Hazel viu que Eliza tinha ficado sem palavras.

– Eu *ia* dizer-lhe, minha senhora – disse Eliza, por fim. – Que aceitei formalmente o pedido dele, quero eu dizer.

– Não precisas – disse Charlotte friamente. Afastou-se e acabou de atar a fita em volta da cintura. – Uma princesa ouve essas coisas. Não estava propriamente à espera de que ficasses ao meu lado, a atar os meus vestidos para toda a eternidade. Finalmente – e aqui Charlotte virou-se para olhar para Hazel – estou a recomeçar a recuperar a minha saúde. O tempo continua a passar, por muito que fiquemos na cama a escondermo-nos do mundo. Mais cedo ou mais tarde, eu ia ter de me tornar a princesa que a nação exige de mim, e tu ias precisar de te tornar uma mulher casada. Parece que a nossa amiga Dra. Sinnett é a única mulher que eu conheço que conseguiu escapar às garras das expectativas alheias. É só isso que precisamos de fazer, de aprender a fazer uma sutura ou a remover um membro, e depois podemos ser donas de nós próprias?

– Acho que vai descobrir, Alteza – disse Hazel, e pensou com um arrepio na sensação dos lábios de Simon contra os seus na enfermaria –, que de vez em quando até as médicas são vítimas dos constrangimentos das nossas posições sociais.

Desde que ela e Simon tinham trocado aquele beijo, ela nunca mais tinha estado sozinha com ele, mesmo quando dava consigo a arranjar cada vez mais desculpas para se demorar em Kew. Tomou chá com Gaspar nos jardins duas vezes porque pensou que Simon poderia passar por lá – e no segundo dia passou de facto, mas quando entrou no Palácio, ia a conversar com um dos ministros do Rei George e apenas dirigiu a Hazel e a Gaspar um aceno de cabeça de longe.

Em teoria, Hazel sabia que devia ter ficado aterrorizada com o possível escândalo do beijo; a posição de Hazel como médica pessoal da Princesa não lhe concedia direitos ilimitados, especialmente em matéria de devaneios com o sexo oposto. Com o futuro casamento da Princesa ainda por determinar, a sua reputação em termos de castidade (e, portanto, as reputações de todas as pessoas que se associavam a ela) era demasiado valiosa para ser manchada.

Mas, em vez disso, Hazel descobriu que os seus medos se tinham tornado humilhanantemente comuns, o tipo de paixão de que ela uma vez troçara em Iona em Hawthornden, quando ela desmaiara sobre o irmão mais velho de Hazel. Hazel estava a ler um artigo de jornal e dava por si a ler o mesmo parágrafo uma e outra vez, apercebendo-se sempre que chegava ao fim de que não tinha conseguido absorver uma única frase. Começava o parágrafo de novo, apenas para repetir o exercício inteiro, porque não estava a pensar na dosagem correta de *ethereum*; estava a pensar em Simon. Estava a pensar em Simon e a *interrogar-se*, como uma menina tonta de 10 anos com uma paixoneta, se ele estaria a pensar nela. Talvez ele andasse por aí a beijar raparigas constantemente. Talvez Hazel fosse apenas uma curiosidade para ele, tal como era para tantas pessoas – uma *cirurgiã*, um espécime fascinante para adicionar à sua coleção, para se *gabar*. Hazel não sabia *rigorosamente* nada sobre Simon, não sabia mesmo. Ele podia estar noivo de uma mulher na Suécia. Podia ser *casado* e manter isso em segredo enquanto estava em Londres para poder andar por aí a *beijar desconhecidas*! (Era nesse momento do processo de pensamento que Hazel se castigava, obrigando-se a concentrar-se novamente e a voltar

à sua leitura.)

A fantasia de se *casar* com Simon era uma tolice que Hazel descartava assim que ousava intrometer-se à cautela nos seus pensamentos. Os homens como Simon von Ferris casavam com raparigas bonitas e sem graça, treinadas para manter e gerir adequadamente uma casa enquanto ele trabalhava. A sua posição exigia compromissos sociais frequentes. A mulher dele seria anfitriã de jantares e *soirées* para manter o marido nas boas graças da cidade de Londres. Seria ainda melhor para Simon se a sua noiva fosse uma herdeira.

Hazel descendia de uma linhagem nobre – mas havia nobreza e *nobreza*. Hazel tinha percebido isso durante toda a sua vida: a sua família era respeitável, mas não particularmente rica. O pai tinha reservado um dote razoável para ela, mas quando ele morresse, a totalidade do património dos Sinnett pertenceria ao irmão mais novo de Hazel, Percy. Hazel sabia bem lá no fundo, com a certeza que vinha somente após as dificuldades, que nunca seria feliz como uma mulher casada. Preferia sofrer os desafios de sustentar uma existência escassa para si mesma como cirurgiã trabalhadora a reclinar-se confortavelmente como esposa de alguém. E Simon von Ferris acabaria por precisar de uma esposa.

Tinha sido fácil para Hazel aceitar que ficaria sozinha. Agora Simon tinha entrado na sua vida, tinha-a beijado e estragado tudo. Porque agora ela estaria sozinha e *distraída*. (*Curiosa. Ciumenta. Vaidosa.*) O afeto estava a envenená-la, apoderando-se do seu cérebro e dos seus pensamentos como uma erva daninha a crescer.

Hazel conseguiu abrir caminho por entre a multidão e voltar para os seus aposentos antes de o desfile começar, mas conseguia ouvir da sua janela os aplausos quando os homens do HMS *Iphigenia* passaram a cavalo, e depois o som extasiado da multidão quando a Princesa Charlotte passou na sua carruagem aberta. Os aplausos para Charlotte eram dez vezes mais altos do que as palmas educadas para o Príncipe Regente na sua carruagem. Não era de admirar que ele estivesse

desejoso que a Princesa Charlotte se casasse e saísse do país, pensou Hazel enquanto lavava o cabelo na banheira. O Príncipe Regente seria apenas meio governante: governava agora, mas em nome do seu pai louco, e quando se tornasse Rei a sério, o público vê-lo-ia apenas como um pré-requisito temporário, mas necessário, para que a sua amada Charlotte subisse ao trono.

Hazel não tinha nenhum vestido novo; teria de usar um antigo, um que ela tivesse trazido de Edimburgo. Talvez o vestido verde, mesmo que tivesse ficado um pouco curto nas mangas, e apesar de ter uma pequena mancha de sangue na parte de trás da bainha. (Hazel não tinha limpado as pernas do banco depois de uma operação e tocara nelas mais tarde, esquecendo que o sangue na madeira podia ainda não estar seco).

– Oh, por favor, não use um vestido velho! – gemera Eliza quando Hazel lhe mostrara o vestido verde no seu quarto. – Essas mangas são antiquadas. Já ninguém usa mangas compridas.

– São... clássicas – protestou Hazel.

Eliza estava a vasculhar o baú de Hazel, tentando encontrar um vestido mais recente, quando a criada bateu à porta.

– Uma carta para si, menina – disse ela.

Eliza pôs-se de pé de um salto.

– Uma carta de amor! – exclamou, arrancando-a da bandeja da criada. – Ora, bolas. É de um advogado.

Hazel tirou a carta das mãos de Eliza. Não reconheceu o nome: um tal Sr. Samuel Eastman, Esq., com morada em Chalton Street, 128. Hazel usou o bisturi para a abrir.

Era um aviso de uma herança.

O Dr. Beecham tinha deixado mil libras a Hazel, no seu testamento, que ela tinha a liberdade de receber quando lhe fosse conveniente.

Afinal, talvez ele tivesse mesmo morrido.

Hazel dobrou a carta e pô-la na mala.

– Então – disse Eliza. – O que é? Uma carta de amor *de* um

advogado?

– Não – disse Hazel, abanando a cabeça e tentando banir o sentimento estranho que ali se alojara. – Uma pessoa que eu conhecia em Edimburgo morreu. Deixou-me algo em testamento.

– Espero que seja o suficiente para comprar um vestido novo – disse Eliza. – Sinto muito, foi horrível da minha parte? Estou a tentar aprender a ser menos horrível.

– Levo o vestido verde – disse Hazel. – E devia considerar isso um favor, porque imagine como vai ficar elegante em comparação comigo.

A verdade era que Hazel gostava do vestido verde. Gostava da forma como a cor realçava o tom de pêssego da sua pele, que parecia tão pálida na maior parte do tempo.

Quando o levantou contra a luz na manhã do baile, Hazel perguntou-se se Simon gostaria de a ver de verde – e depois, instantaneamente, sentiu-se humilhada pela sua fixação pelo jovem médico.

Afastando Simon da sua mente, vestiu o vestido e puxou o cabelo para trás, cobrindo-o com uma boina de penas de sua mãe que de alguma forma tinha ido parar ao meio das coisas de Hazel para serem enviadas para Londres. Pronto. Estava... bem. Apresentável. Suficientemente bonita. Não era preciso fazer alarde; afinal de contas, a festa não era para ela. Ela era uma médica quetinha feito o seu trabalho, pondo Charlotte em condições de comparecer (mesmo que Charlotte não tivesse realmente precisado de tratamento médico no sentido convencional), e era só isso. Não importava para Hazel o que Simon achasse do seu vestido. Era um vestido *velho* e o chapéu era da mãe – se ela *realmente* se importasse com o que Simon pensava, ter-se-ia esforçado mais. Porque claramente, pensou, nem Simon nem a atenção dele significavam muito para ela. *Quod erat demonstrandum*. QED.

Foi isso que disse a si mesma quando entrou na carruagem para ir à festa naquela noite, que estava a ser realizada na residência privada

do Príncipe Regente, Carlton House.

Ainda assim, mal chegou, Hazel deu consigo a examinar a multidão em busca de uma cabeça alta e loira. Parecia que Simon ainda não tinha chegado.

Mas a Princesa Charlotte estava lá, como prometido – era a sua primeira aparição pública em semanas – e estava resplandecente com um vestido cor-de-rosa com bordados florais nas mangas e na bainha. No cabelo tinha penas de avestruz. Mas mais notável do que as suas roupas, pelo menos para Hazel, era o quão *saudável* a Princesa parecia. Embora não conseguisse fingir que estava *feliz* por estar ali – os sorrisos eram pequenos e forçados – havia, pelo menos, uma cor inconfundível nas faces da Princesa Charlotte.

Do outro lado do salão de baile, o Príncipe Regente avistou Hazel e deixou a conversa a meio de uma frase para ir ter com ela, praticamente atropelando as pessoas enquanto caminhava (Gaspar estava ao seu lado, a pedir desculpas no rasto de Sua Alteza Real).

– Menina Sinnett – disse o Príncipe Regente, olhando de relance para Gaspar para confirmar que tinha dito o nome de Hazel corretamente. (Gaspar acenou discretamente com a cabeça.) – Parece que conseguiu. Os meus cumprimentos. A Princesa está aqui, como prometido, tão bem de saúde como eu não a via há semanas. Agora, diga-me: O que é que ela tinha? Desalinhamento dos humores? Gripe? Desembuche. Vá lá!

– Uma gripe rara, Alteza Real – mentiu Hazel. – Uma gripe que parece ir e vir sem uma razão clara.

O Príncipe Regente continuou a falar, como se Hazel não tivesse dito nada.

– Devo dizer que parece ser o tipo de coisa que se resolve sozinha, não é? Gostava de saber o que é que teria de fazer se a Princesa tivesse seguido o meu conselho: repouso e exercício vigoroso! Muito repouso, e muitas caminhadas e muito desporto! É a cura para este tipo de doenças! Sempre. Anote aí.

Era um disparate pomposo. Como é que o tratamento de uma

pessoa podia ser simultaneamente repouso e exercício? Além disso, o Príncipe Regente nem sequer sabia de que «tipo de doença» sofria a Princesa, para começar. Hazel e Gaspar trocaram um pequeno olhar de compreensão.

– A Princesa estará, claro, suficientemente bem para viajar agora, estou certo? – perguntou o Príncipe de repente.

– Eu... não posso afirmar isso com certeza, *sir*.

– Que tipo de gripe é que *piora* nos barcos?! O ar fresco do mar é bom para a saúde! Toda a gente sabe isso! – disse ele, suficientemente alto para que várias pessoas que estavam por perto virassem a cabeça.

– É um caso muito complicado, *sir* – disse Hazel. – Mas eu acho que, no devido tempo, ela vai ficar bem o suficiente. É sempre melhor não apressar estas coisas. Por via das dúvidas.

– Por via das dúvidas – repetiu o Príncipe Regente, como se ele próprio tivesse pensado isso.

– Nós os dois só queremos o melhor para a Princesa, é claro – não pôde Hazel deixar de acrescentar. Gaspar olhou para ela. O Príncipe Regente ignorou-a, e saiu a toda a pressa para encerrar outro convidado.

A notícia do tratamento milagroso da Princesa Charlotte parecia ter-se espalhado pela corte. Muitas pessoas desconhecidas vieram ter com Hazel para lhe agradecer sinceramente, com uma seriedade que Hazel achou quase perturbadora.

– Eu fiquei fora de mim quando a Princesa teve a febre romana – disse uma mulher mais velha com penas pretas no cabelo – Foi como se o meu próprio filho estivesse doente. Não sei o que teríamos feito se a tivéssemos perdido desta vez.

Um homem fez uma vénia tão grande a Hazel que quase tocou com o nariz no chão.

– Graças a Deus que veio à Corte, Dra. Sinnett. É um anjo caído do céu.

– Apenas Menina Sinnett, por favor – disse Hazel, incapaz de parar o rubor que lhe subia pelo pescoço

Hazel apercebeu-se de que a Princesa *era* adorada, de uma forma inacreditável. Há alguns anos, a nação tinha ficado impotente quando a Princesa Charlotte sofrera de um caso quase fatal de febre romana; devia ter sido horrível ouvir que ela estava mais uma vez confinada à cama com uma doença misteriosa que ninguém conseguia tratar. E não era apenas o povo que amava a Princesa, aqueles que faziam fila do lado de fora de Warwick House com os seus votos de felicidade, mas também os membros da corte. (Claro, pensou Hazel, eram eles que mais sofriam com a arrogância do Príncipe Regente e o seu insuportável egoísmo). A Princesa Charlotte era uma lufada de ar fresco, um sinal de esperança para o futuro.

Mas, pensou Hazel, enquanto observava a Princesa que, com um sorriso fixo e os olhos vidrados, cumprimentava as pessoas numa fila de receção cada vez mais longa, *devia ser difícil ser ao mesmo tempo um símbolo e uma pessoa.*

O baile só começaria quando o HMS *Iphigenia* chegasse ao fim do desfile por Londres e, por isso, Hazel ficou à espera, bebendo um copo que apareceu na bandeja de um criado ao seu lado. Sem tentar escutar, viu-se presa na conversa entre dois homens de bigode à sua esquerda.

– ... o Rei de uma forma terrível...

– Cada vez mais delirante, ouvi dizer.

– Aparentemente, o médico sueco não sai do lado dele há três dias seguidos. Algum bem lhe deve fazer. Só de o ouvir falar, imagino.

Então era isso. Simon não viria esta noite. Hazel ficou surpreendida com a desilusão que isso lhe causou. Estava ansiosa por vê-lo, por tentar perceber se alguma coisa na dinâmica deles tinha mudado desde o beijo.

– Se eu fosse o Príncipe Regente – disse um dos homens de bigode ao amigo –, eu próprio o sufocaria.

– Martin! – repreendeu o outro, com uma indignação fingida. – Traição, e logo dentro das paredes do *palácio*.

– Ora, deixa-te disso, Frampton. – O outro homem estava com a

voz um pouco arrastada. O vinho salpicou do lado do copo. Os dois homens riram-se, guturais e conviviais.

Da entrada do salão, começaram a soar as cornetas, anunciando a chegada dos convidados de honra. Um arauto posicionava-se ao lado das portas duplas.

– Apresentamos Sir Robert Mends e os homens do HMS *Iphigenia*!

As portas abriram-se e os homens entraram ao som do crescendo da banda. O próprio Mends, à frente do grupo, era um belo homem de meia-idade, com um casaco azul-claro cheio de medalhas e com dragonas douradas nos ombros. Tinha cabelo grisalho, que ou o desfile ou décadas de vento do mar tinham desgrenhado. Sorriu ao entrar, claramente pouco habituado a ser o centro das atenções, mas apreciando-as na mesma.

Depois de passar por uma série de guardas reais, ajoelhou-se perante o Príncipe Regente. Assim que ficou em posição, Gaspar entregou ao Príncipe Regente uma espada fina.

– Levante-se – disse o Príncipe Regente depois de bater suavemente com a espada em cada ombro de Mends –, *Comandante Robert Mends*.

Um aplauso irrompeu pela sala. Agora a festa podia começar a sério.

As senhoras na sala *rodearam* os homens da marinha, todos vestidos com calças justas e belos casacos azuis-escuros com golas altas e botões de latão reluzentes.

Eliza estava de braço dado com o seu tenente, Otto. Faziam um belo casal, pensou Hazel. Ambos jovens e atraentes, e hábeis a lidar com as regras e rituais da vida na corte. Ao lado deles, o belo príncipe prussiano, Frederick Augustus estava com uma mulher de rosto amargo que Hazel só podia assumir ser a sua própria noiva.

Hazel viu como os olhos da Princesa Charlotte não paravam de se voltar para eles.

Não sabia em toda a sua extensão qual o relacionamento entre Frederick Augustus e Charlotte. Teriam namorado? Quase de certeza.

(Visto de longe, o príncipe parecia namoriscar com toda a gente.) Teriam trocado cartas de amor? Ter-se-iam encontrado a meio da noite sem ninguém saber? Teria ele feito promessas que sabia não poder cumprir? E ela?

Hazel sabia que era doloroso, em quaisquer circunstâncias, ter de ver a pessoa que amamos no braço de outra pessoa. Vê-la a sorrir para outra pessoa, a ir buscar as bebidas para outra pessoa, a beijar-lhe a face. Não era de admirar que a Princesa não quisesse sair da cama.

Começou uma dança e Hazel começou a retirar-se – não tinha intenção de dançar e estava a pensar em chamar a sua carruagem para a levar para casa – quando um marinheiro de cabelo escuro e revoltado se virou e Hazel viu o seu rosto.

Era Jack.

Jack.

Não um produto da sua imaginação ou uma fantasia, mas *Jack*, ali e vivo. Estava com a jaqueta azul-marinho da Marinha Real Britânica, e tinha uma cicatriz no rosto, rosada nas bordas e branca e brilhante no centro. A cicatriz vinha da testa, atravessava-lhe o nariz, descia-lhe pelo lábio e, onde devia passar pelo olho, estava escondida sob uma pala preta.

Todas as recordações de todos os momentos que tinham passado juntos voltaram num ápice: o cheiro dele, o toque da sua pele, o ritmo do seu coração. *O meu coração é teu, tanto a bater como parado.* Hazel estava outra vez na passagem sob a Sociedade dos Anatomistas e no pátio perto de Hawthornden e no dorso dos cavalos e no celeiro a olharem para o céu noturno. Estava a ver o corpo dele, deitado e a sangrar, com o Dr. Beecham a segurar um bisturi por cima dele. Estava a pressionar a mão contra as barras da cela onde ele estava preso, e a entregar-lhe o pequeno frasco de *Tintura*.

E agora estava ali, naquele salão de baile, a olhar fixamente para Jack Curren do outro lado da sala, a fitar para o seu único olho bom quando ele olhou para trás e a viu.

Jack Curren, o rapaz que Hazel tinha amado e perdido, estabeleceu

contacto visual com ela do outro lado da sala.

E fugiu do salão na direção oposta.

– Então!!

Os pés de Hazel estavam a mover-se antes de a sua mente saber o que ela estava a fazer. O universo estava a girar à sua volta, mas ela apenas permitiu focar-se nas costas do homem que estava a seguir para fora do salão de baile. Ele ia a meio de um corredor quando ela finalmente conseguiu alcançá-lo. Hazel pousou uma mão no ombro dele, e o homem virou-se para trás.

Era ele. Era Jack.

O mesmo queixo estreito e o mesmo nariz comprido. A mesma curva das maçãs do rosto. E, no seu olho bom, Hazel viu as cores com que andava a sonhar há meses: um cinzento e um azul tão claros, que lembravam o céu se tentássemos olhar diretamente para o sol num dia nublado. Ver outra vez o rosto dele fez Hazel derreter-se como cera de uma vela.

Jack olhou para ela, sem pestanejar. Parecia estar a questionar a sua própria sanidade, como se Hazel fosse uma partida cruel ou uma aparição ou um fantasma.

– Jack – disse Hazel, por fim. – Sou eu.

Como se uma cortina tivesse caído, o choque no seu rosto transformou-se repentinamente em dor, e depois em medo. Jack cerrou os dentes e pestanejou rapidamente o seu único olho bom. Parecia um animal enjaulado, pronto para fugir de novo a qualquer momento.

Deveria abraçá-lo? Beijá-lo? O seu cérebro estava a dizer-lhe para fazer um milhão de coisas ao mesmo tempo, e então, em vez de fazer o que quer que fosse, Hazel ficou parada, paralisada, a olhar para o rosto que tinha desenhado mil vezes nos seus sonhos. Ali. Arranhado e magoado e sem um olho, mas ali.

Jack parecia estar a lutar contra os músculos do seu próprio rosto. O lábio contorceu-se, e depois, finalmente, com uma voz tensa como a corda de um arco, Jack falou.

– Está a ter uma noite agradável, Menina Sinnett?

Hazel nem se apercebeu de que lhe tinha dado uma bofetada até sentir a palma da mão a doer-lhe pela força que tinha usado.

– «Uma noite agradável»? «Menina Sinnett»? – perguntou Hazel num tom sibilante. – O que é que estás a *fazer*? Porque é que fugiste de mim? – Tinha as orelhas a arder, e a dor da bofetada estava a chegar-lhe ao pulso.

Jack engoliu a custo e esfregou a face no sítio onde a mão de Hazel tinha acertado. Abriu e fechou o maxilar devagar para se certificar de que não estava partido.

– Por um momento, admito que não pensei que fosse possível que fosses realmente tu. Mas agora não tenho dúvidas.

– Por que razão não havia de ser eu? – perguntou Hazel, raivosa.
– Quem mais é que podia ser?

Jack olhou em volta. Estava a respirar depressa.

– Logo em Londres. Num palácio real. Chegaram até nós, no navio, rumores de uma médica a tratar a Princesa. Eu devia ter percebido logo.

– Sabias que eu podia estar aqui? E não vieste?... Não vieste?

Jack não respondeu. Estava tenso, a tratá-la como uma estranha, em sentido como um soldado e não como o rapaz que a tinha tido nos seus braços num estábulo, enquanto a chuva caía sobre Edimburgo.

– Jack – disse Hazel. – O que é que estás a fazer aqui? Porque... porque é que não me escreveste?

Hazel não conseguia impedir o tom de súplica que estava a insinuar-se na sua voz, e sentia o calor das lágrimas a picar-lhe nos olhos.

Ele tinha aberto a boca para dizer qualquer coisa quando um par de foliões veio a rir pelo corredor, dois homens com garrafas cheias de vinho. Um criado passou na direção contrária.

– Não podemos falar disso aqui – disse Jack em voz baixa. – Não devias estar sozinha comigo num corredor de uma festa onde podem ver-nos. É o bastante para arruinar a reputação de uma senhora.

– Desde quando é que te preocupas com a reputação de uma senhora? – exclamou Hazel. Queria dizê-lo num tom de brincadeira, mas essa onda já tinha passado. Saiu num tom mais duro do que ela queria, e Jack olhou para o chão. Havia demasiadas coisas a dizer e Hazel não conseguia descobrir a maneira certa de as dizer. – O que é que estás a *fazer* aqui? – conseguiu Hazel perguntar novamente.

Da entrada do salão de baile, apareceu outro marinheiro com uma jaqueta azul, a balançar ligeiramente por ter bebido de mais.

– Vamos, Ellis! – gritou. – Deixa a senhora em paz!

– Ellis? – perguntou Hazel. – É assim que te chamam agora?

– Não podia usar o nome de um morto, pois não? – disse Jack, e sorriu. Um ligeiro sorriso, e apenas por um momento, mas o sorriso *dele*. Foi devastador, um sorriso que lhe pareceu inteiramente familiar, apesar de não o ver há meses. Era possível que Hazel se tivesse esquecido da covinha que lhe aparecia na face esquerda e no queixo? Naquele momento, Hazel teve a certeza de que se o perdesse de vista, tudo aquilo acabaria num sonho, e ela nunca mais tornaria a ver aquele sorriso.

– Vou visitar-te – disse Jack, como se pudesse ler a mente dela. – Estás a tratar a Princesa em Warwick House?

– Não – disse Hazel. – Quer dizer, estou... mas, não. Esperei por ti durante meses, Jack, e não vou deixar-te fugir de mim outra vez com uma promessa vaga. Estou no número 3 de Stafford Street, em Londres, perto de St. James's Park. Vem ter comigo amanhã.

– Está bem – disse Jack, de sobranceiras unidas. – Vou ter contigo amanhã ao número 3 de Stafford Street.

– Cedo – disse Hazel.

– De madrugada – retorquiu Jack.

O marinheiro embriagado, de volta ao salão de baile, gritou:

– Jack Ellis, mexe esse cu e vem já para aqui, ó zarolho!

Jack olhou para Hazel, como que a pedir desculpa.

– Só um minuto, Karrelsby!

– Não consigo acreditar que estás aqui – murmurou Hazel.

– Vou ter contigo amanhã – prometeu Jack.

O olhar dele foi dos olhos de Hazel para os lábios dela e, por um momento, pareceu querer beijá-la. Por um momento, olhou para ela como costumava olhar, e a vida voltou às suas feições. Mas depois fez uma pequena vénia e foi ter com o amigo, deixando Hazel sozinha no corredor, a sentir-se vazia e preenchida, como se estivesse ao mesmo tempo embriagada e completamente alerta.

Tinha *visto* Jack outra vez. Ele estava *vivo* e estava ali, e o mais estranho de tudo era como ele lhe parecera quase um desconhecido.

Como prometido, Jack chegou de manhã cedo aos aposentos de Hazel quando os sinos da igreja mais próxima estavam a tocar as seis horas. Hazel quase não tinha dormido toda a noite. Tinha passado uma hora deitada na cama depois da festa, ainda com o vestido de gala, a pensar em tudo o que tinha acontecido, em tudo o que eles tinham dito.

Jack estava vivo, em Londres.

A criada tinha aberto a porta a Jack, e ele tinha ficado na entrada, constrangido, a arrastar os pés e a olhar para o chão. Já não estava com a jaqueta azul e as calças brancas que tinha usado na noite anterior; pelo contrário, estava com umas calças pretas simples e uma túnica branca já muito remendada.

Quando Hazel desceu as escadas para o cumprimentar, ele pareceu não saber ao certo se deviam abraçar-se. Curvou ligeiramente a cabeça e depois procurou a mão de Hazel para a beijar.

– Menina Sinnett – disse, com uma voz tensa.

Hazel já tinha aberto os braços para o abraçar, mas em vão, como uma dançarina que, antes da valsa, fica sem o seu parceiro.

– Tens o mesmo cheiro – deixou escapar Hazel. – Desculpa. É uma coisa estranha de se dizer.

– Tenho? Que cheiro é esse? – perguntou Jack.

Um pouco envergonhada, Hazel inclinou-se para o pescoço de Jack e inspirou. Os pelos finos dos seus antebraços eriçaram-se. Ele cheirava como ele mesmo. Um cheiro almiscarado que não tinha encontrado em qualquer outro lugar, e a floresta, e a sujidade, e ao cheiro tânico e metálico do sangue; e também tinha cheiros novos, goma no tecido da camisa, e sal no cabelo.

– Cheiras a marinheiro – disse Hazel.

– Depois de ter passado os últimos dois meses rodeado de marinheiros, acho que isso é um insulto.

– É uma brincadeira! – disse Hazel.

A criada pigarreou.

– Posso mandar servir o chá, Menina?

– Sim, por favor, obrigada. – Hazel fez sinal a Jack para a seguir até à sala de estar pequena. – Acompanha-me, por favor – disse, num tom formal, como se estivesse a dizer as falas de uma peça. – Acho que quando um homem visita uma senhora, mesmo uma senhora que vive sozinha e trabalha como médica, há certos rituais que devem ser seguidos.

Jack já tinha tirado o chapéu e o casaco e tinha-os pendurado num bengaleiro.

– Obrigado, Menina Sinnett – disse.

Foi corrigido por Hazel.

– Tenho a certeza de que podes tratar-me por Hazel.

– Se insiste, Menina – disse Jack. Sentou-se numa cadeira na sala de Hazel com as costas direitas como o mastro de um navio. Cruzou as pernas. Hazel pensou se ele sempre tinha cruzado as pernas assim. Mesmo os seus gestos mais descontraídos lhe pareciam estranhos e formais.

Hazel conseguiu esperar até o chá ser servido para fazer todas as perguntas para as quais queria respostas: Como é que ele tinha sobrevivido à forca? Quando saíra de Edimburgo? Porque é que não tinha ido para a América? Como fora parar à Marinha Real?

– Bem, eu não estou na Marinha Real – explicou Jack. – Não propriamente. Trabalhei no navio enquanto estivemos no Atlântico e, quando regressámos ao porto, alistei-me formalmente. Pelo menos, é o que eles esperam que eu faça.

– Mas não vais alistar-te? – perguntou Hazel.

– Oh – disse Jack. – Ainda não sei. Não tenho a certeza de nada do que vou fazer até o fazer.

– Como é que ficaste sem o olho? – perguntou Hazel. Jack ficou

tenso quando ela estendeu a mão para ele, e Hazel retirou a mão. – Desculpa – disse Hazel. – Sei que é... estranho.

– Não pensei que voltaria a ver-te – disse Jack, a olhar para o chão. – Seria mais fácil se eu tivesse morrido para ti.

– «Mais fácil», como? – perguntou Hazel. – O que é que *aconteceu*? Porque te foste embora de Edimburgo?

– Achei que seria mais fácil – repetiu Jack, ainda sem olhar para Hazel.

– Podes ao menos contar-me o que aconteceu? – disse Hazel.

Jack tentou beber um gole de chá, mas tamanha era a sua insistência em não olhar para Hazel que de alguma forma falhou a boca, e o chá pingou-lhe para a camisa. Hazel e Jack sorriram, e por um instante, algo pareceu descongelar entre eles.

– Conta-me só o que aconteceu – pediu Hazel de novo. – Por favor? Jack pousou a chávena de chá com cuidado.

– Está bem. Então, vou começar do princípio, e talvez possamos continuar a partir daí.



Jack acordou algures debaixo do chão, mergulhado no cheiro a morte e a carne podre. Primeiro pensou que tinha sido enterrado vivo; e, de certa forma, tinha sido. A escuridão era total, e o pensamento seguinte de Jack foi que ele estava morto, que aquilo era a vida depois da morte, e que a poção que Hazel lhe tinha dado através das grades da cela afinal não funcionava. Mas, depois, a sua mão envolveu outra mão humana e, mesmo no escuro, Jack percebeu onde estava.

Estava numa pilha de corpos.

Tentou abrir caminho até à superfície; uma dúzia de cadáveres – nus e frios, alguns ainda com sangue ou algo pior a pingar – estavam a fazer pressão sobre ele. Os corpos tinham endurecido com o rigor da morte; ouviu o som de estalos a ecoar na escuridão enquanto forçava o caminho para sair dali. Ardia-lhe o pescoço, mas trataria disso mais

tarde. Tudo o que precisava de fazer naquele momento era sair dali.

Acabou por conseguir – caindo no chão ao lado do monte de cadáveres, num chão de pedra gelado. Por cima dele havia um teto arqueado, e Jack murmurou uma semi-oração de agradecimento por ver para onde o tinham levado: estava na cave da Faculdade de Medicina da Universidade de Edimburgo. Durante anos, entregara corpos naquele mesmo lugar, onde estudantes – ou, mais frequentemente, professores – pagavam um punhado de moedas por cadáveres recentes, aptos a serem dissecados.

Os corpos dos enforcados eram uma das poucas fontes legais de cadáveres para os médicos. E a verdade é que, depois de um enforcamento, havia sempre uma pequena multidão de rapazes que se acotovelavam para reclamar o cadáver e vendê-lo. Jack provavelmente teria conhecido cada um desses rapazes. Ele tinha sido um deles. Esperava que quem quer que tivesse conseguido apanhar o seu corpo tivesse recebido um bom preço por ele.

Doía-lhe o pescoço. Não era só a queimadura da corda – embora essa ardesse sob a sua mão quando tentava tocar na pele. Havia também uma dor profunda que lhe descia pela espinha desde a base do crânio.

Ele sabia como sair dali – havia duas escadas ascendentes. A que ficava na extremidade sul da cave dava acesso a uma sala de aulas, mas a que ficava na extremidade norte levaria Jack diretamente para um beco que dava para Forrest Road. A escola dos rapazes, George Heriot's, ficava à esquerda, e os portões do cemitério de Greyfriars estariam à sua frente. Era um caminho que ele já tinha feito vezes sem conta. Geralmente no escuro e a conduzir um carrinho de madeira que transportava o cadáver nu que acabara de desenterrar.

De mãos estendidas e dando pequenos passos enquanto os seus olhos se adaptavam à luz fraca, Jack foi avançando lentamente em direção às escadas, sem conseguir concentrar-se em nada, a não ser na dor que parecia irradiar de todos os ossos do seu corpo e na dor aguda no seu pescoço. Graças a Deus, os degraus estavam lá, tal como ele se

lembrava e, embora ninguém parecesse estar por perto, Jack ainda estremecia com o ranger das escadas de madeira. Susteve a respiração e abriu a porta, sem saber se seria dia ou noite no mundo exterior. Felizmente, o beco era isolado – afinal, a compra de corpos de cadáveres era ilegal – e Jack estava confiante de que, mesmo que fosse meio-dia, conseguiria escapar sem ser visto.

Só que as escadas não foram dar ao exterior.

Abriu uma porta que dava diretamente para uma sala de aula cheia de estudantes de medicina, todos a olharem para ele.

Foi nessa altura que Jack se apercebeu de que estava nu.

Desatou a correr.

Correu através da sala de aula, com o professor de boca aberta junto do quadro, demasiado atônito para dizer alguma coisa. Correu o mais depressa que pôde, passando pelas filas de cadeiras de madeira, por mesas com o que pareciam ser cérebros molhados e abertos em cima delas. Conseguiu agarrar numa capa que estava pendurada num gancho junto à porta antes de fugir, ao som de risos e alguns aplausos dispersos vindos da sala de aula atrás dele.

Jack escapou da Faculdade de Medicina da Universidade de Edimburgo como uma rolha a saltar de uma garrafa sacudida e correu pela rua lateral mais próxima que encontrou, tirando de um estendal enquanto corria o que mais tarde descobriria ser uma camisa de noite de mulher e um par de calças vários tamanhos acima do seu. Ainda assim, serviria por enquanto, pensou ele, enfiando a camisa pela cabeça e metendo o excesso de tecido dentro das calças.

E agora era altura de ir para o Castelo de Hawthornden. Finalmente podia voltar para junto de Hazel.

Pensou por um instante se o seu quarto no sótão do teatro onde costumava trabalhar teria sido revistado após sua prisão. O teatro estava fechado devido à disseminação da febre romana, e Jack imaginou que tudo teria sido revirado, primeiro por pessoas que tiravam o veludo dos assentos para vender por algumas moedas e, a seguir, por pessoas que tinham ouvido falar de Jack Curren, assassino

em série enforcado, e queriam bugigangas para vender, que valiam mais por estarem associadas a ele. Edimburgo era uma cidade que vivia com a morte nas veias e a abraçava com uma careta e um sorriso. Havia certos pontos na High Street onde mechas de cabelo de um assassino ou de uma vítima sua podiam ser compradas e vendidas como tesouros.

Mesmo assim, ainda havia uma hipótese de alguns dos seus pertences continuarem escondidos – ele tinha uma pequena caixa guardada nas vigas do teatro com uma mão-cheia de moedas, uma camisa limpa, e um relógio de bolso que ele não conseguira reparar nem vender, e duvidava de que mesmo um ladrão intrépido conseguisse encontrá-la.

Mas, ao atravessar a rua principal, Jack viu de relance um vespertino a agitar-se como uma bandeira na mão de um jovem ardina. Mesmo a vários metros de distância, conseguiu distinguir o cabeçalho por cima de um desenho a tinta que até Jack tinha de admitir que ficara bastante parecido com ele: assassino do cemitério enforcado. Jack praguejou baixinho. Era óbvio que ele não tinha matado ninguém, e nenhum dos assassinios tinha sido feito em cemitérios! As vítimas tinham sido mortas em salas de operações para lhes serem cortados bocados para a elite rica. E depois tinham culpado Jack para encobrir tudo.

Era quase como se as pessoas da cidade não quisessem saber das injustiças gritantes que aconteciam debaixo dos seus narizes diariamente, da crueldade e ganância das pessoas no poder. Era esse o tipo de corrupção apodrecida que ameaçava a estrutura básica da vida quotidiana. Mas as pessoas tinham de continuar a viver, não tinham? Tinham de continuar a acordar, a alimentar os filhos, a lavar a roupa, a preparar refeições simples para comer. Um «assassino do cemitério» era uma história muito mais agradável – fácil de compreender e fácil de resolver com um simples enforcamento. Era o tipo de escândalo sobre o qual as pessoas podiam coscuvilhar enquanto bebiam uma cerveja – o ladrão de cadáveres que matava pessoas a sangue-frio,

para se poupar ao trabalho de as desenterrar – uma história que em breve se tornaria lenda, empolgante mas já não assustadora.

Não valia a pena argumentar contra uma mentira em que as pessoas queriam acreditar.

Jack Curren seria para sempre o Assassino do Cemitério.

O problema mais imediato, claro, era o facto de a sua cara estar estampada por toda a cidade. E, com as suas roupas desirmanadas, não tinha a menor esperança de evitar as atenções. Não havia maneira de ele conseguir voltar ao teatro, no coração da cidade, para procurar objetos sem significado que provavelmente já tinham desaparecido.

As pessoas na rua já o olhavam com estranheza. Puxou a gola da capa para cima para tapar o rosto e afastou-se do centro da cidade, em direção ao local onde sabia que estaria seguro: Hawthornden... e Hazel.

Era uma longa caminhada para chegar ao castelo através da floresta, e mais longa porque Jack não iria pelas estradas principais. Provavelmente nem sequer chegaria ao anoitecer, pensou ele, enquanto abria caminho à cotovelada no bosque e tropeçava em arbustos pesados. Seria uma sorte se chegasse a Hawthornden ao nascer do sol.

Na altura em que finalmente atravessou um campo vazio e virou para o lado onde as árvores cresciam ao longo do cume, e o castelo se tornou visível ao longe, Jack estava exausto e cheio de dores. A dor ao longo da coluna tinha piorado, e quase que sentia as nódoas negras a aparecerem-lhe nas pernas. Hawthornden parecia ter saído de um sonho, com o brilho das lanternas esbatido pela neblina, como se o castelo inteiro fosse um reflexo num lago. Iria bater à porta, e Hazel iria abri-la – e abraçar-se-iam novamente e ele adormeceria na cama dela, e ela trataria das feridas dele de manhã, e ele faria ovos com salsichas para o pequeno-almoço, e depois...

E depois... o quê?

Hazel continuaria os seus estudos para ser médica; ela não poderia ser associada a um assassino. *Jack* não podia ser visto em sítio

nenhum na Escócia, nem na Grã-Bretanha, com a forma como as notícias obscenas gostavam de viajar. O que aconteceria se o encontrassem, se descobrissem que ele tinha escapado à força, por assim dizer? Não, ele teria de ficar escondido.

Poderia viver em Hawthornden enquanto Hazel andasse pelo exterior, tornando-se uma cirurgiã como ela sempre quisera, sendo celebrada como merecia. Voltando para casa para Jack à noite com histórias de lugares que ele não podia ver e pessoas que ele não podia conhecer.

E quando o pai dela regressasse do seu posto no estrangeiro, ou a mãe regressasse de Inglaterra? Onde é que Jack se esconderia nessa altura? Provavelmente Hazel encontraria alguma casa para ele algures, que ela pagaria ao proprietário – como poderia Jack conseguir um emprego em qualquer lugar por perto quando qualquer pessoa que visse a sua cara poderia reconhecê-lo? E Hazel teria de pagar ainda mais pela discrição do proprietário.

Talvez a notícia desaparecesse. Talvez depois de algum tempo, as pessoas esquecessem o Assassino do Cemitério e Jack pudesse conseguir algum trabalho, ganhar a vida honestamente pela primeira vez em toda a sua vida, e não ser um fardo para ninguém.

E depois?

Seria possível uma dama como Hazel casar com alguém como ele? Um homem sem passado, sem nome e sem futuro? Esperava-se que ela se casasse com um cavalheiro rico que pudesse *sustentá-la*, que pudesse dar-lhe um lar, uma *grande casa* e um lugar na sociedade. Filhos, talvez. Uma família. Já ia ser difícil para ela tornar-se cirurgiã como queria, sendo mulher. Não devia ter de ficar agrilhoadada com ele na sombra.

E uma voz irritante a lembrá-lo que havia também a questão da poção. A coisa que ele bebeu e que o fez sobreviver à força. Sabia a alcaçuz e a uma erva oleosa, e a algo picante e amargo. Fá-lo-ia realmente viver para sempre? Ou teria esgotado o seu poder na força? Jack não sabia, e não sabia a quem podia perguntar. (Ele arrancaria o

seu próprio coração, antes de ir ter com Beecham para o que quer que fosse – e que Deus o ajudasse se alguma vez aparecesse à frente de Jack.) Mas se isso realmente fosse verdade... se ele realmente fosse imortal... então havia ainda menos vida para Hazel com ele por perto.

Mas, mesmo assim, ele tinha de a ver.

Jack sabia de cor o caminho até ao Castelo de Hawthornden, o caminho ladeado por campainhas azuis e curvado através de um bosque de freixos, e era capaz de o fazer mesmo no escuro. Agora que estava mais perto, conseguia ver que havia lanternas acesas nas janelas da biblioteca e do quarto de Hazel.

Lá estava ela.

Mesmo através da distorção do vidro grosso e manchado, Jack via o olhar de concentração de Hazel enquanto ela virava as páginas de um livro sobre a sua mesa, com uma vela acesa por perto.

Um cavalo relinchou no estábulo próximo, mas Jack continuou a olhar, por um lado desesperado por bater à porta e beijá-la novamente, mas por outro lado confuso, incapaz de a perturbar.

E, assim, ficou a observá-la. Via-a a virar as páginas, enquanto a sua expressão mudava ligeiramente de confusão para frustração, para satisfação e depois orgulho.

A criada dela, Iona, entrou com uma bandeja com chá. Hazel estava em sua casa. Estava feliz. E tinha tudo o que precisava.

Ele tinha dito a si próprio que Hazel merecia alguém com quem pudesse envelhecer, e acreditava que isso era verdade, mas havia também um medo que lhe fazia doer a barriga que se sobrepunha a tudo o resto: ele já tinha dito adeus a Hazel uma vez, e a ideia de ter de o fazer de novo assustava-o. Ele sabia, enquanto olhava para ela através da janela, que nunca seria capaz de ver Hazel Sinnett morrer.

O som de folhas a restolharem e o ranger das rodas de uma carruagem atravessaram a noite tranquila. Ainda estavam longe, mas Jack irritou-se; era uma carruagem, e vinha naquela direção. Qualquer pessoa que o visse conheceria a sua cara. Qualquer pessoa poderia mandá-lo de volta para a prisão... ou pior. Jack não sabia o

que lhe fariam se descobrissem que a força não tinha resultado, nem queria descobrir.

Um cavalo no estábulo próximo relinchou, e o som das rodas da carruagem estava a ficar mais próximo.

Jack tinha de fugir.

Estava mais quente no estábulo do que lá fora, onde o vento noturno cortante corroía os pulsos e o pescoço de Jack, que a capa não cobria. Os cavalos relincharam e levantaram as patas perante o intruso humano.

– Psiu! – disse Jack, passando a mão pelo focinho do cavalo preto, que se chamava Betelgeuse. Jack tinha aprendido a montar naquele cavalo – Hazel tinha-o ensinado. – Somos amigos, não somos? Tu e eu, Betelgeuse. – O cavalo resfolegou e depois pareceu descontrair-se.

Jack pôs a sela no cavalo e olhou à sua volta. Num canto estavam algumas roupas de montar e botas cobertas de lama seca. Eram roupas de homem e do seu tamanho. Por um momento, Jack ficou confuso. Seria possível que Hazel tivesse deixado ali as roupas para ele as encontrar? Mas depois, não, lembrou-se de que Hazel usava muitas vezes a roupa do irmão quando ia andar a cavalo.

Mudou de roupa o mais depressa que pôde, enfiando a camisa de noite e as calças grandes de mais num alforje, imaginando que poderia vendê-las quando chegasse à costa. Ainda estava com a capa que tinha roubado a um estudante de medicina estupefacto; era ligeiramente curta nas mangas, mas ele gostava dela na mesma.

– Porta-te bem, vá – sussurrou Jack ao cavalo, e subiu para a sela.

Felizmente, o cavalo tinha parado de relinchar. Betelgeuse apenas inclinou a cabeça, como se dissesse: *E agora?*

Agora, pensou Jack, *vamos embora*.

Não se permitiu sentir a dor que se foi transformando num sofrimento profundo e atroz, enquanto cavalgava durante a noite. A princípio, apenas cavalgou o mais depressa que podia, mas à medida que as horas passavam, deixou que o esboço obscuro de um plano se formasse na sua mente. Estava a ir para oeste, para longe do sol

nascente, em direção à costa, onde poderia meter-se num barco e navegar para longe da Escócia, para a América. E aí começar uma nova vida.

Só parou numa estalagem quando estava tão cansado que teve medo de cair do cavalo enquanto iam a andar, e trocou a camisa e as calças por uma tigela de guisado morno e um saco de ração para o Betelgeuse.

– Nada mau, nada mau – murmurou a mulher atrás do balcão, passando o tecido branco da camisa de noite entre o polegar e o indicador. – Nada mau. – Milagrosamente, o bolso da capa roubada continha algumas moedas, e Jack ofereceu várias delas em troca de uma noite de sono numa cama que cheirava a mofo. Os olhos da velha eram leitosos e brancos, mas, mesmo assim, Jack rezou em silêncio quando ela pareceu semicerrar os olhos para o seu rosto em sinal de reconhecimento.

Foi preciso mais um dia inteiro a cavalgar para Jack chegar à cidade de Greenock, onde um rio largo e curvo desaguava no mar cintilante. Os navios balançavam suavemente no porto, e Jack sentiu um nó no estômago. Era aquele o lugar. Veria a Escócia pela última vez.

Pagar a passagem seria um obstáculo – Jack não conseguia obrigar-se a vender Betelgeuse, que não lhe pertencia, e por isso soltou-o na floresta quando chegou aos arredores da cidade portuária. (Betelgeuse, pelo seu lado, nem hesitou antes de trotar alegremente para o meio das árvores, como se sempre tivesse acreditado que não pertencia a dono nenhum mas à natureza.)

Parecia haver mais navios no porto do que era possível contar; Jack tinha passado a vida inteira em trabalhos que o obrigavam a ser invisível, e assim passou uma tarde meio escondido atrás de uma pilha de caixotes e uma bobina de corda do tamanho de um homem grande, escutando as várias transações que aconteciam nas docas e habituando-se aos novos sotaques. Não se tinha apercebido de como o seu sotaque escocês de Edimburgo era inglês até ouvir aquela gente de

Greenocki, que engoliam as consoantes e cuspiam as vogais como ossos de galinha.

Os homens gritavam destinos uns aos outros, a maioria dos quais desconhecidos para Jack. Lugares que pareciam estranhos e exóticos. Mas ele já se tinha decidido – talvez arbitrariamente – pela América, e por isso esperou até ouvir um grito áspero que soava a, *Virginia!* e correu na direção da voz do homem que dirigia um grande carregamento de caixotes para um pequeno mas bonito navio à beira do cais.

Jack pensou imediatamente em qual seria o castigo para um clandestino, mas não deixou que a preocupação durasse muito mais tempo. A vida nas ruas tinha-lhe ensinado a importância da ação em comparação com a previsão. *Rouba agora, se for preciso, enfrenta as consequências mais tarde – pelo menos estarás vivo quando o fizeres. Além disso, pensou, matar-me é que eles não podem.*

Mas enquanto Jack observava os possíveis métodos para subir o passadiço sem ser detetado (será que conseguia meter-se dentro de um caixote e ser *metido* no barco com a carga?

– Tripulação do convés! Marinheiros! Uma libra, dez xelins por mês, mais uma ração por dia. Procuro jovens fortes, toca a andar esta noite!

Já um grupo de rapazes da idade de Jack e mais velhos se reunia à volta do recrutador. Jack juntou-se à fila.

– Nome?

– Jack C... hum, Ellis.

– Afinal, como é que é?

– É esse o meu nome. Jack Ellis. O nome inventado veio-lhe à cabeça naquele preciso momento e assim ficou. Agora chamava-se Jack Ellis, tão fácil como isso.

– Então, Jack Ellis, já alguma vez trabalhaste num navio?

– Já. Muitas vezes. Trabalhei nas docas em Leith ao pé de Edimburgo – mentiu Jack.

O homem olhou para ele, não inteiramente convencido da mentira,

mas não estava disposto a dar-se ao trabalho de o desafiar. A vida tinha regressado ao corpo de Jack – desde que acordara na cave da universidade, a sua pele passara lentamente de cinzenta a rosada, mas Jack continuava consciente de que não tinha *bom* aspeto. Estava magoado, com arranhões a cobrir todos os seus membros. Era demasiado magro e estava demasiado cansado. Provavelmente, o homem pensou que ele era um ladrão.

– Então, porque é que vieste embora de Edimburgo?

– Meti-me num sarilho – respondeu Jack, achando que chegar o mais perto possível da verdade seria a sua melhor aposta.

Para seu alívio, o homem riu-se.

– Pelo menos, tens uns bons braços fortes – disse ele com aprovação. – Volta às seis, o navio parte às sete, e não voltamos para trás para apanhar retardatários. Não há ladrões no navio, e não há sarilhos.

– E o navio vai para a Virgínia, certo? Para a América? – perguntou Jack.

– Sim, para Norfolk. Na América. Entregar carga. Mas não penses que vais ser um passageiro numa viagem de luxo! Vais para onde o navio vai e estás grato pelo trabalho!

Jack apressou-se a partir. Estava grato pelo trabalho. Chegaria à América com algumas moedas a mais, tendo um sítio para dormir e comida para comer. Durante grande parte da sua vida, tinha estado muito pior.

Não tinha nada para fazer em Greenock, nem dinheiro para nada. E ainda tinha medo de ser reconhecido, dada a rapidez com que a notícia poderia ter viajado pela Escócia. E, assim, Jack passou as horas seguintes a vaguear por entre pequenas casas, galinhas e fogueiras nos arredores da cidade. De um espantalho, roubou um grande chapéu de vigário, que a chuva e o tempo tinham estragado a tal ponto que o tecido, outrora preto, estava agora baço e incolor e a aba descaía, escondendo-lhe o rosto.

No pub, Jack sentou-se com uma cerveja e um pedaço de

pergaminho coberto de frases riscadas. Tinha começado a escrever uma carta para Hazel uma dúzia de vezes, mas a cada tentativa, as suas palavras pareciam triviais ou estúpidas ou cruéis. Como poderia ele explicar tudo em palavras – que não *podia* vê-la, porque não podia ver uma vida com ela? Só de pensar em Hazel, doía-lhe o coração. Mas como podia ele ir-se embora sem dizer nada?

Talvez na América ele pudesse construir uma nova vida para os dois. Seria bem-sucedido, compraria terras, seria respeitado. Ninguém saberia nada sobre os enforcamentos, nem sobre Beecham ou qualquer outra coisa. Talvez na América Hazel pudesse trabalhar como cirurgiã abertamente. Podiam viver juntos numa casa como marido e mulher, e ele poderia beijar-lhe as pálpebras todas as manhãs. antes de ela acordar.

Não.

Mesmo que fosse possível, essa fantasia estava a uma vida de distância. Como poderia ele pedir a Hazel que esperasse tanto tempo por ele? Talvez fosse mais fácil para ela pensar que ele tinha ido embora. A esperança era uma coisa perigosa. Jack tinha aprendido que a maior parte do sofrimento no mundo era causado pela esperança.

No final, só conseguiu pensar numa única frase que, na sua opinião, transmitia tudo: o seu amor, o seu pedido de desculpas, a sua esperança no futuro. *Estarei à tua espera*, escreveu. E se ela quisesse acreditar que ele estava morto, poderia pensar isso.

Jack regressou à doca uma hora mais cedo e esperou, vendo o pôr do sol vermelho-alaranjado sobre o porto e o navio que o levaria para a sua nova vida. Tinha dois mastros altos, concebidos para serem equipados com velas largas. Mais tarde, Jack viria a saber que aquele tipo de navio se chamava brigue. O nome do navio estava escrito no casco com tinta branca a cair: aurora.

– Arriba!

Um homem tão alto e largo como uma porta bateu no ombro de Jack quando ele ia a subir o passadiço.

– Cuidado aí – disse o homem com um sorriso maldoso. Tinha um dente de prata que brilhava à luz evanescente do sol. O homem ficou a olhar para a cara de Jack durante demasiado tempo, baixando a cabeça para tentar ver por debaixo da aba do chapéu. Quando Jack tentou passar por ele, empurrou a prancha, fazendo-o tropeçar. Jack limitou-se a baixar o chapéu sobre o rosto e continuou para o convés, onde a tripulação tinha instruções para pendurar as redes.

Ele já tinha lidado com aquele tipo de gente – se não se conseguia acabar com eles com um único murro (e olhando para aquele brutamontes, Jack tinha quase a certeza de que não conseguia), o melhor a fazer era ignorá-los. A hierarquia social a bordo do navio resolver-se-ia; Jack nunca se preocupara em fazer amigos. O homem grande com o dente de prata não teria qualquer poder sobre ele. (Se ele soubesse que estava errado, talvez tivesse aceitado um emprego num outro navio. Mas como é que ele podia saber?)

O nome do homem era Smeaten e, como Jack depressa descobriria, era o contramestre do navio, responsável pela tripulação do convés. Era o tipo de homem miserável que se orgulhava da sua capacidade de amesquinhar os outros o mais possível. Todas as manhãs, saía dos aposentos do capitão com um sorriso de uma piada privada que não iria partilhar, e começava a gritar as tarefas.

– Muldon, cordame! McGinley, na copa! Potter, chá para o capitão. E Ellis. – Aproximando-se de Jack, Smeaten colocava-se tão perto dele que Jack tinha de arquear as costas para o olhar na cara. – Achas que és capaz de limpar o convés, Ellis?

– Sim, senhor – disse Jack.

– Mais alto – disse Smeaten.

– Sim, senhor – disse Jack, mais alto, por entre os dentes.

Smeaten passava depois o resto da manhã a observar Jack, comentando o seu trabalho («Queres que as vassouradas sejam iguais! O que é que tu és, algum tipo de idiota? Que tipo de idiota é que nem sequer sabe limpar um chão?»), e pisava com prazer o chão sempre que conseguia estragar o que Jack já tinha limpado. Smeaten era um rufia

para todos os marinheiros, mas para Jack reservava uma dose específica do seu vitríolo e veneno.

No fim do primeiro mês, Jack e os outros homens alinharam-se perante o comissário de bordo, que lhes entregou uma mão-cheia de moedas como salário. Smeaten encurralou Jack quando este tentava regressar à sua rede. Antes de Jack poder esquivar-se, o homem tinha o seu enorme antebraço carnudo a prendê-lo a uma antepara. Com a outra mão, Smeaten arrancou o chapéu de Jack.

– Porque é que andas com esse chapéu? – perguntou, com o seu hálito fétido quente na cara de Jack. – Queres esconder alguma coisa, não é? – Smeaten sorriu o suficiente para que Jack visse o seu dente de prata. – Uma cara bonita como essa – continuou. – Não é de esconder. Uma cara memorável, não é. O tipo certo de cara para os jornais. – Passou um dedo sujo pela cicatriz no pescoço de Jack, e as entranhas de Jack transformaram-se em gelo.

Ele conhecia-o. Tinha-o reconhecido.

Smeaten levantou o antebraço e Jack foi libertado da antepara, mas sabia que não tinha para onde ir.

– Tenho uma irmã em Edimburgo. Conta-me muitas coisas sobre o que lá se passa. Também me mostra os jornais. Reconheci-te desde o primeiro instante em que te vi. *O assassino do cemitério*.

– Estás enganado – disse Jack, mas sabendo que Smeaten não ia acreditar nele.

– Devias dizer ao capitão aqui e agora – avisou Smeaten, levantando um pouco a voz e fazendo com que Jack se encolhesse. – Aposto que o capitão não ia ficar muito satisfeito com um assassino fugitivo no navio. Arranjaste maneira de escapar à força, não foi? Será que não terias mais sorte no fundo do mar?

Jack não sabia o que dizer e, por isso, não disse nada, procurando mentalmente formas de escapar a Smeaten e àquele navio. Não pareciam ser muitas.

Smeaten agarrou no pulso de Jack e abriu-lhe os dedos.

– Acho que vou levar isto – disse, tirando as moedas da palma da

mão de Jack. – E acho que vou ficar com elas todos os meses. A não ser, claro, que queiras que todo o navio saiba que há um assassino a bordo. Claro que talvez lhes diga na mesma quando chegarmos. É a coisa legal a fazer, servir o Rei e o País. E eu sou do tipo legal.

– Se sou um assassino – disse Jack –, seria de esperar que tivesses mais cuidado em fazer de mim teu inimigo.

Smeaten limitou-se a rir.

– Tu és a sujidade no meu sapato, rapaz. E vou estar a sorrir muito quando te levarem outra vez para a forca. Vou ficar a ver, e certificarme-ei de que és morto de vez.

Saiu a correr, atirando ao ar as moedas de Jack com a mão, e Jack afundou-se no convés. As tonturas que sentia não eram devidas ao balanço do navio. Estava encurralado.

Quatro semanas mais tarde, repetiu-se a mesma situação: Jack recebeu o pagamento, e Smeaten exigiu que lhe desse todo o dinheiro para manter o seu *silêncio*. A humilhação era tão grande como a perda do salário. Os outros marinheiros começaram a manter-se afastados de Jack, incapazes de o perceber, confusos com a forma como Smeaten escolhia chamá-lo à atenção e brincar especificamente com ele. Parecia haver um entendimento universal de que Jack era de alguma forma um elemento tóxico, e que associar-se a ele só tornaria as coisas mais difíceis para os outros.

Jack precisava de um milagre, de uma saída para uma situação que estava a levá-lo cada vez para mais perto da verdadeira captura. Em vez disso, *Aurora* teve um desastre.

Jack nunca tinha visto nada como aquela tempestade. Tinha chovido em Edimburgo, é claro; tinha chovido quase constantemente durante algumas semanas. Mas no mar, a chuva estava em todo o lado. Parecia vir de todas as direções ao mesmo tempo, chicoteando e mordendo a pele, encharcando todos os tecidos num instante. Chegou sem aviso depois do que tinha sido um belo e fácil dia de navegação. Jack e a tripulação foram acordados pelo violento balançar do navio e pelos gritos que vinham de cima, do convés principal. Entraram em

ação, puxando os cabos, e Jack juntou-se aos homens do convés de cima para subir aos mastros, a fim de prender as velas depois de enroladas, antes que o vento pudesse puxá-las para debaixo das ondas.

Um dos marinheiros que estava no mastro abaixo de Jack caiu do sítio onde estava a subir. Bateu no costado do navio com um estalido doentio e depois desapareceu borda fora.

O vento era incrivelmente forte; os gritos eram engolidos assim que saíam da boca de alguém. Quando a grande onda se aproximou, da altura de três navios empilhados uns em cima dos outros, ninguém gritou. Ou talvez Jack já não conseguisse ouvir.

A última coisa que Jack viu com o seu olho direito foi um pedaço da plataforma de madeira a acertar-lhe em cheio.



Não havia nada. Nem sequer escuridão. Um vazio tão escuro que Jack não tinha uma palavra para ele. E depois veio o sabor a sal, e o trago da água que lhe tinha enchido os pulmões e a barriga. Estava agarrado a um pedaço de madeira flutuante, algo que mais tarde perceberia ser parte do casco do navio, encharcado e agarrado à superfície com dedos trémulos. O HMS *Aurora* tinha desaparecido, feito em mil pedaços pela tempestade, e todas as almas a bordo tinham perecido. Jack também tinha morrido. Ou melhor, *teria* morrido.

Em vez disso, estava à deriva no mar: faminto mas incapaz de morrer de fome, sedento para além do imaginável mas incapaz de morrer de sede. Estava cego de um olho – um pedaço de madeira permanecia espetado na sua órbita, direito como um mastro de bandeira. Jack lembrava-se o suficiente do tempo que passara com Hazel para saber que, se não se podia tratar uma ferida, remover o que quer que estivesse a causá-la só tornaria as coisas piores, e por isso deixou-o lá. Tinha partido uma perna que estava torcida debaixo do seu corpo num ângulo que o fazia vomitar água do mar e bÍlis.

Quando o HMS *Iphigenia* passou e o avistou, o corpo de Jack estava vermelho que nem um tomate e a perder a pele por causa do sol, e tinha emagrecido tanto que se via não só cada uma das suas costelas como a caixa torácica debaixo delas. Se não fosse imortal, teria morrido mais dez vezes.

Portanto, pensou Jack, vou mesmo viver para sempre.

O *Iphigenia* era uma fragata de 36 canhões, com três mastros altos e uma bandeira britânica a ondular orgulhosamente. O cirurgião naval a bordo tinha ficado espantado com o facto de Jack ainda estar vivo.

– Só a perda de sangue... – murmurou, examinando a estaca de madeira que ainda estava cravada no olho de Jack. Jack estremeceu quando o cirurgião, um homem mais velho com uma cabeleira branca e fina como algodão, o picou. Foi-lhe dada uma tira de couro para morder enquanto o cirurgião trabalhava com um pequeno bisturi. – É melhor não olhares para baixo – avisou o cirurgião, quando Jack que estava a recuperar na cama da enfermaria com uma pala novinha em folha no olho. (Jack acabaria por não conseguir resistir e ficou sem fôlego quando viu a órbita vazia, roxa e molhada).

Foram necessárias duas semanas para que Jack recuperasse forças suficientes para se movimentar pelo navio, ainda que a coxear com a perna partida que o cirurgião tinha recolocado no sítio. Ao tenente que estava a bordo, Jack voltara a dar o nome de Jack Ellis. Disse que era o contramestre do *Aurora*.

– E antes disso? Esse sotaque é de Edimburgo, não é?

– É sim, senhor – disse Jack. – Trabalhava como... camareiro, senhor. Camareiro pessoal de uma família nobre de Edimburgo.

– Que família? – perguntou o oficial. O seu bigode eriçou-se.

Jack engoliu com força, mas a resposta veio-lhe num instante:

– Capitão e Lady Sinnett. No castelo de Hawthornden.

O primeiro-oficial pareceu satisfeito e, quando Jack recuperou o suficiente para sair da enfermaria, pô-lo a trabalhar como cozinheiro da messe. O navio dirigia-se para sul, em direção ao bloqueio ao longo da costa ocidental de África, com o objetivo de interditar navios

negreiros, e não iam mudar de rota por causa de um naufrago. E, assim, durante o resto da viagem, Jack existiria num espaço inferior, nem tripulante nem convidado.

Mas os marinheiros ingleses com quem partilhava a cabine eram afáveis – se bem que um pouco divertidos de mais com o sotaque escocês de Jack. E Jack compreendeu que a melhor maneira de garantir um lugar seguro para si próprio seria tornar-se inestimável. E, assim, acordava antes de toda a gente e ajudava a limpar o convés e a descascar batatas na cozinha antes de vestir a farda que lhe tinham reservado para servir as refeições aos oficiais.

Era um trabalho duro, mas que Jack compreendeu rapidamente. As regras a bordo de um navio da Marinha Real eram claras e definidas e, nesse sentido, os ritmos eram reconfortantes.

– Que navio é aquele ali? – perguntou Jack uma tarde a um jovem inglês chamado Thomas, de quem se tinha tornado amigo. Thomas tinha 19 anos, mas ainda tinha o rosto e a voz de uma criança; cultivava orgulhosamente um bigode que, para Jack, não parecia mais do que uma penugem de pêssago.

Thomas olhou para as velas ao longe.

– Pelo aspeto é um navio francês – respondeu. – Provavelmente mercante. Embora – cofiou o bigode inexistente, pensativo – não seja comum ver um navio mercante com tantos canhões.

O navio francês aproximava-se cada vez mais; sempre que as tarefas de Jack o obrigavam a regressar ao convés, o seu casco tornava-se maior no horizonte.

– Não há motivo para preocupações! – gritou Thomas para Jack. (Thomas estava a prender as velas ao mastro.) – Estamos em paz com a França, mas isso não significa que eles não queiram jogar ao jogo do galo.

Foi nesse momento que o navio francês disparou contra eles, ao mesmo tempo que hasteava uma bandeira negra.

– Piratas! – gritou o primeiro oficial.

Num instante, o capitão do navio, Robert Mends, estava no convés,

com o seu uniforme naval completo e uma espada na anca:

– Aos canhões, rapazes! Voltar a bombordo! – Os tiros de canhão dos piratas tinham feito o *Iphigenia* andar às voltas. Jack olhou para cima: Thomas estava agarrado ao mastro pela ponta dos dedos.

Jack não pensou. Ele era imortal, não era? Pegou numa corda, enrolou-a à volta do ombro e começou a subir.

– Não! – gritou o primeiro oficial quando viu o que Jack estava a fazer.

– Demasiado tarde! – gritou Jack. Subiu o mais depressa que pôde, enquanto o navio se agitava violentamente e saltou para debaixo dele, chegando ao mastro, onde os dedos de Thomas começavam a escorregar.

– Já está – disse Jack, puxando-o para cima do cordame. Deu a corda a Thomas. – Usa isto para desceres.

– Não precisas dela? – perguntou Thomas, com os dentes a bater. Ele tinha dito a Jack, algumas noites antes, que aquela era a sua primeira viagem desde que ingressara na Marinha Real. Jack fingira não notar os barulhos de Thomas a vomitar durante a noite.

– Não – disse Jack. – Eu fico cá em cima.

E quando o navio francês embateu no costado do *Iphigenia*, e os piratas, de facas nos dentes e armas à cinta, balançaram por cordas, Jack estava posicionado lá em cima, a gritar todos os seus movimentos ao primeiro oficial e ao capitão Mends.

– Três deles ainda estão no navio, senhor! Vamos disparar o canhão!

Mends gritou para um grupo de marinheiros disparar primeiro, e os piratas franceses não tiveram hipótese.

Jack viu um dos piratas, do outro lado do convés, engatilhar uma pistola apontada ao capitão. Agiu antes de o seu cérebro se aperceber do que estava a fazer, saltando para baixo e arrastando uma faca pela vela de lona para abrandar a sua queda.

– É melhor pensares duas vezes antes de fazeres isso – disse ele, aterrando com a faca no pescoço do pirata que estava a apontar a

pistola. – Passa-a para cá.

Jack atou as mãos do pirata atrás das costas, com força suficiente para deixar marcas vermelhas, e depois piscou-lhe o olho.

– Obrigado pela pistola – disse-lhe e voltou à batalha.

No final, o HMS *Iphigenia* não perdeu um único homem, e não demorou muito a apoderar-se do navio dos corsários – uma fragata elegante mas robusta chamada *Maria* – e a reivindicá-lo.

– Excelente trabalho – disse o Capitão Mends a Jack enquanto amarravam os reféns.

– Jack, senhor. Jack Ellis.

– Ellis, sim. O naufrago da Escócia. Há homens de carreira da Marinha Real que não teriam sido tão corajosos na luta como tu foste.

– Obrigado, senhor.

Mends virou-se para o primeiro oficial.

– Vamos pôr o Smithee no *Maria* para o levar de volta a Londres, e vamos fazer do Jack o meu camareiro pessoal no *Iphigenia*. – Para Jack, acrescentou: – E espero que, quando voltarmos a terra, possas pensar na hipótese de te juntares definitivamente às nossas fileiras.

A partir desse dia, Jack passou a ser o camareiro pessoal do capitão e, quando o navio atracou em Londres, fez parte da tripulação que foi recebida como heróis: o grupo de marinheiros ingleses que não só lutou contra os piratas franceses sem uma única baixa, como também se apoderou de um dos seus navios.



Hazel nem sequer reparou que o seu chá tinha arrefecido. Tinha estado a olhar para Jack enquanto ele contava como tinha passado o tempo em que estiveram separados desde a última vez que se viram. O seu coração estava a expandir-se no peito. Durante meses, ela pensara que, se voltasse a ver Jack, o abraçaria com tanta força que não haveria um centímetro entre eles. E agora estavam ali, sentados em frente um do outro, a beber chá enquanto tentavam lembrar-se de

como conversar.

– Ainda te dói? – perguntou Hazel, apontando para o olho direito dele.

Por reflexo, Jack levou a mão ao olho. Acenou com a cabeça.

– Provavelmente teria sarado melhor se tivesses sido tu a fazer a cirurgia. O médico era velho, tinha as mãos sempre a tremer. Dizia que era do movimento do navio. Ele não tinha nada daquilo que o Beecham dava às pessoas antes das suas cirurgias. As gotas da tal coisa mágica.

Hazel fez um sorriso débil.

– Acho que realmente não faz diferença – disse Jack. – Apanhei com uma dose grande, não foi?

Olharam um para o outro, e Hazel perguntou-se se Jack estaria com tanto medo como ela, ou se estava apenas a ver o seu próprio medo refletido nela.

– Então, quanto tempo é que vais ficar em Londres? – perguntou Hazel.

– Não sei – respondeu Jack. – Eu não tinha planeado entrar para a Marinha Real.

– Eu ia dizer – disse Hazel – que não te imaginava a viver como um homem da marinha. A bater continência na hora certa.

– Quanto a isso, sou terrível a seguir as regras – disse Jack, e pela primeira vez durante toda a manhã sorriu o suficiente para que os seus longos caninos fossem visíveis.

– Oh? – exclamou Hazel, com o coração a começar a bater com força.

– Terrível – repetiu Jack. Pousou delicadamente a chávena de chá no pires. – Posso enganá-los durante algum um tempo. Mas para sempre?

Ainda estavam sentados de frente um para o outro, mas Hazel sentiu uma pressão entre as pernas, e viu o olho bom de Jack piscar em direção aos seus lábios.

Ao ouvir bater à porta, Hazel voltou ao seu corpo.

– Tenho de ir abrir – sussurrou.

– Tens mesmo?

A criada apareceu à porta da sala de estar.

– Menina, um tal Sr. Simon von Ferris está à porta para falar consigo – disse, desviando os olhos da visão de Hazel e Jack sentados tão próximos um do outro que qualquer pessoa da sociedade poderia ter feito o sinal da cruz.

Jack cruzou as pernas novamente para o outro lado.

– Então, força – disse Jack. – Está tudo bem. Vou terminar o meu chá.

Com a cabeça ainda às voltas, Hazel seguiu a criada até a porta da frente, onde Simon estava à espera no alpendre com um ramo de narcisos.

– Bom dia, Menina Sinnett – disse, beijando a mão dela secamente. Hazel nunca o tinha visto com umas olheiras tão pronunciadas. Além disso, os olhos de Simon estavam raiados de sangue e húmidos. Não dormia há uma semana.

Hazel olhou para as flores que ele tinha na mão, e ele seguiu o seu olhar. Parecia surpreendido por tê-las na mão.

– São para si – disse, oferecendo os narcisos, como se eles já estivessem à espera dela na porta e ele tivesse pegado neles para facilitar as coisas.

Narcisos. Hazel sabia o que eles simbolizavam: consideração e respeito.

– São lindos, Dr. Ferris, obrigada. – Enquanto ela falava, sentia Jack a olhar para a porta fechada da sala de estar, a ouvir tudo o que eles estavam a dizer.

– Pode tratar-me por Simon, Menina Sinnett – disse, em voz baixa.

– E, no entanto, continua a chamar-me Menina Sinnett.

Simon sorriu, mas parecia estar a sofrer. A exaustão era visível nas suas feições.

– Está bem, Simon von Ferris? – disse Hazel. – Posso oferecer-lhe alguma coisa? Um chá? – Hazel amaldiçoou-se mentalmente pela

hospitalidade. Não podia sentar-se com Simon a tomar chá quando Jack já estava na sala de estar, certamente com o ouvido encostado ao buraco da fechadura.

– Não, obrigado – disse Simon. – Passei os últimos dias na enfermaria, a trabalhar, e lembrei-me de ter lido que o ar fresco pode ser propício ao humor e à qualidade do pensamento. Pensei que talvez estivesse interessada em juntar-se a mim num breve passeio por St. James's Park.

– Ah, eu... – disse Hazel, e antes de conseguir deter-se, olhou instintivamente para trás, para a porta da sala de estar.

Os olhos de Simon seguiram-na, e então fixaram-se em algo: o casaco de Jack, pendurado na entrada.

– Ah – disse Simon. – Estou a ver que já têm companhia. Perdoe-me a intrusão, Menina Sinnett.

– Não é intrusão nenhuma – disse Hazel.

Simon levantou uma mão.

– De qualquer maneira, foi uma saída insensata. Devo voltar para junto de Sua Majestade Real.

– Como é que ele está? – perguntou Hazel, aliviada por ter encontrado uma maneira de conduzir a conversa de volta para um terreno sólido.

– O estado dele está sempre a piorar. E nada... *nada* do que eu faça está sequer *perto* de o ajudar... – Cerrou os punhos, mas depois relaxou com um longo suspiro. – Perdoe-me. Deixei-me levar.

– Não, não deixou – disse Hazel. – Talvez eu possa ajudá-lo.

– Há certos problemas – disse Simon, com tristeza – que não têm solução. Existem apenas para serem suportados. Tenha uma boa manhã, Menina Sinnett. – Fez uma vénia, rodopiou sobre os calcanhares e saiu antes que Hazel pudesse dizer uma única palavra mais.

Jack estava sentado numa poltrona, a olhar ao longe com uma expressão vazia. A sua chávena de chá estava pousada sobre a mesa, já sem fumegar.

– Tenho de ir – disse.

– O quê? – perguntou Hazel. – Porquê?

– Estou cansado – disse Jack. – O trabalho no navio é duro, e temos muito poucos dias de licença.

– Eu... Sim, claro – disse Hazel.

Ele levantou-se e endireitou a camisa.

– Obrigado pelo chá, Menina Sinnett.

– Jack... Jack, espera. O que é que estás a fazer? Porque é que nós... Porque é que estamos a agir como se fôssemos desconhecidos?

Jack não se voltou para olhar para ela.

– O que é que eu estou a fazer aqui? – murmurou Jack.

– Jack. Sou eu. Sou eu que estou aqui. Tive tantas saudades tuas. – Hazel ia ouvindo as suas palavras à medida que saíam da sua boca. Pareciam-lhe banais e insípidas.

– Tenho de voltar para o navio – insistiu Jack. – Gostei muito de te ver, Hazel. – Disse o nome dela como se fosse uma prece.

Não.

Ela não podia deixá-lo ir-se embora.

Tinha de haver mais. A ideia de Jack reentrar na sua vida e voltar a desaparecer era como um punhal, uma faca a rodar no seu coração, numa ferida que ficaria para sempre aberta. Algo lhe estava a escapar. Jack não estava a olhar para ela, e encaminhava-se para a porta. Hazel seguiu-o.

– Então, o que é que vais fazer? – perguntou Hazel. – Para onde vais? Qual é o teu plano para o futuro?

– Acho que talvez faça uma viagem no *Iphigenia* – disse Jack, de olhos postos no chão. – Arranjar algum dinheiro. Tornar-me conhecido. E, nessa altura, já poderei dizer-te para onde vou. Em primeiro lugar, porque eu próprio ainda não tenho a certeza. E, em segundo lugar, porque, se tivesse a certeza mas não to dissesse, sei que és suficientemente teimosa para tentar descobrir.

– Quando é que o *Iphigenia* parte?

– Está previsto partir para a costa ocidental no dia um de setembro.

– Setembro – disse Hazel. – Isso já é qualquer coisa. – E depois, de repente, soube o que havia de fazer. – Jack! Hoje à noite!

Ele parou à porta, confuso.

Hazel pestanejou para disfarçar a excitação da sua ideia brilhante e continuou.

– Quero dizer, *hoje à noite*, vem comigo. Há pessoas *iguais a ti*. Pessoas imortais. Uma sociedade chamada Companheiros da Morte. São brilhantes, Jack. Químicos e escritores brilhantes, e... e não é uma «maldição», e eles vão provar-to! – Hazel nem conseguia acreditar como não tinha pensado nisso mais cedo. Os Companheiros iam conhecer Jack e adorá-lo. E Jack veria que não precisava de estar sempre sozinho.

Jack inclinou a cabeça e alisou o cabelo com a mão. Hazel já tinha visto aquele gesto centenas de vezes. Era um reflexo de Jack, que nunca o fazia com qualquer intenção de ajeitar o cabelo. O coração dela deu um salto ao vê-lo novamente, naquele momento, ali ao pé dela.

– Não sei se um sítio desses é para mim – disse Jack. – Um clube extravagante com um nome extravagante.

– Eles vão adorar-te – disse Hazel. – Tu és *imortal*. Tomaste a Tintura! Já és um deles.

Jack não parecia convencido, mas não se foi embora.

– Não costumo dar-me com muitos químicos.

Hazel fez um sorriso rasgado.

– Ser cirurgiã não é assim tão diferente de ser química. E nós entendemo-nos, não é verdade?

Pela primeira vez desde que ela voltara para a sala de estar, Jack também sorriu para ela.

– É – confirmou Jack. – Acho que sim.

Ficaram ali parados por um momento, dois olhos castanhos fixos num olho azul-acinzentado.

– Tenho mesmo de voltar para o navio – disse Jack, por fim. – Antes que o contramestre me mande chicotear por abandonar o meu posto.

– Sabes onde ficam os Sete Relógios de Sol?

– Posso descobrir.

– Vai lá ter comigo hoje à noite – disse Hazel. – Vamos juntos. Eu apresento-te.

– A que horas?

– Às oito?

Jack acenou com a cabeça.

– Então, está bem. Vou ter contigo logo à noite, às oito.

– Não tornes a fugir – disse Hazel. – Estou a falar a sério. Promete-me.

Jack encolheu os ombros dentro do casaco e pôs o chapéu na cabeça.

– Consegui sobreviver à forca, a uma facada, a um naufrágio e à fome – disse Jack. – E, mesmo assim, jamais ousaria cometer uma loucura tão grande como contrariar a Hazel Sinnett.



Hazel chegou cedo e ficou à espera na esquina perto dos Sete Relógios de Sol, antes de os sinos da igreja tocarem as oito horas. Quando viu Jack parado antes de ele reparar nela – mudando o peso de uma perna para a outra, a acenar aos lojistas que fechavam as lojas e se dirigiam para casa – Hazel sorriu.

– Vieste – disse Hazel.

– Eu disse-te que vinha – retorquiu Jack, e sorriu, mas o sorriso não chegou aos olhos dele.

– Vamos lá.

Hazel agarrou o cotovelo de Jack e encaminhou-o para a pequena porta escondida por baixo do letreiro de madeira com o desenho de um cérebro.

– Costumas esbarrar nas coisas? – perguntou Hazel depois de bater à porta. – Tendo apenas um olho bom, quero eu dizer.

– Não – disse Jack. – Habituei-me mais depressa do que pensava. Às vezes tropeço um pouco ao descer as escadas se estiver escuro, mas, tirando isso, não sei. Não penso muito nisso.

– Acho que te dá um ar arrojado – disse Hazel. – De aventureiro de capa e espada.

– Achas que sim? Vou dizer-te uma coisa, é mais fácil piscar o olho – disse Jack, e desta vez o seu sorriso parecia real.

Se ao menos, pensou Hazel, ela pudesse passar o resto da vida a tentar fazer Jack Currer sorrir...

A sala do clube estava só meio cheia naquela noite. Byron estava a fumar qualquer coisa num cachimbo perto da lareira, com um homem com um colete de xadrez que Hazel não reconheceu, e a Sra. Thire, Marie-Anne, e Banneker estavam a jogar às cartas na mesa. Todos se levantaram quando Hazel e Jack entraram.

– Menina Sinnett – disse Marie-Anne. Os olhos dela arregalaram-se de surpresa. – Trouxe um... convidado.

– Ela sabe que os Companheiros é só para convidados, não sabe? – gritou Byron de sua cadeira. – Isto é um *clube*, não é um parque público.

– Eu sei – disse Hazel rapidamente. – Este é o Jack Cur... Jack Ellis. É como vocês. Bebeu a Tintura em Edimburgo. Foi o Dr. Beecham que lha deu.

Ficaram todos de pé, de boca aberta. Era a primeira vez que Hazel via um olhar de surpresa no rosto de Marie-Anne Lavoisier. Mas,

quase instantaneamente, ela recompôs as suas feições.

– Bem – disse a francesa. – Nesse caso, fico feliz que o tenha trazido até nós. Há quanto tempo está no seu estado atual, Sr. Ellis?

– Quer dizer, imortal? – perguntou Jack, e Marie-Anne ficou irritada com a sua frontalidade. – Desde o inverno passado, acho eu. Sentia uma espécie de gelo e fogo nas minhas veias ao mesmo tempo. E depois... – puxou o colarinho da camisa para o lado para mostrar as marcas da corda no pescoço – sobrevivi a um enforcamento. Os membros dos Companheiros da Morte olhavam para Jack como se fosse um animal estranho que andasse perdido que tivesse entrado.

– Encantador – comentou a Sra. Thire secamente.

– Então, agora estão a deixar os ladrões de cavalos tornarem-se imortais? – comentou Byron. Virou-se para o seu companheiro. – Desculpa, Brown, por ter votado contra o teu amiguinho na outra semana. É evidente que os nossos padrões baixaram e ninguém me disse nada.

– Não foi roubo de cavalos – disse Jack. – Foi assassinio. – Byron ergueu uma sobrancelha. – Mas eu não fiz nada! – acrescentou Jack rapidamente.

Byron sorriu e voltou-se para o homem de colete.

– Mas como está o teu amigo?

Brown desviou os olhos de Jack para Byron e cruzou a perna.

– Conseguimos angariar fundos suficientes para o levar para Roma. Esperamos que ele recupere a saúde lá.

– Ou não – disse Byron. – A melhor coisa que pode acontecer a um poeta é morrer jovem, sempre achei isso. Não deixar o não-sei-quê-*Keats* entrar para os Companheiros vai ser uma bênção, Brown, acredita no que te digo.

Brown bebeu um gole de chá.

Marie-Anne aproximou-se de Jack desconfortavelmente, e Jack, sentindo que tinha de fazer qualquer coisa, fez uma vénia. Hazel corou e desviou o olhar. Tinha sido uma vénia estranha, ao mesmo tempo muito formal e pouco sofisticada.

– Jack Ellis, minha senhora – disse para se apresentar.

– Marie-Anne Lavoisier. Por favor, sente-se e beba um chá. Menina Sinnett, estava a pensar se poderia incomodá-la para dar um jeito rápido no meu ombro. Os músculos parecem estar a desfazer-se.

– Com certeza – disse Hazel.

– Fique à vontade, Sr. Ellis – disse Marie-Anne. – Nós estaremos lá em cima por um momento.

Hazel lançou um olhar apologético a Jack, enquanto seguia Marie-Anne pela escada ao fundo da sala. Jack ficou de pé, sem saber onde devia sentar-se com a chávena de chá e o pires que segurava nas mãos. Não tinha vestido o seu único casaco decente: estava com uma camisa branca esfiapada e umas calças velhas. Rodeado pelos quadros a óleo e pela opulência dos candelabros dos Companheiros, não podia parecer mais deslocado. Parecia um cão vadio, de pelo emaranhado e fino, sentado numa almofada de brocado.

Jack olhou para Hazel, em silêncio, como se dissesse *Eu fico bem*, e Hazel entrou no laboratório para tratar Marie-Anne.

Antoine já estava no andar de cima, mexendo em alguns tubos de vidro que estavam a ser aquecidos numa chama aberta.

– Boa noite, Monsieur Lavoisier – disse Hazel. Ele sorriu-lhe.

Marie-Anne tirou o casaco e começou a desapertar os laços nas costas do vestido.

– É o meu braço esquerdo – disse a Hazel. – Já estou a senti-lo a soltar-se.

– Não tem problema – respondeu Hazel. – Vou suturá-lo em pouco tempo.

Marie-Anne tinha razão: o braço estava solto. Se ela tivesse deixado passar mais alguns dias, ele poderia ter-se soltado completamente do ombro. O músculo rosado era visível no sítio onde a carne se tinha rasgado, mas já tinha tantas cicatrizes que a ferida já quase não sangrava.

– Desgaste – disse Marie-Anne, pensativa, apesar das dores que sentia. – O preço a pagar para um corpo durar mais do que devia.

– Já pensou numa maneira de reverter a Tintura? – perguntou Hazel, tentando dar à sua voz um tom ligeiro.

Marie-Anne piscou os olhos.

– Não. Claro que não. Para quê?

– Só academicamente, quero eu dizer – disse Hazel. – É possível? – Estava a sentir os olhos de Antoine sobre ela enquanto continuava a usar a agulha.

– Não – disse Marie-Anne. – Não é.

Hazel acabou de suturar-lhe o braço, e Marie-Anne fez alguns círculos com o ombro para ver como se sentia.

– Que trabalho maravilhoso – murmurou. – O melhor que já tivemos desde que todo esse exercício começou. Não concordas, Antoine?

Antoine ergueu um copo com um líquido cor de laranja brilhante em confirmação.

– Agora – disse Marie-Anne, voltando a vestir o casaco –, vamos voltar para o teu amigo?

Lá em baixo, Jack estava sentado ao lado de Lorde Byron e do seu companheiro, Brown.

– Importam-se que me junte a vocês? – perguntou Hazel, deslizando para um assento vazio ao lado de Jack. Brown e Byron levantaram-se enquanto Hazel se sentava, num gesto automático de cortesia. Jack esforçou-se por sair da sua cadeira a tempo.

– Não sei se já tivemos o prazer – disse Brown, voltando a sentar-se. – Charles Armitage Brown.

– Hazel Sinnett. Muito prazer – disse Hazel.

– Ouvi dizer que é uma cirurgiã e tanto. Ultimamente tenho tido problemas com a bexiga – urina *preta*. E um fedor horrível. Posso pedir-lhe que me deite na sua mesa, digamos, na próxima semana? Vou querer estar completamente a dormir. Todo o *ethereum* que conseguir arranjar.

– O que é que ela pode fazer pela sua *urina*? – perguntou Jack com um ligeiro horror.

– Provavelmente é um problema com a bexiga – disse Hazel. – Terei todo o gosto em observá-lo. Na verdade, acabei há dias um capítulo sobre a bexiga no livro em que estou a trabalhar.

– Não é um livro de poesia, espero – disse Byron para o copo.

– É um tratado de anatomia e medicina – disse Hazel. – Um guia doméstico suficientemente simples para que mesmo os homens, ou as mulheres que não podem frequentar a universidade possam aprender.

– Soa-me maravilhoso – disse Jack.

– Sabe ler, Jack? – disse Byron.

– Sim – respondeu Jack. – Sei.

Hazel olhou para Byron, que voltou a atenção para o seu uísque.

– Acho que o livro parece maravilhoso – disse Charles Brown. – Na verdade, tenho *vários* amigos em Londres que publicam e que acho que podem achá-lo de particular interesse. Se quiser uma apresentação.

– Sim! – exclamou Hazel, incapaz de esconder a sua excitação. – Isso seria maravilhoso, Sr. Brown Muito obrigada. Está quase pronto. Só estou a terminar algumas notas finais.

– O meu bom amigo Thomas Clout pode ser uma boa opção se quiser contratar um tipógrafo. Está sempre à procura desse tipo de coisas. Vou falar com umas pessoas...

– Acho que vou precisar de mais um toque neste pé, Sinnett – interrompeu Byron em voz alta – Está melhor, mas ainda não está *bom*. Não quero andar a coxear.

– Se tivesses *metade* da vaidade que tens, Byron – comentou Brown –, serias duas vezes melhor poeta.

Byron suspirou teatralmente.

– A *única* razão pela qual sou bom poeta é porque sou vaidoso. Se não posso tornar-me mais bonito, posso ao menos tornar as minhas palavras mais bonitas.

Brown revirou os olhos.

– Lembrei-me agora da razão por que raramente venho de Heath para Londres. A tua companhia é melhor em doses pequenas.

Byron agitou as sobrancelhas.

– Não é isso que a tua mulher pensa.

O nariz de Brown ficou vermelho.

– Eu não sou casado! – disse ele, e embora ele e Byron tenham ficado a olhar um para o outro em desafio por um momento, um segundo depois desataram ambos a rir à gargalhada. Hazel juntou-se a eles; até Jack esboçou um sorriso.

Várias bebidas depois, a conversa tinha passado de alguma forma para a política. Banneker e o Sr. Lewis estavam a jogar dardos ali perto, ouvindo atentamente.

– O Príncipe Regente também era um Whig – disse Brown. – Isto é, até se tornar Príncipe Regente.

– Claro – disse Byron. – Ele era a favor do poder do povo, do Parlamento, *contra* o poder antiquado de um monarca, até se *tornar* monarca. É sempre a mesma história: são liberais até serem velhos e ricos e assustados.

– Bem-dito – comentou o Sr. Lewis do bar, onde estava a servir-se de um grande copo de um líquido castanho.

– Pensámos que o Príncipe seria mais fácil de controlar porque ele é, bem, um idiota – continuou Byron. – Mas, afinal, a verdadeira estupidez é *acreditar* que somos secretamente brilhantes.

– Pelo menos, a última amante teve uma boa influência sobre ele – acrescentou Brown. – A católica. Pelos vistos, ela tinha algum bom senso.

– Quanto mais depressa a Charlotte se tornar rainha, melhor – disse Byron. Esvaziou o seu copo. – Nessa altura, teremos uma hipótese de uma verdadeira mudança.

– Não vai acontecer a mesma coisa? – perguntou Jack.

Byron e Brown olharam para ele, como se quisessem apenas lembrá-lo de que estava ali sentado.

– Ela agora é uma Whig – continuou Jack. – Não é? Mas assim que estiver no poder, quem garante que não vai tornar-se uma Tory como o pai?

Os dois homens ficaram a olhar para ele mais um pouco.

– Como é que te chamas mesmo? – perguntou Byron.

– Ellis. Jack Ellis.

– Homem de Cambridge, Jack Ellis? Ou foi em Oxford que estudaste política?

– Não seja cruel com o rapaz, Byron – murmurou Banneker, junto ao alvo dos dardos.

– Não, não, estou mesmo curioso! Deixa-me adivinhar: King's College, Oxford! Conheci muitos escoceses que estudaram no King's.

– Eu não andei na universidade – disse Jack.

Byron fingiu-se chocado.

– E, no entanto, temos claramente um académico político entre nós! Diz-me, Ellis, já leste alguma poesia de Keats? O nosso amigo Charles Brown tentou admiti-lo no nosso pequeno clube, mas votámos contra. Tens alguma opinião sobre o uso que ele faz da metáfora? Das imagens? Pessoalmente, achei o seu trabalho um pouco banal, mas o Brown discorda. Desfaz o nosso empate.

– Não o li – admitiu Jack.

– É uma pena – disse Byron.

– Então, diga-me – disse Hazel, mais alto do que pretendia. – Foi em Cambridge que lhe ensinaram as boas maneiras, Lorde Byron?

Byron revirou os olhos.

– Só estou a tentar perceber o que é que o Beecham viu nele. Qual era o contributo dele para a humanidade para ser tão importante que ele continuasse a viver para sempre.

– Não foi ele – respondeu Jack. – Ele entregou o frasco com aquela coisa à Hazel, e ela é que mo deu.

– Ah! – exclamou Byron, com um tom brincalhão na voz. – Agora já estou a ver. A brilhante cirurgia que se apaixonou por um vulgar criminoso! É encantador!

– Já chega, Byron – disse Brown.

Byron sorriu e voltou a encher o copo de um decantador que tinha junto ao cotovelo

– Se tu o dizes, Charles. Algum de vós leu o obituário do Beecham? Pergunto-me se terá sido ele a escrevê-lo, de tão bajulador que era.

– O Beecham morreu? – perguntou Jack. – Quando? *Como?* Como é que ele morreu?

Byron troçou, mas antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, Hazel interrompeu.

– Dizem que ele está morto. Mas como ele também tomou a Tintura, provavelmente está apenas à espera do tempo certo para se tornar outra pessoa.

– Sabemos quem é que ele vai ser desta vez? – disse Banneker. – Alguém ainda mantém contacto com ele?

– Não – disse Marie-Anne. – E isso não importa.

Jack pigarreou.

– Bem, se nenhum de vocês sabe quem é que ele está a fingir ser agora, como é que sabem que não está mesmo morto desta vez? Que ele não arranjou uma maneira de acabar com isto de vez?

Os outros ficaram em silêncio. O crepitar das velas era o único som na sala, até que Marie-Anne deu um passo à frente.

– Sr. Ellis – disse ela. – Passei décadas a desvendar os preciosos segredos da animação humana e da formulação da Tintura para preservar a vida. Ela desafia o envelhecimento, a perda de sangue. Pode superar o enforcamento e a decapitação. Eu podia abrir a sua barriga e retirar todos os seus órgãos, um por um, e embora você se contorcesse com dores, e embora as funções normais da sua carne cessassem, a centelha eterna e sagrada da sua existência nunca deixaria de existir.

Jack endireitou a pala.

– Se há uma... Tintura ou o que quer que seja que possa fazer alguém viver para sempre, não vejo por que razão o Beecham não seria capaz de fazer outra coisa que o tornasse mortal outra vez.

Marie-Anne sorriu, não era um sorriso cruel, mas também não era um sorriso amável.

– Presumo, Sr. Ellis, que não tenha lido a descoberta do meu

marido Antoine, em 1789, que prova que a massa não pode ser criada nem destruída em reações químicas. Perdoe-me pela minha condescendência, mas o assunto é um pouco mais complexo do que uma alavanca que se pode puxar para trás e para a frente à vontade.

Ergueu um copo de vinho e rodou-o na mão. Esvaziou o resto do vinho num vaso de flores e depois, sem aviso, deixou cair o copo no chão, estilhaçando-se instantaneamente em milhares de pedaços.

– Em teoria, poderíamos encontrar cada um dos pedaços e colá-los exatamente como estavam, e teríamos um copo capaz de conter vinho outra vez. Mas não seria exatamente o mesmo copo outra vez, pois não? Não. Alguns pedaços perdem-se para sempre, demasiado pequenos para serem vistos pelo olho humano. – Pisou os pedaços de vidro com um estalido doentio. – Parte do vidro já se tinha transformado em pó. E parte do que mantinha o vidro unido transformou-se noutra coisa completamente diferente. Calor. O som do estalido quando caiu. O vidro, Sr. Ellis, *foi-se*. Não se pode simplesmente colar os pedaços outra vez.

– As pessoas não são copos de vinho – disse Jack calmamente.

– Exatamente – disse Marie-Anne. – Elas são muito mais complicadas.

Hazel estava a arder de humilhação, mas não tinha a certeza se era por Jack ou pelos Companheiros. A noite inteira tinha-se tornado uma carruagem desgovernada, e agora os cavalos estavam a correr muito depressa e a ficar muito selvagens para Hazel saber como fazê-los trotar de volta para a estrada.

– Mas ele está certo, não está? – disse Hazel. A voz dela soou estranha aos seus próprios ouvidos. – Não saberíamos que a imortalidade era possível até tu e Monsieur Lavoisier e o Dr. Beecham o conseguirem. Nenhum de vós teve notícias do Dr. Beecham. Nenhum de nós sabe para onde ele foi, se é que foi reinventar-se. Se calhar *morreu* mesmo. Ele deixou-me uma herança, por amor de Deus. Através de um advogado e tudo. Talvez o Beecham tenha *encontrado* uma forma de o desfazer, e tu e eu ainda não tenhamos conseguido

perceber como o fez.

– Quanto é que ele te deixou? – perguntou Byron.

– Resolvemos os segredos da vida, Menina Sinnett – disse Marie Anne com rigidez, ignorando Byron. – Embora possamos continuar a trabalhar para rotular e medir o mundo, a natureza do mundo em si já é conhecida. Está resolvido. Nesse sentido, é uma pena para as gerações futuras.

– Acho que discordo – disse Hazel. – Quero dizer, não sei se *pode* ser feito, mas não acho correto assumir que não pode. Com certeza há coisas que ainda não sabemos.

Hazel estava ciente de que a sala inteira estava a olhar para ela. Banneker estava de pé com um dardo na mão que se tinha esquecido de atirar.

– A ciência não é poesia – disse Marie-Anne. – Até certo ponto, Menina Sinnett, é cognoscível.

– Porque havia alguém de querer inverter a situação? – disse Byron. – Mudar *propositadamente* de Deus para homem?

– Para envelhecer com alguém? – disse Jack calmamente. – Para não ficarem iguais enquanto as pessoas que amam mudam e morrem à sua volta?

Antes que alguém pudesse responder, deslizou a sua cadeira para trás.

– Com licença – disse Jack. – Obrigado por me receberem no vosso clube. Obrigado, Menina Sinnett, por me ter convidado. – E vestiu a sua jaqueta e subiu as escadas de volta para a rua.

Hazel correu atrás dele.

– Não podes continuar a fazer isso comigo! – gritou ela, quando chegaram à rua. – Não podes continuar a fugir de mim, Jack!

Estava escuro, mas algumas lanternas tremeluziam ao longe, iluminando Jack quando ele se voltou outra vez para ela, com os olhos arregalados. A sua expressão estava tão assombrada que, naquele instante, partiu o coração de Hazel. – Não há futuro comigo, Hazel! – disse.

Hazel tentou forçar-se a sorrir, esperando que ele sorrisse também e desse alguma leveza à conversa.

– Tu és imortal – disse-lhe. – Não tens nada senão futuro.

O rosto de Jack ficou com uma expressão dura e impassível. O azul tinha-se esvaído do seu único olho bom; estava frio e cinzento.

– O que é que vais fazer, ser miserável comigo? Envelhecer e crescer enquanto eu continuo este... *nada*... para sempre?

A mente de Hazel girava, tentando arrancar fios do argumento dele que pudesse desafiar.

– Tu não és *nada*. Nunca foste *nada*. Estás na Marinha Real!

Jack riu-se, um latido frio.

– Um náufrago. Um zé-ninguém.

– Não tens de o ser. Podes alistar-te.

– Não tenho nome – disse Jack. – Não tenho dinheiro. Não tenho perspetivas.

Hazel estendeu a mão e puxou as mãos dele para as dela.

– Isso não importa, Jack – disse-lhe, nem mesmo certa, ao dizer as palavras, se acreditava nelas.

Jack afastou as mãos e caminhou em direção ao final do quarteirão, em direção a um canto húmido onde um prédio de tijolos sujos estava com as janelas fechadas com tábuas. Quando Hazel conseguiu que ele se voltasse, viu que ele estava a chorar. Tinha o nariz vermelho e manchado, e estava a esfregar com os punhos o seu único olho bom.

Ele engoliu com força.

– Tu... a poção do Beecham, a Tintura, o que quer que fosse... deste-me vida, e estou grato por isso, Hazel, estou mesmo. Mas ouve-me. Eu pensei sobre o assunto durante muito tempo. Tens de me ouvir. Eu vou viver para *sempre*. Estás a ouvir? Nunca envelhecerei. Vou ter de andar a fugir para *sempre* e começar de novo a cada geração. Não há vida para nós enquanto fores mortal e eu estiver... amaldiçoado. –Alguém ao longe gritou. Ouviu-se o som da porta de uma carruagem a fechar-se, e mulheres a cantarem uma canção

obscena. – Não posso estar contigo agora, Hazel – continuou Jack. – Porque não vou suportar despedir-me de ti.

– Não terás de te despedir de mim – disse Hazel, com a voz apertada na garganta.

– Tenho, sim – disse Jack – Há de haver um dia em que terei de o fazer.

– E se houver uma maneira de desfazer isso? – disse Hazel. – E se o Beecham descobriu que há uma maneira de te tornar mortal outra vez?

Jack fez uma pausa, e as suas sobrancelhas ergueram –se impercetivelmente.

– Isso existe? – perguntou Jack.

O coração de Hazel partiu-se.

– Não sei – respondeu em voz baixa.

– Eu rezaria por esse dia, Hazel Sinnett – disse Jack. – Mas até lá, sempre que olho para ti, parece que a ferida no meu coração fica maior. Desiste de mim, Hazel. Transforma-me numa boa lembrança. Foi o que eu fiz contigo há muito tempo.

Enfiou as mãos nos bolsos e foi-se embora.

– Estás a ser cruel! – gritou Hazel atrás dele. – O Jack que eu conheci nunca foi cruel!

Jack não se virou, e continuou em frente, ficando cada vez menor com a distância.

– O Jack que tu conheceste morreu – disse ele sem olhar para trás. – Para o bem de todos, gostava que ele continuasse morto.

O verão estava a ficar muito quente, e Hazel sentia o suor a acumular-se nas axilas e nas coxas, sentada no quarto de Charlotte, com Eliza que fazia um bordado. A Princesa Charlotte estava a dar bocadinhos de biscoitos à sua cadela, Edwina, que arfava, de língua de fora, estendida descontraidamente no chão, como uma nuvem de tempestade derretida.

Tudo à sua volta deixava Hazel infeliz e desconfortável. O corpete estava enrodilhado debaixo do espartilho. Sentia as mangas muito apertadas na parte de cima do braço. Os pés suavam. O quarto estava muito quente. (Charlotte tinha até feito a rara concessão de não acender a lareira naquela manhã.)

Hazel tinha esperado que Jack aparecesse à porta com um pedido de desculpas na manhã a seguir à discussão. Ponderou ir até ao navio onde ele estava a dormir e exigir qualquer coisa dele. Apenas mais dados para a conversa. O facto de ele ter simplesmente ido embora era enfurecedor. Deixara Hazel tensa e ansiosa. Estava a virar as páginas do livro violentamente, como se o som de cada página fosse um comentário meticulosamente elaborado que estava a fazer a Jack. Havia tanta coisa que ela devia ter dito ontem à noite e, em vez disso, ele tinha-se afastado e roubando-lhe a oportunidade de as dizer. Na noite anterior, antes de ir para a cama, tinha começado a escrever uma carta a Jack, mas, à medida que ia escrevendo, pensava em coisas diferentes para dizer e a riscava o que já tinha escrito, até que ficou a olhar para um papiro completamente riscado. Acabou por atirar a carta para a lareira e ficou a olhar para o teto à espera que o sono chegasse. Como é que ele tinha sido tão *frio*, tão seguro? Tão rápido a deixá-la.

Fora ela que ficara a remoer durante dias, mergulhada no

desconforto da inadequação da interação. E estava demasiado calor lá fora.

– Está de mau humor – comentou Eliza com Hazel. – Quase não disse uma palavra desde que aqui chegou.

– Não sei o que quer dizer – mentiu Hazel. – Estou ótima. Só estou a ler.

A Princesa sentou-se.

– *Está* aborrecida. É óbvio. E não sei qual é a sua desculpa – disse Charlotte. – Se alguém aqui está infeliz, sou eu.

Alguns dias antes, Charlotte tinha finalmente concordado em casar com William, Príncipe Herdeiro de Orange. O Príncipe Regente tinha ficado em êxtase.

– Pelo menos, ainda vai passar o verão em casa, minha senhora – disse Eliza.

Charlotte suspirou exageradamente e fez cócegas a Edwina debaixo do queixo. Uma parte do acordo de se casar com William previa que o casamento não ocorresse antes de setembro, e até lá poderia ficar em Londres. Depois de casar, passaria metade do tempo nos Países Baixos.

– Podia ser pior – continuou Eliza. – Por acaso, ele até é muito simpático, se lhe der uma oportunidade. E é muito apresentável.

– Que maravilha! – respondeu Charlotte. – Vai ser delicioso passar o resto da vida a tornar-me mãe dos herdeiros de um homem que *até é apresentável*. – Suspirou. – Acho que nenhuma de nós tem tanta sorte no amor como aqui a nossa Menina Sinnett.

Hazel levantou a cabeça do livro.

– Não sei o que quer dizer com isso – reagiu com brusquidão.

Charlotte embeijou, preferindo ignorar o tom de Hazel.

– Toda a cidade fala do seu namoro secreto.

Instantaneamente, o suor de Hazel ficou frio. Como é que as pessoas tinham descoberto o caso dela com Jack tão depressa?

– Não é nada – disse Hazel. – Ele não está interessado num futuro comigo.

– A sério? – disse Eliza. – Pelo que ouvi, o doutor está

completamente enfeitado. Parecia prestes a babar-se consigo no baile do Príncipe Regente.

Simon. Estão a falar de Simon.

– Oh – exclamou Hazel. – Não sei. Quer dizer, ele ofereceu-me flores, mas...

– Ele ofereceu-lhe flores? – perguntou Eliza. – Oh, Hazel, isso significa que ele está a dias de a pedir em casamento. Todos sabem que é assim que os homens funcionam.

– *Muito bem* – disse a Princesa Charlotte. – Ele é alto. Rico. *Famoso*. E dizem que é brilhante, o que provavelmente é importante para si. Mas ser alto é bom. Significa que vai ter filhos altos.

– Ele é uma excelente escolha – acrescentou Eliza. – A Penelope Smythe esteve de olho nele ao longo de toda a temporada, mas ele mal olhou para ela.

– Certifique-se só de que não o persegue – Charlotte acrescentou. – Os homens desprezam mulheres que os perseguem. Querem mulheres que os *desejam*, mas fingem não o fazer para terem a dignidade de uma caçada que parece valer a pena. Não há nada de impressionante em agarrar um coelho que corre diretamente para si.

– As mulheres são os coelhos nesta metáfora? – perguntou Hazel.

– Claro – responderam Eliza e Charlotte em uníssono.

– Bem, de qualquer forma, não acho que ele vá pedir-me em casamento – disse Hazel, tentando voltar a sua atenção para o livro. – Não há muitos homens que gostassem de casar com uma mulher que trabalha como cirurgiã.

Eliza e Charlotte ficaram a pensar nisso por um momento.

– Talvez ele não se importe – disse Eliza num tom ligeiro. – As coisas são diferentes no Continente. Talvez já tenham médicas a trabalhar na Dinamarca.

– Na Suécia – corrigiu Hazel.

– Vejam só – comentou Charlotte. – *Suécia*. Ela já está apaixonada, Eliza. Achas que devemos marcar nas nossas agendas um casamento no outono? Talvez eu possa adiar a minha ida para Haia para depois

disso. Marque para mais tarde, Hazel. Onde é que vai passar o Natal? Não vai casar na Escócia, pois não?

– Não vou me casar em lugar nenhum, minha senhora – disse Hazel.

Charlotte e Eliza trocaram um olhar significativo.

– Se assim o diz – retorquiu Charlotte. – Ah, um favor: importava-se muito se a minha doença voltasse por um breve período? O meu pai está a organizar uma noite de música de Händel na próxima semana, e eu não consigo pensar em nada que me apetecesse menos do que ficar acordada a tentar conversar com o Conde de Liverpool.

– É mais o Conde de Mancha no Fígado – disse Eliza, continuando a costurar.

– Não sei se isso é necessariamente uma decisão sábia, minha senhora – disse Hazel.

– *Por favoor?* Eu já vou casar com o Orange. Já estou a fazer exatamente o que meu pai quer. Só quero passar uma das poucas noites de liberdade que me restam na minha própria casa. – Enquanto ela falava, Edwina pulou do colo da Princesa para a mesinha lateral, onde o que restava do pedaço de bolo jazia num elegante prato de porcelana. Edwina agarrou-o com a boca e correu para debaixo da cama. Charlotte não pareceu notar ou não se importou.

– Talvez possamos dizer ao seu pai que está com dores de cabeça – argumentou Hazel. Contra a sua vontade, sentiu o seu mau humor melhorar com a perspectiva de ajudar Charlotte. – E dores de estômago. E, como queremos que esteja apta para viajar no outono, vou recomendar repouso na cama para o garantir.

– *Obrigada* – disse Charlotte. – Agora, anime-se, está bem? Essa cara sombria está a tornar o dia mais desagradável.



Estava mais fresco na enfermaria em Kew, e Hazel respirou fundo quando chegou, pronta para passar o serão a acabar – *a acabar*

finalmente! – o seu tratado. Charles Brown tinha mandado um recado ao seu amigo editor, que lhe tinha respondido na hora e com um enorme interesse e um pedido para que Hazel lhe enviasse uma cópia o mais depressa possível.

O livro estava praticamente pronto: Hazel tinha catalogado meticulosamente várias das doenças mais comuns e os seus tratamentos, mas tinha também incluído diagramas de todo o interior do corpo humano. A musculatura, o sistema circulatório, os nervos e os órgãos. Estava lá tudo, peça por peça, para criar algo maior do que a soma das partes.

Que estranho, apercebera-se Hazel numa tarde enquanto desenhava o estômago, que a grande maioria das pessoas passasse a vida inteira sem entender o que estava a acontecer sob a própria pele. Tão poucas pessoas podiam frequentar palestras de anatomia ou ter acesso a cadáveres para dissecar – mesmo que pudessem, pensou Hazel, nunca teriam as ferramentas para entender o que estavam a ver. Hazel tinha tentado tornar os seus diagramas o mais claros possível, para que uma pessoa sem qualquer educação formal ou experiência pudesse ver o que Hazel já sabia: que o corpo humano era um milagre, complicado e simples ao mesmo tempo, uma máquina estranha que desafiava uma compreensão fácil, mas que, para quem fosse paciente e estudioso, revelaria essa lógica estranha.

Hazel tinha terminado o último, o pé, depois de ter prendido o de Lord Byron ao tornozelo alguns dias antes. O pé estava a decompor-se, com a pele cinzenta e as articulações rígidas e agora nodosas.

– Posso evitar que caia – disse Hazel enquanto tornava a suturar a extremidade. – Mas não tenho certeza se consigo fazer o sangue voltar a circular nos dedos.

Marie-Anne estava por perto, a examinar um gás roxo que se expandia e girava num frasco de vidro.

– Algumas gotas de Tintura diluída ajudarão – sugeriu, passando a Hazel um pequeno frasco.

Tal como Marie-Anne prometera, assim que Hazel adicionou

algumas gotas do líquido na incisão, o pé do poeta começou a recuperar a cor.

– É incrível – disse Hazel. – Simplesmente brilhante. Ainda não conseguia compreender; era diferente de qualquer ciência que ela já tivesse visto antes. Marie-Anne esboçou um sorriso humilde. – E mais uma coisa – acrescentou Hazel –, graças a esta pequena cirurgia, vou poder completar um diagrama do osso do tornozelo para o meu tratado.

Byron estava a rodar o pé recém-colocado.

– Ainda bem para si – disse sarcasticamente. – Fico tão feliz em ajudar.

– Estou feliz por si, Menina Sinnett – disse Marie-Anne. – Completar o seu primeiro trabalho a ser publicado é um grande feito. O primeiro de muitos, imagino. Já pensou no nome que vai utilizar?

Hazel estava a enrolar outra vez os seus instrumentos cirúrgicos na lona e ergueu o olhar.

– Como assim? Pensei... quero dizer, presumi que ia utilizar o meu nome. Hazel Sinnett.

Marie-Anne pareceu um pouco triste.

– Ainda não é considerado apropriado para uma mulher publicar sob o seu próprio nome. Especialmente num trabalho científico. Ou romances! A pobre Jane ainda assina como «Uma Senhora».

– Jane?

Marie-Anne dispensou a pergunta com um aceno de mão.

– Em grande parte da minha pesquisa, trabalhei ao lado do meu marido. Fiz as experiências, tirei as medidas, até tive as ideias. A nossa pesquisa é publicada sob um nome. O dele.

Hazel tentou lembrar-se dos artigos dos Lavoisier que tinha lido. Sempre soubera que trabalhavam os dois em conjunto, mas todo o trabalho publicado era atribuído a Antoine.

– Eu só presumi... – disse Hazel.

– Claro – disse Marie-Anne suavemente. – Todas presumem. Parte do sacrifício de ser uma mulher que deseja contribuir com algo para o

mundo é perceber que, às vezes, para transmitir a mensagem, é necessário escolher o mensageiro certo. As pessoas estão mais dispostas a aceitar novas ideias quando vêm de um homem. É simples e é lamentável.

– Mas – contrapôs Hazel –, a Marie-Anne não quer os *créditos*? Não quer que o mundo saiba o que descobriu?

– Claro – disse Marie-Anne com equanimidade. – Uma parte de mim quer. Uma parte de mim quer ser celebrada. Uma parte de mim queria todos os prêmios, todas as nomeações reais, todas as honras universitárias que Antoine recebeu pelo trabalho que fizemos juntos. Mas seria vaidade e orgulho. E mais importante do que isso, para mim, era que o nosso trabalho estivesse a chegar aos outros. Que estivéssemos a mudar o mundo. O bem maior era maior do que o meu orgulho, acho eu. E no final, foi ao Antoine que cortaram a cabeça na guilhotina quando o povo francês se revoltou e, com a sua raiva, confundiu violência com poder. Há sempre mulheres nos bastidores, a puxar os cordelinhos, Hazel. Somos invisíveis para a história, mas sobrevivemos.

As palavras de Marie-Anne ecoavam na cabeça de Hazel enquanto estava sentada na sua bancada em Kew, a fazer a edição e os ajustes finais do seu manuscrito. A primeira página dizia *Uma Obra de Hazel Sinnett*, mas agora a caneta de Hazel pairava por cima do seu nome. Fora ela que fizera todo o trabalho. Por isso, queria o crédito. Mas talvez Marie-Anne estivesse certa. O objetivo de Hazel não era engrandecer-se; era ajudar o maior número possível de pessoas a aprender. Independentemente da qualidade da escrita ou do trabalho que Hazel tivera com os diagramas, claros e meticulosos, era verdade: se na capa estivesse o nome de um homem, mais pessoas comprariam o livro. Mais pessoas leriam o seu livro e confiariam nele.

Uma gota de tinta caiu do bico da caneta mesmo ao lado do *H* de Hazel quando ela sentiu o ar mudar na sala.

– Peço desculpa – disse uma voz atrás dela. – Estou a incomodar?

Era Simon. Ainda parecia cansado, mas Hazel tinha de admitir que

continuava muito bonito com uma jaqueta bem engomada, o cabelo penteado e as calças enfiadas numas botas altas. Trazia uma grande caixa nos braços.

– Claro que não – respondeu Hazel. – Eu já estava a acabar. Além disso, esta enfermaria é sua.

– Gosto de pensar nela como a nossa enfermaria – disse Simon. – Admito que, mesmo quando não está aqui, gosto de ver as suas notas e papéis na bancada. Tratar o Rei tem sido uma tarefa solitária; é bom imaginar que não estou sempre a trabalhar sozinho. Que trabalhamos lado a lado.

Hazel sorriu. A questão da autoria podia esperar para outro dia.

– Já acabei – disse Hazel, colocando a pesada pilha de pergaminhos sobre a bancada e endireitando as bordas. De alguma forma, o seu trabalho tinha-se avolumado em para centenas de páginas, e Hazel sabia que mesmo que o seu nome não estivesse na obra publicada, ela estava orgulhosa dele. Era a primeira vez que dizia em voz alta que tinha acabado e percebeu, enquanto o dizia, quão feliz ela estava por partilhar isso com Simon.

– É impressionante – disse Simon, com o seu sotaque audível nos sons das vogais. Pousou a caixa que tinha na mão na bancada ao lado de Hazel e inclinou-se para ler a página de rosto. Hazel sentiu a respiração dele no seu pescoço. – Que vitória. Então, vai publicá-lo?

Hazel acenou com a cabeça.

– Estava a pensar se devia ou não usar o meu nome verdadeiro.

Simon pareceu confuso.

– Tens outro?

– Não – disse Hazel. – Quero dizer, se devo usar o meu nome por ser mulher. As pessoas estarão mais dispostas a aceitar um texto médico escrito por um homem.

Simon fez um riso de troça.

– Quem é que se importa com isso? – contrapôs Simon. – Foi a Hazel que o escreveu, não foi?

– Fui – respondeu Hazel. – Fui eu que o escrevi. Mas não estou

inteiramente certa de que seja assim tão simples.

Simon encolheu os ombros.

– Eu vou lê-lo. Na verdade, mal posso esperar por lê-lo. Há algum capítulo sobre a loucura? Receio que os meus tratamentos já não sejam eficazes. Neste momento, tudo o que estamos a fazer é deixar o Rei confortável. – Simon olhou para Hazel com um ar conspiratório. – O Príncipe parece ter perdido toda a esperança de que o pai volte a ficar bem – disse sarcasticamente. – E, como podes imaginar, ele está de coração partido por causa disso.

– Pois – retorquiu Hazel –, provavelmente *odeia* ser o monarca em exercício. Governar o Reino. Gastar no que quer. – Partilharam os dois o seu pequeno momento de traição inofensiva antes de Hazel se afastar. – Infelizmente, o capítulo sobre a loucura é um pouco limitado – admitiu. – Mas quais são os sintomas? Talvez eu possa oferecer uma nova perspetiva.

– Balbuciar – disse Simon. – Constantemente a balbuciar. Esquecer-se de onde está. De *quem* é. Quando não está a falar, está a dormir. Às vezes, queixa-se de dores de cabeça.

– Tem febre? – perguntou Hazel.

– Quase nunca.

– A urina?

– Com uma cor estranha. Às vezes escura, outras vezes com sangue.

– Hum – disse Hazel. – Parece envenenamento, mas...

– Impossível – disse Simon. – Comecei a supervisionar pessoalmente a dieta dele. Comemos as mesmas refeições, às vezes nos mesmos pratos. Ele não está envenenado. É qualquer coisa que nunca vi antes.

– Então, ainda há mistérios – concluiu Hazel.

– É verdade.

Hazel voltou a sua atenção para a caixa que Simon tinha posto sobre a bancada.

– Para que é a caixa? É um presente para mim? – perguntou, a

brincar.

Simon olhou para o embrulho e pestanejou, como se se tivesse esquecido de que a tinha trazido.

– Oh – exclamou. – Sim, é.

Hazel puxou-o sobre a mesa.

– Então, vamos lá – disse, tirando a tampa.

Hazel susteve a respiração.

Lá dentro estava a mala de médica mais bonita que ela alguma vez vira.

Os fechos brilhavam; o couro era preto e deliciosamente macio. As mãos de Hazel moveram-se por vontade própria; levantou-se, tirou-a da caixa e balançou-a suavemente junto das ancas, saboreando o peso e o tamanho dela. Era *perfeita* – muito melhor do que a velha mala que tinha ficado destruída pelo mofo – requintada e provavelmente chocantemente cara.

– Não posso aceitá-la – disse Hazel, sabendo que era isso que devia dizer, mas incapaz de tirar os olhos da mala.

Simon riu baixinho.

– Tem de aceitar. Está personalizada, já viu? – E virou a mala para mostrar a Hazel que, perto da alça do outro lado, estava gravada com as letras *H.S.* – Eu não sabia a sua inicial do meio. Ou se tem uma. Acho que nem toda a gente tem – disse Simon. – Reparei que tem andado com os seus instrumentos – bem, na verdade os meus instrumentos – embrulhados numa lona, e achei que merecia uma mala médica de verdade.

Hazel ficou impressionada. Desenrolou imediatamente a lona desgastada e começou a arrumar os seus instrumentos na mala nova.

– É perfeita. Obrigada, Dr. Ferris.

– Simon, por favor.

– Obrigada, Simon.

E, apesar de lhe ter passado pela cabeça uma imagem de Jack, Hazel afastou-a quase imediatamente pelo desejo que tinha de beijar Simon von Ferris e o pensamento de como ele seria debaixo das suas

roupas.

– Fiquei surpreendido por ver uma médica sem uma mala médica – disse Simon, puxando Hazel de volta de sua fantasia.

– Oh – disse Hazel. – Eu tinha uma. Mas ficou estragada na viagem de Edimburgo para Londres. Num sítio qualquer do caminho, ficou encharcada e depois coberta de mofo. O cheiro quando ela finalmente chegou era horrível, como... Hazel parou. O cheiro a mofo de sua velha mala médica tinha sido horrível. Tinha sido avassalador. Parecia ter-se alojado na frente do seu cérebro, entre os seus olhos. O cheiro ficara nas paredes mesmo depois de ter deitado a mala fora.

Hazel tirou o bisturi que tinha acabado de pôr dentro da mala.

– Tenho de ver o quarto do Rei – disse, já a dirigir-se para a porta. Simon foi atrás dela.

– Com um *bisturi*? Menina Sinnett... Hazel!

– Confie em mim! – gritou Hazel, voltando para o corredor.

As pernas de Simon eram duas vezes mais compridas do que as dela, e ele apanhou-a com alguns passos longos.

– É por aqui – disse Simon.

O quarto estava tão opressivamente quente como Hazel ainda se lembrava, com a lareira acesa e as janelas fechadas contra a sugestão de uma brisa. E, também tal como ela se lembrava, tinha um cheiro avassalador, um fedor a sujidade humana e mofo. O Rei George III era uma figura pequena e mirrada no centro da sua grande cama de dossel, com um simples roupão branco vestido. Movia os lábios, mas não saía nenhum som.

– Majestade – disse Hazel rapidamente, antes de levantar o bisturi.

Dois guardas avançaram para a impedir, mas Simon levantou os braços.

– Deixem-na trabalhar – disse, apenas com pequena nota de medo a rastejar na sua voz.

Com a faca levantada, Hazel virou-se para longe do Rei e caminhou em direção a uma das paredes. Uma das belas paredes, forrada com papel de parede com um padrão intrincado e de um

verde tão vívido que fez Hazel pestanejar. Com um movimento único e confiante, passou o dedo pelo papel de parede (um dos guardas gritou) e arrancou-o.

A parede estava preta e verde, felpuda e molhada ao toque.

– Mofo – disse Hazel. Arrancou um pedaço do papel de parede verde e cheirou-o. – Achas que usaram arsénico no papel de parede? – perguntou a Simon.

Ele apalpou o tecido.

– Talvez. Mas não seria uma quantidade suficientemente grande para causar envenenamento. A tinta com arsénico é inofensiva. É usado em corantes o tempo todo.

Hazel apontou para a parede.

– O mofo – disse. – A humidade. Pode estar a deixar o arsénico entrar no ar.

Simon estava com uma respiração rápida. Hazel quase sentia a mente dele a trabalhar.

– Tirem daqui o Rei – disse aos guardas. Quando eles hesitaram, gritou: – Imediatamente!

Os guardas entraram em ação. O Rei foi retirado da cama e levado cuidadosamente para fora do quarto.

Simon e Hazel começaram a arrancar mais e mais papel de parede. Ambos cobriram a boca com as mangas. Simon abriu a janela. Uma brisa suave entrou no quarto. O cheiro a morte e a podridão começou a dissipar-se.

– Não posso acreditar – disse Simon. – Não posso acreditar.

– Pode não ser a única coisa que contribui para o estado do Rei – disse Hazel, puxando para baixo um grande pedaço do papel de parede verde arsénico com um rasgão satisfatório.

– Bem, mas já é alguma coisa – disse Simon. – Já é alguma coisa. – E, depois, enquanto eles iam pondo à mostra mais e mais partes das paredes nuas da cor de hematomas mal curados, ele ia repetindo –, não consigo acreditar.

Gaspar chegou à porta dos aposentos do rei, distraído com um

ofício qualquer que tinha nas mãos. Continuou a andar, de cabeça baixa, até que já estava no quarto e nessa altura olhou para cima, vendo que Hazel e Simon tinham destruído os aposentos do Rei. Ficou de boca aberta como um peixe.

– Eu... eu... eu... Menina Sinnett! – conseguiu finalmente dizer. Olhou para as paredes em ruínas e balbuciou mais algumas sílabas sem sentido antes de completar a frase: – Onde está o Rei?

– Está tudo bem, Gaspar, meu amigo – disse Simon. – A Menina Sinnett descobriu que o bolor nas paredes tornava venenoso o arsênico do papel de parede. Ela salvou o Rei.

Gaspar pestanejou, ainda confuso.

– Mas... mas os aposentos do Rei... – gaguejou.

– O Rei já não dorme mais neste quarto, estás a perceber? – disse Simon. – Aliás, acho que ele não devia dormir neste palácio. Ponham-no em Buckingham, com a Rainha. Mantenham as janelas abertas. Dêem-lhe muito ar fresco.

Gaspar compreendeu finalmente. Saiu a correr pelo corredor ao encontro do Rei, agarrando a peruca enquanto caminhava para que não caísse.

– O Gaspar é bom homem – disse Simon. – Ele vai ajudar o Rei. Entretanto... – bateu com as mãos para tirar o pó – acho que devemos celebrar. Tenho uma garrafa de vinho que alguém me trouxe de Paris no ano passado e que estava a guardar para uma ocasião especial. Acho que é agora.

Hazel imaginou estar sentada à frente de Simon, a beber uma taça de vinho, e depois outra, celebrando o dia importante que tinham tido. Hazel não conseguia lembrar-se da última vez em que se sentira tão eufórica, tão orgulhosa das suas próprias capacidades, do seu raciocínio, dos seus instintos. Ela queria ser médica porque amava a anatomia e o estudo das ciências naturais, mas era um sentimento inexplicável, como um chá quente com mel a chegar-lhe ao estômago, sentir que não era apenas um interesse: Ela tinha uma capacidade real. Ela era boa naquilo. Estava habilitada a fazer o que sempre

quisera fazer.

Lembrava-se da sensação do ano anterior, a excitação vertiginosa de comprar o primeiro cadáver a Jack e saber que o universo inteiro se ia expandir para ela. A memória de Jack causou-lhe um nó no estômago. Ela não lhe devia nada, principalmente quando Simon estava mesmo ali, pronto para estar com ela, e Jack estava só Deus sabia onde. Simon olhava para ela com expectativa, e quando Hazel finalmente lhe respondeu, foi para dizer:

– Foi um longo dia. Acho que é melhor eu ir descansar um pouco.

Simon pareceu desapontado.

– É melhor eu ir ter com o Gaspar e o Rei. – Beijou-lhe a mão e desejou-lhe uma boa noite antes de sair.

Hazel não estava cansada. Não sabia por que tinha dito aquilo. Talvez fosse o conhecimento, certo como a morte, de que se fosse beber uma garrafa de vinho com Simon, estaria a pensar em Jack o tempo todo.

Hazel decidiu ir para casa a pé. O sol estava a pôr-se e, então, resolveu ir pelo caminho mais longo para os seus aposentos para poder ver os candeeiros da rua a serem acesos.

Não estava a cometer um erro, disse para si mesma enquanto caminhava. Os sentimentos que estava a ter por Simon eram uma distração momentânea, e passar mais tempo com ele só iria complicar as coisas. No final, iria sentir-se em relação a Simon da mesma forma que se sentia em relação a Jack agora: preocupada e infeliz, à espera que ele lhe escrevesse. Era melhor aproveitar a noite sozinha, celebrar a sua vitória com o Rei George e terminar o seu tratado a passear por Londres. Tinha saudades de Edimburgo, dos penhascos românticos e castelos e das ruas sinuosas, mas enquanto passeava, admitiu para si mesma que Londres tinha a sua própria beleza. Era um lugar fascinante, com muitas ruas e grandes parques, mas à noite, quando a luz estava a desaparecer e a refletir-se na pedra dos prédios de pedra e a chuva fazia as pedras da estrada brilharem, Londres também era linda.

No meio da rua, Hazel divisou um par de olhos familiares a olharem para ela.

– Olá, o que é que estás a fazer aqui? – disse.

Era Edwina, a pequena cadelinha cinzenta da Princesa, deitada de barriga para baixo como se a rua de pedras fosse o seu travesseiro pessoal.

– Como é que fugiste de casa?

Edwina não protestou quando Hazel pegou neça ao colo; fez um pequeno som de contentamento e quase de imediato ficou relaxada, sem oferecer resistência, dando a Hazel a sensação de que estava a levar nas mãos não um cachorro, mas uma capa de pele.

Hazel viu Warwick House a brilhar ao longe graças aos candeeiros a gás de Pall Mall. Ainda havia lanternas acesas no andar de cima, no quarto da Princesa. Ela estava acordada; provavelmente a chamar Edwina e a procurá-la por entre a montanha de almofadas que tinha na cama.

– Boa noite, Martin – disse Hazel ao criado de libré que lhe abriu a porta.

O criado viu o cachorro a dormir nos braços de Hazel.

– Ela vai estar à procura dela! – comentou ele.

As portas do quarto da Princesa estavam fechadas, mas Hazel viu luz através da ombreira da porta e ouviu um movimento lá dentro. Havia o som abafado de algo como risadas; ao que parecia Eliza também lá estava. Talvez estivessem a jogar às cartas e nem tivessem notado que Edwina tinha fugido. Hazel tirou a mão debaixo de Edwina e bateu à porta com cuidado.

– Alteza? – disse. – Tenho aqui uma coisa para si.

Hazel devia ter esperado por uma resposta. Na verdade, não devia ter ido até ao quarto da Princesa. Devia ter deixado o cachorro com o criado de libré e ido para casa. Mas, em vez disso, Hazel, ainda empolgada com a vitória com Simon, simplesmente abriu a porta para cumprimentar as suas amigas.

A Princesa Charlotte e Eliza estavam ambas no quarto. Estavam na

cama da Princesa, com os vestidos descidos até a cintura, expondo os seus seios nus. Tinham os braços entrelaçados uma na outra, com os vestidos soltos e caídos, e estavam a beijar-se.

Hazel congelou, e Edwina saltou dos seus braços. A Princesa e Eliza viraram-se para ela.

– Encontrei a Edwina. Na rua – disse Hazel, pestanejando e desviando os olhos. – Peço muita desculpa. Eu só vou... vou-me embora. – E Hazel, com os olhos tapados, esbarrou nas portas duas vezes antes de conseguir fugir para o corredor.

– Espera! Hazel, espera!

Eliza ia a correr atrás dela. Já tinha o vestido puxado para cima, mas ainda estava atrapalhada com os sapatos enquanto corria. – Volta, Hazel!

– Desculpa! – gritou-lhe Hazel. – Faz de conta que eu nunca estive aqui! Não vi nada.

Eliza era pequena, mas era surpreendentemente rápida, e estendeu o braço para o ombro de Hazel.

– Está tudo bem. Está tudo bem. Mas devias vir conversar nem que seja um minuto.

– Sua Alteza Real vai mandar decapitar-me? – perguntou Hazel, apenas meio a brincar.

– Talvez – respondeu Eliza.

Charlotte estava sentada na cama, vestida, com Edwina deitada no seu colo com um ar feliz.

– Sente-se, por favor – disse a Hazel.

Hazel assim fez.

– Portanto – começou a Princesa –, por favor, só lhe peço por favor que não diga a ninguém. É...

– ... não é nada – concluiu Eliza.

– Bem, não pode dizer que não é nada – disse Charlotte. – Mas não é nada que importe a longo prazo, como dizem. A Eliza vai casar com o Otto. Eu vou casar com o Príncipe de Orange. – Falou como se estivesse a convencer-se a si própria e a convencer Hazel.

Como é que aquilo tinha escapado a Hazel? *Era óbvio*. A Princesa nunca tinha estado apaixonado por Frederick Augustus da Prússia nem por *qualquer outro* príncipe. Não era de admirar que ela ficasse tão angustiada com a ideia de se casar; ficaria presa a um homem e

seria separada de Eliza.

Hazel tentou lembrar-se de todas as interações que tinha havido entre as três. Não tinha reparado nos olhares? Nos galanteios? Em mais coisas? Tinha passado meses com aquelas duas mulheres e nem por um momento lhe passara pela cabeça que a grande amizade entre elas podia ser romântica. Mas agora parecia óbvio. Hazel lembrou os momentos de toque prolongado, de mãos delicadas nos braços nus. Estava tão concentrada num tratamento para a misteriosa doença da Princesa que tinha perdido o contexto mais geral.

– Então? – disse Eliza, de dentes cerrados e olhos estreitados. – Diga qualquer coisa, Hazel.

– Não consigo acreditar que não me apercebi – disse Hazel. – Charlotte e Eliza ficaram visivelmente descontraídas com a resposta de Hazel. Talvez estivessem à espera de que ela mostrasse repugnância ou raiva. Isso surpreendeu Hazel mais do que qualquer coisa, que as duas tivessem ficado, no momento em que foram descobertas e no silêncio que se seguiu, tão assustadas como Hazel jamais as tinha visto. Por isso acrescentou, – Eu não vou contar nada a ninguém.

– Não iam acreditar em si – disse Charlotte. – Mas os rumores são tão perigosos como qualquer outra coisa hoje em dia. E imagine os desenhos imundos que poriam nos jornais. Imagine a reação do meu pai. Deus nos livre que a filha do Príncipe Regente esteja apaixonada por uma mulher.

– Apaixonada? – questionou Hazel. – Vocês estão... apaixonadas?

Charlotte e Eliza olharam uma para a outra. Fizeram ambas um aceno impercetível com a cabeça.

– Mas isso não interessa – disse Eliza. – Nós vamos casar. A Princesa cumprirá o seu dever. Amámo-nos durante algum tempo, o que é mais do que a maioria das pessoas consegue.

– Pensei que estivesse apaixonada por Frederick Augustus – disse Hazel.

Charlotte deu uma risadinha.

– Aquele chato irracional?! Oh, Hazel, considera-me muito pouco.

– A culpa não é minha! – protestou Hazel, a rir-se. – Estava sempre a olhar para ele, com um ar tão triste, sempre que se falava da partida dele.

A Princesa pestanejou e baixou os olhos.

– Quando o Príncipe Frederick Augustus da Prússia partir, o seu primeiro-tenente também partirá – disse Charlotte. – E a futura noiva do primeiro-tenente também.

– Está tudo bem – disse Eliza, reconfortando a Princesa. O mundo reduzira-se às duas. – Vamos escrever uma à outra. Constantemente. – Charlotte escondeu o rosto no espaço entre o peito e o ombro de Eliza. – Serei sempre tua, Lottie – sussurrou Eliza. – Sempre tua e de mais ninguém.

– E de mais ninguém – repetiu Charlotte, com palavras calmas mas cheias de ternura. E depois levantou a cabeça, surpreendida por ver Hazel ali.

– Bem, está aí – disse a Hazel. – Agora já sabes o diagnóstico completo. Na verdade, é uma boa médica, Hazel. Se eu realmente estivesse doente, iria querer que fosses a Hazel a tratar-me.

Ela olhou para as duas, com os membros entrelaçados tão naturalmente como se partilhassem os seus corpos num só, tão confortáveis uma com a outra e tão obviamente apaixonadas. Amaldiçoou-se de novo por não ter percebido.

– Sua Alteza é a Princesa de Gales – disse Hazel. – Futura Rainha da Inglaterra.

– É o que me dizem – disse Charlotte.

– Tenho a certeza, a *certeza*, que se alguma mulher tem o poder de viver indefinidamente sem se casar, para poder dividir a casa com a pessoa que ama, essa mulher é a Princesa – disse Hazel.

– Hah! – exclamou Charlotte. – Infelizmente, é exatamente o contrário. Sou a única mulher no país cujo futuro casamento e filhos são uma preocupação nacional. A minha união exigirá a aprovação do monarca e do Parlamento. O Parlamento determinará o meu

rendimento anual. A minha própria *existência* está condicionada pelo meu privilégio. Acordo, ando, sento-me, durmo, segundo o critério do país. Quanto menos pessoa eu for, melhor monarca. Sou um boneco de corda que deve sorrir, acenar e vestir roupas caras que alguém escolhe por mim. Casarei com quem me mandarem casar, e terei filhos para o Príncipe Regente e para o Parlamento criarem em meu nome. Todas as decisões tomadas por mim, todos os atos da minha existência serão ditados pelo Parlamento ou pelo meu marido e pelo parlamento do país *dele*. E ficarei cada vez mais pequena, mais invisível, mesmo que use vestidos maiores e joias mais caras. Até que um dia deixarei por completo de ser a Charlotte.

A mão de Eliza afagava a de Charlotte suavemente.

– Serás sempre a Charlotte – murmurou Eliza. – Talvez eu devesse ir para um convento. Deixar o país. Viver na propriedade que me compraste na Baviera e envelhecer como uma solteirona.

– Comprei-te essa propriedade como prenda de casamento antecipada – disse Charlotte. – Além disso, serias infeliz longe da sociedade. O Otto é bastante simpático.

– Tem mau hálito – disse Eliza. – E lambe os polegares quando vira as páginas de um livro. Vai enlouquecer-me.

– Vais passar o mínimo de tempo possível com ele – garantiu Charlotte. – E como mulher casada, darás as festas mais maravilhosas.

A mente de Hazel acelerou. Pensou em Jack, em Simon, e na forma como Charlotte e Eliza estavam a olhar uma para a outra.

– Tem de haver outra maneira – disse Hazel. – Vocês só têm uma vida. Não podem desperdiçá-la longe uma da outra.

Charlotte esboçou um sorriso triste.

– Como eu disse, é uma ótima médica, Hazel. Mas infelizmente não pode salvar-me a vida desta vez. Desde logo porque, se calhar, nunca tive uma vida.

Em Londres só se falava da melhoria do estado do Rei. A brisa de verão trazia consigo gritos de alegria e canções patrióticas; até Hazel sentiu o seu espírito animado pela alegria ao seu redor.

Ela e Eliza tinham chegado juntas ao concerto naquela noite em St. James's Palace, Eliza com um vestido novo, roxo com mangas de organza, e Hazel com um dos velhos vestidos que recebera de Edimburgo.

– Não percebo porque não podia ter comprado um vestido novo – repreendeu Eliza. (Pelo menos, Hazel deixara que Eliza a penteasse).

– Porque isso não importa – disse Hazel. – Ninguém vai olhar para mim hoje à noite.

– Pois não – concordou Eliza. – Ninguém vai olhar para ninguém a não ser para o Rei. A Princesa não podia ter escolhido uma noite melhor para fazer gazeta.

Eliza tinha razão. Gaspar mal pestanejara ao princípio da tarde quando Hazel o encontrara em Kew e lhe dissera que a Princesa não se sentia bem e não podia ir ao concerto.

– O quê? Oh, sim, tudo bem, tudo bem – tinha dito Gaspar, endireitando os punhos. Estava a dirigir a decoração do novo quarto do Rei e a retirar móveis dos antigos quartos. – Não, não! – gritou para dois criados de libré que se debatiam com o peso de uma grande cadeira dourada. – A da almofada vermelha! O Rei prefere a almofada vermelha! Deixem essa!

Eliza pegou em duas taças de vinho de um homem que ia a passar, que na verdade podia não ser um criado, e deu uma a Hazel.

– Ainda assim, está a dizer-me que não está aqui *ninguém* que gostasse de impressionar com um vestido novo? – Hazel seguiu o olhar de Eliza e deu com Simon.

A cabeça dele destacava-se entre o grupo de homens à sua volta, muito elegante com uma jaqueta à medida, e Hazel susteve a respiração. A memória de o beijar, do corpo dele pressionado contra o dela, da língua dele na sua boca, inundou por completo a sua mente.

Ele sentiu-a a olhar.

– Aqui está ela! – gritou Simon e dirigiu-se a Hazel com grandes passos, deixando os homens que estavam com ele. – Miss Hazel Sinnett. A brilhante cirurgiã que descobriu a causa da doença do Rei.

– O Dr. Ferris é demasiado modesto – disse Hazel. – Ele reconheceu os sintomas. Eu só ajudei.

Simon deslizou a mão pelas costas de Hazel.

– Eu nunca teria descoberto sem ela – disse aos seus amigos, e depois olhou para ela com um sorriso brilhante. Os seus olhos âmbar eram perfeitos. Calorosos e inteligentes e desafiantes.

– E foi ela que curou a Princesa Charlotte, não foi? – perguntou um dos homens.

– Fui – respondeu Hazel. – Fui eu.

Simon ergueu o seu copo de vinho.

– À Hazel Sinnett.

– À Hazel Sinnett!

Todos estavam felizes, todos a fingirem que só eles tinham acreditado que a doença do Rei seria temporária. Estavam todos felizes, isto é, exceto o Príncipe Regente. Tinha o rosto pintado com o seu pó habitual, mas parecia irregular, manchado pelo suor. A camisa era demasiado pequena e estava mal abotoada. Ficou num canto da sala, amuado, com os cantos da boca curvados para baixo.

– O que devo eu fazer *agora*? – ouviu-o Hazel dizer.

E estranhamente, Marie-Anne Lavoisier também estava de mau humor.

– Madame Lavoisier! – gritou Hazel, quando viu a química do outro lado da sala.

A francesa, com um vestido castanho-escuro quase preto, aproximou-se como que a deslizar pelo chão

– Menina Sinnett. Dr. Ferris – disse, baixando-se numa pequena vénia. – Parabéns, *monsieur*, pelo seu enorme feito.

– Se alguém merece o cumprimento, é a Menina Sinnett – disse Simon.

Os lábios de Marie-Anne estavam cerrados.

– É verdade – disse ela.

Quando ela se afastou para cumprimentar outro amigo, Simon voltou-se para Hazel.

– Ela não está satisfeita por o Rei ter ficado bem?

– Ela é uma mulher da ciência – retorquiu Hazel. – Talvez só acredite quando o vir.

Só quando já estavam todos sentados e a orquestra tinha pegado nos seus instrumentos, pronta para tocar, é que as trompas da outra sala soaram.

– *O Rei está a chegar!* – gritou um arauto.

Todos se levantaram e as portas duplas ao fundo da sala abriram-se de par em par.

O Rei George III, envergando um casaco vermelho cheio de medalhas e fitas, entrou na sala com a sua esposa, a Rainha Charlotte, ao seu lado. Ela tinha sido chamada de volta a Londres, do seu retiro de verão com a boa notícia da recuperação do seu marido; era a sua primeira aparição pública em meses.

O rosto do Rei estava austero e sério, mas a Rainha, com um penteado alto e com um caracol em cascata até ao ombro, estava radiante.

Quando o Rei chegou à parte da frente da sala, o arauto bateu com um cetro no chão de mármore para que se fizesse silêncio.

O Rei pigarreou.

– Devo dizer apenas – começou ele, lentamente, fazendo soar cuidadosamente cada sílaba –, que estou muito... grato pelo tratamento dos meus médicos e pela paciência do meu país. – Ele ainda não estava com forças. Hazel viu como se agarrava à mulher, como os seus joelhos se dobravam e tremiam ligeiramente. Mas, à medida que o Rei ia falando, as suas palavras foram-se tornando mais fluidas. – Continuarei a servir como vosso Rei devoto. E agora penso que já chega da minha parte. Vamos ouvir um pouco de música, está bem?

Houve um suspiro coletivo na sala, e a tensão que se tinha

acumulado até àquele momento rebentou de uma vez como água através de uma barragem. As pessoas tinham ouvido dizer que o Rei tinha melhorado, mas vê-lo de facto, estar presente na primeira aparição pública do Rei em quase uma década... parecia um milagre.

Simon estava sentado a algumas fileiras de distância de Hazel. Chamou a atenção dela através das cabeças que balançavam e dos aplausos e piscou-lhe o olho. Ela retribuiu.

– Eu vi isso – comentou Eliza. Hazel ignorou-a.

O concerto foi magnífico; os músicos reais pareciam estar a sorver a energia e excitação da sala, tocando Händel com um vigor e uma alegria que Hazel nunca tinha testemunhado. As mãos de Hazel doíam de bater tantas palmas no final da terceira ovação. E então o Rei e a Rainha levantaram-se e foram para a frente da sala, e a multidão aplaudiu-os. O Rei sussurrou qualquer coisa à Rainha. De onde Hazel estava sentada, parecia que ele tinha dito «Amo-te.»

– Um verdadeiro caso de amor – disse Eliza a Hazel, inclinando-se e elevando a sua voz acima dos aplausos. – Casados há quase 60 anos. Quase 60 anos. Dá para acreditar?

Hazel olhou para o Rei, o homem que tinha estado perdido durante tanto tempo e que agora, finalmente, podia assistir a um concerto com a sua esposa.

– É lindo – concordou Hazel.

– E 15 filhos – disse Eliza. – A Charlotte é a única neta *legítima*, mas tiveram 15 filhos. Dizem que ele nunca teve nenhuma amante e que amou apenas a Rainha durante toda a sua vida.

O casal real estava na parte da frente da sala, de braço dado, a receber os aplausos da corte. (Até o Príncipe Regente estava a juntar as mãos, embora um pouco languidamente.) E naquele momento, quando Hazel estava a ver um casal que tinha sobrevivido à loucura, ao poder e à solidão, e a uma união de décadas e com 15 filhos, não pensou em Simon. Pensou em Jack.

Voltou-se para Eliza.

– A ama-a verdadeiramente? – perguntou baixinho. – Mesmo,

mesmo a sério?

Eliza soube imediatamente a quem ela estava a referir-se. Acenou com a cabeça.

– Estaria disposta a desistir de tudo por ela? – perguntou Hazel.

– O que quer dizer com isso?

– Ou melhor – disse Hazel –, continuaria a amá-la se ela não fosse Princesa?

– Claro – disse Eliza. – Eu amo-a por quem ela é, a minha Lottie.

– Acha que ela estaria disposta a desistir de tudo por si? E a deixar de ser Princesa?

Eliza respirou fundo.

– É com isso que sonhamos há uma década. O nosso sonho é fugirmos juntas e sermos apenas a Lottie e a Eliza e nada mais. Mas esse sonho nunca será realidade. Ela é a única neta legítima. Não tem escolha.

Os aplausos diminuíram, mas não antes que Hazel pudesse sussurrar a Eliza:

– Tenho uma ideia.

Hazel esperou uma hora no porto onde o *Iphigenia* estava atracado, observando as aves marinhas a mergulharem nas ondas e ouvindo o canto interminável dos mercadores e marinheiros a gritarem de um lado para o outro. Estava vestida de homem; tinha aprendido há muito tempo que, se quisesse viajar sozinha, chamaria menos a atenção se fosse de calças, com o cabelo enfiado num chapéu e a aba do chapéu puxada sobre o rosto.

Finalmente, quando o sol estava a ficar alaranjado sobre a água, Hazel viu-o: Jack, com o seu casaco azul, com um grupo de colegas, partilhando pedaços de um pastel da Cornualha.

– Olá!

Os homens voltaram-se com curiosidade. Jack reconheceu Hazel imediatamente e voltou-se para os amigos.

– Thom, Weymouth, vão andando. Eu já vou ter convosco. – A Hazel, disse: – Olha, não sei porque é que vieste, mas eu...

– Preciso da tua ajuda.

Jack fez uma pausa e coçou a cana do nariz, no sítio onde a pala estava a deixar um sulco cor-de-rosa.

– Para quê?

– Ainda te lembras de como se desenterra um corpo?



Charlotte e Eliza ouviram pacientemente enquanto Hazel explicava a sua ideia.

– Não vai ser possível voltar atrás – disse Hazel, tentando transmitir a gravidade da situação através das suas palavras. – Se vocês fizerem isso, é o fim.

Eliza e Charlotte estavam de mãos dadas: apenas passivamente de braços entrelaçados, numa demonstração casual de intimidade que podiam ter porque Hazel sabia o segredo delas. Edwina saltou para a cama, aninhou-se no colo da mãe e adormeceu instantaneamente.

– A decisão é tua, Lottie – disse Eliza. – Tu é que vais morrer.

– Não vai morrer *de verdade* – corrigiu Hazel. – Aliás, não lhe vai acontecer nada. É por isso que eu vou desenterrar um cadáver que se pareça suficientemente consigo...

– ... para enganar as pessoas de longe. Para enganar as pessoas durante um cortejo e um funeral real – concluiu Charlotte. Uniu as sobrancelhas. – Acho que vai resultar. Se pentearmos o cabelo dela como o meu, e a vestirmos com as minhas roupas e joias. Se dissermos que a doença de que morri é terrivelmente contagiosa, ninguém vai aproximar-se demasiado.

– Estamos a fingir a sua morte, mas de certa forma *irá* morrer – disse Hazel. – Para o mundo inteiro, a *Princesa Charlotte de Gales* estará morta. Terá de começar uma vida nova, noutra lugar. *Tornar-se* outra pessoa. Sem nenhum dos privilégios que advêm da sua posição. Só quero ter a certeza de que compreende bem o que estará a sacrificar se for em frente com isto.

Eliza apertou a mão de Charlotte.

– Eu sei – disse a Princesa. – Mas a verdade é que, se eu continuar a ser a Princesa de Gales, nunca terei vida. Não quero continuar a ser um símbolo. Quero ser uma pessoa. E quero estar com a Eliza. – Eliza pousou a cabeça na curva do pescoço de Charlotte, e partilharam as duas um beijo rápido e doce. – O problema vai ser a Edwina – disse. A cadelinha estava a ressonar numa almofada de seda no canto do quarto. – Ela nunca foi outra coisa senão a cachorrinha querida da Princesa de Gales. Não sei se será capaz de se adaptar a uma vida em que as refeições não lhe sejam servidas em bandejas de prata.

– Adoro-te – disse Eliza.

– Tens de me adorar – brincou Charlotte. – É o teu dever patriótico.

– Não durante muito tempo – disse Eliza com um sorriso.

A decisão estava tomada: Hazel Sinnett iria matar a Princesa Charlotte para lhe salvar a vida.



Jack ouviu com atenção enquanto Hazel explicava exatamente o que queria que eles fizessem.

– É amor, Jack – disse ela. – A Princesa não quer viver uma vida em que seja obrigada a casar com um estranho e não possa estar com a Eliza, e eu não acho que ela consiga fazê-lo.

Jack ainda tinha migalhas do pastel agarradas à barba do queixo. Hazel teve de se forçar a resistir ao impulso de as sacudir, a lembrar-se de que já não tinham uma ligação tão íntima como outrora tinham tido.

– Portanto – disse Jack. – Desenterramos um corpo que seja suficientemente parecido com a Princesa para que as pessoas acreditem em ti quando disseres que ela morreu com... uma doença misteriosa qualquer. Enquanto a *verdadeira* Princesa, cheia de saúde, foge com a amiga para viverem felizes para sempre sem dinheiro e sem terem para onde ir.

– Sem dinheiro, *não* é bem assim – disse Hazel. – Ela tem joias e uma boa mesada que pode transformar em ouro. E deu muito do seu dinheiro à Eliza. E uma casa senhorial. Comprou à Eliza uma propriedade na Baviera como prenda de casamento. Acho que, na verdade, pensando bem, até pode ser mais um castelo.

– Uma prenda de casamento para o casamento de Eliza com...

– Um prussiano chamado Otto. O casamento não é importante. Esse casamento não vai acontecer. A Eliza vai ficar muito destroçada após a morte da Princesa Charlotte e afastar-se-á da sociedade de Londres, romperá o noivado e fugirá para a Baviera. Com a *sua* criada.

– Que será a *verdadeira* Princesa Charlotte.

– Pensando filosoficamente na questão, sim, é a Charlotte, mas já

não uma princesa.

– Porque ela fingiu a própria morte, usando um cadáver que desenterrámos.

– Isso mesmo – disse Hazel. – De facto, é simples. Parece que estás a entender.

– Parece-me... absolutamente louco – contrapôs Jack.

– Não consigo fazer isto sem ti – disse Hazel, e estava a falar a sério. Desenterrar um corpo morto era um trabalho para duas pessoas, e mesmo assim era arriscado, sendo ambos ladrões de túmulos experientes. Hazel tinha conseguido desenterrar cadáveres com Jack em Edimburgo apenas porque Jack sabia o que estava a fazer – e mesmo assim, aqueles eram cemitérios que eles conheciam. Os cemitérios de Londres eram estranhos e novos: nenhum deles sabia os horários dos guardas, ou se havia patrulhas por perto. Era incrivelmente arriscado e, se fossem apanhados, o preço não seria apenas a reputação, mas possivelmente a própria vida. Até os imortais podiam passar anos na prisão, pensou Hazel. A recordação do seu tempo em Calton Gaol borbulhou dentro dela como bólis, e ela obrigou-se a bani-la para não ficar assustada. – Por favor, Jack – disse Hazel. – Por mim.

Jack sorriu e o coração de Hazel bateu mais depressa. Era como se o sorriso de Jack tivesse o poder de fazer o sangue correr pelo seu corpo na direção errada.

– Não vais aceitar um não como resposta, pois não, Hazel Sinnett? – disse Jack.

– Nunca – respondeu Hazel.

– Vou-me embora – disse Jack, mais calmo. – Disse ao capitão que estaria na tripulação do *Iphigenia* quando partissem para a costa oeste da África.

– Uma última escavação, então – disse Hazel. – Só eu e tu.

– Uma última escavação, então – respondeu Jack. – Pelos velhos tempos.

Decidiram-se pelo cemitério de Bunhill Fields, uma hora a pé a

leste de Pall Mall, onde a residência da princesa estava localizada. Jack traria as pás e a corda, e Hazel comprara uma carroça com um punhado de moedas que a Princesa lhe dera.

– Tentem encontrar um corpo que seja atraente – disse Charlotte, entregando as moedas a Hazel. – Quero que as pessoas se lembrem de mim bonita.

Voltariam pelas ruas escuras, mantendo o corpo na carroça, coberto com um grosso cobertor de lã. Para qualquer pessoa que os visse, deviam parecer mercadores a tentar transportar as suas mercadorias através da cidade à primeira luz da manhã

Combinaram encontrar-se às duas da manhã, e quando Hazel chegou com a carroça, no momento em que os sinos estavam a tocar, viu Jack já nos portões do cemitério, com duas pás de madeira e uma lanterna escura.

– Lembras-te de como é que se faz isto? – perguntou Jack, entregando-lhe uma pá.

– Como poderia esquecer-me?

– O problema – disse Jack – é que, normalmente, íamos para a sepultura que parecesse mais recente e mais próxima da parede. Mas agora estamos à procura de algo muito específico.

– Uma mulher jovem – disse Hazel. – Entre os 20 e os 25 anos.

Hazel e Jack olharam para o campo de sepulturas à sua frente. Algumas delas pareciam recentes, com a terra solta e um cheiro a humidade no ar da noite.

Hazel gostava de ter trazido uma lanterna escura como a de Jack – a dele tinha uma tampa que deslizava e bloqueava a chama da vela sempre que ele queria tornar-se invisível na escuridão. Hazel tentou manter a luz da sua própria lanterna pequena e contida contra o seu corpo enquanto examinava as lápides uma a uma: Humbert Beille (homem), Arthur Gordon (homem), Emily Clark Archdull (morta aos 56 anos), Eleanora Northwick (morta aos 65 anos), Lander Symondes (homem, morto aos 81 anos). Finalmente:

– Jack! Jack, acho que encontrei uma! – sussurrou Hazel por entre

a escuridão. Era uma sepultura recente, cavada nos últimos dias, para uma mulher chamada Lucretia Wilkes. esposa amada e filha, morta no parto, 1797-1818. – E 21 anos de idade? – disse Hazel, fazendo rapidamente as contas.

Jack levantou a sua pá.

– Vamos torcer para que ela fosse morena.

O som da escavação teve um ritmo suave, um som como um pano a rasgar-se ou ondas do mar a baterem na areia. Hazel deu consigo a ficar agradavelmente quente; mesmo no frio da noite, o suor picava-lhe nas axilas e na testa. O rosto de Jack também estava suado – levantou a pala mais de uma vez para limpar o suor. Trabalharam eficazmente, sem falar, a não ser para um comentário ocasional, «À tua esquerda» ou «Um pouco mais fundo aqui, acho eu.» A noite estava misericordiosamente calma e silenciosa, mas o som de cada galho errante a estalar algures fazia Hazel ficar cheia de nervos. A certa altura, Hazel apagou a sua lanterna em pânico, apenas para descobrir que era um cão vadio que andava por ali.

Jack estava no buraco que tinham escavado; Hazel estava à espera na relva, pronta para ajudar a içar o corpo para a superfície depois de Jack o ter despido e atado uma corda à volta do pescoço. Tinha tirado a jaqueta e arregaçado as mangas da camisa; Hazel teve de desviar os olhos para não olhar para as veias inchadas contra a pele dos antebraços de Jack, para os músculos dele, visíveis apenas ao brilho fraco da sua lanterna meio coberta.

Jack inspirou fundo e bateu com a sua pá de madeira na tampa do caixão. Hazel preparou-se para aquele som.

– Espera – sussurrou Hazel. – Parece que estou a ouvir qualquer coisa.

Virou-se para olhar à sua volta mas, quando o fez, o pé escorregou-lhe na relva húmida e ela caiu para dentro do buraco estreito, diretamente para os braços de Jack.

A terra solta caiu em cima das cabeças de ambos como granizo. Estavam a menos de um centímetro de distância, e estava escuro, e

era Jack, e Hazel sabia que não devia beijá-lo, porque ele não ia ficar com ela, mas sabia que era isso que queria.

– Ajudas-me a voltar lá para cima? – sussurrou.

Antes mesmo de ela terminar a pergunta, Jack pressionou a sua boca contra a dela.

Hazel largou a sua pá e pôs os braços à volta dele. Estavam a beijar-se e a puxarem-se mutuamente, com os membros como animais famintos, fundindo-se um no outro. Hazel pôs uma perna e depois a outra à volta da cintura de Jack; Jack empurrou-a contra a parede de terra do buraco que eles tinham cavado e prendeu-a lá, beijando-lhe os lábios e depois o pescoço, chupando-o e mordendo-o com força suficiente para que Hazel soubesse que ele deixaria uma marca.

– Queria-te tanto – respirou dentro dela. – Senti tanto a tua falta.

Hazel não respondeu, limitou-se a beijá-lo com mais intensidade, com tanta força que sentiu os dentes dele e o músculo grosso da língua dele contra a dela. Os braços dele eram musculados e fortes, segurando-a contra a parede lateral da cova sem nenhum sinal de esforço. Ela queria estar ali com ele para sempre, ficar naquele momento, no escuro, onde o tempo não existia. Nada existia além deles – o universo inteiro estava contido no espaço entre a pele de cada um deles.

– Jack – sussurrou Hazel. – Amo-te.

Jack hesitou, afastando-se ligeiramente, apenas um milímetro.

– Eu ainda sou imortal – disse. – Não conseguirei dar-te a vida que mereces. A vida que queres.

Hazel passou as mãos pelos cabelos dele. O cheiro daquela pele ele era familiar e intoxicante. Era o cheiro de um bosque depois de ter chovido e o chão estar permeado de vapor e orvalho, e o cheiro de um pote de tinta fresca, e da gordura que se entalava sob as unhas depois de ela descascar uma laranja.

– Tu és a única vida que eu quero, Jack.

Ele tornou a beijá-la, mas Hazel afastou-se porque ainda tinha mais coisas para dizer:

– A Princesa Charlotte está disposta a desistir do seu país por Eliza. Da sua identidade. Do seu título, dos seus privilégios, da sua família. É isso que eu sinto por ti, Jack. Desistiria de tudo por uma vida que pudesse construir de novo contigo. Num piscar de olhos.

– Num piscar de olhos – repetiu Jack. Mesmo na escuridão, Hazel sentiu que ele estava a sorrir.

– Sei que vou envelhecer – disse Hazel. – E talvez uma sepultura não seja o melhor lugar para falar disto, mas tenho pensado muito sobre nós. – Jack riu-se, beijando-a entre as palavras, enquanto Hazel tentava fazer o resto de seu discurso: – Há uma hipótese, uma hipótese *real*, de conseguir descobrir como desfazer a Tintura. Ainda não sei como, porque ainda não analisei a Tintura. Se conseguir uma amostra nos Sete Relógios de Sol... porque talvez o Beecham tenha feito isso, e...

– Hazel? – disse Jack.

– Sim?

– Se alguém no mundo fosse capaz de descobrir como desfazer a Tintura, serias tu. – Passou a mão tão gentilmente pelo rosto dela que fez Hazel ter vontade de chorar. O feixe da lanterna piscou nos olhos de Jack: a cor cinza perfeita de um céu matinal em Edimburgo.

– Mas... A verdade é que eu sou mais cirurgiã do que química e...

– Hazel?

– Sim?

– Beija-me.

E ela assim fez.



O tempo derreteu-se e expandiu-se. As horas e os momentos estavam a passar ao mesmo tempo, à mesma velocidade. Nada importava para além deles os dois. Ainda assim, a certa altura, Hazel deu-se conta de que, em pouco tempo, o sol nasceria.

Amaldiçoou-se no preciso momento em que o disse, mas conseguiu

afastar-se dos lábios de Jack apenas o tempo suficiente para murmurar:

– Temos de voltar para Warwick House.

Jack gemeu suavemente, mas soltou Hazel, e reorientaram-se os dois, começando por se lembrarem da razão por que estavam ali. Hazel, ainda a sentir o coração a bater em lugares privados e escondidos no seu corpo, subiu outra vez para a relva para ajudar a completar a missão.

Ainda estava escuro, felizmente, mas o céu começava a clarear no Leste. Tinham de trabalhar depressa.

Num movimento único e confiante, Jack levantou o pedaço partido da tampa do caixão e atirou-o para a superfície.

– O que foi? – gritou-lhe Hazel. – Como é que ela é?

– Hum – respondeu Jack.

Hazel levantou a lanterna e olhou para o corpo que tinham acabado de desenterrar: era uma mulher jovem, mas completamente errada. Era loira – as madeixas estavam emaranhadas em torno de um rosto que não era nada parecido com o da Princesa. Charlotte tinha um rosto redondo e um nariz pequeno e adunco. O rosto de Lucretia Wilkes era comprido como o de um cavalo, com uns olhos grandes e arregalados e uma boca reta e fina como a ferida de uma faca.

– Talvez ela possa usar uma peruca – sussurrou Jack.

Hazel abanou a cabeça. Não ia funcionar. Era impossível. Tinham de começar de novo e desenterrar outro corpo. Mas quantas mulheres jovens recém-enterradas poderiam existir nos cemitérios de Londres? Quais eram as probabilidades de *alguma delas* se parecer o suficiente com Charlotte para passar por sócia? E mesmo que tentassem outra vez (e mais outra vez), quanto tempo demoraria aquele jogo da roleta? As probabilidades de serem apanhados aumentavam a cada nova tentativa.

Hazel tinha deixado a excitação e o otimismo toldarem o seu raciocínio. Tinha feito tudo errado.

– Sai – ordenou a Jack. – Não podemos levá-la.

Jack já estava a içar-se para a relva e, com um suspiro, começou a tapar a cova. Demorou apenas alguns instantes.

– Vamos tentar outro? – sussurrou. – Ainda temos algumas horas antes de amanhecer. – Ele estava a ser delicado; Hazel sabia que não havia qualquer hipótese de terem tempo suficiente para abrir outra sepultura e voltar para Warwick House sem serem detetados.

– Não – disse Hazel, que já tinha começado a andar em direção ao portão do cemitério com o carrinho vazio. – Acho que talvez tenha uma ideia melhor para arranjar um corpo. Mais rápido, e mais eficiente do que abrir sepulturas.

– Como? – perguntou Jack.

– Tu não tens de vir – acrescentou Hazel rapidamente. – Seria incrivelmente arriscado. Não quero colocar-te em perigo desnecessariamente.

– Incrivelmente arriscado, hein? – repetiu Jack, limpando a terra das mãos às calças. – Nesse caso, eu alinho.

Simon estava a cortar ligaduras na enfermaria de Kew quando Hazel e Jack chegaram.

– Graças a Deus que está aqui – comentou Hazel quando o viu na sua bancada de trabalho. – No caminho para cá, percebi que se não *estivesse* aqui, não teria a menor ideia de onde o encontrar.

– Eu moro aqui – disse Simon.

Hazel sorriu.

– Não, estou a falar a sério – disse Simon. – Nuns aposentos no andar de cima. Deram-me alojamento em Kew enquanto eu estava a tratar do Rei. Queriam-me por perto.

– É claro – disse Hazel. – Isso... faz sentido. E como está o Rei?

– Muito melhor. Graças a si, Menina Sinnett. Já está a falar como falava dantes. Claro que ainda vai precisar de muito tempo para recuperar toda a sua força física, mas acho que o tratamento está a começar muito bem.

– Bem, ele tem um médico maravilhoso – disse Hazel.

Jack, atrás dela, pigarreou.

– Oh! –disse Hazel. – Perdoe-me. Dr. Ferris, este é o meu amigo, Jack Cur... Ellis. Jack, este é o Dr. Simon von Ferris, médico pessoal do Rei George.

– Já ouvi falar de si – disse Jack.

– Muito prazer em conhecê-lo, Sr. Kellis.

– *Ellis* – corrigiu Jack. Nenhum deles apertou a mão ao outro.

Hazel quebrou o silêncio confrangedor.

– Simo... Dr. Ferris, por acaso é membro do Colégio Real de Cirurgias?

– Sim, sou membro. – Os seus olhos saltaram de Hazel para Jack, e depois outra vez para Hazel.

– Em Edimburgo, havia uma sala na universidade – foi um amigo que me disse – por baixo da Faculdade de Medicina, onde eram mantidos corpos para os estudantes e os cirurgiões dissecarem. É verdade?

– É. Há uma sala com corpos disponíveis para os membros do Colégio em Londres. Imagino que seja muito parecido com isso.

Hazel olhou para Jack antes de voltar a sua atenção para Simon.

– Não posso dizer porquê. Gostava de poder, mas não posso.

– Do que é que precisa, Menina Sinnett? – perguntou Simon. Parecia mais assustado do que qualquer outra coisa, como se estivesse genuinamente preocupado com a possibilidade de Hazel se encontrar em apuros.

– Precisamos da sua ajuda para roubar um corpo.

Simon ficou a pensar por um momento, enquanto enrolava na perfeição a ligadura que tinha cortado e a adicionava à pilha.

– O corpo tem de ser mesmo roubado? – perguntou cautelosamente. – Eu sou membro do Colégio Real. Os corpos estão disponíveis para meu uso. Posso comprá-lo.

– Ah – exclamou Hazel. Ergueu as sobrancelhas. – Não. Isso... isso funcionaria. Nós podemos... comprar um corpo.

– Talvez eles não tenham sido adquiridos pelo Colégio Real legalmente, mas acredito que eles preferem um sistema em que os médicos e cirurgiões façam vista grossa, por assim dizer. Isso facilita as coisas?

– Facilita – disse Hazel. – Não, quero dizer. Assim não tem de ser roubado.

– Maravilhoso – disse Simon. – Posso levar-vos esta tarde. O Sr. Ellis, claro, é bem-vindo para nos acompanhar se quiser, mas acho que atrairíamos menos atenção se fôssemos só nós dois. Se é uma tarefa secreta com a qual está ocupado....

– Tudo bem – disse Jack. – Posso esperar.

– Ótimo – disse Simon.

Hazel não conseguia acreditar que podia ser assim tão fácil. Depois de passar meses em Edimburgo à procura de corpos ilicitamente, na escuridão da noite, aterrorizada com a possibilidade de serem apanhados por polícias ou ladrões, a tirarem cadáveres nus de caixões partidos, nunca imaginara um mundo no qual poder e estima pudessem permitir que alguém simplesmente... *conseguisse* o que precisava, sem confusões nem medo.

Simon e Hazel foram juntos numa carruagem até ao Colégio Real de Cirurgiões, que ficava na praça pública de Lincoln's Inn Fields. Era um edifício belo e imponente, de pedra branca reluzente, com escadas que conduziam a uma entrada defendida por seis colunas jónicas: um templo à ciência e aos homens que a defendiam.

– Olá, Fred – cumprimentou Simon, dirigindo-se ao homem fardado à porta, que tirou o boné.

– Dr. Ferris.

Simon levou Hazel por uma sala com um teto tão alto que fazia doer o pescoço, revestida de estantes com livros, onde homens fumavam cachimbo sentados em cadeiras de veludo vermelho enquanto liam. Simon cumprimentou alguns deles informalmente enquanto passavam, mas ia a andar depressa, e Hazel estava grata por isso; quanto mais depressa entrassem e saíssem, melhor. A sala dava para um corredor sinuoso.

– Por aqui – disse Simon para Hazel, e passou por uma vulgar porta branca e começou a descer um lanço de escadas. A temperatura caía à medida que eles se afastavam do chão (para ajudar a manter os corpos frios, pensou Hazel), e então, antes mesmo de chegarem à porta seguinte, Hazel sentiu o cheiro: o fedor da morte e da decadência, de carne a apodrecer rígida e depois outra vez mole. Era um cheiro que ela agora conhecia tão bem como o perfume que a mãe costumava usar.

– Está à procura de algum tipo de corpo em especial? – perguntou

Simon, com uma sobrelanceira arqueada. Um funcionário parara ao lado de uma porta do outro lado da sala, a tossir para um lenço sujo.

– Jovem – respondeu Hazel. – Mulher. De 20 e poucos anos, mais ou menos?

Os cadáveres estavam deitados horizontalmente no chão. Hazel levou apenas alguns minutos a encontrar um que era quase uma combinação perfeita para a princesa – nariz curvo, cabelos castanhos, feições suaves. Sob a luz fraca daquele espaço na cave, Hazel achou que ela podia ter sido, se não gêmea de Princesa, pelo menos sua irmã.

– Esta aqui – disse Hazel.

Simon caminhou rapidamente até junto do funcionário e disse-lhe algumas palavras em silêncio. Quando voltou para junto de Hazel, envolveu o corpo que ela tinha escolhido com um lençol e depois atirou-o para cima do ombro, como se não pesasse mais do que um saco de farinha.

– Vamos levá-lo por aquela porta para a rua, por aqui. Podemos pôr uma carroça atrás da carruagem.

– Espere – disse Hazel. Remexeu no bolso à procura da carteira. – Ainda não paguei. Quanto é que devo àquele homem?

– Eu já tratei disso.

– Não, Simon. Este corpo é meu. Por favor. Quanto é que lhe devo, então? – Os dedos dela encontraram as moedas, e ela empurrou uma mão cheia delas para a mão de Simon.

Ele afastou-a.

– Não é nada. Devo-lhe isso e muito mais pela sua ajuda com o arsénico e o mofo no quarto do Rei.

– Eu insisto – disse Hazel.

Simon já estava a meio caminho da sala novamente, quase na porta ao fundo.

– E eu recuso – retorquiu Simon. – Para Warwick House, então. Vamos lá.

Hazel e Simon voltaram juntos para a carruagem com a sua nova

carga bem presa atrás deles. Os seus joelhos tocaram-se enquanto a carruagem abanava pela rua.

– Portanto – disse Simon quando eles continuaram a avançar em silêncio durante alguns minutos –, presumo que o corpo não seja para dissecar e estudar. – Falou, como quase sempre fazia, num tom declarativo.

– Pois não – assentiu Hazel.

– E presumo também que não vai dizer-me para que é o corpo?

– Correto, também. – Houve um momento de silêncio, e outro solavanco nas pedras da rua, e Hazel acrescentou: – Eu quero. Quer dizer, eu *gostava*, mas nada de bom resultaria disso. É... perigoso.

– Perigoso – repetiu Simon suavemente. – Então, ainda bem que veio ter comigo e não tentou roubar um corpo do Colégio Real sem nenhuma razão para isso.

Hazel estava ciente de que as pernas de ambos continuavam a tocar-se, que a mão dele estava pousada na sua coxa e, se ela quisesse, poderia agarrá-la apenas levantando os dedos.

– Obrigada – disse Hazel. – Muito obrigada, mesmo.

Simon não respondeu, mas depois falou. Não perguntou, mas afirmou:

– Está apaixonada pelo marinheiro escocês.

A carruagem deu um solavanco horrível e Hazel quase bateu com a cabeça no teto. Mil respostas diferentes encheram-lhe o cérebro ao mesmo tempo e, quando finalmente recuperou o controlo da fala, disse:

– Ele nem sequer é marinheiro.

– Mas está apaixonada por ele. – Não havia crueldade nas palavras de Simon, nem ciúme ou malícia. Nem sequer havia tristeza; era apenas um homem da ciência a afirmar um simples facto que ele tinha concluído com base na observação.

– Estou – disse Hazel. Não podia mentir-lhe. Ele estava ali sentado, com um rosto tão plácido, iluminado pelo sol da tarde que entrava pela janela. – Ainda não sei se podemos ficar juntos – acrescentou

calmamente.

– Hum – disse Simon.

– É verdade – disse Hazel. – É possível que ele possa... que eu possa não ser capaz de fazer... o que é preciso para termos uma vida juntos. E se eu não puder... acho que vou passar a vida sozinha. Porque ser uma cirurgia é tudo o que sempre quis, e não faz mal se tiver de estar sozinha para o fazer. – Sabia bem dizer aquilo em voz alta. Hazel nem tinha percebido que estava a guardar esses sentimentos bem fechados dentro dela.

– Não devia ficar sozinha – disse Simon. – Devia casar comigo.

Disse-o com tanta naturalidade que Hazel levou alguns segundos a perceber que ele tinha acabado de a pedir em casamento.

Simon reparou no choque no rosto dela e disse:

–Talvez não me ame como ama o seu marinheiro. Mas acredito que um casamento pode ser construído sobre mais do que isso. Pode ser sobre respeito mútuo. A decisão de partilharmos uma vida juntos. Apoiarmos e cuidarmos um do outro. Conversa. Companheirismo.

– Está a *pedir-me* em casamento?

– Sim, estou a pedi-la em casamento.

Hazel riu-se; não conseguiu evitar. Não era engraçado, mas rir parecia ser a única reação que o seu corpo era capaz de ter naquele momento.

– Tem assim tanta piada? – perguntou Simon, sorrindo, mesmo sem entender.

– Eu não posso casar-me! – disse Hazel. – Quero ser uma cirurgia, não uma esposa.

– Também quero que seja cirurgia – disse Simon, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. – Trabalharíamos juntos, como já fazemos tão bem. Praticaríamos medicina lado a lado.

Nessa altura, Hazel viu a bela visão dele: os dois numa casa em Londres com os seus aposentos no andar de cima e um laboratório no andar de baixo, tratando os doentes que chegavam à porta. Ele beijava-a na testa enquanto ela estava a trabalhar, e ela servia-lhe chá

quando ele ficava acordado até muito tarde, e talvez os filhos, com cabelo louro e olhos cor de mel, corressem à volta dos seus pés, a rirem e a tentarem roubar frascos de vidro das prateleiras. Hazel e Simon envelheceriam ao lado um do outro, vendo as rugas aprofundarem-se no rosto um do outro como um espelho. O cabelo dele passaria de loiro a branco, e os seus filhos cresceriam e teriam os seus próprios filhos. Ele mostrar-lhe-ia a Suécia e ela mostrar-lhe-ia Edimburgo, e seriam famosos, aclamados, celebrados, e talvez até apaixonados. Era possível, não era?

Mas, em tudo o que ela imaginava, havia sempre um fantasma no canto da sala, uma figura de cabelo escuro e com um sorriso que fazia o estômago de Hazel dar um nó. Hazel queria desesperadamente ser o tipo de pessoa que podia ter aceitado aquele futuro maravilhoso com Simon von Ferris. Mas o seu coração seria sempre de Jack. E, por isso, quando a carruagem parou no fim de Pall Mall, Hazel voltou-se para Simon, e ele soube a resposta dela antes mesmo de Hazel dizer uma única palavra.

– Eu compreendo – disse Simon. – O amor é um nó difícil de desfazer.

– Pois é – confirmou Hazel.

Continuaram sentados dentro da carruagem.

– Espere – disse Simon, e o coração de Hazel batia cada vez com mais força no seu peito, apesar de ela não ter a certeza do que queria que ele dissesse. – Se o que vai fazer com o corpo é secreto, talvez seja uma loucura levá-lo até à porta. Era melhor disfarçá-lo. Talvez comprar uma manta para pôr à volta dele.

Ele tinha razão. Disse algumas palavras rápidas ao cocheiro e, apenas alguns minutos depois, Hazel estava no mercado a pagar uma manta feia e ornamentada que não tinha pena que ficasse estragada com os fluidos e a bÍlis de um corpo em decomposição.

Simon ajudou Hazel a embrulhar o corpo com a manta quando chegaram pela segunda vez ao seu destino.

– Foi uma grande ideia – disse Hazel. Claro que podiam ter

esperado até ao anoitecer, ou ter entrado sorrateiramente pela entrada dos criados, mas Pall Mall estava iluminada com candeeiros a gás toda a noite, e bastaria um morador errante olhar de relance pela janela para notar algo suspeito. Assim, parecia apenas que a Princesa tinha comprado uma peça de mobiliário.

– Eu sei – disse Simon.

Jack já estava em Warwick House, de pé na varanda, com a mão em concha sobre a testa para bloquear o sol e a ver Hazel e Simon a prepararem o corpo para ser entregue.

– É uma cirurgiã e uma médica muito talentosa – disse Simon. – Espero que o que quer que vá fazer com este corpo resulte como está a planear.

– Obrigada, Simon.

Beijou Hazel em ambas as faces.

Jack levou a manta para dentro e Hazel esperou nas escadas de Warwick House, enquanto Simon partia na carruagem de regresso a Kew. Talvez esperasse que Simon se voltasse para a ver ou a chamasse pela janela, mas não o fez.

– Anda – disse Jack, por fim, voltando para a porta depois de ter deixado o corpo na cama de Charlotte. – Já estamos todos cá dentro.



A Princesa Charlotte inclinou-se para perto da sua dupla morta, que estava deitada na sua cama, com um dos seus vestidos.

– A cor dos olhos é errada. – Abriu um dos seus olhos para o demonstrar: – Estão a ver? Os meus são azuis. Os dela são castanhos.

– Posso coser os olhos – disse Hazel. – Um ponto escondido. Ninguém vai dar por nada.

A Princesa acenou com a mão e continuou o seu exame cuidadoso.

– Os membros são bons... talvez um pouco mais estreitos do que os meus, mas eu posso ter emagrecido com a minha doença. – Deu a volta à cama. – Os pés dela são grandes. – Era verdade: os pés da

mulher morta eram alguns centímetros maiores do que os da Princesa Charlotte. Tinham escolhido um par de chinelos macios de Charlotte, e Hazel e Jack estiveram vários minutos a suar para apertarem os pés no tecido, para que os chinelos não caíssem. – Mas, tirando isso – concluiu a Princesa –, tem uma semelhança notável.

Eliza tinha penteado o cabelo da morta com os caracóis pelos quais a Princesa era mais conhecida, e aplicara-lhe cosméticos no rosto da mesma forma como a Princesa os usava. De longe, seria quase impossível distinguir as duas; de perto, continuavam a ser muito parecidas – certamente convincentes para quem acreditasse que a Princesa tinha sofrido de uma doença estranha, que a deixara ligeiramente distorcida.

A Princesa já tinha vestido um simples vestido preto, um vestido de criada. Iria fazer-se passar por criada de Eliza enquanto atravessavam o Canal da Mancha para França, e depois viajariam pelos Países Baixos e pela Prússia até à Baviera. Na noite anterior, tinha despedido todos os seus criados em Warwick House, e Hazel tinha sussurrado estrategicamente à criada da cozinha que ela sabia ser a que mais gostava de coscuvilhices que a Princesa tinha uma doença altamente contagiosa.

– Bem – disse Charlotte. – Então, acho que é tudo.

Já tinha feito a mala com as poucas coisas mais preciosas que possuía, juntamente com um grande punhado de notas que utilizaria para viajar. Assim que tinham delineado o plano, a Princesa começara a presentear Eliza e Hazel, de forma a dar nas vistas, com joias, para que ninguém desse o alarme quando elas desaparecessem.

Não havia mais ninguém de quem a Princesa quisesse despedir-se: Hazel sabia, tal como todo o país, que o casamento litigioso entre o Príncipe Regente e a sua mulher significava que a mãe de Charlotte, a Princesa Caroline de Brunswick, tinha fugido para Itália há alguns anos para se divertir com um grupo de amantes, abandonando a sua única filha.

– Não se importa de enviar esta carta, Hazel Sinnett? – disse

Charlotte, estendendo-lhe um bilhete endereçado com uma letra linda à Rainha, avó de Charlotte. – É só um pequeno bilhete. Acho que, se estivesse realmente a morrer, gostaria de dizer à minha avó que a amava.

Eliza apertou a mão de Charlotte

– Ela sabe que a ama. – Num impulso, a Princesa pôs os braços à volta de Hazel e abraçou-a com força.

– Obrigada, Hazel – disse-lhe. – Obrigada por ter salvado a minha vida.

– Agora, só esperamos que isto dê certo – disse Eliza.

– Vai dar – respondeu Charlotte. – Sei que vai.

Pegou em Edwina e apertou a cachorrinha contra o peito.

– Anda, minha menina – cantarolou. – Está na hora de irmos viver uma aventura.



Hazel e Jack voltaram juntos para os aposentos dela. Na manhã seguinte, Hazel iria «descobrir» a Princesa morta, e depois disso não haveria volta a dar.

No quarto de Hazel, Jack abriu o laço da parte de trás do vestido de Hazel. Ela estava apenas com o espartilho e as meias, e a sua pele arrepiou-se quando a brisa da janela aberta a tocou. Jack passou-lhe as mãos pelos ombros e pelas costas. As mãos dele eram firmes e ásperas com calos, mas ele tocava-lhe tão suavemente que quase a fazia chorar. Enterrou a cabeça no cabelo dela e na curva do seu pescoço, enquanto lhe tirava a camisa dos ombros. A respiração dele estava quente de desejo.

Jack tinha ficado mais forte no tempo em que estivera longe dela: os seus braços, outrora esguios, estavam agora duros, com músculos, como uma corda. A pele estava marcada por arranhões e queimaduras brancas e brilhantes como tatuagens; Hazel queria conhecê-lo novamente, cada parte dele, como outrora conhecera. Beijaria cada

nova cicatriz.

Quando Hazel se reclinou na cama, com a sua pele nua a brilhar sob a luz da vela, Jack pôs-se em cima dela. Fez com que ela se sentisse pequena, envolvendo-a nos seus braços, e Hazel passou os dedos pelos seus espessos cabelos negros e pressionou-se ainda mais contra ele. Jack ia sussurrando o nome dela, até que se tornou um cântico, apenas sons, sem significado, ao ritmo da batida do seu coração. *Hazel. Hazel. Hay-zel. Haze-el.*

Antes de adormecerem, Jack enrolou o seu corpo à volta do de Hazel, abraçando-a por trás e respirando no seu cabelo.

– Já pensaste no que vai acontecer?

Hazel voltou-se para o encarar e tirou a almofada do caminho para poder vê-lo melhor.

– Claro – respondeu. – Pensei em todos os aspetos deste plano. A princesa está certa. Vai funcionar.

– Não – disse Jack. – Estou a falar do que vai acontecer-te. Com a Princesa morta... Quero dizer, ela é tão amada, não é? As pessoas vão ficar perturbadas. Tu és a médica dela.

Hazel engoliu em seco. Era a parte de todo o plano que lhe deixava um nó na garganta. Jack estava certo: as pessoas ficariam desesperadas com a morte da Princesa. Ela era a sua jovem, bela e liberal esperança para o futuro. Quem sabia o que o futuro reservava, quem seria o próximo herdeiro do trono? O desespero transformar-se-ia em raiva, e grande parte dela seria canalizada contra Hazel, a médica que a deixara morrer. Isso mancharia para sempre a reputação de Hazel, dissipando completamente o brilho de respeito e estima que a cercara depois de ter curado a Princesa da primeira vez e ter ajudado Simon a tratar o Rei.

Depois do dia de amanhã, Hazel já não seria uma celebridade médica; podia até ser considerada uma pária.

– A Charlotte é uma pessoa – disse Hazel, por fim, tanto para si mesma como para Jack. – Merece ter uma vida com a pessoa que ama. Uma vida que lhe pertença. Esta é a coisa certa a fazer. Além disso, eu

consegui chegar até aqui, não consegui? Aconteça o que acontecer, hei de arranjar uma solução. Arranjo sempre.

Jack afastou-lhe um cabelo da cara e prendeu-o atrás da orelha.

– Já te disse hoje como és linda? – perguntou Jack.

Tinha a barriga nua e descoberta, com as costelas e os músculos estriados sob a sua pele. Havia hematomas e cicatrizes novas pelo seu corpo, que Hazel não tinha visto desde a última vez em que tinham estado juntos.

– Vais continuar a amar-me mesmo quando toda a Inglaterra me desprezar? – disse Hazel.

– Nós somos escoceses, Hazel – disse Jack, com um sorriso a rasgar-lhe o rosto. – Se a Inglaterra te odiar, nós também podemos odiá-la. – Hazel sabia que se Jack não tivesse estado com ela naquela noite, ela não teria sido capaz de dormir. Mas, de alguma forma, nos braços dele, acabou por adormecer um pouco depois da meia-noite, esperando pela manhã que mudaria o mundo.

The London Morning Chronicle

27 de agosto de 1818

FALECIMENTO DE SUA ALTEZA REAL A PRINCESA CHARLOTTE

Temos hoje o dever de dar a conhecer aos nossos leitores o falecimento de Sua Alteza Real a Princesa Charlotte. Esta jovem, bela e interessante Princesa sobreviveu a surtos de febre romana em anos anteriores, acabando por sucumbir a uma doença misteriosa que a afligiu nos últimos meses.

O choque que este acontecimento inesperado e angustiante causou esta manhã aos leais e afetuosos habitantes da Metrópole não pode ser adequadamente descrito, e será igualmente sentido em todos os recantos dos Domínios de Sua Majestade. As suas amáveis virtudes – a brilhante promessa dos primeiros anos da sua vida, a sua futura felicidade conjugal com o Príncipe Herdeiro de Orange, a imagem edificante de benevolência exemplar que ela apresentava, os seus bem conhecidos princípios constitucionais, bem como as elevadas considerações políticas dependentes da sua vida, tudo se conjuga para tornar a sua morte prematura uma calamidade que deve envolver o Império numa tristeza universal. Todos os corações participam no sofrimento do seu inconsolável futuro marido, cuja dor é agora indizível. Sua Alteza, o seu Pai está também, segundo sabemos, mergulhado no mais profundo sofrimento.

A Princesa tinha sido tratada pela cirurgiã Hazel Sinnett, que

descobriu o seu corpo esta manhã, às sete horas, e que depois mandou informar Sua Alteza Real o Príncipe Regente desta lamentável tragédia.

A dor e a tristeza universalmente expressos nos semblantes de todos eram o melhor testemunho do carácter da falecida. A influência do acontecimento fez-se sentir na Bolsa de Valores, que considerou que ele era suscetível de afetar a prosperidade nacional, tendo os fundos sofrido uma desvalorização acentuada. Por toda a parte, as lojas fecharam voluntariamente e todos os negócios foram suspensos, exceto, lamentamos dizê-lo, o da venda de jornais por corneteiros nas ruas – um escândalo que foi reprovado por todos. Considerou-se que a triste notícia correria suficientemente depressa, sem tal indecente clamor.

A ordem de sucessão à Coroa é agora perturbada pela sua morte; e pela idade dos Príncipes na ordem de sucessão, e pelo estado da ilustre família, ocorrerão apreensões a todas as mentes leais. A oração mais sincera da nação será que uma aliança precoce de um dos Príncipes solteiros possa ser imediatamente estabelecida.

Bastou uma hora para que toda a cidade ficasse envolta em preto. Hazel foi para Warwick House às sete da manhã e mandou avisar Carlton House e Buckingham de que a Princesa tinha morrido. Às dez horas, todas as casas de todas as ruas tinham um pano preto pendurado na janela. Ao meio-dia, todos os vendedores de fazendas e costureiros de Londres estavam a informar que tinham esgotado os tecidos de luto. O choro era audível nas ruas, assim como os gritos dos jovens rapazes vendendo à pressa jornais impressos com a tinta ainda fresca a manchar-lhes os dedos.

Hazel permaneceu em Warwick House, cumprimentando e acalmando os vários membros da família real alargada e do Parlamento que chegaram para apresentar as suas condolências. O noivo de Charlotte, o Príncipe Herdeiro de Orange, estava presente, tentando ser o centro das atenções e falando alto sobre as virtudes da bela Princesa. Hazel olhou para o relógio na parede: se tudo tivesse corrido de acordo com o plano, Eliza e a verdadeira Charlotte já estavam a bordo de um navio em Dover com destino a Calais.

Ninguém tinha permissão para entrar no quarto da Princesa até que o Príncipe Regente chegasse. Estava todo de preto e cabisbaixo. Pelo seu especto, tinha envelhecido uma década de um dia para o outro: o seu rosto, normalmente empoado e maquilhado, estava despojado, e o seu cabelo parecia fino e despenteado. Ignorou os membros da corte que se curvaram quando ele entrou, que tentaram tocar-lhe no ombro ou falar com ele. Em vez disso, o Príncipe Regente caminhou diretamente para junto de Hazel Sinnett – tão rapidamente que o secretário particular que caminhava um passo atrás dele tropeçou, ao tentar acompanhá-lo.

– Quero ver a Princesa – disse o Príncipe Regente.

Hazel levou-o para dentro do quarto. Ela tinha mantido propositalmente uma iluminação fraca, com algumas velas colocadas ao redor da cama, mas não candeeiros – mas não precisava: o corpo estava inchado e arroxado, no estado de decomposição normal mais de um dia após a morte, com o rosto contorcido. Com um vestido e as joias da princesa, era impossível imaginar que mesmo a verdadeira Charlotte teria um aspeto muito diferente se tivesse morrido. O Príncipe estendeu a mão, como se fosse tocar-lhe no rosto, mas depois voltou-se.

– A minha única filha – disse em voz baixa. – A minha linda filha.

O seu secretário privado tinha-se esgueirado pela porta atrás do Príncipe Regente. Girou sobre os calcanhares em direção a Hazel, com os olhos a estreitarem-se de raiva, e sibillou:

– *A culpa é tua. Mataste a Princesa!*

– Tenho a certeza de que ela fez o melhor que pôde, Hornsby – murmurou o Príncipe Regente. – Talvez a culpa seja minha, por ter contratado uma cirurgiã.

– A culpa *nunca* é sua, Alteza – arrulhou o secretário particular. – Como poderia saber que ela seria uma *incompetente*?

Hazel abriu a boca como se fosse protestar, sem saber exatamente o que dizer, quando alguém bateu suavemente à porta.

– Finalmente! – suspirou o secretário particular.

Simon von Ferris entrou no quarto devagar, como se tivesse medo de assombrar um animal assustado do outro lado.

– Alteza Real – disse, fazendo uma vénia ao Príncipe Regente. – Menina Sinnett.

A Hazel, o Príncipe Regente disse:

– Pensei que podíamos trazer o Dr. Ferris para examinar a Princesa. Examinar o... corpo. Ver se ele é capaz de descobrir como ela... como ela... – Um soluço silencioso apoderou-se dele.

O secretário particular parecia que daria tudo no mundo para poder reconfortá-lo, mas é claro que tocar num membro da realeza era estritamente proibido. E assim, em vez disso, ele apenas continuou

a olhar para Hazel como se quisesse matá-la.

– Sim, com certeza, Alteza –disse Simon, e aproximou-se da mulher morta deitada na cama. Todos os músculos do corpo de Hazel se retesaram ao mesmo tempo; ela tentou relaxar o rosto, para parecer natural. Simon levou o seu tempo. Tocou nos olhos da mulher (seria que ele ia perceber que estavam cosidos? Quase de certeza que sim) e sentiu o inchaço no pescoço dela. Levantou-lhe suavemente a mão, e depois baixou-a. Deu a volta à cama até ao outro lado e repetiu o processo. Não havia maneira de Simon não reconhecer o corpo que ele próprio tinha comprado e ajudado pessoalmente a entregar em Warwick House.

– Então? – perguntou o Príncipe Regente. – Qual é a sua opinião?

Os olhos de Simon mal olharam para Hazel antes de voltarem para o Príncipe Regente.

– A Princesa está morta – disse.

– Nós sabemos que ela está morta! – disse o secretário particular com raiva. – Do que é que ela morreu?

Desta vez, os olhos de Simon fixaram-se nos de Hazel. Ela tentou silenciosamente implorar ajuda.

– A minha estimativa? Doença sanguínea alpina. Incrivelmente rara. Sim, de facto, tenho a certeza disso. A Princesa morreu com a doença do sangue alpino. Os sinais são muito claros.

– Doença do sangue alpino? – repetiu o Príncipe Regente. – Nunca ouvi falar disso.

Nem Hazel. Tinha assumido como sua missão, no último ano, ler todos os livros de medicina que pudesse arranjar e nenhum deles alguma vez mencionara, ou sequer aludira, a *qualquer coisa* sobre sangue alpino. Simon tinha inventado uma coisa qualquer. *Obrigada*, disse-lhe ela em silêncio.

– O que é isso?! – perguntou o secretário particular, apontando para uma grande cicatriz ao longo da mão direita da falsa Princesa. Parecia a cicatriz de um ferimento de faca. Hazel não tinha reparado naquilo. Como é que eles não tinham reparado? – A Princesa nunca

foi atacada ou mutilada!

– Oh – disse Simon, falando devagar, dando ao seu cérebro tempo para preencher os espaços em branco da frase enquanto a formava. – As cicatrizes são, de facto, o efeito mais comum da doença sanguínea alpina. Elas simplesmente... aparecem. É muito normal que o corpo, depois da morte, apresente algumas marcas estranhas e invulgares deste tipo.

O secretário particular suspirou de forma audível.

– O que *eu* gostaria de saber – disse ele – é como é que a *Menina Sinnett* não reconheceu uma doença tão facilmente identificável. A sua falta de cuidados adequados é responsável pela morte de uma Princesa. Se Sua Alteza Real tivesse sido tratada pelo Dr. Ferris ou por outro médico *masculino* competente, custa-me a crer que ela hoje não estivesse connosco, a poucos dias de celebrar o seu casamento!

Hazel começou a falar, mas foi interrompida por Simon.

– Na verdade – disse Simon –, a Menina Sinnett e eu trabalhámos de perto no tratamento da Princesa, tal como trabalhámos de perto no tratamento de Sua Majestade, o Rei. A Menina Sinnett sugeriu que a Princesa estava a sofrer da doença sanguínea alpina há semanas, mas eu rejeitei a sua teoria. Incorretamente, ao que parece.

– Ah – exclamou o secretário particular. – Bem, mesmo assim...

– Obrigado – disse o Príncipe Regente a Hazel. – E a si, Dr. Ferris, pelo seu tempo. Não o culpo pelos caminhos insondáveis de Deus e pelas tragédias que ele escolhe para sofrermos. Se me derem licença, gostaria de ir para casa agora.

Hazel e Simon curvaram-se enquanto o Príncipe Regente saía, com o secretário particular a correr atrás dele, com um ar de quem tinha mais coisas que estava desesperado por dizer, mas sem uma desculpa para o fazer.

– Simon – disse Hazel quando a porta se fechou atrás deles e ficaram sozinhos no quarto. – Obrigada. *Obrigada*. Não precisava de ter feito isso! A sua reputação...

– ... vai continuar a ser boa. E é menos frágil do que a reputação

da primeira e única mulher cirurgiã com uma nomeação real. – Simon demorou-se junto da secretária da Princesa, pegando e rolando nos dedos uma das suas canetas. – Eu não tentei ser gentil. Se a culpassem, isso iria atrasar as centenas de jovens mulheres que querem seguir o seu caminho na área da medicina. O seu sucesso é o sucesso delas, e o seu fracasso é o fracasso delas. Agora é maior do que si mesma. Não é justo ser um símbolo, Hazel, quando é muito mais fácil ser uma pessoa.

– Não – disse Hazel. – Não é.

– E – acrescentou Simon, pondo a caneta outra vez no sítio dela. – Ambos sabemos muito bem que não foi culpada da morte prematura e trágica da Princesa.

– Obrigada – disse ela de novo, e com toda a sinceridade. Estava-lhe mais grata do que ele podia imaginar.

– Além disso – disse Simon –, estou a planear regressar à Suécia. Já não me interessa o que estes ingleses pensam de mim. Tenho saudades da minha família. Os meus irmãos estão a tornar-se homens sem mim.

– Tenho a certeza de que eles também sentem a sua falta – disse Hazel.

– Pois sentem. E eu sinto falta do frio. Aqui chove de mais. É demasiado sombrio. O frio é estimulante, e quando o sol se reflete na neve, é a imagem mais bonita do mundo. – Simon endireitou-se e prendeu uma madeixa de cabelo que lhe tinha caído sobre o rosto. – Não sei aonde a sua viagem a levará, Hazel, mas se passar por Estocolmo, por favor, vá cumprimentar-me.

– Assim farei – disse Hazel.

– Acredito que fará grandes coisas. – E disse aquilo como tinha dito quase tudo, como a simples constatação de um facto. Não havia condescendência, nem qualquer tentativa de galanteio. Era apenas Simon a dizer aquilo que acreditava ser verdade.

– Bem, sinto que é isso que tenho de fazer – disse Hazel. Tirou a sua mala de médica da mesa e segurou-a de frente para Simon, com as iniciais H.S. visíveis na superfície de couro. – E sinto que é meu dever

honrar esta mala.

Simon beijou Hazel nas faces e apertou-lhe as mãos nas suas.

– Espero que o seu amor pelo marinheiro seja sempre suficiente – disse. – E espero que seja feliz.

– Alguém é realmente feliz? – perguntou Hazel.

– Pessoas como nós? Pessoas muito inteligentes? Quase nunca. Mas quem sabe? Talvez sejamos as exceções. – Piscou os seus olhos castanhos brilhantes, e Hazel soube que um dia ele seria um marido maravilhoso para outra pessoa. – É muito difícil tratar a doença do sangue alpino, sabe – disse Simon quando ia a sair.

– Pois é – respondeu Hazel. – Quase impossível. Mas eu li que a cura pode ser uma vida tranquila passada na Baviera.

– Hum – disse Simon, acenando contemplativamente com a cabeça. – Sim, acho que isso pode ser o suficiente.

E desapareceu pela porta, dissolvendo-se com a sua bata preta de médico entre a multidão de pessoas de luto que estavam lá fora.

*Excerto da Peregrinação de Childe Harold,
canto 4, estrofes 167 –168,
«Morte da Princesa Charlotte,» por Lorde Byron*

*Ouvi! Fora do abismo uma voz surge,
Baixo murmúrio ao longe de um som lúgubre,
Qual se ouve, quando de algum povo corre
Por profunda incurável chaga o sangue;
Rasga-se o chão com tempestade e trevas;
Espectros na voragem se acumulam,
Porém o principal régio se ostenta.
Bem que a coroa não lhe cinja a fronte:
Pálida já, porém formosa ainda,
Ela com dor materna abraça o infante,
A quem seu seio dar não pode alívio*

*Onde estás de reis, Ó prole augusta?
Morreste, ó tu dos povos a esperança?
Não podia esquecer-te a tumba, e em terra
Prostrar cabeça menos majestosa,
Menos amada?*

O clima de luto tinha invadido Londres e impregnado os Companheiros da Morte no seu antro nos Sete Relógios de Sol. Na lareira, as brasas ardiam baixas e infelizes, mais cinzas e fumo do que chama. A Sra. Thire, envolta num véu negro que se estendia até aos tornozelos, bebia chá de uma pequena chávena de porcelana; Banneker olhava fixamente para o longe, com a cabeça apoiada nas mãos; Charles Armitage Brown lia e relia um jornal, como se, examinando-o com atenção suficiente, pudesse desvendar uma versão alternativa dos factos, na qual a Princesa pudesse ainda estar viva, ou então descobrir que tudo não passara de uma partida cruel.

Byron estava sentado de lado numa cadeira, com as duas pernas apoiadas nos braços, de sobrolho franzido.

– Que infelicidade – disse. – O nosso belo sonho romântico, acabado! Que esperança resta agora aos Whigs?

Marie-Anne tinha estado a escrever num grande livro de contabilidade, mas levantou os olhos ao ouvir o lamento de Byron.

– Vamos fazer o que sempre fazemos – disse.

– E o que é? – perguntou Byron. – Escrever poesia? Tenho andado a fazer isso.

– Olhar para o futuro, claro – disse Marie-Anne. A sua voz era leve e musical, quase como se estivesse a cantar. – A Princesa está morta. O Príncipe Regente – ou suponho que agora pode ser apenas o Príncipe outra vez – tornar-se-á Rei, como sempre esteve previsto. E, agora, um dos seus irmãos mais novos terá de casar e ter um filho legítimo que um dia será Rei ou Rainha. Talvez o Duque de Clarence nos dê um herdeiro. Ou de Cambridge. Ou de Kent. Paciência, George. As coisas agora estão complicadas, mas ainda não acabaram.

– Mas quanto tempo é que isso vai demorar? – perguntou Byron.

– O tempo que for preciso – respondeu Marie-Anne.

Quando Hazel chegou, toda a sala se virou para ela. Ninguém disse uma palavra. O silêncio durou tanto tempo e era tão pesado que Hazel pigarreou desajeitadamente.

– Gostava de ter sido capaz de fazer mais – disse, por fim. – Sinto... muito.

Foi Banneker quem se levantou e bateu no ombro dela.

– Temos a certeza de que fez tudo o que podia – disse ele calmamente, mas sem olhar diretamente para ela.

Byron fez um risinho de troça.

Hazel aproximou-se de Marie-Anne Lavoisier, andando suavemente. Teve o cuidado de não deixar a sua voz subir além de um sussurro, com medo de perturbar a sala mais do que já tinha.

– Estava a pensar se poderia usar algum do equipamento do laboratório lá de cima para a minha própria investigação.

– Claro – disse Marie-Anne. – Com toda a certeza.

– Demasiado tarde para encontrar uma cura! – gritou Byron do outro lado da sala. Hazel ignorou-o.

– Também estava a pensar – acrescentou, com o coração a bater com força –, se podia ficar com uma amostra da Tintura para trabalhar.

Marie-Anne limpou o bico da caneta e pousou-a ao lado do livro.

– Menina Sinnett – respondeu –, por muito feliz que esteja com a sua paixão pela investigação, o Antoine e eu estabelecemos entre nós uma lei inquebrantável de nunca ensinar nem partilhar a fórmula da Tintura. Por isso, se tem esperança de a replicar...

– Não – contrapôs Hazel rapidamente. – Não é isso. Eu quero desfazer o seu efeito.

– O marinheiro – disse Marie-Anne.

Não adiantava mentir.

– Sim.

Se Hazel tivesse acesso à Tintura, se ela pudesse saber, não como fazê-la, mas ao menos como funcionava, teria uma hipótese de

compreender como anulá-la. Já tinham passado vários meses desde a aparente morte de Beecham, e não havia qualquer indício de que tivesse aparecido algum familiar de Beecham na Europa, ou que algum jovem cirurgião tivesse emergido da obscuridade com capacidades que superassem a sua suposta experiência. Hazel achava cada vez mais fácil convencer-se de que ele tinha realmente morrido. E se Beecham tinha sido capaz de acabar com a sua imortalidade e a sua vida, Hazel poderia tornar Jack outra vez mortal.

Marie-Anne levantou-se.

– Suponho que, como membro dos Companheiros da Morte, mesmo que parcialmente, tenha direito a um frasco, para fazer o que quiser. – Tirou a chave de baixo da camisa, onde estava pendurada numa corrente ao redor do pescoço. – Vou abrir o armário.

Hazel seguiu a química pelas escadas a rangerem até ao laboratório. Pensou se também Marie-Anne estaria ressentida com ela pela morte da Princesa, se a culpava por não a ter tratado devidamente, apesar da notícia de que a «doença do sangue alpino» era tão rara e fatal que nenhum tratamento teria sido eficaz. Ou talvez Marie-Anne soubesse que havia algo de errado com a história. A cada degrau que subia na escada, Hazel tinha de certa forma a sensação de que estava a caminhar para uma armadilha.

Mas, não, o laboratório estava vazio: nem mesmo Antoine estava lá. As experiências dele estavam bem guardadas, e as mesas estavam limpas e o sol entrava claro e brilhante através do vidro curvo das janelas. A sala estava quente; o vidro continha o calor como uma estufa.

O armário era grande e imponente, de madeira preta e mais alto do que Hazel e Marie-Anne Lavoisier. A fechadura era de latão manchado e verde com patina. Marie-Anne inseriu a chave e rodou-a para o lado.

Lá estavam eles: uma dúzia de frascos de Tintura. Hazel já os tinha visto muitas vezes, mas nunca deixava de ficar fascinada pela sua cor impossível, preta e dourada ao mesmo tempo. Era um líquido, mas

parecia girar como gás. Deixava um brilho leitoso nos lados do frasco.

O armário tinha mais prateleiras: uma fila inteira no fundo era dedicada à Tintura amarelo-ouro diluída em frascos com conta-gotas, a fórmula que permitia reanexar membros mortos.

Depois havia várias filas de gavetas, pequenas como as de um boticário, ordenadamente rotuladas com uma letra que Hazel agora reconhecia como a de Marie-Anne. Hazel avançou mais um passo. Havia um cheiro, um cheiro familiar a terra e a decomposição vindo do armário, um cheiro ainda mais forte devido ao calor do verão.

– Aqui está – disse Marie-Anne, tirando um frasco de Tintura do armário e segurando-o para Hazel. A tampa estava selada com cera preta. – É seu para fazer o que quiser. Mesmo que queira desperdiçá-la em experiências que não darão em nada.

Mas Hazel estava distraída. O cheiro era tão familiar, como um sonho esquecido, mas não conseguia localizá-lo. E vinha de uma das gavetas minúsculas do armário.

– O que guarda aí dentro? – perguntou Hazel.

Marie-Anne pestanejou.

– Vários químicos para as nossas experiências. Linimentos. Ervas. Minerais. Eu e o meu marido somos químicos, Menina Sinnett.

Hazel não conseguiu conter-se. O cheiro era cada vez mais forte, a zumbir na frente do seu cérebro como uma sirene, e como se fosse um sonho, deu consigo a estender o braço para uma das pequenas gavetas de madeira antes que Marie-Anne pudesse protestar, e abriu-a.

Era bolor. Esporos felpudos em ácido verde e preto, agarrados a todas as superfícies do interior da gaveta. Era mofo, vivo e a respirar, nocivo e pungente, e Hazel soube imediatamente onde tinha sentido o cheiro antes. A resposta estava escrita na etiqueta na parte da frente da gaveta, com a letra perfeita e elegante de Marie-Anne Lavoisier: Kew.

– Vocês – disse Hazel, puxando a gaveta completamente para fora e deixando-a cair no chão. O bolor saltou de lá de dentro e espalhou-se pelo chão. – Vocês... estavam a envenenar o Rei. Estava a fazê-lo

enlouquecer.

– Não seja tola, Menina Sinnett – ripostou Marie-Anne, mas a sua expressão não dava qualquer sinal de que achasse que ela tinha dito uma piada.

– Colocou o bolor nas paredes dele. Sabia o que ia acontecer com o arsénico no papel de parede. Claro que sabia. Provavelmente até pôs o papel de parede no quarto dele! A Anne-Marie ou outro dos seus... dos seus Companheiros.

Marie-Anne suspirou. Baixou-se, tornou a guardar os esporos de mofo caídos na gaveta e encaixou a gaveta no respetivo lugar no armário. Hazel deu um passo para trás enquanto Marie-Anne limpava placidamente a poeira e os detritos das mãos.

– Deixe-me explicar-lhe uma coisa – disse Marie-Anne. – No início, quando a Revolução começou em França em 1789, eu e o Antoine ficámos entusiasmados. Estávamos todos a ver a mudança acontecer à nossa volta. Seria uma nova era de razão e ciência! Vimos as peixeiras marcharem sobre Versailles com as suas lanças; as cabeças dos guardas reais a pingarem sangue sobre as massas felizes lá em baixo e, mesmo assim, pensámos que a raiva do povo se justificava, que o rei e a elite tinham abusado do seu poder e roubado demasiado ao país que agora exigia algo em troca. Houve uma altura, em 1791 ou 1792, antes daquilo a que hoje se chama o Reino do Terror, em que eu e o Antoine podíamos ter fugido do país. O Rei Luís e Maria Antonieta estavam presos, em Paris, mas estavam vivos. O povo estava a negociar uma nova forma de governo, uma nova França, nascida do Iluminismo. E sabíamos que as pessoas estavam zangadas com aqueles que tinham beneficiado do Antigo Regime, pessoas como o Antoine e eu. Mas o Antoine era membro da Académie des Sciences. Ele queria proteger o que tinha construído, está a perceber? Era um servo, não do rei, mas do povo. Vieram buscá-lo na primavera de 1794. Em Paris, havia narcisos e junquinhos a florir, lembro-me disso, no dia em que foram buscá-lo. Levaram-no, e ao meu pai, e a 20 outros homens e cortaram-lhes a cabeça na rua e aplaudiram. Aplaudiram, Menina

Sinnett, quando a cabeça do meu Antoine caiu. – Eu respeito o povo – continuou Marie-Anne. – Uma nação deve estar ao serviço do seu povo, e o seu governo deve representá-lo. O nosso país não deve, como os conservadores preferem acreditar, ser liderado por um déspota. Eles pensam que o punho forte de um rei conduzirá à segurança e à ordem. Vi em primeira mão que isso não é verdade.

– Então, tentou matar o Rei George? – disse Hazel. – Porque odeia a monarquia?

Marie-Anne olhou para Hazel com uma preocupação terna.

– Não – respondeu. – Claro que não. Se quiséssemos o Rei George morto, ele estaria morto. Nós só o queríamos controlado. É um equilíbrio preciso e delicado, sabe. Um rei demasiado forte e o povo revolta-se. Um rei totalmente destituído... e reina o caos. Uma nação precisa de um líder, mas também precisa de ser controlada, por quem tem visão e inteligência. O Príncipe é um palhaço, sabe-o bem. Impopular e mal-amado. Mas fácil de controlar e fácil de dominar. E... – passou o dedo pela lâmina de um bisturi – depois do Príncipe, teríamos tido Charlotte. A pobre, brilhante e condenada Charlotte. Educada para compreender o papel de um monarca num mundo moderno. Para servir o povo.

Marie-Anne pegou no bisturi e examinou a sua ponta afiada.

– Uma vida longa dá-nos perspetiva, Menina Sinnett. As coisas parecem... mais pequenas. Podemos ver a tapeçaria inteira enquanto os pontos estão a ser dados, entende? E, assim, com esse poder particular vem um dever muito específico. Os Companheiros da Morte têm um objetivo: conduzir a Nação. Suavemente, note-se. Mas conduzi-la, tal como um cocheiro faria com um cavalo de raça. Para os cavalos irem pelo caminho certo, precisam de rédeas, de comando.

Marie-Anne diminuiu a distância entre ela e Hazel, ainda com o bisturi na mão.

– Que pena a Inglaterra ter perdido a Princesa. Que *pena* –disse, pronunciando cada sílaba. A língua dela deslizava sobre as palavras. – «Doença do sangue alpino», foi isso?

– É o que eles dizem – respondeu Hazel, forçando-se a não parecer nervosa, a manter uma postura reta. O seu coração estava a bater com tanta força que ela pensou se Marie-Anne conseguiria ouvi-lo. Pensou se Marie-Anne conseguiria ver a mentira nos seus olhos, a dilatação das suas pupilas, o pestanejar rápido.

E então a mão esquerda de Marie-Anne rodeou o pescoço de Hazel. E *apertou-o*.

Hazel susteve a respiração. O rosto dela estava quente e vermelho; os tendões do pescoço faziam pressão contra a mão de Marie-Anne. Tentou agarrar a mão de Marie-Anne, mas toda a sua força tinha desaparecido. Estava a debater-se em vão e a sufocar até à morte. Um brilho surgiu no canto do seu campo de visão: Marie-Anne ainda tinha o bisturi na outra mão.

– Onde está a Princesa Charlotte? – sibilou Marie-Anne por entre os dentes cerrados. – *O que lhe fez?*

Um gole feio saiu da garganta de Hazel, e a sua voz estava rouca e fina quando ela disse:

– *Morta*.

Hazel debateu-se, e houve um som de vidro a partir-se: tinha quebrado os frascos no armário. Havia frascos a rolar, a verter o seu líquido nas prateleiras de madeira e no chão, mas Marie-Anne não lhes deu atenção. Apertou ainda com mais força o pescoço de Hazel.

– Não me tome por parva, Menina Sinnett. *Recebemo-la* aqui de braços abertos. Fui eu que a convidei a entrar. *Traga. A. Princesa. De volta*. O mundo ficou escuro nas bordas. Uma dor surda estava a crescer na frente do crânio de Hazel, e sua boca estava a abrir-se a fechar-se como a de um peixe em terra. – Vou *arruiná-la*. Há demasiadas coisas em jogo aqui para *crianças* imprudentes!

Hazel tinha de fazer *alguma coisa*. A mão na sua garganta estava a ficar cada vez mais apertada, com o polegar e três dedos de Marie-Anne a pressionarem a carne de Hazel; ela já estava sem ar, e quando pestanejava, a escuridão estava a demorar cada vez mais tempo a recuar. Ela tinha reconstruído o braço que agora estava a tirar-lhe a

vida. Certificara-se de que os músculos ficavam corretamente presos e que os ligamentos estavam no lugar e que o sangue fluiria para cada um dos dedos. Tinha-lhe cosido o ombro a toda a volta com suturas fortes, impecáveis e invisíveis.

Foi um reflexo, um instinto impensado, como um animal a atacar um predador: Hazel esticou o seu próprio braço com a pouca força que lhe restava e, quando as suas unhas estavam diretamente acima de onde ela achava que os pontos podiam estar no ombro de Marie-Anne, ferrou-as com a máxima força que conseguiu.

Marie-Anne gritou.

Afrouxou a mão, e Hazel susteve a respiração num profundo sopro de ar. Agora já conseguia ver: tinha rebentado a costura que prendia o braço de Marie-Anne ao resto do corpo, deixando as pontas da linha preta penduradas.

Hazel puxou mais uma vez.

O braço esquerdo de Marie-Anne caiu no chão com alguns salpicos e com um som como o de uma laranja muito madura a cair de uma grande altura.

Hazel pestanejou até o oxigénio lhe voltar ao cérebro. O sangue estava a espalhar-se, vermelho brilhante, pelo chão. Hazel conseguiu pegar na sua mala de médica de couro antes de o sangue a manchar. Marie-Anne estava agarrada ao ombro vazio – a arfar, a gritar, a chorar. E depois ficou em silêncio – ou do choque ou da perda de sangue.

Dentro de pouco tempo, os restantes Companheiros estariam a subir as escadas para verem o que tinha acontecido – só lhe restavam alguns segundos para sair.

O braço solto de Marie-Anne contorcia-se no chão como um inseto. Os seus quatro dedos tremiam. A alguns centímetros de distância, a rolar no sangue, estava um único frasco intacto com um selo de cera preta. Hazel apanhou-o do chão e fugiu.

Quando Hazel chegou aos seus aposentos, fechou as portas e trancou as fechaduras. Ofegante, deslizou pela porta. Até onde se

estenderiam os cordelinhos de Marie-Anne Lavoisier? O que é que ela sabia? Os Companheiros pareciam saber tudo; uma vez tinham deixado um convite diretamente sobre a almofada Hazel. Na altura, parecera-lhe encantador; agora fazia-lhe gelar o sangue. Quem sabia do que os Companheiros eram capazes?

Talvez uma parte dela sempre tivesse sabido o que os Companheiros estavam a fazer. Há um mês, Hazel tinha ficado encantada com a ideia de que havia uma sala secreta de pessoas influentes e brilhantes a fazerem planos e a criarem estratégias. Era maravilhoso – reconfortante, até! – saber que tal cabala de poder existia, que o destino do país não estava inteiramente nas mãos de um Príncipe Regente demente que se vestia como um peralta e jogava até ficar enterrado em dívidas. Saber que a Grã-Bretanha não era um bote à deriva no mar. Parecia *nobre*, pensou Hazel, imaginar filósofos a trabalhar, escondidos sob a superfície, a agirem como um leme.

Bastou uma pequena gaveta cheia de mofo para Hazel perceber que os Companheiros que existiam na sua mente eram uma fantasia. O poder quase divino tinha reduzido a humanidade a um jogo para eles. Isso tornara-os cruéis. Hazel prometeu a si mesma, enquanto se sentava contra a porta, que a sua missão como médica seria sempre ajudar as pessoas. Jamais negociaria compromissos ou conspirações se o preço fosse o sofrimento humano. Não haveria atalhos para ela, nem grandes visões de planos impossíveis para consertar a sociedade no seu todo. O seu trabalho seria lento e longo e determinado: pessoa a pessoa, tantas pessoas quantas pudesse servir. Não seria glamoroso. Talvez já não houvesse champanhe francês ou vinho italiano nem noites de convívio com membros da realeza ou celebridades. Mas estaria a fazer o que estava certo.

Hazel Sinnett tinha feito a sua escolha. Nunca se deixaria transformar no tipo de criatura em que Marie-Anne Lavoisier se tinha tornado. Deixaria Londres, a cidade que adorava a fama e a nobreza e o dinheiro – e o poder que os três conferiam.

Era altura de seguir em frente.

Foi Gaspar quem chegou aos aposentos de Hazel, todo de preto, mas ainda com a sua peruca antiquada, para a informar de que, como a Princesa tinha falecido, o serviço de Hazel como médica real tinha terminado oficialmente.

– Tenho a certeza de que posso providenciar uma carruagem para a levar de volta a Edimburgo, se desejar, Menina Sinnett – acrescentou Gaspar, e Hazel teve a sensação de que a família real não o instruíra a ter esse obséquio.

– Está tudo bem, Gaspar –disse Hazel. Ela já estava a dobrar os seus vestidos e a metê-los no baú. Só valia a pena guardar alguns deles. (Ia ouvindo mentalmente Eliza a comentar que provavelmente devia livrar-se deles todos.)

O vestido azul-escuro feito pela Sra. Thire era o mais bonito que Hazel já tivera mas agora, só de olhar para ele, lembrava-se logo dos Companheiros. Cheirava-lhe a mofo e loucura, e sentia os dedos mortos de Marie-Anne Lavoisier à volta do seu pescoço. Deixaria o vestido para a criada ficar com ele ou vender.

– Não sei se vou mesmo voltar para Edimburgo.

– Mas por que não? – perguntou Gaspar.

A verdadeira resposta era Jack: Hazel sabia que Jack nunca seria capaz de voltar para Edimburgo, uma cidade onde o seu rosto tinha sido estampado na capa dos jornais durante semanas. Onde ele tinha amigos e inimigos que sabiam o seu nome verdadeiro. Onde ele deveria estar morto. Hazel não sabia quando seria capaz de ver outra vez Hawthornden – dormir na sua própria cama, trabalhar no laboratório que ela tinha construído para si na masmorra debaixo da colina, ficar na varanda de seu quarto a olhar para o riacho verde fendido que corria abaixo do castelo. Não sabia se alguma vez voltaria

a ver Hawthornden. Mas sabia que não queria ficar sem Jack. Preferia estar com Jack numa cidade nova e desconhecida a passar a vida no casulo entorpecedor do que era reconfortante e familiar.

– A minha mãe e o meu irmão mais novo estão em Windsor – disse Hazel. – Ele anda em Eton. Pensei que talvez pudesse ir ter com eles.

Não acrescentou que, de lá, ela e Jack viajariam para mais longe: em direção a oeste para Bristol, ou em direção a sul para Portsmouth. Algum lugar onde pudessem apanhar um navio.

Todo o seu tempo em Londres cabia numa única mala. Além de alguns vestidos velhos, um par de ceroulas que a Princesa lhe tinha dado (Charlotte tinha jurado, por entre um ataque de riso, que elas seriam a coisa mais confortável que Hazel poderia usar sob os seus vestidos), a sua mala de médica, e as páginas do seu tratado, embora só Deus soubesse agora, sem os conhecimentos e a influência dos Companheiros, se Hazel algum dia conseguiria publicá-lo.

E lá estava o frasco de Tintura, ainda com a tampa. O sangue à sua volta tinha secado e coagulado, e as pontas dos seus dedos pegajosos e castanhos no vidro turvavam o líquido lá dentro. Ainda assim, quando ela o virava em determinados ângulos, conseguia vê-lo: preto, cintilante e viscoso.

Onde quer que Hazel e Jack fizessem a sua casa, Hazel teria a missão de estudar e compreender o líquido contido no frasco. Aprenderia como funcionavam as regras da imortalidade, e descobriria como ela poderia ser desfeita.

– Eu não a culpo, sabe? – disse Gaspar quando estava a ir-se embora. – Vale o que vale. Deus é que escolhe quando vai levar-nos a todos. E acho que é uma médica maravilhosa, Menina Sinnett.

– Obrigada, Gaspar – disse Hazel. – Por tudo.

Ele beijou-lhe a mão, e fechou a porta tão suavemente que não fez o mínimo barulho.

Havia mais uma coisa que ela tinha de fazer antes de contratar uma carruagem e ir ter com Jack às docas.

Tinha na mão a carta do Sr. Eastman, Esq., o executor do

testamento do Dr. Beecham, que indicava uma morada em Chalton Street. Finalmente estava na altura de ir buscar a respeitável quantia que o Dr. Beecham lhe deixara. Ela e Jack usá-la-iam para começarem o seu futuro juntos.

O número 128 de Chalton Street ficava no bairro de classe média de Sommers Town, perto do conjunto de casas conhecidas como Polygon. O Polygon estava inacabado; embora tivesse sido originalmente planeado como uma estrutura com cinco lados, à volta de um parque partilhado no meio, os construtores faliram a meio da construção, e agora o Polygon era apenas dois lados de casas geminadas dispostas em ângulo, aposentos rodeados por campos e ocupados pelo tipo de artistas e trabalhadores que nunca poderiam ter esperança de pagar as casas muito mais elegantes no coração de Londres, a sul.

Não havia nenhuma placa com o nome do Sr. Samuel Eastman, mas depois de olhar para baixo para verificar o endereço no envelope que tinha recebido para confirmar que estava no lugar certo, Hazel tocou à campainha. Uma empregada idosa, com olhos cegos e leitosos e um rosto macio como puré de batatas, abriu a porta e conduziu Hazel sem dizer uma palavra.

O Sr. Eastman estava sentado à mesa num escritório que não tinha quase mais mobiliário, a ler um relatório qualquer. Os livros só ocupavam menos de metade das prateleiras. Não havia nenhuma cadeira para Hazel se sentar à frente do advogado. Os seus papéis pareciam desorganizados e espalhados para além da secretária até ao chão. Hazel ponderou como seria possível que o Dr. Beecham tivesse confiado os seus bens a um advogado como aquele, mas nesse momento o Sr. Eastman levantou os olhos do relatório e Hazel não teve mais dúvidas.

O Dr. Beecham não tinha morrido.

Estava a fazer-se passar pelo seu próprio advogado.

– Menina Sinnett – disse ele num tom agradável –, tenho andado a pensar quando iria voltar a vê-la.

A constatação continuava a cair sobre Hazel como água fria: Beecham não estava morto.

Até àquele momento, quando ela sentia a desilusão a gelar-lhe as entranhas, Hazel não tinha a imensa esperança que depositava na ideia de que o médico tinha descoberto uma maneira de acabar com isso, que a Tintura não era permanente, e que um dia ela e Jack poderiam viver uma vida normal juntos. De alguma forma, tinha-se tornado um facto indiscutível na sua própria mente: ela e Jack acabariam por descobrir. As coisas acabariam por resultar como eles queriam.

Agora, ali estava Beecham à sua frente. A respirar, a atirar papéis de um lado para o outro, tão vivo como da última vez que o vira, há vários meses. A sua morte tinha sido uma charada, tão falsa como o futuro que ela imaginara ser possível.

– Você – disse Hazel. – Você... não está morto.

O Dr. Beecham levantou-se. O seu cabelo tinha crescido um pouco desde a última vez que ela o vira mas, tirando isso, não tinha envelhecido. Estava ileso. Continuava a usar umas luvas de cabedal preto.

– Sim, Menina Sinnett – disse ele, como se estivesse a falar com uma criança confusa. – Sim, claro que estou.

– Mas eu pensei...

– Ah. – Beecham juntou alguns papéis em cima da mesa. – Sim. A herança. Descobri que a morte requer um certo compromisso. Papelada. Finanças. Assuntos aborrecidos que descobri que prefiro ser eu a tratar. Daí, o meu nome de guerra. Mas o dinheiro que lhe prometi no testamento é real. O que é que a carta dizia – mil libras? Dê-me uns momentos, tenho as notas aqui algures.

– Eu não quero saber do dinheiro! – disse Hazel, tão que as lanternas de latão montadas na parede vibraram. – Está... pensei que tinha morrido.

– Não – disse Beecham gentilmente. – Só estou a começar de novo. Pensei que, desta vez, talvez em Filadélfia. Já estive?

– O quê? Em Filadélfia? Não – disse Hazel. Gostava que houvesse uma cadeira para ela se sentar. Descreveu um pequeno círculo. – Pensei que havia uma maneira de resolver isso. De desfazer isso.

Beecham gesticulou, oferecendo-lhe a sua cadeira, mas Hazel recusou.

– Tenho de ir – disse Hazel. – Não quero o seu dinheiro.

Ele encontrou as notas e segurou-as com os dedos enluvados.

– É seu. É menos do que eu lhe devo por tudo o que aconteceu, tenho a certeza.

Hazel cerrou os punhos. Sentia as unhas a pressionarem meias-luas nas palmas das mãos.

– Você matou-o. Incriminou o Jack Curren por assassinato e ele foi enforcado. Matou tantas pessoas e...

–... Sra. Parker? Pode pedir que tragam chá? – Beecham voltou a sua atenção para Hazel. – Descobri que longas conversas são sempre mais fáceis de gerir com uma chávena de chá.

A empregada idosa chegou com um tabuleiro a abanar nas suas mãos.

– Obrigado, Sra. Parker – disse Beecham. – Então, Miss Sinnett, com açúcar?

Hazel não respondeu.

– Deixou-o ser enforcado pelas coisas que você fez.

Beecham suspirou.

– Quando se vive tempo suficiente, o passado torna-se um desfile interminável de erros e coisas que podiam ter sido feitas melhor ou de maneira diferente. O que é que podemos fazer senão continuar, e tentar de novo? – Bebeu um gole de chá. – Além disso, acho que ambos sabemos que o enforcamento foi apenas um inconveniente, digamos, temporário para o nosso amigo Sr. Curren.

Hazel não aceitou a chávena de chá que ele lhe serviu, empurrando-a para o outro lado da secretária.

– Ah – disse Beecham. – Acho que percebo melhor o seu interesse em refazer a mortalidade de alguém.

– Agora é inútil – disse Hazel. – Não importa. Você não está morto.

– Pois não – respondeu Beecham. – Eu não estou.

O vapor do chá girava em círculos. Lembrou a Hazel a maneira como a Tintura se comportava dentro do frasco.

– Então, é possível? – perguntou Hazel. – Desfazer isso? – Mesmo que ele lhe tivesse oferecido uma cadeira, ela não se teria sentado. Queria a opinião dele sobre a ciência e depois iria embora.

Beecham não estava com tanta pressa. Serviu-se da sua própria chávena de chá.

– Olhe para a chávena, Menina Sinnett – disse ele.

Ela olhou. As folhas de chá preto estavam a manchar a água. Os fios amarelados e castanhos transparentes entrelaçavam-se na chávena.

Depois, Beecham pegou no leite e adicionou-lhe um rápido salpico. Mexeu uma, duas e depois três vezes com a colher pequena, e Hazel viu como a cor passava de translúcida a opaca.

– Há muita coisa no mundo da ciência que ainda não compreendemos – disse Beecham. – Mas a Tintura é para uma alma como o leite para o chá: podemos mexer, mas não importa quão vigorosamente o façamos na direção contrária, o leite nunca vai separar-se. O chá é alterado, fundamentalmente. E o processo de seleção ou fervura ou condensação que poderíamos utilizar para tentar separar o chá do leite nunca seria capaz de nos dar a mesma chávena de chá que tínhamos antes de decidirmos adicionar o leite.

– Marie-Anne Lavoisier disse-me algo semelhante – disse Hazel.

– Ela, o Antoine e eu criámos algo milagroso juntos – disse Beecham. – Isso não quer dizer que não se possa criar outro milagre. Mas à medida que envelheço, admito, a mortalidade é algo em que dou por mim a pensar. A recordar. A tornar-me nostálgico. E digo-lhe: ainda tenho de pensar numa maneira de tornar possível separar o leite do chá.

Hazel sentiu o coração cair-lhe aos pés. Iria ter com Jack mais tarde às docas, e o rosto dele estaria brilhante e cheio de esperança. E

ela teria de lhe dizer que ela não tinha respostas. Que não tinha nada.

– Por favor – disse Beecham. – Aceite. O Sr. Eastman seria um péssimo advogado se não conseguisse executar um simples testamento.

Hazel pegou nas notas, meio entorpecida.

– Desejo-lhe felicidades em Filadélfia, Sr. *Eastman* – disse ela. Deixou a sua chávena de chá sobre a secretária ao lado da dele. Uma com leite e outra sem, ambas ficando mais fortes e mais escuras a cada segundo que passava, enquanto as folhas de chá continuavam a ser embebidas.

Jack estava à espera no porto, com a sua jaqueta azul desabotoada e com um sabre na anca. Quando viu Hazel a aproximar-se na carruagem, fez o sorriso mais rasgado que Hazel alguma vez já tinha visto. Ela saltou – voou – do assento da carruagem para os braços dele, e ele levantou-lhe os pés do chão e andou com ela à volta. A vida dela estava arrumada no baú, na parte de trás da carruagem; ele tinha sido oficialmente dispensado da sua posição no *Iphigenia*.

Hazel queria afastar-se de tudo aquilo: da família real, dos Companheiros, das pessoas poderosas com esquemas terríveis. Ela estava finalmente livre, e finalmente com Jack.

Quando ele a pousou no chão, e Hazel deixou passar as tonturas, percebeu que Jack tinha na mão um objeto pequeno.

– Não é muito. Mas achei que devia trazer-te alguma coisa.

Era um anel prateado. O metal estava enrolado como uma cobra, sem chegar a um círculo fechado completo. Quando Hazel olhou mais de perto, percebeu que era um anel feito de uma agulha, com o olho de um lado e a ponta afiada do outro.

– Pedi uma agulha ao cirurgião do navio. Eu próprio a dobrei na forma correta. É uma patetice, eu sei, mas achei que talvez gostasses. Pô-lo no dedo de Hazel. – Sei que não posso prometer muito, Hazel, mas posso prometer que me terás, enquanto me quiseres. Estarei ao teu lado por toda a tua vida. Dar-te-ei tudo o que sou. Se encontrares uma... uma cura, ou se não encontrares – não há mundo no qual eu queira separar-me de ti nunca mais.

Ela beijou-o ali, nas docas, com vendedores e marinheiros a zombar, mas não se importou. Ele ajudou-a a voltar para a carruagem, e partiram juntos em direção à pequena igreja que Hazel tinha encontrado do outro lado da cidade. Nunca quisera que se casassem,

mas Jack insistiu.

– Deixa-me fazer-te essa promessa, Hazel Sinnett – disse Jack, beijando-lhe o pescoço. – Deixa-me dizer ao mundo que sou teu e tu és minha. Até que a morte nos separe.

Saint Pancras era uma igreja de pedra pequena com um catavento a fazer círculos preguiçosos no alto da sua torre. Naquela manhã de quarta-feira, não havia ninguém lá dentro, a não ser um bêbedo no banco de trás e o jovem vigário, que não tinha mais de 30 anos, mas já estava a perder o cabelo. Ele aceitou fazer o casamento, mesmo sem uma licença especial, em parte porque Jack tinha abotoado o casaco e parecia um homem da marinha, e porque Hazel tinha feito uma doação considerável (que o vigário guardara embaraçosamente no bolso antes de começarem). A mulher do vigário, uma mulher de olhos castanhos que olhava fixamente para a barriga de Hazel a tentar perceber se ela estava grávida, concordou em servir de testemunha por um donativo adicional.

Hazel e Jack ajoelharam-se no genuflexório enquanto o vigário abria o *Livro de Oração Comum*. Hazel não conseguia lembrar-se da última vez que tinha ido à igreja, mas lembrava-se do ritmo das palavras; elas voltaram pouco a pouco, familiares como uma velha canção. A luz da manhã entrava pelos vitrais e o ambiente estava quente e sonolento. Hazel olhou para Jack pelo canto do olho enquanto o vigário falava, e Jack olhou para ela. E depois ele piscou-lhe o olho, e Hazel teve a certeza de que passaria o resto da vida a amá-lo, com ou sem a bênção da igreja.

– Jack Ellis – disse o vigário. – Aceitas esta mulher como tua esposa, para viverem juntos, segundo as leis de Deus, no estado sagrado do matrimónio, enquanto ambos viverem?

– Aceito – disse Jack.

– E Hazel Almont Sinnett: Aceitas este homem como teu esposo, para viverem juntos, segundo as leis de Deus, no estado sagrado do matrimónio, enquanto ambos viverem?

– Aceito – disse Hazel.

O vigário pigarreou.

– Quem dá esta mulher – hum... bem, tu. Então, dá-lhe a mão. Há vinho? Trouxeram o vinho?

– Trouxemos – disse Hazel. – Desculpe, só um momento. – Levantou-se e foi buscar à sua mala de médica o vinho que tinha posto numa pequena garrafa. O vigário fez um gesto, indicando que ela devia dar-lho.

– Só um momento – disse Hazel. – Preferia servi-lo eu mesma.

Virando-se de costas para Jack e o vigário, serviu cuidadosamente o vinho em duas taças, uma para Jack e outra para ela.

Teve o cuidado de não entornar uma gota enquanto trazia as duas taças e voltou a ajoelhar-se.

– Bem, então – disse o vigário. – Beba um gole.

Hazel assim fez. Era forte e estranho – tânico, amargo, picante, tudo ao mesmo tempo. Jack fez o mesmo.

– Que a vossa vida seja frutífera e doce como o vinho que o Senhor nos dá – disse o vigário. – E agora... Trouxeram um anel, não trouxeram? – Não parecia esperançoso.

Hazel tirou o anel de agulha de costura do dedo e entregou-o a Jack para que ele lho devolvesse. O vigário desviou o olhar e fingiu que não viu.

– Com este anel – disse Jack. – Tomo-te como minha mulher.

– E eu tomo-te como meu marido – ecoou Hazel.

As palmas das mãos do vigário estavam húmidas, e ele segurou as mãos de Hazel e Jack juntas.

– Juntando as vossas mãos – acrescentou, com a sua voz a subir com um toque dramático que Hazel suspeitava vir de um sonho frustrado de subir a um palco –, eu vos declaro marido e mulher, Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.

Hazel e Jack levantaram-se, ainda de mãos dadas.

– Minha mulher – exclamou Jack.

– Meu amor – disse Hazel, e apertou a mão dele na dela. Sentiu o pulso dele através da palma da sua mão, os batimentos do seu coração

através da pele dele para a dela. Não se *sentia* realmente diferente, quando saíram da igreja e caminharam pela relva seca e acastanhada do final do verão de volta para a carruagem, como Hazel tinha pensado que aconteceria. Era como se ela e Jack tivessem estado sempre unidos, e a palavra de um vigário nervoso fosse apenas um pequeno e enfadonho ritual que tinham de suportar antes de embarcarem na sua vida juntos. O vinho girava na sua barriga, mas talvez fosse apenas imaginação sua.

Hazel tinha comprado dois cavalos para a carruagem deles, um pequeno veículo de duas rodas que iriam conduzir sozinhos, sem um cocheiro. Levá-los-ia para Windsor, onde Hazel poderia despedir-se devidamente da mãe e de Percy, e depois levá-los-ia para a costa, onde Hazel e Jack arranjariam um barco para a América.

Tinham concordado com Nova Iorque, o local do King's College em Manhattan, a primeira escola de medicina na América a conceder o grau de Doutor em Medicina. Quando Hazel disse a Jack que eles não aceitavam estudantes do sexo feminino, ele troçou.

– Mas eles ainda não conhecem a Hazel Sinnett, pois não? Aposto que sabes mais do que todos os professores de lá juntos. Espera até eles te verem, e depois logo veremos se eles dirão que não aceitam alunos do sexo feminino.

Hazel encostou a cabeça à dele enquanto a carruagem os levava pela cidade. Consequia ver as espiras da Abadia de Westminster e o telhado do Palácio de St. James ao longe. Algures para lá do horizonte estava Pall Mall, onde os bens da Princesa que restavam estavam a ser empacotados e levados de volta para o seu pai. Algures, ainda mais longe, Charlotte e Eliza estavam juntas. Esperemos que a salvo felizes.

– E dizem que há teatros em Manhattan que envergonham o Le Grand Leon – disse Jack. – Eu sei construir cenários.

– Haverá um mundo inteiro de coisas que poderemos fazer – disse Hazel. – E temos muito tempo para descobrir todas essas coisas.

Os cavalos continuaram enquanto a calçada ficava mais esburacada e mais estreita. As árvores estavam mais próximas da

estrada, e Londres estava a ficar cada vez menor atrás deles. Só algumas carruagens passavam em ambas as direções; Hazel e Jack seguiam num ritmo tranquilo, para não cansarem os cavalos antes de saberem onde iriam encontrar um lugar para descansar.

Hazel estava quase a adormecer sob o calor do sol da tarde quando foi acordada por um grito de um cavalo. A carruagem abanou; um dos cavalos tinha empinado as patas.

O seu caminho estava a ser bloqueado por um cavalo preto montado por um cavaleiro com umas calças e uma jaqueta preta. Jack estendeu uma mão protetora sobre Hazel.

– Salteador de estrada – sussurrou e puxou o sabre de baixo de sua jaqueta.

E então Hazel percebeu que o braço esquerdo da jaqueta do salteador estava solto e vazio.

Marie-Anne Lavoisier desceu da sela e caminhou em direção a Hazel e Jack, com o rosto transformado numa máscara de fúria.

– A deixar a cidade como uma cobarde – acusou. – Tinha outra opinião de si, Menina Sinnett.

– Não vos devo nada – disse Hazel. – Estamos a ir embora em paz.

Marie-Anne riu-se com um riso cruel e enlouquecido.

– Em paz! Você destrói anos de trabalho, *mina tudo aquilo* por que trabalhei para *o bem desta nação*, e agora vai-se embora numa carruagem com um homem que não é melhor do que um simples varredor de rua. Se eu não soubesse que é tão capaz, pensaria mesmo que está louca. É uma loucura, é o que é. Deitar fora todo o seu futuro. Tem um convite para viver no coração da sociedade britânica, para ajudar a servir a humanidade. E em vez disso, escolhe fugir com... – gesticulou para Jack –... um amante?

– Um marido – disse Hazel.

– Então é mesmo louca, Menina Sinnett. Passou a língua nos lábios. – Ele tomou a Tintura, por isso não vou desperdiçar uma única bala nele.

E então, antes que Hazel ou Jack pudessem reagir, Marie Anne

Lavoisier tirou uma pistola de debaixo do casaco. Disse a Jack:

– Será mais simples para ti se disseres que foi um assalto. Menos perguntas.

E, depois, aconteceram várias coisas ao mesmo tempo: Jack saltou da carruagem com a sua faca, Hazel gritou e Marie-Anne Lavoisier disparou a pistola apontada diretamente ao peito de Hazel.

Havia fumo e o cheiro a pólvora. E gritos – e mais gritos.

E então o mundo de Hazel ficou preto.

Tinha uma ferida aberta no peito, um buraco da largura do seu dedo com as bordas irregulares e aguçadas como as pétalas de uma íris. Estava molhada, e quando Hazel afastou os dedos, estava vagamente ciente, em algum lugar no fundo de sua mente, de que eles estavam cobertos de sangue.

O rosto de Jack estava alguns centímetros acima do seu, ela conseguia sentir a sua respiração, e ele estava a dizer qualquer coisa. A boca dele estava a mexer-se, os olhos estavam arregalados de medo, e estava a agarrar uma das mãos dela.

– Hazel – estava ele a dizer –, Hazel, Hazel.

Ela engoliu. Pelo menos isso funcionou. Havia vida suficiente nela para conseguir empurrar a saliva grossa que se tinha acumulado na sua língua para a garganta. Sentou-se. A dor ainda não tinha chegado, mas ela sabia que chegaria.

Estavam numa estrada junto de um campo, ladeada por árvores. Uma estrada que levava para fora de Londres – ah, sim, eles estavam numa carruagem, mas agora estavam no chão. As palmas das mãos de Hazel estavam marcadas por terem sido pressionadas contra as pedras da estrada.

– Hazel – disse Jack. – Hazel, consegues ouvir-me?

Com o caos, a sua mala de médica caíra, e os seus instrumentos e ervas estavam espalhados na poeira. Ninguém tinha reparado no frasco vazio com uma rolha de cera que rolara para debaixo da carruagem.

– Acho que tenho uma bala no coração – disse Hazel.

Sentia os músculos a esforçarem-se, a tentarem bombear o sangue em vão enquanto ele escorria pelo buraco deixado pela pequena bala de chumbo. Tinha o rosto entorpecido, e a dor estava a começar –

sim, lá estava ela – uma cãibra horrível e aguda que começava no peito e se estendia pelo corpo, de tal forma que até mesmo os dedos dos pés estavam apertados nos seus sapatos.

O olho de Jack estava molhado; ele estava a chorar. E estava coberto de sangue. O peito, as calças, o casaco. *Não pode ser tudo sangue meu*, pensou Hazel.

– Tenho um extrator para retirar balas. Na minha mala –disse Hazel. – Será que consigo mesmo retirá-la? Provavelmente vou piorar as coisas. Deixar um buraco maior. Se sou imortal, provavelmente é melhor deixá-la lá.

O coração dela estava a bater, mas ainda de forma irregular, um *baque* e depois dois batimentos mais pequenos e depois outro *baque*. E depois parou. E começou de novo.

– Que estranho – disse Hazel.

– Estás viva – sussurrou Jack. – Tomaste-a. Bebeste-a.

– Havia vinho no casamento – disse Hazel. – Era uma promessa de «enquanto formos vivos». Parecia justo.

Jack estava zangado. Estava zangado? Era difícil dizer. O ar saía do seu nariz depressa e com força, e ele engoliu a custo.

– Como é que pudeste fazer isso, Hazel? – perguntou, com o rosto banhado de lágrimas. Beijou-a com força, como se quisesse ter certeza de que ela ainda ali estava. – Como pudeste fazer isso? Ias resolver tudo. Ias resolver tudo para os dois.

– Ainda posso – disse Hazel. – Mas agora não vou envelhecer sem ti.

Jack beijou-a novamente, com tanta força que ela sentiu os dentes dele. Ele estava a chorar enquanto a beijava, e Hazel sentiu o gosto do sal das suas lágrimas.

Marie-Anne e seu cavalo tinham desaparecido. Mais tarde, Jack diria a Hazel que, depois de Marie-Anne ter disparado sobre ela, ele a atacara com a sua faca, cortando o máximo de carne que pudera: os dois braços, uma das pernas, e uma boa parte do tronco antes de ela ter tempo para recarregar a pistola.

– Foi o mais perto que alguém poderia ter chegado de a matar, penso eu – disse Jack. – Agora é mais pedaços do que pessoa.

Jack ficou ao lado de Hazel na beira da estrada enquanto ela fazia uma cirurgia a si mesma para fechar e ligar a ferida. Nunca tinha feito isso antes; mas agora que tinha tomado a Tintura, ocorreu-lhe que podia ter de o fazer.

A bala estava demasiado funda; estava incrustada no músculo do coração, e o seu coração imortal já tinha começado a bater à volta dela, como o tronco de uma árvore a crescer à volta de um objeto próximo. Os pontos eram irregulares e maiores do que o normal, mas ela tinha acabado de morrer e, por isso, Hazel perdoou-se. Quando a ferida estava fechada, Jack pressionou a mão contra o peito dela e puxou a mão de Hazel para a sua.

– O meu coração é teu – disse ele. – A bater ou parado.

– Eu ainda posso encontrar uma cura – disse Hazel. – Podemos envelhecer juntos.

– E quando nos cansarmos deste mundo, eu bebê-la-ei de bom grado – disse Jack. – Mas olhando para ti agora, não me imagino a cansar-me de viver contigo ao meu lado.

– Vamos começar com 100 anos – disse Hazel –, e depois decidimos outra vez.

– Ou 200.

– Está bem – aceitou Hazel. – Daqui a duzentos anos. No ano de nosso Senhor de 2018, quando vivermos todos debaixo do mar, ou em máquinas voadoras no ar, nessa altura decidimos se queremos continuar uma vida imortal juntos.

Jack levou Hazel para dentro da carruagem e deitou-a cuidadosamente para que ela pudesse pousar a cabeça no seu colo, enquanto ele continuava o seu caminho pela estrada, em direção ao pôr do sol. Entrelaçou os dedos no cabelo dela e brincou gentilmente com ele enquanto ela via o mundo passar lá em cima – ramos de árvores e luz do sol e céu. E de vez em quando, Jack olhava para baixo e sorria para ela, e Hazel perguntava-se se a eternidade seria

suficientemente longa.



No dia de Natal, no final do ano de 1818, duas mulheres chegaram a uma pequena cidade chamada Riedenburg, junto do rio Altmühl. Vestiam roupas de luto, mas não pareciam infelizes. De facto, estavam radiantes com o espírito do feriado e, enquanto caminhavam pela cidade, que tinha sido coberta com neve na véspera, riam e sorriam, passeando um pequeno cão cinzento pela trela. Uma das mulheres sabia falar alemão; a outra iria saber em breve. Havia um mercado de Natal na cidade, e o cheiro a castanhas assadas impregnava o ar. O homem que lhes vendeu uma caneca de vinho quente indicou-lhes a direção da quinta para onde se dirigiam. Viúvas, pensou ele. Que sorte terem-se encontrado. A sua nova casa era um castelo medieval, com uma torre de pedra e um telhado vermelho, construído na encosta de um penhasco de calcário, rodeado de árvores em todas as direções. Era apenas uma curta caminhada até à cidade, mas inteiramente privada. Um lugar para viverem a sua própria vida.



No primeiro andar de um edifício nos Sete Relógios de Sol, em Londres, um homem com pontos à volta do pescoço segurava um livro e virava as páginas. À primeira vista, parecia que estava a ler para si próprio. Mas não estava sozinho na sala.

Havia uma cabeça ao lado dele, pousada num balcão.

Uma cabeça de mulher, a pestanejar e a respirar. Imortal, mas ainda assim apenas uma cabeça.

Tinham tentado coser-lhe a cabeça ao corpo – estava sem membros e despedaçado, mas continuava a ser um corpo –, mas os esforços tinham sido inúteis. As suas reservas de Tintura tinham sido destruídas; não havia tempo para fazer mais antes que o corpo

começasse a decompor-se sem remédio. Embora as faces mantivessem a cor e os olhos continuassem brilhantes, o tronco por baixo tornou-se pálido e branco e inchou com a morte. Por fim, optou-se por amputá-lo novamente.

Mas, mesmo assim, *ela* estava viva, tanto quanto era possível estar. Uma mente brilhante, presa numa cabeça sem corpo por baixo. Ela e o marido continuariam a entreter, recebendo alguns amigos selecionados, todos eles artistas estimados e membros da alta sociedade, para partilharem o seu vinho e os seus serões juntos, falando sobre filosofia e literatura e formas de o mundo poder ser desviado numa direção mais adequada.



Havia um casal na proa de um barco, em direção à América. O homem estava firme sobre os seus pés, balançando facilmente com o movimento das ondas. Ria-se quando a mulher vomitava, e dava-lhe palmadinhas nas costas e acariciava-lhe o cabelo. Falavam e riam com sotaque escocês. No decurso da longa viagem marítima, a mulher daria à luz dois bebés. O marido e a mulher nunca se considerariam americanos, ao contrário de muitos dos outros imigrantes que estavam ansiosos por deixar para trás as pessoas que tinham sido. Eram escoceses e sabiam-no, e nunca o tempo passado em Manhattan lhes atenuaria o sotaque, que continuava afiado como um bisturi.

O homem arranjará um emprego no Park Theatre, em Chatham Street, e a sua pala no olho dar-lhe-ia um ar místico que levaria os jovens atores a venerá-lo como uma espécie de lenda. Ela inscrever-se-ia na escola de medicina do King's College, em Manhattan. Tinham-na recusado uma dúzia de vezes, mas ela continuava a aparecer, esperando horas a fio nos gabinetes dos administradores, professores e cirurgiões visitantes, com uma mala de médica estampada e um tratado que escrevera ao colo. Os seus vestidos cobriam a cicatriz, brilhante e branca, que lhe corria pelo peito, do tamanho de um

punho.

Esperaria o tempo que fosse preciso, dizia ela. Tinha tempo.

*Excerto de Um Tratado de Medicina Moderna
(1822) de Hazel Sinnett-Ellis*

DOENÇA DO SANGUE ALPINA – é uma doença extremamente rara cuja origem exata é desconhecida. Os sintomas incluem sonolência extrema, cansaço. Marcas e hematomas inexplicáveis e pés inchados. A doença do sangue alpina é fatal e não existe qualquer tratamento. No entanto, é tão rara e improvável que os médicos que lerem este Tratado são aconselhados a não assustar os seus doentes com um possível diagnóstico.

Notas e agradecimentos

Imortalidade: Uma História de Amor: é uma obra de ficção, e embora eu tenha partido da história do mundo real, parte da alegria de escrever um romance é poder dobrar e esticar essa história para a adequar ao meu objetivo narrativo. Talvez o mais óbvio seja o facto de a febre romana ser uma praga fictícia, embora tenha algumas semelhanças com a escarlatina. (Na verdade, a mudança mais óbvia é que, tanto quanto sei, ninguém criou uma tintura que torne alguém capaz de viver para sempre).

No mundo real, a Princesa Charlotte morreu no parto em 1817, um ano depois do seu casamento. Neste universo, imagino que o facto de ela ter sofrido de febre romana fez com que o seu casamento fosse adiado por vários anos, permitindo que os acontecimentos do romance tivessem lugar. Algumas outras mudanças são pequenas: Sir Robert Mends só recebeu o cargo de comandante em 1821, três anos depois das datas do romance. No nosso mundo, a anestesia foi utilizada pela primeira vez em cirurgia por William Morton, em Boston, em 1846. Durante uma demonstração no Reino Unido, foi referida como «um truque americano». No universo do livro, o Dr. Beecham inventou a sua própria anestesia várias décadas antes, e por isso ficou conhecida como «o truque de Edimburgo».

Espero que este romance vos inspire a explorar a história real das figuras e locais que utilizei por diversão e para efeitos de ficção, e se estiverem zangados com alguma coisa em que eu tenha errado, sintam-se à vontade para me enviarem um e-mail, embora eu não possa prometer que o leia.

Este livro só é possível graças à enorme quantidade de trabalho e dedicação das pessoas incríveis que ajudaram o seu antecessor, *Anatomia: Uma História de Amor*, a encontrar o seu público. Obrigada,

claro, ao meu agente, Dan Mandel, que responde sempre aos meus e-mails frenéticos e que compreende que preciso de mais encorajamento do que um adulto que se preze deveria precisar. Toda a equipa da Wednesday Books é maravilhosa, e devo os meus agradecimentos à minha destemida e incrivelmente paciente editora, Sara Goodman, e a Alexis Neuville, Mary Moates e Rivka Holler. Muito obrigada à brilhante editora Eliani Torres pelo seu trabalho minucioso e paciente. Devo também uma gratidão especial a Kerri Resnick e Zack Meyer pelo seu trabalho na criação de duas capas tão bonitas e cativantes. Acho que qualquer sucesso que estes livros tenham é graças à qualidade das capas, e posso dizê-lo porque essa é a parte deste livro com a qual não tive nada a ver.

Muito obrigada à equipa do Clube de Leitura da Reese, e à Reese Witherspoon por ter escolhido *Anatomia: Uma História de Amor*, o que mudou a minha vida. E também por *Legalmente Loira*, o que também mudou a minha vida, mas de uma forma diferente e mais subtil.

A primeira e única pessoa a ler os primeiros rascunhos deste livro foi a minha irmã, Caroline Schwartz, que sabe exatamente o que os leitores querem. Obrigada por teres lido tão depressa, por me teres descansado e por me teres dado a proporção exata entre validação e feedback realmente útil. Este livro é muito melhor graças a ti.

Obrigado ao Stories Books & Cafe em Echo Park, onde escrevi quase toda a segunda metade deste livro enquanto bebia o vosso excelente café com leite de aveia.

Katie Donahoe, foste a minha *cheerleader* durante todo este processo, e tenho muita sorte pela tua amizade. Obrigada por acreditares que eu conseguia escrever este livro, mesmo quando eu passava o tempo a queixar-me.

Obrigada aos gatos, Eddie e Beetlejuice, pela permissão para usar sócias seus.

Ao meu marido, Ian Karmel, tenho tanta sorte por te ter encontrado. Tudo o que faço é melhor porque o faço contigo. Amo-te muito